

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

EDLEIDE SANTOS ROZA

**CORDEL, LETRAMENTO LITERÁRIO E VERBO-
VISUALIDADE: TRÊS CONCEITOS, UM AUTOR, UMA
HISTÓRIA, UM FOLHETO**

São Cristóvão/SE

2018

EDLEIDE SANTOS ROZA

**CORDEL, LETRAMENTO LITERÁRIO E VERBO-VISUALIDADE:
TRÊS CONCEITOS, UM AUTOR, UMA HISTÓRIA, UM FOLHETO**

Relatório apresentado ao curso Mestrado Profissional
em Letras da Universidade Federal de Sergipe como
requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

São Cristóvão/SE

2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS/SC

Profletras
mestrado profissional

ATA DE DEFESA DA COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA ALUNA EDLEIDE SANTOS ROZA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE - PROFLETRAS. Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, às catorze horas, no Auditório de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado da estudante **Edleide Santos Roza**, composta pelos professores doutores: **Alberto Roiphe Bruno** (Presidente da Banca), **Laura Camila Braz de Almeida** (membro interno) e **Alvanita Almeida Santos** (membro externo à instituição) para examinar o trabalho apresentados sob o título **Cordel, Letramento literário e verbo visualidade: Três conceitos, um autor, uma história, um folheto**. A orientadora assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente da Comissão passou a palavra à candidata, informando que a mesma dispunha de 20 minutos para a apresentação. Terminada a exposição da mestranda a Presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, informando que cada examinador dispunha de 20 minutos para arguição. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho, considerando a estudante **"Mestre Profissional em Letras"**. Esse resultado será incorporado no Histórico Escolar da referida estudante. Para constar, eu, Isabel Cristina Michelin de Azevedo (coordenadora), lavrei a presente ata, que será lida, aprovada e assinada pelos Membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 27 de fevereiro de 2018.

- (X) APROVADA
() APROVADA COM RESTRIÇÃO
() REPROVADA

Parecer:

A pesquisa apresentada mostra-se de grande relevância no âmbito mestrado profissional, ao abordar uma discussão fundamental em + no desdobramento, através de uma proposta de práticas pedagógicas leitura de cordel, valorizando a cultura local como forma de motivar seus alunos em seu aprendizado.

Alberto Roiphe Bruno
ALBERTO ROIPHE BRUNO
PRESIDENTE

Laura Camila Braz de Almeida
LAURA CAMILA BRAZ DE ALMEIDA
EXAMINADORA INTERNA

Alvanita Almeida Santos
ALVANITA ALMEIDA SANTOS
EXAMINADORA EXTERNA

ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO
COORDENADORA DO PROFLETRAS/SC

Isabel Cristina Michelin de Azevedo

A meu esposo Odair;
A meus filhos Ana Carolina e Gabriel Lucas.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a oportunidade de concluir o mestrado e saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração. E a CAPES pelo incentivo para a pesquisa.

Ao meu orientador Professor Dr. Alberto Roiphe Bruno por tudo.

Ao meu pai e a minha mãe (*in memorian*) pelo incentivo em todas as fases da minha vida estudantil e pelo amor incondicional.

A meu esposo e aos meus filhos que suportaram minha ausência quando das horas dedicadas ao estudo e à pesquisa.

Aos meus irmãos e demais familiares pelos “desabafos” ouvidos e incentivo dado. De um modo especial a Edeson Santos Rosa pelos “socorros” constantes.

Aos amigos que nos fazem sorrir quando até mesmo nós só queremos chorar.

Ao professor José Renilton Nascimento Santos, a Deiziana Santos Rodrigues, a Lucas Santos Silva e a Lucas da Silva Andrade pela constante troca de ideias e informações.

Aos alunos da 8ª série U (única), única mesmo, pelo esmero com o qual participaram do projeto, pelo talento demonstrado em cada uma das etapas, pela criatividade, pelos sorrisos que concorreram para tornar esse trabalho ainda mais belo, prazeroso, rico e produtivo.

A toda equipe diretiva da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto pela compreensão demonstrada nos momentos mais “apertados” dessa caminhada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha trajetória neste Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, em especial, aos colegas.

E, muito especialmente, a Ivan e a Amanda da Copiadora Silva pelo desvelo no atendimento e competência nos serviços prestados, sem o que teria se tornado mais difícil e cansativa a execução da parte técnica deste trabalho.

Enfim, a Valeriano Felix dos Santos (*in memorian*) que pelos méritos poéticos que tinha e pelo amor a sua terra e aos seus conterrâneos me oportunizou, mais que realizar um projeto de pesquisa, fascinar-me por sua história e seus escritos.

O poeta
com a sua lanterna mágica
está sempre no começo das coisas.
É como a água eternamente matutina.
Não importa a noite lhe ponha
a pena do silêncio na asa.
Ele tem a manhã
em tudo quanto faça
e além disso
o amanhã nunca deixará de ter pássaros.
Cassiano Ricardo

RESUMO

Este estudo, intitulado "Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto", objetivou realizar a leitura verbo-visual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, propiciando o letramento literário a alunos da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, vinculada à Rede Municipal de Ensino, em Riachão do Dantas (SE), cidade natal do mencionado autor. Fundamentado nos estudos de Maranhão (1981), Terra (1981; 1983), Curran (1987), Abreu (1999), Bakhtin (1997; 2010), Roiphe (2011; 2013), Cosson (2014), dentre outros autores, o trabalho foi estruturado em torno de uma sequência didática que contém uma série de atividades e jogos que, para sua execução, necessitaram da leitura simultânea das linguagens verbal e visual constitutivas do folheto de cordel. A sequência foi aplicada na turma selecionada e os alunos aprenderam o que é cordel, conheceram mais um autor de sua terra e leram e analisaram sua obra mais significativa. Realizaram a leitura concomitante da palavra e da imagem para a produção mais completa dos sentidos presentes no folheto estudado, a partir do que se espera que passem a utilizar essa prática mais efetivamente no seu dia a dia, quando da leitura de outros textos constituídos verbo-visualmente, sobretudo os cordéis. Os resultados obtidos foram expostos neste relatório e a sequência desenvolvida foi aposta no caderno pedagógico, produto final desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. Gênero literário. Folheto de cordel. Leitura verbo-visual.

ABSTRACT

This study, entitled: Cordel, literary literacy and verb-visibility: three concepts, an author, a history, a pamphlets, objectified to carry through the reading verb-appearance of the cordel pamphlets *A mulher que se casou dezoito vezes...*, of Valeriano Felix dos Santos, propitiating the literary literacy for pupils from the Eighth grade – Elementary Level – from Professor Luiz Antonio Barreto Basic School, tied to the Municipal Teaching Network, in Riachão do Dantas, in the State of Sergipe, native city of the mentioned author. Reasoned on the studies of Maranhão (1981), Terra (1981; 1983), Curran (1987), Abreu (1999), Bakhtin (1997; 2010), Roiphe (2011; 2013), Cosson (2014), among other authors, this work was structuralized around a didactic sequence that contains several activities and games that, for its performance, needed the simultaneous reading of the constitutive verbal and visual languages from the cordel pamphlets. The sequence was applied in the selected class and the students learned what cordel is, met another author from their land, read and analyzed his most significant work. They did the simultaneous both word and image for a more complete production of the senses present in the studied pamphlets, from the expectation of them to use this practice more effectively in their everyday life, when reading other texts constituted verb-visually, especially the cordéis. The obtained results were exposed in this report and the developed sequence was affixed to the pedagogical notebook – final product of this work.

KEYWORDS: Literary literacy. Literary genre. Cordel pamphlets. Reading verb-appearance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PERCURSOS TEÓRICOS.....	17
2.1	A COMPLEXIDADE DO ATO DE LER.....	17
2.2	O CONCEITO DE LETRAMENTO.....	20
2.3	O LETRAMENTO LITERÁRIO	22
2.4	O GÊNERO CORDEL	27
2.5	O AUTOR: VALERIANO FELIX DOS SANTOS	32
2.6	ANÁLISE DO FOLHETO DE CORDEL <i>A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...</i>	35
2.6.1	Sobre as capas do folheto	38
2.6.2	Estrutura do folheto	45
2.6.3	Dorotéia: sujeito do ser e do fazer	50
2.6.4	Dorotéia: o desafio.....	55
3	BASES METODOLÓGICAS.....	58
4	CAMINHOS TRILHADOS/FRUTOS COLHIDOS.....	85
4.1	PALAVRAS QUASE FINAIS: OS RESULTADOS.....	136
4.1.1	Análise dos dados obtidos no teste de saída	137
4.1.2	Comentários finais dos alunos sobre “O que é cordel?”	141
4.1.3	O projeto na visão dos alunos.....	143
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
	REFERÊNCIAS	148
	APÊNDICE A – CADERNO PEDAGÓGICO	154
	APÊNDICE B – QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DOS MARIDOS	195
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS.....	196
	APÊNDICE D – CARTAS COM TRECHOS VERBAIS REFERENTES AOS MARIDOS.....	200

APÊNDICE E – OUTROS TÍTULOS CITADOS NA OBRA <i>DE VOLTA AO NINHO ANTIGO</i> NÃO RELACIONADOS NA LISTAGEM ANTERIOR DA FUNDAÇÃO-CASA DE RUI BARBOSA (RJ)	203
APÊNDICE F – PLANOS DE AULA.....	204
ANEXO A – RELAÇÃO DAS OBRAS DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS ENCONTRADAS NA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO-CASA DE RUI BARBOSA (RJ)	216
ANEXO B – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DE PEÇA TEATRAL BASEADA NO FOLHETO DE CORDEL <i>A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...</i>, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS	218
ANEXO C - EXCERTO DO TEXTO DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE SOBRE CORDEL	219
ANEXO D – VERSÃO ORIGINAL DO FOLHETO <i>A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...</i>, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS.....	220
ANEXO E – CERTIDÃO DE ÓBITO.....	225
ANEXO F – ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL DA CIDADE	226

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970, a literatura de folhetos nordestina, um gênero popular que circulava no meio sertanejo há quase um século, passou a ser alvo de interesse dos estudiosos universitários nacionais e internacionais. Várias obras basilares, versando sobre a origem e formação histórica do cordel, foram publicadas, destacando-se os estudos de Liêdo Maranhão (1981), *O folheto popular: Sua capa e seus ilustradores*, voltado para a análise das capas dos folhetos, classificando-as quanto à técnica de ilustração utilizada e mostrando sua importância para a constituição do folheto, assim como os critérios a partir dos quais era confeccionada; e as obras de Ruth Terra (1981; 1983), respectivamente intituladas *A literatura de folhetos nos fundos Villa-lobos* e *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)*, que apresentam um verdadeiro levantamento histórico das origens dos folhetos, seus primeiros autores e editores, forma de publicação, comercialização e meio de circulação, além da análise e classificação da temática abordada, dentre outras questões exploradas pela autora. Os trabalhos realizados por Terra possibilitam a construção de uma ideia acurada acerca do que foi a literatura de folhetos no período de 1893 a 1930.

Nessa mesma linha, foi também bastante significativo o trabalho de Mark Curran (1987), *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*, no qual ele versa sobre o papel de Rodolfo Cavalcante para a organização dos poetas e trovadores como entidade de classe em meados do século XX. Divisória, entretanto, foi a obra publicada por Márcia Abreu (1999), *Histórias de cordéis e folhetos*. Nela, a autora defende, categoricamente, por meio de uma análise primorosa, fruto de uma pesquisa de mais de dez anos realizada no Brasil e em Portugal, que a origem da literatura de folhetos nordestina está vinculada às cantorias dos trovadores e cantadores nordestinos e não à literatura de cordel produzida em Portugal, contrapondo-se ao preconizado até então por diversos pesquisadores que defendiam as origens lusitanas do folheto, a exemplo de Diégues Júnior, Souto Maior, Londres, Kury, Saraiva, citados pela autora no início de sua obra.

Foi da oralidade para a escrita, da viola para o folheto, do sertão para a cidade, do nordeste brasileiro para outras regiões do país, e do Brasil para o exterior que sucedeu a história dos folhetos populares, originada por Leandro Gomes de Barros no ano de 1893, data do mais antigo folheto do autor de que se tem notícia, conforme frisado por Márcia Abreu em sua obra. O folheto nordestino e o cordel português, que circulou no Brasil no período de sua

formação colonial e imperial, eram publicações bem distintas tanto em relação à forma, quanto ao conteúdo.

Saindo do âmbito dos estudos históricos e adentrando no educacional, um marco significativo para a renovação do interesse pela literatura de cordel, agora voltado para o meio pedagógico, foi a inclusão do estudo do gênero nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998), primeiro como literatura oral, depois também como escrita. A proposta, que apresentou o estudo deste gênero dentre os primordiais a serem efetivados na educação básica, selecionado entre os incontáveis tipos de gêneros existentes, fez desencadear no meio acadêmico e pedagógico uma série de trabalhos voltados para a temática, relacionando-a ao ensino. Dentre os muitos trabalhos encontrados nessa área, foram destacadas as obras de Roberta Monteiro Alves (2008; 2010), respectivamente denominadas *Literatura de cordel: Por que e para que trabalhar em sala de aula* e *A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico*; de Aldair Smith Menezes (2011), *O cordel de Coriolano: um narrador no sertão de os desvalidos*; de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012), *O cordel no cotidiano escolar*; e de Regiane Alves de Assis, Carolina Martins Tenório e Tânia Callegaro (2016), *Literatura de cordel como fonte de informação*.

Ampliando os horizontes para além do estudo específico do gênero cordel na escola, defendendo o estudo dos gêneros de um modo geral, consoante a proposta dos *Parâmetros*, e dentre eles, com destaque, o literário, foram salutares também as publicações de Marisa Lajolo (1993), *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*; de Alberto Roiphe e Marcela Afonso Fernandez (2011), *Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental*; de Renata Junqueira de Souza e Berta Lúcia Tagliari Feba (2011), *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*; de Jaqueline Peixoto Barbosa e Célia Fagundes Rovai (2012), *Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas*; de Angela Paiva Dionísio e Leila J. de Vasconcelos (2013), *Multimodalidade, gênero textual e leitura*; de Rildo Cosson (2014), *Letramento literário: teoria e prática*. Algumas destas obras sugerindo até propostas práticas de ensino em sala de aula a respeito do folheto de cordel e de outros gêneros.

Ao longo do percurso da leitura e análise dessas e de outras obras, quer sejam elas de cunho histórico, quer pedagógico, observou-se em relação ao estudo do folheto de cordel que ora ele era tomado por seu aspecto verbal, ora pelo visual. Somente a partir dos trabalhos de Alberto Roiphe (2011 e 2013), intitulados respectivamente *Gêneros textuais: Teoria e prática*

nos anos iniciais do Ensino Fundamental e *Forrobodó na linguagem do sertão*: Leitura verbovisual de folhetos de cordel, que uma nova vertente no estudo desse gênero é aberta e os livrinhos passaram a ser concebidos como constituídos, simultaneamente, pelas linguagens verbal e visual, passando a ser classificados, de acordo com esse autor, como gênero verbo-visual, requerendo, conseqüentemente, para o completo estabelecimento dos sentidos do texto, a leitura concomitante do linguístico e do pictórico. É nesse contexto que a presente pesquisa se insere, tomando o trabalho com o gênero cordel na perspectiva do letramento literário, considerando a verbo-visualidade com a qual o folheto é constituído.

Um dos motivos para a sua realização foi justamente o problema observado nas aulas de Língua Portuguesa, na turma da 8ª série¹, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, em Riachão do Dantas, no estado de Sergipe, concernente ao descaso do aluno em relação à leitura do texto visual, quando atrelado ao texto verbal, uma vez que é preciso aprender a ler o texto em sua totalidade, verbal e visual, quando ele assim for composto.

Nessa turma percebeu-se que o texto visual era concebido como “desenho”, mera ilustração, portanto, como se não fosse textual. Entretanto, a imagem diz também do tema, o delimita, o questiona, o sugere, o expõe, precisando também ser concebida como texto pelos alunos, deixando de ser apenas “vista” e passando, portanto, a ser lida. A imagem também é texto. Ela pressupõe interação, atitude compartilhada entre enunciador e coenunciador, intersubjetividade. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nela há também, muitas vezes, intertextualidade. Sua leitura requer, portanto, análise, interpretação, inferências e interferências.

Por tudo isso, é preciso redirecionar o olhar e redimensionar a predominância da linguagem verbal escrita sobre a linguagem visual. Em um mundo onde a imagem está em todos os espaços, os reais e os virtuais, é preciso aprender a percebê-la, mais do que isso, lê-la. É preciso ler o texto em sua totalidade, verbal e visual, quando ele assim for configurado. A dicotomia entre essas duas linguagens, quando ambas encontram-se presentes na leitura, fere o texto, decepa-o. O texto visual requer um novo olhar, não dissociado do escrito, mas atrelado a ele como parte composicional do gênero em sua totalidade. Hodiernamente, verbal

¹ O designativo “série” ainda é utilizado pela escola na referida turma. Isso porque a unidade de ensino resolveu implantar as turmas, com a denominação “ano”, gradativamente. A turma citada é a última que ainda usa a antiga classificação.

e visual têm se mesclado com a clara intenção de produzir, em conjunto, os vários sentidos presentes no texto.

Além de rever a ausência do cordel nos estudos escolares no meio riachãoense e preconizar a necessidade de sua valorização no meio educacional, assim como do (re)conhecimento de um cordelista natural da região, este estudo enseja suscitar também uma irrequieta questão: "Trata-se de se perguntar: meu olhar sobre a cultura popular é aquele, predominante na escola brasileira, que a vê como folclore, como algo exótico, como se fôssemos alheios àquilo tudo, ou sei reconhecer nos meus gestos, nos meus gostos, nos ritmos que gosto de ouvir e dançar, nos sabores que encantam meu paladar, as marcas do que se convencionou chamar de cultura popular?" (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 142).

A literatura de cordel pode e deve voltar a ser estudada de forma significativa em nossas escolas porque é parte marcante da cultura da nossa gente. Vale ainda lembrar que estudar as peculiaridades locais é parte integrante do currículo. Seu estudo deve possibilitar, por parte dos docentes e discentes, uma valorização maior de sua própria cultura, de sua própria história, e isso é fator primordial para a construção de sua própria identidade. Logo, a literatura de cordel, mais ainda, a de autoria de Valeriano Felix dos Santos, não pode mais fazer na omissão, nem seu estudo ser descurado no meio educacional riachãoense.

É preciso retirar a literatura de cordel do grau de abandono a que foi submetida. No mais, quanto à antiguidade dessa produção aqui se aplica muito bem o afirmado por Bakhtin: "O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero." (BAKHTIN, 1997, p. 106).

Bakhtin (2010) afirma serem os gêneros *tipos de enunciados*, constituídos por três elementos indissolivelmente ligados: o conteúdo temático (ponto de vista a partir do qual o enunciado é feito), a estrutura composicional (forma por meio da qual o enunciado ganha materialidade linguística) e o estilo (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua). Sem essa caracterização que organiza e media a comunicação, mesmo que por meio de *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados por Bakhtin como gêneros do discurso, seria impossível a comunicação humana, haja vista serem infindas as possibilidades de associações dos signos linguísticos e indefinidamente multiformes as esferas das atividades humanas perpassadas pela linguagem.

Para Mikhail Bakhtin, os gêneros têm formas relativamente estáveis e encontram-se em uma instância organizadora e mediadora justamente porque se situam como elos de uma cadeia que une e dinamiza as relações interpessoais situadas dentro da esfera da comunicação verbal. O gênero na concepção bakhtiniana tem amplitude discursiva e não apenas linguística. Envolve sujeitos que são potencialmente responsivos e que estão situados em um tempo e lugar, instanciados pelo uso de uma língua que também é concebida como social, portanto, sujeita as alterações ocasionadas pela mobilidade no espaço e no tempo. Desse modo, o gênero também é concebido como manifestação cultural e, assim como a cultura é perpassada por transformações, as formas discursivas também o são. É essa dinâmica que permite a renovação do gênero, pois ao tempo que vive o presente, recorda também o passado, projetando-se para o futuro pela atitude responsiva própria dos sujeitos envolvidos no discurso.

O cordel é um desses "*tipos relativamente estáveis de enunciados*" (BAKHTIN, 2010, p. 262, grifo do autor) que ganhou existência histórico-cultural na forma como a concebemos neste estudo (gênero genuinamente nordestino e brasileiro) a partir da edição dos primeiros folhetos populares, de autoria de Leandro Gomes de Barros, em fins do século XIX (ABREU, 1999). Sendo manifestação cultural e elemento mediador da comunicação humana, é natural que do seu alvorecer até os dias atuais tenha sofrido modificações. Todavia, o gênero persiste, adquiriu os matizes do novo contexto e tornou-se o objeto central de estudo neste projeto de intervenção que visa em sua amplitude realizar a leitura verbo-visual do folheto de cordel *A mulher que casou dezoito vezes...* (ANEXO D), de Valeriano Felix dos Santos, na turma da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, situada no município de Riachão do Dantas, no estado de Sergipe, propiciando o letramento literário aos alunos que a compõem. A fim de alcançar tal propósito procedeu-se à leitura e à análise prévias do referido folheto e, a partir destas, elaborou-se uma sequência didática que foi desenvolvida na turma alvo do projeto.

Portanto, foi a necessidade de apresentar uma experiência de leitura verbo-visual exitosa, feita a partir do cordel, haja vista ser o gênero constituído por essas duas formas de linguagem, que justificou, primeiramente, a realização desta pesquisa. A outra justificativa, secundária para o ProfLetras, mas não de menor importância para a região onde a pesquisa está sendo desenvolvida, foi a recente descoberta de um escritor de cordel, bastante conhecido e valorizado fora das fronteiras do nosso município – Riachão do Dantas – mas ainda desconhecido e, portanto, não estudado, nem valorizado por sua própria gente. Por isso, neste

estudo sobre o cordel, priorizaremos a leitura dos folhetos deste escritor – Valeriano Felix dos Santos – riachãoense, conhecido para além do estado e até fora do país, mas não (re)conhecido por seus conterrâneos, nem mesmo no meio educacional, nem mesmo na escola registrada com seu nome. A unidade de ensino, denominada Escola Jornalista Valeriano Felix dos Santos, forma que o ex-prefeito José Lopes de Almeida encontrou para homenageá-lo, situa-se na Colônia Boqueirão, zona rural próxima à localidade onde nasceu o escritor.

Conhecer o meio em que vive e os aspectos culturais que compõem a história do lugar onde se nasce são elementos fundamentais para a construção da própria identidade, assim como para o exercício da cidadania. Ninguém vive isolado, a não ser em raríssimos casos, por razões específicas, extraordinárias. Os homens vivem em sociedade, mesmo que isso não signifique viver em comunhão. Paulo Freire (1989, p. 11-12) já enfatizava: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." Após cada nova leitura de textos, uma nova leitura de mundo acontece. Nisso consiste o processo de letramento/alfabetização/letramento.

O cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, foi escolhido, portanto, como texto-base deste estudo, por focar dois pontos centrais desta pesquisa: a possibilidade de leitura verbo-visual por ser “um gênero que se caracteriza pela presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo-visual” (ROIPHE, 2011, p. 118); e a contribuição para a elevação da autoestima dos alunos, por (re)conhecerem um autor próprio da sua terra, sua obra, e saber que seu nome é reconhecido além-fronteiras.

Além do exposto, vale ressaltar que, no *Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe* (SEED, 2013), a leitura e a interpretação de textos de cordel é citada dentro dos conceitos básicos relacionados para o estudo nos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 8º ano. No 9º ano, o gênero não vem especificado, pois, nesse segmento, só a terminologia “narração” é utilizada sem detalhamento dos gêneros textuais a serem abordados, ficando implícita a liberdade docente para escolher com que tipo trabalhar.

Por fim, a escolha do gênero cordel para ser trabalhado neste projeto também se coaduna com o estabelecido nas *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (BRASIL, 2013). Esse documento apresenta, dentre os princípios estéticos citados como norteadores das ações pedagógicas, a “valorização de diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira, de construção de identidades plurais e solidárias”. (BRASIL, 2013, p. 108).

Nesse sentido, a favor do trabalho com o cordel em sala de aula, resta destacar ainda a própria ressalva feita nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de que a diversidade, praticamente ilimitada, de gêneros impede a escola de trabalhar todos eles como objeto de ensino, sendo necessária uma seleção. Por isso, "foram priorizados aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social" (BRASIL, 1998, p. 53) e, dentre os "gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos", está o cordel. (BRASIL, 1998, p. 54).

As reflexões ora expostas formaram a base a partir da qual foram fecundados os seguintes questionamentos: Que produto aplicável e replicável pode ser criado de modo a estimular, em sala, a leitura verbo-visual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, contribuindo para o estímulo à leitura de outros folhetos desse autor e para a formação de uma visão crítica da realidade social em que vivem os alunos? Que produto concorrerá, especialmente, para a compreensão da necessidade da leitura simultânea do texto verbal e do texto visual para a ampliação do entendimento dos sentidos do texto? A fim de tentar responder a estas indagações foi pensada e elaborada uma sequência didática composta por atividades e jogos que possibilitarão ao aluno estudar sobre o gênero cordel e, principalmente, estimularão a leitura simultânea das linguagens verbal e visual constitutivas do gênero.

Este trabalho de mestrado está apresentado em duas partes: um caderno pedagógico (APÊNDICE A) no qual será detalhada a sequência didática aplicada e este relatório final dividido em três partes: (1) Percursos teóricos; (2) Bases metodológicas; e (3) Caminhos trilhados/Frutos colhidos, acompanhados das Considerações finais. Este material não apenas será apresentado para a defesa do título ao qual se propõe, como após sua consecução, será disponibilizado cópia à biblioteca municipal de Riachão do Dantas, a fim de compor seu acervo e fomentar, a partir de sua leitura, um conhecimento maior acerca do município, além de servir para fazer frutificar e/ou originar outras pesquisas consensuais ou contestatórias.

2 PERCURSOS TEÓRICOS

Rumo à construção de uma base teórica sobre a qual este estudo foi alicerçado, um longo caminho foi percorrido e seis pontos foram considerados essenciais para serem apresentados e discutidos neste tópico: o ato de ler, visto como um ato complexo que envolve as etapas de decifração, compreensão e interpretação; o conceito de letramento, em uma visão geral, e de letramento literário, em uma perspectiva mais particular; e, referente à temática específica, o gênero cordel, o autor Valeriano Felix dos Santos e a obra de sua autoria, selecionada como objeto de estudo neste trabalho, o folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* Concernente ao folheto, foi exposta, na íntegra, a análise realizada previamente que serviu de base para a estruturação da sequência didática, parte prática deste trabalho.

2.1 A COMPLEXIDADE DO ATO DE LER

Se ler, como sinônimo de decodificar, já é uma atividade complexa, prova isso o fato de que "Todas as crianças, seja qual for a língua, encontram dificuldades no momento de aprender a ler" (DEHAENE, 2012, p. 16), muito mais complicado, ainda, torna-se esse processo quando sinônimo de compreender, pois “envolve a ação dinâmica de vários domínios de processamento”: lexical, sintático, semântico local e global, e integrativo (COSCARELLI; NOVAIS, 2010, p. 36).

Ler é um processo de integração de diversas operações. Ler envolve desde a percepção dos elementos gráficos do texto até a produção de inferências e a apreensão da ideia global, a integração conceptual, passando pelo processamento lexical, morfossintático, semântico, considerando fatores pragmáticos e discursivos que são imprescindíveis à construção do sentido. Cada um desses domínios de processamentos [...] realiza diversas operações a que podemos chamar de complexas, não por serem complicadas, mas por serem realizadas de forma dinâmica, aberta, recursiva, gerando estruturas emergentes nem sempre previsíveis. (COSCARELLI; NOVAIS, 2010, p. 36).

Se ler é, pois, um ato complexo, na escola, as atividades a ele concernentes devem ser organizadas, bem estruturadas e bastante significativas, de modo a fazerem sentido e trazerem novos significados e significância para a vida do aluno. O processo de leitura deve

ter como ponto de partida o conhecimento prévio deste, para, a partir do seu próprio arcabouço, burilá-lo, perpassá-lo e acrescentar ao conhecimento já constituído novos conhecimentos, levando o discente a ir além, rumo à aprendizagem de novos conceitos e habilidades, em um constante processo de assimilação e acomodação, tendo em vista sua contínua adaptação ao meio. (PIAGET, 1998).

Borba (2015, p. 286) também discorre sobre a concepção de aprendizagem como “o processo de adaptação do comportamento à experiência”. A aprendizagem é o mecanismo por meio do qual os organismos podem adaptar-se às transformações do ambiente e o primeiro passo para a memória, pois a mente só grava aquilo que é aprendido. “Não há memória sem aprendido, nem há aprendido sem experiências”, afirma Izquierdo (2017, n. p.).

Segundo Izquierdo (2017, n.p.), “a memória [...] é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências”. Ela é regulada, em sua maior parte, pelas emoções e pelos estados de ânimo e é fundamental para o processo de aprendizagem que requer recuperação do conhecimento já estruturado para a constituição do conhecimento novo apresentado. Como assevera Gerardt, Albuquerque e Silva (2009, p. 89): “A aquisição de novas informações por parte do aluno só acontecerá se ele conseguir encontrar ligações entre o que lhe é conhecido e o que está para ser aprendido. O novo, pelo novo, de nada vale.”

A não assunção da cognição situada pode acarretar a completa estranheza e desinteresse do aluno por aquilo que o professor pretende lhe dizer, simplesmente por não conseguir conceptualizar em sua mente a realidade que o professor descreve e os elementos e processos que a compõem. (GERARDT; ALBUQUERQUE; SILVA, 2009, p. 80).

Dehaene (apud SGARIONI, 2013, p. 12) vem confirmar essa teoria. Segundo ele, "nosso cérebro se adapta ao ambiente cultural não respondendo cegamente a tudo o que lhe é imposto. Ele converte a outro uso suas disposições já presentes. Ele faz o novo com o velho". Assim sendo, resta mais que claro, que todo processo de aprendizagem realizado pela escola deve partir do conhecimento prévio do aluno, para, a partir dele, ser estruturado.

Nesse sentido, Leffa (1999, p. 26) afirma: "A atividade da leitura só é possível na medida em que o leitor usa seu conhecimento prévio para direcionar sua trajetória pelo texto." Ele destaca ainda a necessidade de uma prática de leitura, pois quanto maior a experiência geral de leitura maior será a capacidade de prever o que um texto pode conter. Essa ideia é confirmada também por Lima (2012, p. 45): "As sinapses se consolidam pelas experiências contínuas que a criança vivencia."

A prática da leitura é, portanto, um processo privilegiado de reforços ou alterações sinápticas, o que constitui, de fato, a aprendizagem para o conexionismo. A leitura frequente faz com que as sinapses se tornem mais fortes, por meio da repetição dos estímulos. As sinapses, à medida que são reforçadas, automatizam os processos e permitem que o leitor faça leituras com grau de aproveitamento cada vez melhor. (BORBA; PEREIRA; SANTOS, 2014, p. 24).

Dessa forma, quanto mais ler, melhor, porque o hábito de ler transformará um "leitor principiante" em um "leitor proficiente" que não mais esbarrará na decifração do código, voltando sua atenção ativa para o estabelecimento das relações de sentido que o diálogo com o texto possibilita, favorecendo a compreensão textual, pois não basta apenas ler, é preciso compreender bem o texto lido.

"Compreensão textual é construção de estrutura. Compreender um texto significa formar uma estrutura mental que representa o significado e a mensagem do texto." (GABRIEL, 2006, p. 80). Somente a partir de uma consistente atividade de compreensão é possível efetivar-se uma plausível interpretação textual, sem incorrer no campo da superinterpretação.

Consoante Eco (1997), esta deriva de uma leitura improcedente de um texto, empreendida pelo leitor que impõe sobre o texto a sua vontade, desconsiderando seus contextos linguístico e situacional, ao passo que uma interpretação congruente decorre de uma interação dialética entre o leitor, o autor e o (con)texto. Esse autor é categórico ao afirmar que entre a intenção do autor (*intentio auctoris*) e do leitor (*intentio lectoris*), existe a intenção do texto (*intentio operis*), ou seja, os limites impostos pelo próprio texto à atividade interpretativa que repele interpretações infundadas.

Neste projeto, porém, além dessa preocupação acerca da leitura referente a linguagem verbal, sua complexidade, forma de apreensão, compreensão e interpretação, há que se voltar também o olhar para a leitura da linguagem visual. Nesse sentido, cabe ressaltar o afirmado por Costella (2002) acerca da necessidade de uma alfabetização para a leitura da imagem. A fim de atender essa carência, o autor elenca dez aspectos que devem ser considerados no processo de leitura do visual: Factual (é o que é exibido, o visível); Expressional (potencial expressivo no que diz respeito aos sentimentos evocados no observador); Técnico (competência do artista e qualidade do material utilizado); Convencional (ponto de vista social, simbologia); Estilístico (corrente cultural à qual está vinculada, toque pessoal do artista); Atualizado (como a obra é vista culturalmente hoje);

Institucional (valor atribuído pelas instituições); Comercial (preço de venda); Neofactual (transformações físicas ocorridas na obra que alteraram sua apresentação visual); Estético (prazer, fruição estética). É a partir desses aspectos que será feita a leitura da imagem presente no folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, objeto de estudo deste trabalho. Todavia, importa lembrar que a exiguidade das pesquisas científicas referentes à leitura de textos verbo-visuais no ensino de língua portuguesa, que sempre priorizou o aspecto verbal (CAMPOS, 2012), servirá para antepor que as prováveis lacunas deixadas neste estudo em relação a esse aspecto devem funcionar como um claro estímulo e convite para que outros trabalhos nessa linha continuem sendo realizados.

À guisa de conclusão deste tópico, resta somente lembrar que, de um modo geral, dentre os fatores que podem influenciar no desempenho do aluno diante do texto estão, justamente, a familiaridade com os elementos linguísticos, com o campo semântico, com o gênero textual, e a função a que o texto se presta (COSCARELLI; NOVAIS, 2010) e que, em virtude disso, na organização das atividades de leitura, o professor deve tentar prever as possíveis dificuldades que os alunos encontrarão diante do texto, de modo a criar estratégias a fim de que os alunos possam superar os obstáculos e a compreensão do texto possa acontecer efetivamente. É, por isso que, além de considerar o conhecimento prévio do aluno, o professor deve assegurar que este conheça os objetivos a serem alcançados por meio da leitura do texto apresentado de maneira que possa participar ativamente do processo de aprendizagem (GABRIEL, 2006), tendo em vista o letramento em suas múltiplas formas.

2.2 O CONCEITO DE LETRAMENTO

Kleiman (1995), o termo “letramento” foi cunhado por Mary Kato, em 1986. É um conceito bastante amplo e complexo que engloba em seu bojo diversos estudos. Letramento é “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. (KLEIMAN, 1995, p. 18-19).

Soares (1998, p. 72) partilha com Kleiman dessa mesma concepção ao atrelar letramento à prática social e não à habilidade individual: “Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em contextos sociais.”

Todavia, Street (apud Kleiman, 1995), mostra como as diversas práticas de letramento, existentes em contextos tão diferenciados, são diferentemente valorizadas e dão a seus participantes poderes também diversos. Ele fala da existência de duas versões de letramento: a autônoma e a ideológica. A primeira concebe o letramento como processo automático, consequência do progresso, da civilização e da mobilidade social. A segunda, “vê as práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade”. (STREET apud KLEIMAN, 1995, p. 38).

Em consonância com essa reflexão de Street, Soares (1998) expõe acerca de uma versão fraca e de uma versão forte de letramento. A primeira, ligada ao enfoque autônomo, está relacionada aos meios de adaptação da população às necessidades e exigências do uso da leitura e da escrita no dia a dia. A segunda, atrelada ao enfoque ideológico, diz respeito a versão transformadora, crítica, do letramento, à medida que contribui para o resgate da autoestima, para a construção de identidades fortes. Esta versão também se encontra vinculada a visão paulo-freiriana de alfabetização.

Na medida que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como um importante instrumento de resgate da cidadania e que reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social. (FREIRE, 1991, p. 68).

Além do exposto, faz-se necessário considerar ainda, em conformidade com Street (apud ROJO, 2009, p.10), “o reconhecimento dos múltiplos letramentos [...] interrogando-se quais são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência”, de modo que uma postura mais ativa, de combate, seja assumida e estereótipos sejam quebrados.

Hamilton (apud ROJO, 2009, p. 102, grifo do autor) denomina os letramentos *dominantes* de “institucionalizados” e os diferencia dos letramentos locais “vernaculares” (ou “autogerados”). “Os letramentos dominantes são valorizados legal e culturalmente, são poderosos na proporção do poder da sua origem. Já os chamados *letramentos ‘vernaculares’* [...] têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais.” Estes são, não raramente, desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e constituem-se, muitas vezes, práticas de resistência.

Verifica-se, portanto, a existência de uma conotação político-ideológica no seio do letramento, fazendo com que o conceito de letramento passe a ser plural: “letramentos”, conforme afirma Rojo (2009). Isso implica o fato de que ela precisa ser cada vez mais evidenciada, de modo que o teor excludente e marginalizador que traz imerso em seu bojo

seja posto à luz e seja, conseqüentemente, minimizado ou extinto. Nesse sentido, muitos estudos podem ser desdobrados. Por ora, porém, este trabalho debruçar-se-á sobre o letramento literário na escola, sua importância e finalidade.

2.3 O LETRAMENTO LITERÁRIO

Segundo Barbosa e Rovai (2012), até a década de 1970, o ensino de Língua Portuguesa contemplava, lado a lado, o ensino da gramática e a leitura de textos literários, sobremaneira os clássicos. A partir dos anos 80, o trabalho com a diversidade textual passou a ganhar ênfase e firmou-se como eixo norteador da organização curricular. Essa demanda foi ampliada com a perspectiva de se estruturar o processo de ensino-aprendizagem em torno dos gêneros do discurso. Contudo, alertam as autoras que, mesmo sendo essa diversidade necessária, haja vista a possibilidade de uma efetiva participação nas práticas sociais existentes nas mais diversas esferas comunicativas, "o trabalho com a literatura deve ainda hoje (e sempre!) ocupar um lugar central no currículo de Língua Portuguesa". (BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 47). O direito à literatura, como apregoado por Candido (2011), persiste e o literário insiste em ocupar seu espaço na escola.

Também em defesa da literatura no currículo escolar, Lajolo (1993, p. 106) é enfática ao afirmar que "o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos".

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 1993, p.106).

Apresentando diferentes formas de vida social, a literatura põe-se a serviço do letramento e da libertação de todo homem. Isso porque a leitura do texto literário possibilita, de forma ímpar, deparar-se com "a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros". (GOULART, 2007, p. 64). Embora não tenha utilidade prática, a literatura "toca dimensões humanas tão fundamentais quanto a cultura, a educação

ou a comunicação". (JOUVE, 2012, p. 11). Portanto, ensiná-la está na esfera do hoje, do ontem e do vir a ser, mas que isso, da ampla e infinda possibilidade de ser.

Ao revelar o campo dos possíveis, o texto literário lembra que as coisas poderiam ser diferentes do que se nos apresenta a realidade, contribuindo para a organização e reorganização da experiência, e, assim sendo, participando da produção e reprodução do existente no mundo. "A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros." (JOUVE, 2012, p 165).

Toma-se, pois, neste estudo a concepção de literatura como "perspectivação da verdade", também defendida por Bernardo (1999, p. 148). O fazer literário ou o encontro com o texto literário possibilita o encontro com o outro que não eu. Essa relação de alteridade, "eu-outro", instituída por meio do texto literário, possibilita ver a realidade por outros ângulos, sobre outras perspectivas. A criação, mesmo que fictícia de "outros mundos" permite perceber que não temos em nós a verdade absoluta, nem podemos alcançar a realidade em seu todo. A literatura abre, portanto, um enorme leque de possibilidades ampliadoras dos limites da realidade na qual estamos historicamente situados.

A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros, (os personagens) e adquirir, ainda que momentaneamente, a perspectiva destes outros – para, adiante, termos uma chance de cumprir o primado categórico de todas as éticas, de tão difícil realização: ser o que se é. (BERNARDO, 1999, p. 147).

Essa concepção de Bernardo faz lembrar o testemunhado por Bakhtin (2010, p. 73): "A arte me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas, e assim enriquecer a experiência da minha vida real." E, ainda, faz rememorar as palavras de Fernando Pessoa (1995) acerca desse papel transcendental da arte e do fazer poético no já tão citado poema "Autopsicografia":

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não tem.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

O texto literário, como nenhum outro, possibilita experienciar a fruição e a “fluência”; a formação e a informação; e, paradoxalmente, vivenciar o “não vivido”. “O ato de criar [...] implica um jogo de aparente verossimilhança aliado a uma incerteza de verdade”, afirma Passarelli (2012, p. 204). Um dos aspectos peculiares da linguagem humana é, justamente, este: sua capacidade simbólica que “nos permite pensar em coisas não vividas, saber sobre elas, falar delas, ampliando a possibilidade de obter conhecimentos e sensações sem a necessidade de experimentação direta” (BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 53).

Contudo, se a capacidade simbólica humana é infinita, assim como o é a diversidade de gêneros derivada dessa potencialidade, e inumeráveis os caminhos a partir deles descortinados, o trabalho com o texto literário na escola ocupa um tempo e um espaço, requerendo organização e planejamento para sua melhor efetivação.

Outro aspecto que vale destacar é que o letramento literário não ocorrerá pela quantidade de textos lidos, mas por sua qualidade. Por isso, a leitura de uma obra literária na escola não deve ser feita ao acaso, nem o texto lido simplesmente, como se ler por si somente assegurasse o letramento literário. A leitura do cotexto deve ser seguida pela leitura do contexto. “É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo.” (COSSON, 2014, p. 30).

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p. 30).

O adentramento na obra, a análise de seus diversos aspectos, lexical, morfo sintático, semântico, linguístico e histórico-social são indispensáveis para a formação do leitor crítico. Faz-se necessário não apenas ler, decodificando, mas sobretudo compreender e interpretar o que se leu. Nesse sentido, a mediação do professor é fundamental, favorecendo a relação com os livros e outros portadores de obras literárias e criando as condições favoráveis para o estado de imersão e concentração que a leitura e o estudo dessas obras exigem.

Cosson (2014) propõe, para além de uma visão das perspectivas cognitivas e sociais de texto (LEFFA, 1999), um olhar voltado para a individualidade de cada texto a partir da realização de uma sequência que contemple motivação, introdução, decifração e interpretação. Sequência que ele desdobra em duas: uma básica e outra expandida. Esta, além da aprendizagem da literatura e por meio da literatura, estruturantes da primeira modalidade, contempla também a aprendizagem sobre literatura. A básica está direcionada para o ensino fundamental e a expandida, para o médio.

Segundo esse autor, há uma discrepância na forma de se conceber literatura nessas duas modalidades da educação básica. No ensino fundamental, o sentido é tão abrangente que engloba todo texto que se aproxime da ficção ou da poesia. No ensino médio, o ensino, por vezes, se aproxima mais da história da literatura brasileira, do que da literariedade do texto.

Percebe-se, pois, que de uma ou de outra forma, o ensino da literatura está muito aquém do que seria um ensino profícuo. "Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza", denuncia Cosson (2014, p. 23). Contudo, ele assevera ser o letramento literário uma prática social e, assim sendo, é também responsabilidade da escola promovê-lo.

Nesse sentido, visando o letramento literário, esse autor propõe que o estudo do texto considere três etapas no processo de leitura – a antecipação, a decifração e a interpretação – e que a seleção de textos tenha como parâmetro a canonicidade, a atualidade e a diversidade. Tomamos desse autor como base para este trabalho esses dois últimos critérios. Tendo em vista o letramento literário, o professor deve trabalhar com o atual, quer seja contemporâneo ou não, pois a atualidade concorrerá para que haja facilidade e interesse de leitura por parte dos alunos. Consoante Silva (2009, p. 119): “é preciso contextualizar no seu tempo e descobrir vínculos com o presente. Ou seja, fazer convergir o tempo do poeta com o tempo do aluno. Só assim o texto fará sentido para ele”. Já a diversidade permitirá ao aluno ter um repertório mais amplo de leituras.

Quanto à “canonicidade”, preferimos, como defendido por Antonio Candido (2011, p. 182), acreditar que “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através da incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo.” Magistralmente, este autor apresenta a literatura como uma necessidade universal, arrolando-a como “bem incompreensível”, ou seja, que não pode ser negado a ninguém; afirma que ela faz viver e é fator indispensável de humanização.

Não à toa, ela “aparece claramente como manifestação cultural de todos os homens em todos os tempos [e] tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos”. (CANDIDO, 2011, p. 176).

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2011, p. 177-178)

O cordel *A mulher que casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, apresenta uma temática bastante atual – a mulher – permitindo também a discussão acerca das concepções de mulher existentes no meio social, acatadas e perpetuadas, na maioria das vezes, por aqueles que o compõem, já que vistas como naturais. Além disso, seu estudo possibilitará “Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro”; “utilizar as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais...” e “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando [...] a capacidade de análise crítica”, conforme aposto nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. (BRASIL, 1998, p. 7-8). Assim sendo, sua leitura, compreensão, interpretação, contextualização e análise faz-se salutar tanto pelos critérios da atualidade, quanto pela diversidade e, principalmente, pela necessidade.

O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades. (ALVES, 2008, p. 107-108)

Além de todo o exposto, o folheto de cordel escolhido possibilitará a leitura verbo-visual, por ser um gênero assim constituído. E é esse o foco principal deste trabalho. Consoante Assis, Tenório e Callegaro (2012), o folheto de cordel atrai olhares por sua linguagem poético-visual. Ele é um gênero constituído verbo-visualmente e, a partir dessa premissa, devem ser ampliadas “as experiências de leitura dessa manifestação cultural, popular, nordestina e brasileira”. (ROIPHE, 2013, p. 19).

A escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. (ALVES, 2008, p. 106)

A proposta de trabalho apresentada na metodologia visa, portanto, o letramento literário na perspectiva defendida neste estudo. Esperamos que, por meio dela, os alunos

envolvidos no processo compreendam a necessidade da realização da leitura verbo-visual para a compreensão do folheto de cordel em sua inteireza e, assim sendo, por extensão, formulem a mesma conceituação para outros gêneros constituídos verbo-visualmente; e percebam, como ensina Cosson (2014, p. 40) que “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que mediam e transformam as relações humanas”. Transformações essas que não acontecerão pela quantidade de textos lidos, mas por sua qualidade, fruto da concretização do processo de interação escritor-escritor, escritor-leitor, leitor-texto, leitor-leitor e leitor-comunidade.

Expostos os pressupostos teóricos basilares desse trabalho de pesquisa, é de suma importância ser direcionado, agora, o olhar sobre o texto base deste trabalho de pesquisa: o folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos; bem como sobre o gênero do qual faz parte: o cordel.

2.4 O GÊNERO CORDEL

A peleja própria do cordel, decorrente da sua origem atrelada às cantorias de desafio muito próprias do Nordeste brasileiro, perspectiva à qual está atrelada esta pesquisa, faz-se presente para além dos textos ficcionais. No plano histórico uma luta também se faz presente, tendo de um lado aqueles que associam a origem do cordel brasileiro à literatura de cordel portuguesa e, do outro, os que defendem ser este um gênero derivado do próprio desafio nordestino.

Abreu atribui a apregoadada filiação dos folhetos nordestinos à literatura de cordel portuguesa a uma visão eurocêntrica. “Confunde-se poder político e econômico com capacidade criadora.” (ABREU, 1999, p. 127). Conforme a autora, o “imaginário das elites ocidentais constituiu o ‘mito do colonizador’ como ser culturalmente superior a quem cabe oferecer aos colonizados uma língua, uma religião, uma literatura, uma maneira de ver, pensar e organizar o mundo”. (ABREU, 1999, p. 125).

De acordo com Márcia Abreu, os folhetos nordestinos possuem características bastante peculiares que corroboram na definição clara do que seja esta forma literária no Brasil, estabelecendo diferenças bastante significativas entre o aqui produzido e a literatura de cordel realizada em Portugal. Ela é enfática ao afirmar na conclusão dos seus trabalhos:

“Compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” (ABREU, 1999, p. 136).

Entre o cordel português e os folhetos nordestinos existem diferenças fundamentais no que tange ao modo de produção, circulação e público. Terra (1983, p. 59), já havia assinalado a existência de uma "unidade subjacente [...] ao nível da temática, da estrutura narrativa, dos valores e do universo simbólico" o que foi confirmado por Abreu M. (1999) e constitui-se traço fundamental, distintivo, entre os folhetos produzidos no Nordeste do Brasil e o cordel produzido em Portugal.

Quanto à literatura produzida nas terras lusitanas, segundo a autora, é um modelo editorial que vivenciou seu apogeu do século XVI até o início do século XVII e representou adaptações de textos de sucesso, de origens e gêneros variados, a uma linguagem e padronização mais popular. Não havia unicidade em sua constituição e se originou da própria escrita já existente (reescrita de obras de domínio público). Estes textos adaptados podiam ser em prosa ou verso e, normalmente, giravam em torno da vida de nobres e cavaleiros.

Já os folhetos produzidos no Nordeste brasileiro consolidaram-se a partir do final do século XIX para o início do século XX e se constitui um gênero efetivamente literário, com forma e normas próprias, originais, decorrentes da oralidade, das cantigas entoadas pelos cantadores nordestinos. Aqui existe uma unicidade na forma que é bastante clara e definida, ao contrário do que existiu em Portugal. Outro diferencial é que o meio de produção, venda e circulação dos livrinhos abrangia uma parcela significativa das camadas populares. Havia poetas proprietários que escreviam e vendiam a outros editores que também eram autores de folhetos que versavam sobre o cotidiano nordestino.

No começo, os textos escritos eram chamados apenas de folhetos ou literatura de folhetos, a expressão literatura de cordel nordestina passou a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970, partindo daí a ser utilizada também pelos poetas. Todavia, “Os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente ‘folhetos’.” (ABREU, 1999, p.17). Essa é, pois, a denominação também adotada nesta pesquisa ao abordar a produção feita no Nordeste brasileiro: “folheto”, seguida pela expressão “de cordel”, adotada pelos estudiosos a *posteriori*.

Diferente da chamada “literatura de cordel” portuguesa, uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população, a literatura de folhetos nordestina derivou das cantorias, espetáculos que compreendiam a apresentação de poemas e desafios. “O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível.” (ABREU, 1999, p. 73-74).

Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX. A temática dos folhetos é, contudo, mais ampla. O poeta popular, além de detentor da tradição comum à literatura oral, qual o cantador, urde desafios e, da sua parte, tematiza o cotidiano. (TERRA, 1983, p. 17).

Os cantadores apresentavam-se em festejos privados ou públicos, onde fossem chamados. O desafio era o destaque e, segundo Abreu (1999, p. 84), inicialmente, os versos eram em quadra. “Essa talvez tenha sido a grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina, pois esse tipo de estrutura poética é a forma popular por excelência em Portugal.”

Consoante Abreu M. (1999), é no final do século XIX que as cantorias nordestinas começam a ganhar a forma escrita sem, no entanto, perder os traços marcantes da oralidade. Segundo a autora, não há uma definição categórica acerca de quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. É do escrito do próprio poeta nordestino que ela abstrai essa conclusão:

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado
Escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado (BARROS apud ABREU, 1999, p. 91).

Na história da literatura de folhetos destacam-se como primeiros autores: Leandro Gomes de Barros, em 1893; Francisco das Chagas Batista, com publicações a partir de 1902; João Martins de Athayde, em 1908. Alguns anos se passaram, e na época em que o cordel já estava firmado e se fazia presente nas varandas das fazendas, nas feiras livres, assim como nas malas dos próprios autores/vendedores ou de outros revendedores, cruzando o Brasil de norte a sul, nos idos de 1926, nascia Valeriano Felix dos Santos, "autor de uma quantidade considerável de folhetos de cordel" (SANTOS, 2014, p. 106) que ao lado de tantos outros

cordelistas sergipanos, nordestinos, brasileiros vieram para confirmar o que disse Borges citando Franklin: "Muita gente vê o cordel caindo das pernas. Mas ele sempre supera as crises." (BORGES, 2007, p. 14).

É assim que, sem nos deixar limitar pela precisão histórica de delimitar datas específicas, o que requereria um estudo mais acurado da questão, podemos afirmar que vislumbramos na história do folheto de cordel do nordeste brasileiro, três grandes fases: a primeira, que vai dos fins do século XIX até meados do século XX, quando da sua origem, formação, afirmação e apogeu. Época do surgimento dos primeiros escritores, dos primeiros folhetos, das primeiras tipografias e do estabelecimento das regras para o cordel tradicional.

A segunda, ocorrida em meados do século XX, quando da diminuição da produção dos folhetos, ocasionada por diversos fatores que não competiria aqui elencar. Foi nesse período que frases profetizando o fim do cordel fizeram-se ouvir. No entanto, é justamente nesse período que, conforme verificado nos escritos de Curran (1987), surge Rodolfo Coelho Cavalcante, cuja presença se caracteriza pela luta incessante para a organização dos escritores de cordel como movimento de classe. Nessa época, a partir de 1945, é realizada por ele a campanha contra a licenciosidade no cordel, visando "limpar as feiras de livros imorais", até que eles "gradualmente foram diminuindo" (CURRAN, 1987, p. 31); em 1955, foi realizado o Primeiro Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, na Bahia, no qual foi estabelecida a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros que, dentre outras finalidades, instituiu a "Fundação da 'Casa do Trovador' em toda cidade onde militem trovadores" (CURRAN, 1987, p. 49); em 1958, foi fundado o Grêmio Brasileiro de Trovadores, tentativa, inacertada, de juntar os poetas populares com os poetas de trovas, classificados como mais eruditos; em 1960, realização do segundo Congresso, em São Paulo. Acerca dele, já apontando para o ocorrido na terceira fase, cabe destacar aqui uma fala de Rodolfo Cavalcante citada por Curran (1987):

O Segundo Congresso não teve o mesmo sucesso do primeiro porque não foi propriamente um debate de classe. Quem tomou conta foram os eruditos. Lamentável isso. Foi o maior erro da minha vida que até hoje eu deploro, ter colocado os autores de trovas em nosso movimento. (CAVALCANTE apud CURRAN, 1987, p. 55).

A terceira fase acontece a partir dos anos setenta, quando o cordel passa a ser alvo dos olhares de estudiosos nacionais e internacionais que afirmam estar o cordel morrendo. Indo de encontro a essa ótica, Rodolfo Cavalcante funda a Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel e desabafa:

Dizem que a Literatura de Cordel está agonizando e que já tem seus dias contados. (...) Desde Leandro Gomes de Barros, nunca a poesia popular teve tanta aceitação pública, como nos dias atuais. Antes, eram apenas os sertanejos que apreciavam os **folhetos dos poetas populares do Nordeste**. Hoje, não somente os sertanejos, mas os próprios litoranos. (...) Ao todo, são mais de duzentos trovadores populares que vivem exclusivamente de Literatura de Cordel. E como se explica que a Literatura de Cordel está agonizando? Não, senhores falsos pesquisadores do folclore nordestino! A poesia popular está mais viva do que nunca, e, por isso, deve ser olhada com carinho por parte dos legítimos folcloristas nacionais. (CAVALCANTE apud CURRAN, 1987, p. 58, grifo nosso).

Como afirmou Cavalcante, a literatura de folhetos não estava agonizante, nem desfaleceu, nem desapareceu. Contudo, nesta que classificamos como terceira fase, ela mudou de forma e até de nome: passou a ser chamada com o designativo "cordel", introduzido pelos estudiosos da temática e aceito pelos poetas; pouco a pouco, saiu das tipografias e ganhou as gráficas; o folheto deixou de ser vendido pelos próprios poetas e trovadores nas feiras livres e passou a ser editado e comercializado pelas editoras e livrarias; abandonou, sim, definitivamente, o papel manilha vermelho, verde, azul e amarelo e passou a ser confeccionado com papel branquinho, sulfite, ganhando até um novo colorido; deixou de ser produzido somente por poetas populares, como afirmou Cavalcante, e passou a ser alvo de interesse também de professores e estudantes universitários, alguns até que se aventuraram, para além das pesquisas científicas, a escrever também cordéis. Fato é que o gênero cordel, em sua singeleza, em sua genuinidade, conseguiu chamar a atenção de um público cada vez mais amplo e diversificado que, não resistindo a tudo que ele representa de riqueza histórica e cultural, sucumbiu ante a articulação misteriosa e desafiadora de suas histórias, a fluidez e a simplicidade de sua linguagem e a grandeza de sua variedade temática, abrindo para o gênero uma nova vertente, adaptando-o aos novos tempos, confirmando o dito por Mikhail Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

O folheto popular se modificou, entretanto, não perdeu seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional. Muito pelo contrário foi ampliado seu campo de comunicação, servindo de testemunho ao que afirmou Bakhtin (1997) acerca do gênero ser sempre novo e velho e se renovar e renascer em cada nova fase do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.

2.5 O AUTOR: VALERIANO FELIX DOS SANTOS

Incontestável é a importância social e educacional do cordel tradicional, principalmente, para o Nordeste. E profícuo é o acervo do poeta Valeriano Felix dos Santos. Natural do município de Riachão do Dantas, filho de Vicente Felix dos Santos e Maria Antonia de Jesus, Valeriano nasceu em 14 de abril de 1926 e faleceu em 24 de agosto de 1996, aos setenta anos, na cidade de Simões Filho, no Estado da Bahia, onde residiu a maior parte de sua vida.

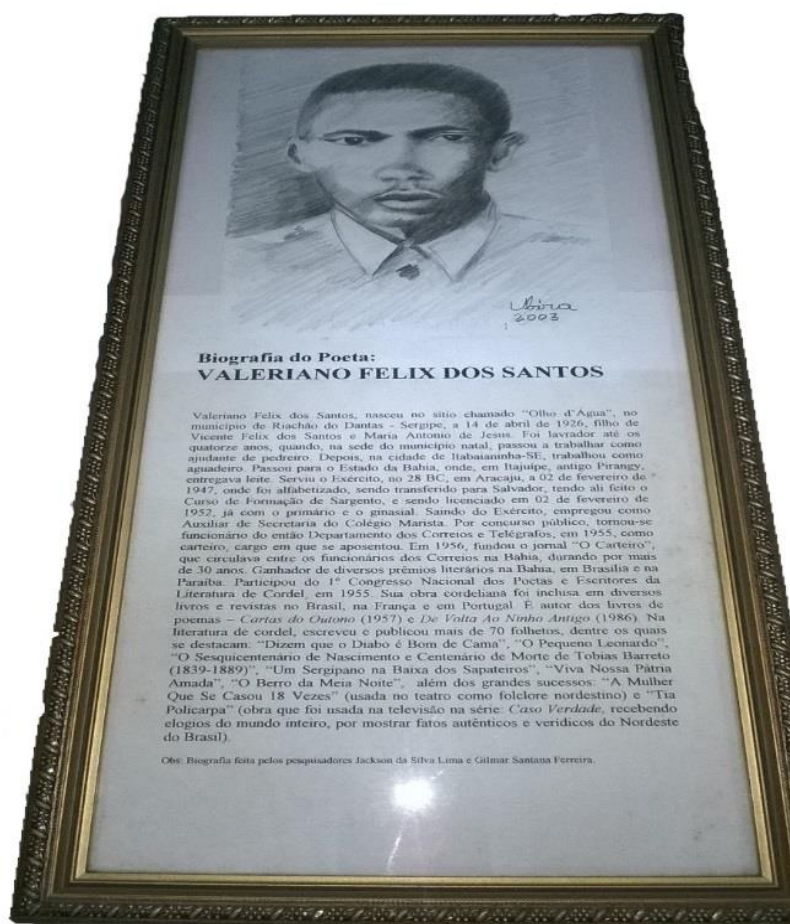
De acordo com Santos J. R. N. (2014, p. 106), além de cordelista, ele atuou também como jornalista e "galgou uma série de especializações no Exército, onde teve o primeiro contato com a educação. Foi funcionário público até sua aposentadoria, sem nunca abandonar a literatura de cordel". No *site* dos *Perfis Bibliográficos, Cordel* - Fundação Casa de Rui Barbosa, consta que ele "fundou o jornal 'O Carteiro' e, em seguida, trabalhou como funcionário público".

Também jornalista, Valeriano escreveu "O encontro de tia Policarpa com o seu destino", história baseada em fatos reais, ocorridos na região de Palmares, em Riachão do Dantas, estado de Sergipe. (SANTOS, 2014). A série foi exibida na semana de 10 a 14 de janeiro de 1983, no programa Caso Verdade, na Rede Globo. Esse programa veiculou obras originais e roteiros adaptados de cunho jornalístico e sinalizou também um olhar em direção à cultura nordestina.

O escritor é mencionado por diversos estudiosos da área. No dossiê sobre cordel, Carvalho (2002), ao fazer uma cartografia com a cena do cordel em diferentes Estados do Brasil, cita o nome dele dentre os poetas sergipanos, ao lado de Manuel D'Almeida Filho e João Firmino Cabral. No *Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, Átila Almeida e José Alves Sobrinho (1978, p. 257) também mencionam Valeriano Felix dos Santos como "poeta popular sergipano radicado na Bahia, reside em Simões Filho".

Todavia, mesmo domiciliado em outro estado, Valeriano nunca se desvincilhou de suas origens, nem foi esquecido pelos conterrâneos sergipanos. Seu nome figura entre os expostos na galeria da biblioteca Clodomir Silva, em Aracaju, no Estado de Sergipe. E, no dia 19 de julho de 2017, quando da instalação da Academia Sergipana de Cordel – ASC, cujo patrono é João Firmino Cabral, o poeta cordelista Valeriano Felix dos Santos foi escolhido e homenageado como patrono da cadeira nº 34, ocupada pelo acadêmico cordelista Givaldo Costa Silva.

FIGURA 1 - QUADRO DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS



Fonte: Quadro exposto na galeria dos cordelistas, na Biblioteca Clodomir Silva, contendo a biografia de Valeriano Felix dos Santos. Desenho: Ubira, 2003.

Na biografia do poeta, feita pelos pesquisadores Jackson da Silva Lima e Gilmar Santana Ferreira, exposta no quadro afixado na referida biblioteca, que é a primeira cordelteca do Brasil, consta que o jornal *O Carteiro* foi fundado em 1956 e circulou entre os funcionários dos *Correios da Bahia* por mais de trinta anos. Nela ainda consta que Valeriano ganhou diversos prêmios literários na Bahia, em Brasília e na Paraíba e participou do 1º Congresso Nacional dos Poetas e Escritores da Literatura de Cordel, em 1955, e que sua obra cordeliana foi inclusa em diversos livros e revistas no Brasil, na França e em Portugal. Diz ainda que ele publicou mais de setenta folhetos, além dos grandes sucessos: *A mulher que se casou dezoito vezes...*, representada no teatro como folclore nordestino (Anexo B); e *Tia Policarpa*, obra veiculada na televisão brasileira na série *Caso Verdade*.

Fato é que o poeta nunca se separou do cordel, publicando mais de cem obras (APÊNDICE E e ANEXO A). "A publicação de seus folhetos contava com o apoio de casas

comerciais de Salvador e Simões Filho [...] A venda [...] era revertida para a Casa e Creche Comunitária de Santa Luzia" que foi criada pelo autor e desenvolvia um trabalho assistencial junto às crianças carentes de Simões Filho. (SANTOS, 2014, p. 107).

Na obra *De volta ao ninho antigo*, dedicado aos filhos da sua terra, no texto de abertura, escrito pelo poeta em junho de 1986, quando em Palmares sua terra natal, Valeriano testemunha sua forte ligação às suas origens.

São versos que perambularam comigo pela vida inteira como imagens interiores, como manifestações latentes dos meus sonhos, mantendo vivas e carinhosamente guardadas as lembranças de tudo que se ligava a mim, como raízes da terra que foi meu primeiro berço: – Palmares. (SANTOS, s/d.).

Essa obra, classificada por ele como “antifonário de recordações”, é composta por 58 poemas, tem na folha de rosto a reprodução de uma fotografia do autor (3 X 4), abaixo da qual Valeriano dá testemunho de como ingressou no universo das letras: “Foi aos vinte anos que o Exército Brasileiro me alfabetizou.” Esse livro, além dos poemas mencionados, contém nas páginas iniciais a biografia do autor com uma relação dos cordéis já publicados e outros inéditos (APÊNDICE E).

Concluindo essa síntese biobibliográfica acerca desse poeta riachãoense, resta apenas destacar, aqui, o testemunho de Cleo Machado acerca do papel crucial do gênero cordel para sua formação leitora, especialmente da contribuição das obras de Valeriano Felix dos Santos.

Se hoje posso contar histórias, tudo foi graças às leituras realizadas durante minha adolescência, quando era um leitor habitual do gênero Literatura de Cordel, que é como qualquer outra forma artística, uma manifestação cultural.

Por meio da escrita da literatura de cordel são transmitidas as cantigas, os poemas e as histórias do povo pelo próprio povo.

Infelizmente, não tive condições na época de adquirir um número muito grande desses escritos e acabei lendo mais os escritos do poeta sergipano Valeriano Felix dos Santos que fez vários livros: "O encontro de Lampião com Adão no paraíso", "Somos brasileiros livres e cheios de fé no Brasil" [...] Estas leituras que fiz deram-me conhecimento para poder contar histórias, pois, além dos folhetins serem baratos, os conteúdos eram muito bons. (MACHADO, 2017, p. 39).

A literatura de cordel não só teve valor histórico, social, econômico e cultural para a vida daqueles que faziam parte da comunidade discursiva onde o gênero circulava, como também teve valor educacional na formação leitora de inúmeros brasileiros, principalmente

nordestinos. Muitos dos escritores e pesquisadores, a exemplo de Cleo Machado e da autora deste projeto, que ora dá seu próprio testemunho, adentraram no mundo da leitura por meio deles.

Muitos analfabetos compravam para alguém da família ou da vizinhança, que sabia ler, o fizesse geralmente numa sessão ao entardecer ou num dia de folga de trabalho. E muitos dessa assistência foram seduzidos pelo prestígio da leitura, aprendendo a ler sozinhos com o chamado folheto de feira, principalmente os da modalidade de “abecê”. (MAXADO, 2005, p. 233)

A análise do folheto de cordel em estudo neste trabalho de pesquisa nos permitirá compreender melhor a riqueza do conteúdo e da forma do cordel, sua linguagem, sua constituição, sua excelência, seus valores, sua beleza e quem sabe até compreender de onde provem sua força imorredoura. Ele é voz, sabedoria e fazer do povo.

2.6 ANÁLISE DO FOLHETO DE CORDEL *A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...*

Como frisado no tópico anterior, não foram poucos os folhetos de cordel de autoria de Valeriano Felix dos Santos. Este trabalho de pesquisa, entretanto, restringiu-se, como suporte para a ação pedagógica efetivada, à análise da obra *A mulher que se casou dezoito vezes...*, cuja edição mais antiga, de que se tem registro, consta do ano de 1972 (SANTOS, 2016), alcançando diversas outras publicações nos anos subsequentes. Essa se tornou a mais conhecida e divulgada obra do autor.

A restrição ao estudo de apenas este folheto de sua autoria não diminui a ênfase que este trabalho deseja dar ao seu autor no meio geográfico onde nasceu, nem faz desmerecer o conjunto de sua obra. Pelo contrário, além de melhor atingir a consecução do objetivo primordial deste projeto que é realizar a leitura verbo-visual do referido folheto, propiciando o letramento literário a alunos da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, vinculada à Rede Municipal de Ensino, em Riachão do Dantas (SE), coaduna-se com o afirmado por Roiphe (2011, p. 120), “que o exercício da leitura verbo-visual de um folheto, em particular, pode auxiliar no estudo da literatura de cordel em geral”. Inicialmente, faz-se necessário esclarecer qual exemplar será objeto da análise que nos

propomos fazer neste estudo. Isso porque o mais recente, publicado pela Editora Luzeiro², diverge em vários aspectos do modelo da primeira edição, tanto no que diz respeito à parte visual, observada na capa, quanto à forma como foram dispostas as estrofes no interior do folheto.

Essa diferença na organização das estrofes por página representa uma alteração significativa na própria apresentação geral do folheto que, das 16 páginas iniciais, passou para 32, pois, além das 29 páginas relativas à parte da narrativa propriamente dita, foram acrescentadas mais três: a página 30, onde foi aposto o texto "QUEM CONHECE TRANCOSO?"; a página 31, na qual está impresso o "HINO NACIONAL BRASILEIRO"; e a 32 onde foram colocados alguns dados sobre a impressão gráfica. Em relação a parte da história, para o cordelista tradicional existe uma forma que precisa ser seguida em relação à estrutura do folheto.

[...] o poeta vai continuando a sua narração até completar 8, 16 ou mesmo 32 páginas – as mais usadas. Pode, porém, estender-se até 64 páginas. Em cada página cabem cinco estrofes [...]. Na primeira, apenas quatro – para que o título da História, do Folheto ou do Romance fique mais destacado, bem como o nome do autor. (CAVALCANTE apud ABREU, 1999, p. 110).

Essa foi a estrutura geral seguida por Valeriano Felix ao escrever *A mulher que se casou dezoito vezes...*, em sua primeira publicação. O folheto original consta de 79 estrofes, distribuídas em 16 páginas. Na primeira página, quatro estrofes; nas demais, cinco. Ressaltar esse aspecto da apresentação geral da obra é primordial porque dele depende seu enquadramento como folheto, forma como aqui o classificamos. Abreu (1999), citando ainda Cavalcante, esclarece acerca dessa classificação como folheto ou romance:

Os textos estão vinculados a uma certa quantidade de páginas (entre 8 e 64), indicando que as decisões tipográficas tomadas por João Martins de Athayde na década de 1920 tornaram-se um padrão. O número de páginas define, também, o conteúdo da publicação. Considera-se folheto a brochura de oito a dezesseis páginas, destinada a abrigar (pelejas e poemas jornalísticos), e romance a de 24 a 56 páginas, reservada às narrativas ficcionais. Desta forma,

²A Editora Luzeiro é uma grande editora de São Paulo, com sede no bairro do Brás, cujo fundador e proprietário até 1995 foi Arlindo Pinto de Souza e o atual dono é Gregório Nicoló. Ela tem toda sua publicação voltada para o público popular. A maior parte da produção é de literatura de cordel. Este fato desperta um grande interesse com relação a essa Editora, pois ela publica, em São Paulo, um grande número de folhetos de cordel que, pela tradição, são feitos e publicados nos estados do Nordeste [...] A Luzeiro veio da Editora Prelúdio que, em 1981, se transforma em Editora Luzeiro. (SOUZA, Ana Raquel Motta de. *Editora Luzeiro - Um estudo de caso*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/raquel.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.)

a composição do texto é subordinada a um espaço previamente estipulado. (ABREU, 1999, p. 113).

Portanto, não foi ao acaso a estrutura geral da obra feita por Valeriano. O modelo da atual impressão editada pela Luzeiro resultou na distribuição das estrofes em 29 páginas, pois foram colocadas apenas três estrofes por página, com exceção da primeira e da última, onde constam apenas duas estrofes em cada. Essa forma desvincula, graficamente, o folheto da sua classificação primeira à qual o autor, parece-nos, quis enquadrá-la. Por isso, é a versão original que será aqui analisada.

Acerca das alterações no formato, efetuadas pela Luzeiro, quando da publicação do folheto, vale mencionar, porém, ser essa uma prática comum da editora. Conforme Souza (2016, p. 4), a antiga Prelúdio, nome anterior da editora, já fazia essas modificações no folheto, visando imprimir "uma qualidade técnica superior a que eles vinham sendo publicados no Nordeste. Esta qualidade técnica – folheto maior, ilustrações coloridas na capa, papel melhor – foi citada em muitas das entrevistas como um fator que auxilia a venda de folhetos". Ela ainda destaca a fala de Arlindo que frisa:

[...] já aconteceu com o Manoel D’Almeida, na banca, lá em Aracaju, procurarem, por exemplo, Pavão Misterioso. Então ele olha aquele colorido e o que publicavam no Nordeste. Que publicavam, não publicam mais. Ele perguntava qual era o...ele não falava autêntico... qual era o verdadeiro. O Manoel D’Almeida dizia: ‘os dois são verdadeiros’. ‘Então eu quero este, de capa colorida.’ Que era mais bonitinha, atraía mais, etc, era um pouco mais caro mas, atraía mais. (SOUZA, 2016, p. 4, grifo do autor.)

Compreende-se, pois, que as modificações feitas pela Editora Luzeiro na estrutura do folheto de Valeriano Felix dos Santos, *A mulher que se casou dezoito vezes...*, faz parte de uma postura adotada pela editora, pois, na visão desta, era preciso "melhorar" o aspecto visual dos folhetos, favorecendo a venda. “As gravuras populares têm valor incontestável de obra de arte” (ESMERALDO apud MARANHÃO, 1981, p. 23), contudo, não são percebidas assim por todos aqueles que procuram adquirir o folheto.

O folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, na edição de 1972, traz em sua capa uma xilogravura³, de autoria de Joselito Duque, artista plástico baiano. Contudo, como frisado

³“Etimologicamente, a palavra xilogravura é composta por **xilon**, do grego, e por **grafó**, também do grego. Xilon significa madeira e grafó é gravar ou escrever. Assim, xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira. Simplificando, pode-se dizer que é um processo de impressão com o uso de um carimbo de madeira.” Disponível em: < <http://www.casadaxilogravura.com.br/xilo.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017

anteriormente, as alterações feitas pela Luzeiro no folheto foram bastante significativas, alteraram sua estrutura interna e, principalmente, a constituição da capa. Esta continuou composta por meio da linguagem verbal e da linguagem visual, porém, para além do colorido que lhe foi acrescentado, o novo desenho gráfico do cemitério o transformou em uma imagem totalmente diversa da original. Aqui, outra leitura deverá ser feita e, portanto, procederemos a ela. A opção em fazer, primeiramente, a análise da capa atual deu-se pelo fato de que esta será, aqui, alvo de uma leitura mais abreviada, haja vista ser a versão original o foco desta análise. No entanto, para fins de leitura com os estudantes da turma selecionada será utilizada a versão publicada pela Editora Luzeiro, cuja padronagem colorida tornou o folheto mais atrativo para o público leitor atual e cujos exemplares encontram-se disponíveis ainda hoje.

Para efeitos de análise da obra estudada, utilizamos a seguinte codificação: a letra "E" em referência a estrofe do folheto, seguida do número a ela correspondente na estrutura original. Também doravante utilizaremos a expressão "verbovisual" em detrimento da forma convencional "verbo-visual". Essa escolha deve-se ao fato de ambas as linguagens, no folheto de cordel, estarem tão imbricadas que somente a justaposição, sem emprego do hífen, poderia dar conta de traduzir visualmente a concepção ora adotada. Assim também se posicionou Roiphe (2013), ao colocar, como subtítulo do livro *Forrobodó na linguagem do sertão*, o enunciado "Leitura verbovisual de folhetos de cordel".

2.6.1 Sobre as capas do folheto

No folheto de Valeriano, a imagem da capa – um cemitério com dezoito túmulos – pode ser relacionada diretamente com vários trechos narrados no interior da obra, dentre os quais o exposto na vigésima segunda estrofe:

Mas em cada sepultura,
Há-de deitar uma flor,
Dizendo, - durma feliz,
Ó meu décimo oitavo amor!...
Que a terra te seja leve,
E outro irá muito breve,
Aliviar tua dor!... (SANTOS, s.d., p. 5)

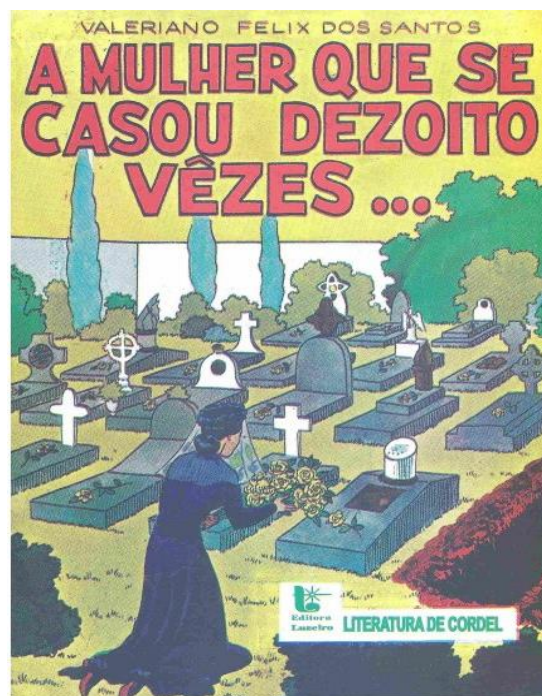
Diante de todo o exposto, pode-se perceber que, no cordel, linguagem verbal e visual estão imbricadas, sendo ambas constitutivas do gênero, assim sendo, deveriam ser

sempre lidas simultaneamente. Elas formam um todo, coeso, onde perguntas e respostas se encontram e relações de sentido são estabelecidas.

FIGURA 2 - CAPA ORIGINAL DO FOLHETO *A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...*, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS. DESENHO DE JOSELITO DUQUE.



FIGURA 3 - CAPA DA VERSÃO ATUAL DO FOLHETO *A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...*, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS, SEM AUTORIA, PUBLICADA PELA EDITORA LUZEIRO.



A capa da publicação atual é um desenho gráfico, colorido, onde o nome do autor vem no alto, todo em caixa alta, grafado de vermelho, sombreado de verde. Não vem mais precedido pela expressão "autor", uma vez que, atualmente, não existe mais a preocupação de marcar a autoria por meio dessa técnica como antigamente. Logo abaixo dele, o título, também, todo em caixa alta, na cor vermelha, tem cada uma de suas letras contornadas com risco preto. Ele ocupa cerca de 1/4 da capa. Ambas as informações estão sobre um fundo amarelo, trazendo um destaque ainda maior ao título. Logo abaixo desse texto que, por si somente, já se constitui verbal e visual, vem a imagem do cemitério no qual, em relação à primeira versão, em preto e branco, percebe-se a presença de novos elementos. Os dezoito túmulos não são mais todos uniformes como no original, pelo contrário, cada um é caracterizado de forma bastante específica, contendo diferentes modelos de cruzes, e até outros símbolos, sugerindo mais o sincretismo religioso presente em um pequeno trecho da obra (Estrofes 36 e 37. Doravante, as estrofes são identificadas apenas pela inicial E seguida

do número correspondente.) do que o catolicismo nela apresentado de modo muito mais recorrente, como se verá adiante.

Outro dado evidente é a não existência de uma coroa de flores sobre cada um desses símbolos, como há no original sobre cada cruz. Já a flor sobre cada cova permanece, só que em tom amarelo e não roxo; e se trata de uma rosa, não de um cravo, destoando totalmente do exposto no corpo da narrativa (E. 23). O ramalhete nas mãos da mulher, também composto por rosas amarelas, está distendido para o lado direito desta que aparece ajoelhada, de perfil, como na primeira versão, só que, agora, ela encontra-se ligeiramente inclinada para a direita e não para a esquerda. É, justamente, sobre a mão direita que se encontra distendido o buquê que aparece preso pela mão esquerda. Portanto, se a capa original só permite ver a mão esquerda, sustentando o ramalhete, nesta, ambas são vistas, principalmente, a direita, por estar dando suporte ao buquê.

A mulher encontra-se, nas duas versões, praticamente na mesma posição, ajoelhada aos pés do décimo oitavo túmulo. Em ambas, ela está trajando um vestido longo de mangas compridas. Todavia, na versão da Luzeiro, ele é azul e deixa à mostra apenas a sola dos sapatos que tem um colorido avermelhado; na versão original, ele é preto e encontra-se repuxado, como de propósito, para deixar ver as pernas, do meio das panturrilhas até os pés, agora calçados com sapatos pretos de salto baixo, branco. Um dado significativo é que a parte exposta das pernas apresenta um traçado em diagonal, sequenciado e um tanto alongado, de um lado e de outro, parecendo sugerir a presença de espessos pelos, particularidade mais visíveis no masculino.

O cabelo é comprido, conforme descrição feita no interior da obra (E. 5). Este, porém, encontra-se preso com um coque baixo, na nuca, ao contrário da primeira capa onde a mulher traz os cabelos soltos, deixando ver mais diretamente seu comprimento até o meio das costas. Na cabeça, percebe-se um chapéu; e, sobre os ombros, uma minicapa em um tom de azul mais claro que o do vestido. Esses dois elementos são inexistentes na primeira versão.

Do lado direito inferior, permanece a imagem da cova aberta, com a cor da terra, que fora dela retirada e exposta em suas laterais, um pouco mais avermelhada que o tom natural, como a dar uma "ideia de sangue". Ao pé desta, a expressão "LITERATURA DE CORDEL" toda em preto, caixa alta, escrita dentro do traço horizontal, bastante alongado, constitutivo do logotipo em formado de "L", que traz a denominação "*Editora Luzeiro*" aposta na parte de baixo do traço vertical. Acima do nome da editora, ainda dentro do logotipo, que tem o fundo branco, encontra-se grafada a imagem de um "L", maiúsculo, com a ponta de baixo retorcida

para dentro, sobre a qual está firmada uma estrela de oito pontas, desenho semelhante a rosa dos ventos com seus pontos cardeais e colaterais, como a sugerir um "luzeiro"⁴. Eis, em suma, o observado na atual capa produzida graficamente pela referida editora.

Cabe ressaltar que não é pretensão nossa, neste trabalho, fazer um estudo comparativo entre as duas versões, a original e a mais recente, do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos. No entanto, não podemos nos furtar de pincelar ora aqui, ora ali, as diferenças principais entre elas, sempre tendo como objetivo destacar ainda mais a forma disposta por Valeriano na versão primeira. De modo que toda análise estará centrada no modelo desta e ao nos referirmos a padronização atual nos reportaremos diretamente a esse fato. Procedamos então à análise mais pormenorizada do folheto alusivo à primeira publicação.

Na capa de 1972, em cima, a indicação: “Autor: VALERIANO FELIX DOS SANTOS”, todo em caixa alta, modo de destacar o nome do autor. O fato de este vir precedido da expressão “Autor” é outro dado relevante, uma vez que, desde o início da produção escrita dos folhetos de cordel, sempre houve uma preocupação com os direitos autorais. Isso porque muitos poetas viviam da venda de suas composições e eram responsáveis não só pela criação, edição, mas também pela venda dos poemas. Mesmo quando havia a figura do revendedor, este se subordinava ao autor, dele recebendo autorização e material para venda, recebendo por ela uma comissão. (ABREU, 1999).

Os poetas preocupavam-se com questões de direitos autorais e de propriedade dos textos [...] por isso imprimiam seus nomes na capa e na primeira página dos folhetos, estampavam seus retratos, utilizavam acrósticos nas estrofes finais. (ABREU, 1999, p. 98).

Nesse folheto de Valeriano, a autoria é indicada apenas na capa e na primeira página. Em seguida, logo abaixo do nome do autor, completando os dados verbais existentes na capa, está o título, *A mulher que se casou dezoito vezes...*, todo em caixa alta, de forma bastante destacada.

Digna de nota é também a elaboração do título, pois, muitas vezes, o público tomará sua decisão de comprar em função dele. É preciso que ele indique o tema desenvolvido pelo folheto – é uma história de amor, de moralidade, um

⁴O nome "Luzeiro" remete a um termo usado comumente no Nordeste, que tem o sentido de "algo que ilumina", "foco de luz". (SOUZA, 2016, p. 4. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/raquel.html>>). Acesso em: 12 out. 2016.

fato “jornalístico” etc. – sem antecipar todo o desenvolvimento. Além disso, um enunciado curto e com forte teor informativo é mais chamativo e de mais fácil compreensão. (ABREU, 1999, p. 114).

O título escolhido por Valeriano para o folheto em questão vem atender, perfeitamente, ao esperado. E a imagem aposta na capa vem complementar-lhe o sentido, sem, no entanto, revelar em sua totalidade o que aconteceu. E, como a imagem colocada na capa do folheto de cordel não pode ser uma ilustração qualquer, mas sim uma coisa relacionada com o fato sobre o qual se escreveu (MARANHÃO, 1981), ela corrobora para a construção geral dos sentidos já suscitados pelo texto verbal.

Ainda em relação ao título, o artigo definido “A” indica tratar-se de uma mulher específica, como a chamar atenção para o fato dela ser “única”. Outro indicativo da singularidade da mulher, para a qual o título parece querer chamar atenção, é o uso do “se” como pronome reflexivo, denotando uma postura não passiva da mulher diante do casamento. Toda ação parte dela e volta para ela, como a sugerir que toda a ação do verbo casar tem nela seu início e seu fim. É ela quem toma a atitude, quem procura um marido. Esse fato vem ao encontro do exposto na linguagem verbal no interior do folheto, descrito também na capa: trata-se da mulher que já se casou “dezoito” vezes. E, conforme sugerido por meio das reticências colocadas no final do título e da cova aberta no canto inferior direito da imagem, está ainda esperando outro pretendente para se casar.

A imagem do cemitério traz, embaixo, no canto direito, o nome do artista plástico – Joselito Duque – misturado aos traços horizontais que estão rentes ao chão. Nele, os dezoito túmulos, já mencionados, estão distribuídos em quatro fileiras dispostas na horizontal. De cima para baixo, observam-se, na primeira fila, quatro túmulos; na segunda, sete; na terceira, cinco; e na quarta e última, duas. No fim desta, porém, uma cova já se encontra aberta como a esperar pelo próximo marido, pois havendo dezoito túmulos, resta clara uma relação numérica com os dezoito maridos. Então, todos morreram?! Será mesmo que os dezoito jazigos são todos dos ex-maridos da mulher aludida no título?! Mas, então, se forem, como morreram esses maridos?! Eis a questão! Está suscitado o mistério. E este será o grande chamamento feito pela capa do folheto. Isso é possível porque uma série de questionamentos podem ser feitos a partir da leitura conjunta dos elementos verbais e visuais nela existentes.

Apesar da ideia de conjunto sugerida pela imagem do cemitério, a análise individual de alguns elementos nele presentes precisa ser realizada, pois, mesmo sendo dezoito maridos, cada um teve sua história, ainda que breve na vida da mulher, e cada um foi único. Essa noção

de particularidade é estabelecida pela própria individualização dos jazigos e também pela existência de uma cruz, uma coroa, um cravo. E há também somente uma mulher, apesar de "usa[r] dezoito alianças / Nos dedos de suas mãos," (E. 11).

Mas quem é essa mulher? Sua imagem aparece na parte inferior, de frente para os túmulos e de costas para o leitor, parece esconder sua fisionomia e, de certa forma, sua identidade e aguçar mais ainda neste a curiosidade para saber quem é ela e por que já enterrou dezoito maridos? O que ela tem? Por que nenhum deles sobreviveu depois do casamento?

Silhueta esguia, cabelos compridos, traja um vestido fechado até o pescoço, de mangas compridas. O braço esquerdo, dobrado no cotovelo, formando um ângulo quase fechado, deixa a mão um pouco elevada como a dizer: "Durma feliz, / Ó meu décimo oitavo amor!..."(E. 22). O ramalhete, na mão direita, cheio ainda de flores, apesar dela só colocar uma em cima de cada túmulo, também parece ser indicativo de que outros maridos são esperados, como sugerido pelas reticências do título e pela cova aberta, uma vez que quem se casar com ela, morrerá. Isso é o que está expresso na décima quinta estrofe.

E naquele cemitério,
Uma cova existe aberta,
Pois quem casar-se com ela,
Perde a cama e a coberta,
Não comerá mais pirão,
Pode levar o caixão,
Que tem a morte por certa! ... (SANTOS, s.d., p. 4)

A imagem da cova aberta aos pés da mulher, bem ao seu lado direito, abre espaço para que outras relações de sentido possam ser estabelecidas, mesmo que sugestivamente. Se é do lado direito, conduzindo-a pelo braço, que o noivo leva a nubente ao altar, é do mesmo lado que ele ficará após o casamento só que não em pé ao lado da esposa, mas sob seus pés, embaixo do chão, morto, total e irreversivelmente subjugado. Vencido. De pé, somente ficará a mulher, sempre.

Essa relação de sentido sugerida pela leitura verbovisual dos elementos constantes da capa coaduna-se, portanto, com a história narrada no interior do folheto. A certeza de que o próximo marido também morrerá é confirmada na septuagésima quinta estrofe:

Ainda no mês passado,
Publicou um edital
"Viúva Paraibana,
Dorotéia Carvalhal,
... Quem desejar suicidar-se,
Basta com ela casar-se,
Tem de graça o funeral! ..." (SANTOS, s.d., p. 16)

O símbolo da cruz, colocada sobre cada túmulo, é uma evidência, na linguagem visual, da religiosidade cristã católica da mulher, bem como dos seus maridos. Essa ideia é ratificada claramente por meio da linguagem verbal: "Só me caso com cristão! ..." (E. 64). A religiosidade, portanto, é um aspecto recorrente na obra. Vários versos fazem alusão a ela: "Fez uma linda capela / Na sua propriedade ... / P'ra rezar p'ra seus finados" (E. 14); "Tendo na mão um rosário" (E. 18); "Levará para a capela,/ E mandará dizer missa! ..." (E. 19); " Há de rezar um mistério,/ E uma Salve-Rainha! ..." (E. 21); "Tendo feito a penitência, naquela igreja sozinha" (E. 25); "Que devia confessar-se!..." (E. 36); "Disse: -Virgem Mãe Senhora" (E. 40); "Determinação divina" (E. 44); "Batizarei por João! ..." (E. 47); "Um padre p'ra lhe casar" (E. 50); "Quando o padre disse amém" (E. 63); "Disse o padre zombeteiro: / ... chama-se logo o coveiro, / Que a extremunção eu dou! ..." (E. 67).

Se são muitos os versos onde é evidente o catolicismo, por meio dos símbolos (a cruz, o rosário); dos dogmas (oração pelos mortos, celebração da missa, oração do rosário, realização de penitência, crença em Maria Santíssima, crença nos desígnios de Deus); da ministração dos sacramentos (confissão, batismo, matrimônio, ordem e unção dos enfermos); bem como pela presença do padre; também outras crenças religiosas encontram-se presentes: "E pensando ser feitiço" (E. 17); "Para tirar o quebranto,/ procurasse um pai de santo,/ todo seu corpo fechasse! (E. 36); "Este fez muita mandiga / tomou banho de sucena" (E. 37). Há ainda a crença na existência de seres das trevas: "E se ela for um vampiro" (E. 62); assim como a crença nas superstições presentes nos ditos ou expressões populares: "Na ponta do fígado branco!..." (E. 76).

A capa do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, é, portanto, de uma riqueza de elementos bastante significativos para o entendimento geral da obra. É, indiscutivelmente, um convite ao leitor para adentrar na história e tentar compreender o mistério por trás de tantas mortes e tantos detalhes. Dentre esses, mereceria uma análise especial cada um dos símbolos colocados sobre os túmulos na versão criada pela Editora Luzeiro. Mas, isso, por si só, já daria outro estudo. Por ora, é preciso concluir a análise da capa original, falando um pouco mais acerca de um elemento particular: os cravos.

Se, na capa, chama à atenção a presença de cada um deles sobre os túmulos, no interior do folheto, merece destaque a existência de certa evolução para a apresentação dessas flores. Na vigésima segunda estrofe, o narrador menciona uma flor deitada – "Há-de deitar uma flor," – mas só a identifica na estrofe seguinte:

E em cada por do sol,
 Vai a cada sepultura,
 E lhe põe um cravo roxo,
 Côm da sua desventura...
 E pondo a mão sobre o peito,
 Dirá: - Deus me dá um jeito,
 De carpir tanta amargura... (SANTOS, s.d., p. 5)

Os cravos servem para adornar os mais diferentes lugares. Vão dos casamentos aos funerais. Nesse caso, no folheto de Valeriano Felix dos Santos, servem para adornar o túmulo dos maridos mortos, passando também a ideia de reverência. Mais que rotineira, a ação da mulher remete à ideia de penitência, haja vista que é repetida a “cada por do sol”. Essa ideia de penitência é explicitamente colocada duas estrofes depois: “Tendo feito a penitência” (E. 25). A mulher está carpindo sua “amargura”, chorando sua “desventura”. O cravo roxo traz em sua simbologia, além da ideia de capricho, ou seja, a capacidade de mudar de acordo com capricho, fato que pode incidir em certa inconstância, também a ideia de desventura, solidão.

Por fim, resta perceber a disposição da imagem do cemitério em relação à inteireza da capa. Este, na versão original, parece está sendo visto, um pouco, da direita para a esquerda, de cima para baixo, com um certo distanciamento. Na versão atual, ele continua sendo visto da direita para a esquerda, mas de um ângulo mais baixo, quase rente ao chão, dando uma ideia de proximidade. Portanto, é hora de se aproximar mais um pouco e ver o que há no interior dessa história.

2.6.2 Estrutura do folheto

Trata-se de uma narrativa em verso, contando a mirabolante história de Dorotéia Carvalhal, uma mulher que já se casou dezoito vezes, e em igual número enviuvou, e o mais extraordinário ainda, continua virgem e "louca p'ra casar" (E. 2). O folheto, conforme já fora dito anteriormente, é composto por 79 estrofes, cada uma de sete versos de sete sílabas com rima ABCBDDB. Elas estão distribuídas em 16 páginas, tendo a primeira quatro estrofes e as demais, cinco.

Constatando a informação de Ruth Terra (1983, p. 24), de que "inicialmente os folhetos eram impressos em tipografias de jornal ou em tipografias que faziam serviços gráficos diversos", na primeira página da versão original da obra *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, consta um carimbo, cujo registro, mesmo que

um pouco apagado ainda permite ler as seguintes informações: "Tipografia e Livraria Bahiana [...] / Rua [...] 18 / Pelourinho [...] 0000 / Salvador Bahia".

Evidentemente, não existe subdivisão no interior da obra com marcas de enumeração. Contudo, sua leitura permite perceber que a narrativa está subdividida em duas grandes partes: a primeira, que vai do início até a vigésima nona estrofe; e a segunda, da trigésima estrofe até o final da narrativa.

A primeira parte pode ainda ser subdividida em quatro momentos: o primeiro, restrito à estrofe número um, na qual o poeta faz o exórdio, dizendo logo nos versos iniciais que contará uma história e que vale a pena "escutá-la". A escolha dos verbos "contar" e "escutar" permite uma remissão às origens do cordel nordestino: a oralidade. A história é caracterizada como "interessante" e o poeta dialoga diretamente com o suposto leitor/ouvinte: "Você pode rir bastante!..." (E. 1). Também nessa estrofe, faz-se presente o "disse me disse" (Roiphe, 2016), outro elemento característico do cordel: "Se verdadeira, não sei,/ Quem me contou não garante" (E. 1).

O segundo momento vai da estrofe número dois até a décima terceira. Nele, o poeta apresenta Dorotéia, "a mulher que se casou dezoito vezes", ressaltando suas características. O terceiro restringe-se à décima quarta estrofe, uma espécie de sinopse do desfecho da história, na qual fica claro que todos os maridos morreram:

Fez uma linda capela,
Na sua propriedade...
P'ra rezar p'ra seus finados,
Quando lhe chega a saudade!...
Dorotéia é caso sério,
Também fez um cemitério,
Com dezoito sepultados!... (SANTOS, s.d., p. 3)

O quarto momento vai da décima quinta à vigésima nona estrofe. Nele é apresentado o contexto em que vive a personagem principal, fazendo uma espécie de anúncio dos acontecimentos que serão detalhados na segunda parte do folheto, relativos à situação de Dorotéia e seus maridos. Nesse momento, é bastante recorrente a presença de verbos no futuro: "comerá", "casar-se-á", "tentará", "pulará", "será", "deitará", "levará", "mandará", "chorará", "irá", "dirá", "voltará". O emprego desse tempo verbal é bastante condizente com essa parte da narrativa, pois o poeta, colocando-se como narrador onisciente, antecipa para o leitor/ouvinte parte dos acontecimentos que serão apresentados na segunda parte do texto, criando certa expectativa.

Portanto, na segunda parte da narrativa, que vai da trigésima estrofe até o final, o poeta conta como morreu cada um dos maridos. "Eu agora vou narrar / Como morreu seus maridos" (E. 30). Ainda nessa parte, de certa forma, encontra-se presente outro aspecto bastante característico da literatura de cordel: o desafio. Este, porém, será alvo de uma análise acurada mais adiante quando do estudo da personagem Dorotéia. Por ora, compete, respeitando a estrutura geral do folheto, aprofundar a análise a partir da primeira parte da narrativa.

Na primeira estrofe, além do exposto, anteriormente, acerca do exórdio, vale destacar a perspectiva do poeta que se coloca como narrador: "E enquanto vou narrá-la", diz ele. No folheto em estudo percebe-se também a presença de outros elementos próprios do gênero narrativo: a existência de uma personagem principal (Dorotéia Carvalhal) extrema e intensamente caracterizada ao longo da história, assim como de personagens secundárias (os maridos), uns mais caracterizados, outros menos; a presença do discurso direto e indireto; a evolução temporal e espacial; o enredo, a trama, o desfecho, inclusive com a introdução de um elemento novo – o médico – que trará uma "luz", ou seja, uma explicação nada científica, muito pelo contrário, um tanto folclórica para elucidar todo o mistério.

Acerca dos aspectos anteriormente mencionados, ao longo desta análise, mostrar-se-á como cada um deles vai se configurando como parte constitutiva da história, uma história que parece "de trancoso"⁵, na acepção veiculada na trigésima página da versão atual do próprio folheto publicado pela Editora Luzeiro, pois, como se percebe já na segunda estrofe, onde é apresentada a personagem principal –Dorotéia – trata-se de uma mulher que se casou **dezoito** vezes e, como ela mesma manda publicar nos jornais, "Está louca p'ra casar!..." (E. 2).

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéia,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus reveses...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

⁵A expressão trancoso aparece com frequência na linguagem popular, denominando histórias de encantamento, de autor desconhecido, ou mesmo lendas e crendices-. As Histórias de Trancoso independente de autores, recebem essa denominação) são contadas pelos pais aos filhos e foram fonte de inspiração de muitas obras hoje famosas na LITERATURA DE CORDEL." (SANTOS, Valeriano Felix dos. **A mulher que se casou dezoito vêzes...** São Paulo: Luzeiro, s.d., p. 30.)

O fato de mandar publicar nos jornais parece evidenciar ainda mais a ansiedade da mulher em casar-se novamente. Essa nota, por outro lado também, parece fazer alardear o "disse me disse" revelado pelo narrador na estrofe inicial: "Se é verdadeira, não sei, / Quem me contou não garante," (E. 1). Essa, segundo Roiphe (2016), tratando de outro folheto intitulado *A mulher que Rasgou o Travesseiro e Mordeu o Marido Sonhando com ROBERTO CARLOS*, é outra característica também presente no cordel. E, muitíssimo bem, pode ser aplicado ao folheto de Valeriano em análise neste trabalho, o trecho escrito por Roiphe, referindo-se ao citado folheto de Apolônio Alves dos Santos: "Nesse folheto, os personagens não são fuxiqueiros. O fuxico vem do poeta que, sem pudores e em tom irônico, narra a história." (ROIPHE, 2016, p. 78).

Segundo Gaiarsa (1978, p. 49), "fofocar é falar com outro sobre o que vimos – ou ouvimos – e um terceiro ausente". O sentido do fuxico está na sua capacidade de provocar espanto, aguçar a curiosidade e eximir, de certa forma, o contador da fofoca da responsabilidade de provar a veracidade dos fatos narrados. "O começo subjetivo e individual da fofoca é sempre o espanto diante do que o outro fez (ou diante do que eu imagino que ele fez) de diferente de mim – de diferente do que eu faria." (GAIARSA, 1978, p. 159). Roiphe vem dizer, porém, que a associação feita entre a curiosidade e a tagarelice não é um fato novo. Citando Plutarco, afirma: "A tagarelice acompanha-se de curiosidade, e esse mal não lhe é inferior: queremos saber de muitas coisas por termos muitas coisas a contar." (PLUTARCO apud ROIPHE, 2016, p. 21).

Assim sendo, no folheto de Valeriano Felix dos Santos, a curiosidade despertada pelo fuxico associa-se ao mistério da mulher que se casou dezoito vezes. Como e por que ela já se casou dezoito vezes? Onde estão seus maridos? O que aconteceu com eles?

A resposta a essas questões é o que se propõe o narrador apresentar a partir da trigésima estrofe, na abertura do que classificamos como segunda parte da obra, conforme frisado anteriormente: "Eu agora vou narrar/ Como morreu seus maridos" (E. 30). Esse é o chamamento feito pelo poeta de modo a aguçar a curiosidade do leitor acerca do problema em torno da morte dos maridos da mulher, uma vez que logo no começo da narrativa deixa claro que todos os maridos, realmente, estão mortos. "Sobre-nomes dos maridos,/ Tristemente falecidos," (E. 10). Mas como?! "Os 'porquês' deste segredo/ são todos desconhecidos..." (E. 30).

A expressão "os porquês", destacada entre aspas, revela a intensidade do segredo, estabelecendo por meio da linguagem verbal uma relação direta com o visual da capa, onde

são vistos os dezoito túmulos, uma cova aberta e uma mulher de costas, e uma série de questionamentos são iniciados. Mesmo aqui, praticamente na metade do folheto, a incógnita continua. Mas, afinal, quem foram esses maridos? Por que estão todos mortos? Como morreram?

O enigma vai sendo revelado, "um a um", a partir da trigésima primeira estrofe, quando o poeta começa a narrar como a mulher "namorou-se" de seu primeiro marido, e segue prendendo o leitor até o final, quando toda trama parece ser desenrolada. "O seu mal é de nascença,/ Se aloja a sua doença,/ Na ponta do fígado branco⁶" (E. 76). Mas, mesmo assim, essa explicação ainda soa enigmática. Isso porque, na verdade, o mistério parece ser a grande tônica da obra. Ele perdura mesmo depois do fim da história narrada: "uma cova existe aberta!". As reticências apostas no título, o buquê na mão da mulher, também parecem sugerir que a história não acabou. Quem será a próxima vítima? Quem será o próximo marido a ser morto? E o mistério maior de todos: Quem foi o décimo oitavo marido, uma vez que, ao longo do desenrolar da trama, o poeta só revela dezessete?

Essa é, extraordinariamente, uma obra genial, digna de um mestre do cordel. Não foi sem razão que, após a primeira edição da qual se tem registro, em 1972, quando já fora reimpresso por quinze vezes no mesmo ano, este folheto continuou, nos anos subsequentes, sendo reeditado por diversas vezes, conforme mostra o quadro a seguir. Consoante Terra (1983), cada tiragem correspondia a mil exemplares.

QUADRO 1 - CORRESPONDÊNCIA ANO/TIRAGEM

Ano	Tiragem (nº de vezes)
1972	15
1977	5
1978	5
1979	10
1980	15
1982	15
1985	10

Fonte: Disponível em: <https://www.worldcat.org_publication_tioneline>. Acesso em: 23 mai. 2016.

⁶Crendice popular atribui essa expressão às pessoas que casam várias vezes e sempre ficam viúvas, principalmente mulheres. "Em uma região de Minas Gerais, dizem que uma mulher de fígado branco, tradução da expressão 'muié de figo branco' é uma mulher insaciável." Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.comquestion>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

Publicado na década de 70, quando há, no Brasil, uma retomada da produção de folhetos de cordel, incentivada pela procura dos leitores tradicionais e por agentes externos ao sistema anterior, como o governo, universidades e entusiastas, o folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, comparado às produções gráficas contemporâneas, é artesanal. A edição da Luzeiro trouxe modificações na capa e na paginação justamente para adequar-se o formato do folheto ao padrão dos novos tempos. Certo é que a história criada pelo poeta riachãoense saiu do Nordeste brasileiro (sem nunca ter saído de fato), ganhou o mundo, levando parte do Nordeste com ele, assim como sua gente, suas crenças e seus costumes, e continua sendo editada até hoje. Independentemente da época de sua primeira publicação, como todo gênero, é sempre novo e velho; e, como todo clássico, é sempre atual, mesmo que não seja contemporâneo. E, muito disso, deve-se, certamente, a espetacular criação de uma personagem feminina – Dorotéia Carvalhal – "Mulher-Macho, sinsenhor!..." (E. 8), em torno da qual toda a história é construída.

2.6.3 Dorotéia: sujeito do ser e do fazer

O texto do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...* está impregnado de signos fálicos. Isso porque valores concebidos como próprios do masculino caracterizam fortemente a personagem Dorotéia, desde o sobrenome Carvalhal, que claramente remete ao carvalho, árvore conhecida pela sua fortaleza e resistência –“É forte como um gigante” (E. 4) – até o arremate final da obra: "MULHER-MACHO, SINSENHOR!..." (E. 79). Ela é o sujeito do ser. (BRAIT, 2004).

E como para confirmar essa caracterização da personagem e sua predominância ao longo de toda a obra (o próprio nome Dorotéia aparece vinte e cinco vezes, sendo que destas, cinco são identificados também com o sobrenome), além da qualificação implícita no próprio nome, como frisado anteriormente, ela é, quase que totalmente, caracterizada com atributos masculinos. Ela é sujeito também do fazer. (BRAIT, 2004).

Laça boi, mata cavalo,
Derruba touro “Pereira”,
Mulher-Macho, sinsenhor!...
Usa punhal e peixeira,
Luta box e joga bola,
Numa briga mata, esfolá

Sabe jogar capoeira!... (SANTOS, s.d., p. 2, grifo nosso)

Na expressão “Mulher-Macho” cabe uma menção ao fato do termo “Macho” ter sido escrito também com a inicial maiúscula, pois, se não está assim grafado por convenção ortográfica, só pode ser por uma questão de estilo, para enfatizar ainda mais a “macheza” de Dorotéia. Essa expressão “Mulher-Macho Sinsenhora” também é repetida no arremate da obra, só que toda em caixa alta. Ela se configura como a “chave de ouro” do folheto. Esta é a palavra final. A narrativa termina exaltando a firmeza de uma mulher “masculina”, caracterizada desde o início como “inquebrável” e de palavra, ou seja, de honra: “Sempre garanto o que eu digo” (E. 66).

Mais uma vez aqui, faz-se cintilar os aspectos da honra, da força da palavra dada, que de certa forma remete ao dito popular “Palavra de rei não volta”. No contexto paraibano, onde se passa a narrativa, terra de “cabra macho”, os signos fálicos da honra e da valentia estão diretamente relacionados aos homens que tinham em suas mãos o poder dos “mandos e desmandos” (“O coronel”). (ABRANTES, 2009).

O termo “Pereira” que, na oitava estrofe, precede a expressão “Mulher-Macho” parece estar denominando o touro. Contudo, é uma clara alusão ao coronel paraibano José Pereira Lima, ao qual Alônia Abrantes (2009, p. 2) assim se refere:

José Pereira Lima tem seu retrato de memória frequentemente traçado por signos fálicos, que o fazem cintilar em seu contexto como nome de honra e valentia para alguns grupos, assim como outros o relacionam a uma série de mandos e desmandos que resultaram em conflitos armados, marcando um dos momentos de maior violência na história política da Paraíba. Ora, a própria configuração do lugar da autoridade de coronel, uma variante então ainda muito viva do poder patriarcal, contribui para a ideia de poder, assim como para a concepção de Estado, como esferas de atuação próprias do masculino e das qualificações que culturalmente o constituem. (ABRANTES, 2009, p. 2)

A expressão “pereira” é empregada também na música *Paraíba*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, que na voz do “Rei do baião” foi imortalizada, tornando-se um clássico do sertão. Lançada no ano de 1950, a letra da música remete a revolta de Princesa, cidade paraibana, liderada pelo coronel José Pereira Lima, cujos acontecimentos contribuíram decisivamente para o desenrolar dos fatos históricos da Revolução de 1930. Esses fatos corroboraram para a “constituição de uma imagem de masculinidade que se agrega à identidade da Paraíba, impressa inclusive naquela sobre as mulheres nascidas na região” (ABRANTES, 2009, p. 1). A expressão “mulher-macho”, junto com o ocorrido em Princesa, constitui o grande refrão entoado por gerações:

Eita pau pereira
 Que em princesa já roncou
 Eita Paraíba
 Muié macho sim sinhô (GONZAGA, 2016)

Percebe-se, pois, que a expressão "Mulher-Macho, sinsenhor!...", utilizada por Valeriano Felix dos Santos no folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, tem suas fontes históricas e geográficas e que a construção da personagem Dorotéia Carvalhal está fortemente relacionada aos fatos históricos, à tradição, desde a constituição de sua origem – "Nascida na Paraíba. / Terra de mil tradições" (E. 3) – até sua linhagem "fidalga" (E. 4) de família portuguesa – "Já visitou Portugal, /Onde tem pais e irmãos" (E. 11), onde tem "Herança de alguns milhões" (E. 3).

Assim, além de rica, "bela", "inteligente" e prendada – "Toca zabumba e piano, / Trompete, bombo, soprano, / Acordeon, birimbáu!..." (E. 4) – Dorotéia é caracterizada como uma mulher forte que "Derruba touro "Pereira" (E. 8). Tomemos aqui a palavra touro no seu sentido figurado, como o texto parece propor, sinônimo de forte, que ao lado do outro significado de pereira "uma madeira de vegetação resistente, típica do sertão" (ABRANTES, 2009, p. 3), ajuda a construir o perfil da personagem Dorotéia: como a mulher que vence até os homens mais fortes, que nunca encontrou um que pudesse vencê-la: "Nunca encontrou valentão/Que pisasse no seu calo!..." (E. 12).

Dorotéia é invencível! Assim sugere a leitura visual da capa, corroborada por toda a construção metafórica presente no corpo da narrativa. Todos os seus maridos sucumbiram um a um, todos foram mortos estranhamente; definitivamente colocados embaixo dos seus pés. São os finados "dela", para os quais fez um cemitério particular: "Também fez um cemitério, / Com dezoito sepultados..." (E. 14) e cujas alianças traz presas em seus dedos: "Usa dezoito alianças / Nos dedos de suas mãos" (E. 11).

No entanto, esses homens todos não a tiveram como mulher, pois o casamento nunca fora, com nenhum deles, totalmente consumado, visto que todos eles morreram deixando Dorotéia "Sem gozar a lua de mel," (E. 33). Esta é a declaração feita por ela mesma à Santa Virgem da recordação, "a meia voz", como a revelar-lhe um segredo: "Estou virgem como vós" (E. 24). Na quadragésima primeira estrofe, Dorotéia, em sua reflexão interior, diz com em um desabafo:

Soluçando inconsolável,
 Disse consigo: - Eu não acho
 Um homem que seja homem,
 Um cabra que seja macho,

Escuto roncar Trovão,
Chove tanto no sertão,
Vive seco o meu riacho!... (SANTOS, s.d., p. 9)

Mais uma vez a questão da virgindade é aqui, figurativamente, colocada. Nos "países latinos: 'a honra como precedente era a prerrogativa dos homens, a honra como atributo moral (pureza sexual) era restrita às mulheres, e à defesa da honra feminina, uma responsabilidade masculina'". (CAULFIELD [2000] apud ABRANTES, 2009, p. 3). Dorotéia é, portanto, a mulher que reúne em si esses dois atributos da honra.

É viúva, sim senhor,
Respeitada, garantida...
Mete a cabeça no mundo,
Sem receios, destemida,
Quando quer tomar pileque,
Nunca encontrou um moleque
P'ra mexer com sua vida!... (SANTOS, s.d., p. 3)

Outro aspecto que merece destaque na caracterização dessa personagem é que, em uma região de tantos "poderes viris" (ABRANTES, 2009, p. 3), é ela, Dorotéia, a mulher que procura por um marido. Esse parece ser também um traço de contracultura: na sociedade patriarcal, no contexto dos anos setenta, quando foi escrito o folheto, e no interior da Paraíba, tida culturalmente como terra de “cabra macho”, a posição ativa da busca, era própria do homem, não da mulher.

Portanto, de acordo com a classificação de D’Olive e Lagazzi (2016, p. 215), a personagem criada por Valeriano encontra-se inserida no "Grupo dos estereótipos que não seguem um padrão legitimado socialmente." Nele estão "as imagens das mulheres que fogem aos padrões sociais de uma mulher ideal, padrões estes sustentados pela moral [...] Como exemplo dessas figuras temos a imagem [...] da 'mulher-macho'".

De fato, assim seria se Dorotéia não tivesse imersa no contexto da Paraíba, onde o caracterizador "mulher-macho" soa como atributo de força e não como sinal de negatividade, conforme visto em Abrantes (2009). Nesse sentido, por sua altivez e fortaleza, é ela quem se apresenta, procurando um pretendente, chegando até a dar uma tônica de desafio a essa busca, mandando publicar nos jornais que “Casou-se dezoito vezes, / Está louca p’ra casar!...” (E. 2).

Ocorre que os homens que ousaram aceitar o desafio de Dorotéia, aceitando casar-se com ela, estão todos mortos. E estes, apesar de não terem seus nomes revelados, com exceção de um, “Sebastião” (E. 64), são homens caracterizados também como valentes “Tantos

maridos valentes” (E. 19), porém, Dorotéa parece ser mais forte que todos eles. Desse modo, é ressaltada ainda mais a superioridade da personagem que, sem descuidar de prerrogativas tidas, tradicionalmente, como femininas – “Frequentar cabeleleiros, / Pedicure e massageiro” (E. 9) – é “Mulher-Macho, sinsenhora!...” (E. 8).

Além do predomínio no desafio, vários outros predicativos da personagem concorrem para a construção do seu perfil de força, coragem, valentia e altivez, como mostra a vigésima sexta estrofe.

E montando seu cavalo,
Ligeiro que nem um raio,
Vai correr sua fazenda
Na, serra do Papagaio..
Dá ordens pelos roçados,
Que quer ver todos plantados
Antes das chuvas de maio!... (SANTOS, s.d., p. 6, grifo nosso)

É Dorotéa, portanto, quem manda, quem dá as ordens. A própria voz da personagem, definida como “soprano” (E. 4), é a voz mais alta que as pregas vocais humanas podem emitir. Outra marca textual que destaca o “peso” da sua voz é a presença do discurso direto no texto. Por diversas vezes, o narrador interrompe sua narração versada para dar “vez e voz” direta à própria personagem. Para isso, se utiliza, em sua maioria, do verbo dicendi “dizer”, a exemplo de: “E dirá – sem ter marido / Dar-se um duro de cupido / Esta vida é mesmo ôso!...” (E. 27). Também, mesmo por meio do discurso indireto, a voz (vontade) de Dorotéa faz-se ouvir: “Dirá se quer no almoço, / Caldo fino ou caldo grosso, / Carne de bode ou galinha!...” (E. 25).

Exemplo contundente da predominância da voz dela no folheto encontra-se ao longo de seis estrofes, da quadragésima terceira à quadragésima oitava, onde, seguidamente, apenas Dorotéa fala. Aqui se calam seus pretendentes e parece que até o próprio cordelista se cala. Só Dorotéa fala: de sua sina “sem sorte” (E. 43); da angústia de não querer ser chamada “D’uma mulher assassina” (E. 44); da sua crença na “Determinação divina” (E. 44). E faz uma série de promessas (da E. 45 à 47) ao “rapaz destemido” (E. 49) que se apresentou como seu pretendente. E encerra sua fala destacando seus dotes.

Na verdade eu não sou feia,
Sou rica, dengosa e bela...
Todos olham para mim
Se vou até a janela...
Tenho os cabelos compridos,
Já tive tantos maridos
E continuo donzela!... (SANTOS, s.d., p. 10)

A voz de Dorotéa só parece silenciar nas estrofes finais, quando “Um doutor vindo da França” (E. 76) faz um diagnóstico do seu problema “fígado branco” (E. 76), dizendo, que mesmo depois de operada, “Talvez, outra ponta reste...” (E. 78). Dorotéa parece calar-se diante do problema colocado praticamente como incurável. Somente o narrador parece saber a tristeza pela qual ela passa: “Dorotéa está tristonha” (E. 78). Apesar disso, porém, é revelado que o anseio de casar permanece: “A sua luta é medonha / P’ra casar vai ser a peste!...” (E. 78).

O desejo de casar, portanto, continua, independente do fato de já ter se casado tantas vezes e da triste sina de seus pretendentes. Ela parece não se abalar com a morte deles, chora “fingidamente” (E. 19), já suspirando por outro.

Depois do sepultamento,
Dorotéa desolada,
Irá tocar seu piano,
Já por outro apaixonada,
E cantando uma canção,
Dirá: - Tenho o coração
E a alma arretalhada!... (SANTOS, s.d., p. 5)

2.6.4 Dorotéa: o desafio

Um dos gêneros característicos da literatura popular é o desafio, disputa poética de improviso entre dois cantadores, (CASCUDO, 2005) que foi também largamente adotado pelos poetas cordelistas. A afronta, um dos seus traços constitutivos, é lembrada, de certa forma, em *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos. Nessa obra, ela é apresentada por Dorotéa, sua personagem principal, que está à procura de um marido. O desafio aqui, portanto, trata-se da demanda tendo em vista conseguir superar o desejo de Dorotéa.

Soluçando inconsolável,
Disse consigo: - Eu não acho
Um homem que seja homem,
Um cabra que seja macho,
Escuto roncar trovão,
Chove tanto no sertão,
Vive seco o meu riacho! ... (SANTOS, s.d., p. 9)

E os homens sentiam-se instigados diante de Dorotéa e do grande mistério que a rodeava. “Apareceu um mulato, / que disse: - Eu topo a parada!...” (E. 39) e assim, vários outros, todos caracterizados como “valentes” (E. 19), procuravam sempre responder à altura o desafio proposto, conforme resta claro também na quadragésima segunda estrofe:

Um rapaz muito simpático,
Lhe disse: - tópo o negócio,
Eu quero dos teus finados,
Ser o presidente sócio! ...
Se me dás cama e comida,
Caso contigo querida,
E gargalhou todo endócio! ... (SANTOS, s.d., p. 9)

E o desafio vai continuando, pretendente após pretendente. A quadragésima nona estrofe dá uma demonstração clara da dimensão que é o enfrentamento de tentar casar com Dorotéa.

- Eu me caso com você,
Disse o rapaz destemido! ...
Nem que morra logo após,
Engasgado ou entupido,
Está selado o assunto,
Me considero defunto,
Mas hei de ser seu marido! ... (SANTOS, s.d., p. 10)

Afora o desafio, a caminho da finalização dessa análise, faz-se necessário destacar, ainda, dois traços constitutivos da narrativa, que concorrem substancialmente para ajudar a construir o jogo de oposição tão caro na trama: a ironia e a presença de imagens antitéticas. Esta aparece bastante demarcada no folheto em expressões como: “Caldo fino ou caldo grosso” (E. 25); “Se noivaram no verão / E casaram-se no inverno!...” (E. 31); “vindos do Sul ou do Norte” (E. 43); “carne de bode ou galinha!...” (E. 25) e “chove tanto no sertão” (E. 41). Aquela se revela na atitude dos pretendentes que gargalhavam, mostravam valentia, destemor, mas acabavam morrendo “de diarréia” (E. 35), “engasgado” (E. 40), “de medo” (E. 58) e até de mordida de “sapo contaminado” (E. 60). E, de um modo geral, o que parece ser a maior ironia de todas: os maridos morrerem logo após o casamento e Dorotéa, apesar de já ter se casado dezoito vezes, continuar “donzela” (E. 38).

Assim, de desafio a desafio, de ironia a ironia; mas também de espera e procura, de achar e perder; vai sendo construída a história de Dorotéa Carvalhal, a mulher que se casou dezoito vezes... mas continuava donzela, pois os seus maridos morriam antes de ser consumado o casamento. Estes, a propósito de entrarem em sua vida e dela saírem

brevemente, são apresentados sucintamente, pouco caracterizados. Eles simplesmente aparecem, nem são identificados pelo nome, com exceção de um denominado “Sebastião” (E. 64).

Acerca da origem deles, os seis primeiros não são relacionados a nenhum lugar, subtende-se que são da mesma região que Dorotéia; outros podem ser relacionados aos estados do Brasil, onde foram realizados os casamentos (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia); um é identificado pela região: Sul; e os dois últimos são estrangeiros (um da Espanha, outro de Portugal).

Dessa forma, partindo da entrada de cada um dos pretendentes de Dorotéia na história, a construção do espaço no folheto vai gradativamente se ampliando: do local para estadual; deste para o regional, atingindo o nacional; e, por fim, o internacional. Em suma: Homem nenhum do mundo foi capaz de vencê-la. E já no fim da história, o médico foi incisivo: “Quem casar-se co’ a senhora... / vai direto p’ro barranco!...” (E. 76).

Além dos aspectos anteriormente analisados, vários outros aspectos são passíveis de uma análise criteriosa neste folheto de Valeriano, a saber: a construção das personagens, mais adequado em um estudo que verse sobre gênero e estigmas sociais em torno da mulher, por exemplo; e a linguagem do cordel e a variante popular que dá margem para um trabalho acurado sobre variação linguística e preconceito linguístico.

3 BASES METODOLÓGICAS

Dentre os elementos definidores da pesquisa etnográfica está a inserção do antropólogo na realidade social e cultural que enseja estudar com o claro propósito de fazer o levantamento descritivo e natural das situações vividas. A posição de participante dá ao pesquisador a condição de compreender mais naturalmente a forma de viver e estar no mundo de determinado povo, percebendo com riqueza maior de detalhes seus costumes, suas crenças, seus valores, dentre outros fatores analisados.

Saindo do campo da Antropologia e se voltando para o âmbito educacional, insere-se esta pesquisa no rol das pesquisas etnográficas aplicadas à educação. Isso porque aqui é a pesquisadora também a professora regente da sala de aula onde estudam os alunos participantes da pesquisa. Desse modo, está completamente mergulhada no contexto em estudo, em constante relação de escuta e observação dos estudantes envolvidos. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Surgida na década de 1970, esse tipo de pesquisa constitui-se na identificação, análise e solução dos problemas educacionais, tendo como objetivo melhorar a qualidade da educação por meio do estudo e resolução dos diferentes problemas que a afetam. É, justamente, por causa da sua imersão na realidade estudada que o professor-pesquisador encontra-se apto a detectar as situações-problema, analisá-las e propor alternativas visando solucioná-las. “In loco”, ele pode observar os fatores consoantes ou discordantes acerca das suas conjecturas, exercendo a função primeira do pesquisador: a exploração.

Outro fator que situa metodologicamente este trabalho na perspectiva da pesquisa etnográfica aplicada à educação é a busca de dados por meio da interação verbal entre os indivíduos participantes. Por meio desta foi, inicialmente, constatado o desconhecimento da turma a respeito do gênero cordel e do autor em estudo neste projeto. Também fruto da observação “in loco” foi a constatação da existência da separação das linguagens verbal e visual na prática de leitura de textos onde palavra e imagem encontram-se presentes. O descaso com a leitura do texto visual, decorrente da supremacia da escrita ou de certo “analfabetismo” em relação à leitura da imagem (COSTELLA, 2002), evidenciou este fato como um importante aspecto a ser estudado, requerendo uma ação pedagógica específica a fim de tentar sanar ou minimizar o problema.

Por sua vez, a inserção natural do pesquisador-professor no contexto pesquisado requer dele um posicionamento duplo: o primeiro visando compreender o sentido manifestado e latente dos comportamentos dos alunos; o segundo procurando manter sua visão objetiva do próprio fenômeno analisado. Para isso, ele precisa seguir uma metodologia previamente pensada e estabelecida, a fim de alcançar mais facilmente os fins aos quais se propõe.

Este trabalho foi construído a partir de intensa pesquisa bibliográfica acerca do ato de ler, do letramento literário e do gênero cordel. O diagnóstico prévio, que possibilitou verificar o desconhecimento deste gênero, do autor e da obra objeto deste estudo na turma que constituiu o *corpus* do projeto, assim como a constatação da dificuldade em ler gêneros verbo-visuais, foi realizado empiricamente durante as aulas de leitura, porém, não dispensou a realização de um diagnóstico escrito, realizado por meio da aplicação de dois questionários (APÊNDICE C) que foram respondidos pelos discentes da referida turma, antes da aplicação da sequência, de modo que se obteve parâmetros a partir dos quais tornou-se possível, no final da execução do projeto, analisar parte dos dados obtidos durante sua efetivação. O primeiro visou à obtenção de informações concernentes às práticas de leitura, de modo geral, por parte dos alunos. O segundo foi concernente ao conhecimento deles em relação à temática em estudo, ou seja, o gênero cordel e o autor Valeriano Felix dos Santos. Assim que respondidos, os referidos instrumentos de coleta foram recolhidos; os dados obtidos, analisados, quantitativa e qualitativamente; e foi elaborado o diagnóstico de entrada.

Os dados analisados foram obtidos também por meio da observação participante, uma vez que sua concretização pressupõe a interação entre o pesquisador (professor) e os membros pesquisados (alunos); do levantamento feito a partir da execução das atividades da sequência proposta; dos documentos solicitados na secretaria da escola (quadros demonstrativos de matrícula 2016 e 2017; quadro do rendimento escolar 2016; e ficha individual do aluno matriculado na 8ª série no ano 2017), como também dos dados coletados por meio dos questionários aplicados. Os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativamente.

De natureza, portanto, aplicada e fenomenológica, haja vista estar voltada também para a descrição direta da experiência, como ocorreu, e dos resultados alcançados, essa pesquisa tem como pressuposto o fato de ser a realidade construída socialmente, neste caso, na relação professor-aluno.

A turma alvo do projeto, a 8ª série, é parte integrante da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, situada no município de Riachão do Dantas, no

estado de Sergipe, vinculada à Rede Municipal de Ensino. A escola possui oito salas de aulas e funcionou, no ano de 2016, nos turnos matutino e vespertino, com nove turmas, uma delas foi instalada no antigo prédio do Colégio Estadual José Lopes de Almeida, anexado à escola. A matrícula total da unidade escolar foi de 333 alunos, dos quais, 32 estavam matriculados na 8ª série. As taxas de aprovação, reprovação e evasão escolar, em 2016, estão descritas no quadro a seguir que permite observar uma taxa de mais de 80% de aprovação na turma da 8ª série de 2016.

QUADRO 2 - DEMONSTRATIVO DO RENDIMENTO ESCOLAR 2016

Série	Matrícula Inicial	Admitido após Censo	Transferido	%	Aprovado	%	Reprovado	%	Abandono	%	Matrícula final
1º Ano	08	02	02	20%	08	80%	-	-	-	-	08
2º Ano	11	01	-	-	12	100%	-	-	-	-	12
3º Ano	22	05	03	11,1%	12	44,5%	08	29,6%	04	14,8%	20
4º Ano	21	01	03	13,6%	13	59,1%	06	27,3%	-	-	19
5º Ano	32	11	02	4,6%	26	60,4%	12	28%	03	7%	38
6º Ano	90	02	03	3%	43	47%	38	41%	08	9%	81
7º Ano	44	02	04	8,7%	22	47,8%	15	32,6%	05	10,9%	37
7ª Série	43	06	-	-	30	61,2%	17	34,7%	02	4,1%	47
8ª Série	30	02	-	-	27	84,4%	03	9,4%	02	6,2%	30
Total	301	32	17	-	193	-	99	-	24	-	292

Fonte: Dados estatísticos obtidos na própria escola

Atualmente, a escola está funcionando nos três turnos, ofertando o ensino fundamental em duas modalidades: regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O regular, funcionando nos turnos matutino e vespertino, tem 314 alunos e a EJA, ofertada no turno noturno, tem 50 alunos, perfazendo um total de 364 alunos matriculados. Estes se encontram distribuídos em 15 turmas, conforme quadros 3 e 4 a seguir.

QUADRO 3 - MATRÍCULA INICIAL 2017 – MODALIDADE REGULAR

Turno	Ano/Série	Turma	Total de alunos por turma	Total de alunos por ano/série	Total de alunos por turno
M A N H Ã	1º ANO	U (multiseriada)	16	5	89
	2º ANO			11	
	3º ANO	U	20	20	
	4º ANO	U	29	29	
	5º ANO	U	24	24	
T A R D E	6º ANO	A	29	82	225
		B	25		
		C	28		
	7º ANO	A	33	65	
		B	32		
	8º ANO	A	20	40	
		B	20		
	8ª SÉRIE	U	38	38	
TOTAIS		12	314	314	314

Fonte: Dados estatísticos obtidos na própria escola

QUADRO 4 - MATRÍCULA INICIAL 2017 – MODALIDADE EJA (2ª FASE)

Etapas	Total de alunos
1ª (6º ano)	29
2ª (7º ano)	08
3ª (8º ano)	13
Total	50

Fonte: Dados estatísticos obtidos na própria escola

Observando-se os quadros 1, 2 e 3, percebe-se que houve um aumento no número de matrículas na escola em 2017, comparando-se com 2016. Conforme os dados da matrícula inicial, o corpo discente passou de 301 em 2016 para 364 em 2017. Na oitava série, esse acréscimo também foi detectado, passando de 30 alunos em 2016 para 38 em 2017. Destes, 31 são novos e 07 estão repetindo a série pela primeira vez. Dentre estes, apenas 02 cursaram a 8ª série na escola no ano passado; os outros vieram transferidos de outras unidades de ensino do próprio município.

Ainda de acordo com os dados coletados nas fichas individuais dos alunos, a faixa etária da turma vai dos 13 aos 18 anos (03 alunos têm 13 anos; 15 alunos têm 14 anos; 08 têm 15 anos; 10 têm 16 anos; apenas 01 tem 17; e 01, 18 anos). A maior parte dos estudantes são

oriundos de famílias de baixa renda (23 delas estão cadastradas no Programa Bolsa Família do Governo Federal), cuja imensa maioria dos pais ou responsáveis (32 no total) exerce a profissão de lavrador. Dos seis restantes, 03 são professores, 02 declararam-se estudantes e 01 é auxiliar de serviços gerais. Relativo à localidade onde residem, 20 alunos moram na sede e 18 nos povoados do município. Apenas um é portador de necessidades especiais, apresentando distúrbio neurológico, como consta na ficha individual do aluno.

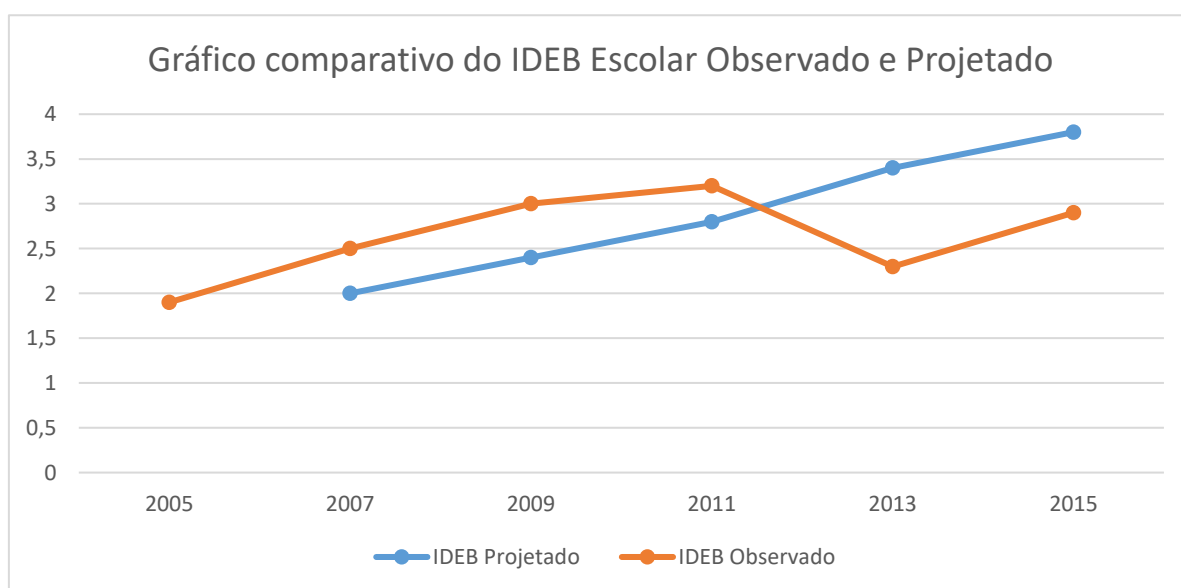
A seguir estão apostos os dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) tanto da escola quanto do município onde ela está situada, assim como também do Estado de Sergipe e do Brasil, na tentativa de melhor contextualizar os dados numéricos alcançados pela escola em comparação com suas próprias metas e com os índices atingidos pelas outras esferas nas quais ela se encontra inserida.

QUADRO 5 - DADOS IDEB ESCOLAR

Ano	IDEB observado	Metas projetadas
2005	1,9	-
2007	2,5	2,0
2009	3,0	2,4
2011	3,2	2,8
2013	2,3	3,4
2015	2,9	3,8

Fonte: Inep: Ideb Escolar

GRÁFICO 1 - DADOS IDEB ESCOLAR



Fonte: Elaborado pela própria autora (2017).

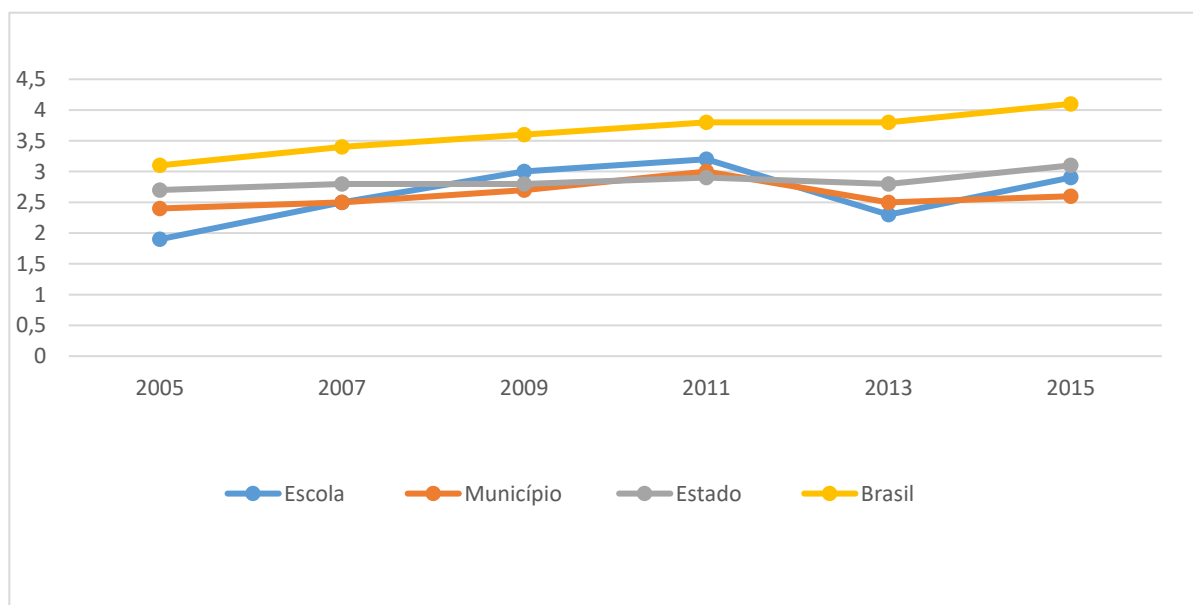
O gráfico evidencia que, de 2005 a 2011, a escola esteve sempre acima da média projetada. Depois disso, houve uma involução de 0,9 entre o índice obtido em 2011 que foi de 3,2 para o alcançado em 2013, de 2,3. Em 2015, a unidade escolar atingiu a marca de 2,9. Esse número representa um crescimento em relação a 2013, no entanto, a escola ficou ainda aquém da meta projetada.

QUADRO 6 - DADOS IDEB - ESCOLA, MUNICÍPIO, ESTADO, PAÍS

-	2005	2007	2009	2011	2013	2015
Escola	1,9	2,5	3,0	3,2	2,3	2,9
Município	2,4	2,5	2,7	3,0	2,5	2,6
Estado	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	3,1
Brasil	3,1	3,4	3,6	3,8	3,8	4,1

Fonte: Inep: Ideb Escolar

GRÁFICO 2 - COMPARATIVO DO IDBE (ESCOLA, MUNICÍPIO, ESTADO, PAÍS)



Fonte: Elaborado pela própria autora(2017).

Em relação aos índices alcançados pelo município e pelo estado, observa-se, no quadro, assim como no gráfico, que o IDEB escolar, ao longo dos anos, esteve em constante

oscilação, ora abaixo, ora acima da média dessas duas esferas. De 2005 a 2011, sempre em linha ascendente, chegou a superar os índices do município e do Estado nos anos de 2009 e 2011, atingindo a marca de 3,2 em 2011, o mais alto índice alcançado até o momento em relação ao nacional do qual sempre esteve abaixo. Contudo, voltou a ter uma queda considerável em 2013, ficando novamente abaixo do município e do estado, como em 2005. Entretanto, de 2013 para 2015, o índice escolar voltou a crescer, superando novamente o municipal, permanecendo ainda abaixo do estadual e do nacional.

O município de Riachão do Dantas está situado na região centro-sul do Estado de Sergipe. Possui uma área de 531,702 km² e faz divisa com Lagarto, Boquim, Simão Dias, Tobias Barreto e Itabaianinha. De acordo com o Censo 2010, tem uma população absoluta de 19.386 habitantes, predominantemente rural. Na zona urbana vivem 4.872 habitantes (cerca de 25%) e na zona rural 14. 514 habitantes (cerca de 75%). (SANTOS, 2014). Somente 12.626 riachãoenses são alfabetizados. Cerca de 35% da população é analfabeta. O IDH 2010 (Índice de Desenvolvimento Humano) foi de 0,539, levando o município a ocupar o 72º lugar dentre os 75 municípios sergipanos.

A economia do município é essencialmente agrária, sendo a pecuária a principal atividade econômica. As famílias sobrevivem, em sua ampla maioria, da agricultura de subsistência, plantando principalmente milho, feijão, fava, inhame, macaxeira, batata-doce e abóbora. Os principais cultivos para comercialização são: a laranja, a mandioca, o fumo e o abacaxi. (SANTOS, 2014).

O povoamento das terras riachãoenses iniciou-se logo após a conquista de Sergipe, em 1590, por Cristóvão de Barros. Sua origem deu-se pela Vila de Palmares, localidade onde nasceu Valeriano Felix dos Santos. A sede do atual município originou-se da fazenda Riachão, de João Martins Fontes, mas o nome do município provém do riacho da Limeira, quase rio, que passa perto da localidade. O designativo "do Dantas" só foi acrescido a partir de 1943, em homenagem ao Coronel João Dantas Martins dos Reis que desempenhou papel importante para a emancipação do município, ocorrida em 09 de maio de 1870. (SANTOS, 2014).

Apesar de, metodologicamente, esta pesquisa não se configurar como uma pesquisa ativista, a realidade do município, anteriormente descrita e a postura cidadã, explicitada pela pesquisadora desde o início, fazem com que emprestemos da pesquisa ativista um dos critérios preponderantes para a escolha do objeto de estudo: o anseio de fomentar um

conhecimento mais acurado acerca da realidade municipal em meio à qual vive o aluno, por meio do conhecimento de mais um autor ilustre filho da terra.

Mesmo sendo diminuto este viés ativista explicitado no projeto, como em toda pesquisa dessa ordem, ocorreu o problema de tensão entre os dois tipos de regras: as da cidadania e as das instituições profissionais. Contudo, "compreender as restrições institucionais que se colocam à produção de conhecimento é condição necessária a uma epistemologia emancipatória". (D' SOUZA, 2010, p. 159). O foco do Mestrado Profissional em Letras é a apresentação de um produto que seja aplicável e replicável e possibilite trabalhar de forma exitosa um aspecto bastante específico da Língua Portuguesa. Entretanto, o significado da pesquisa não pode se separar do efeito que ela deve ter no que respeita a enformar a ação social, pois "toda a ação se baseia nalguma forma de compreensão existente acerca do mundo, e a pesquisa debruça-se sobre o conhecimento preexistente". (D'SOUZA, 2010, p. 168). Assim sendo, "a pesquisa deixa de estar centrada no *papel* desempenhado pelos acadêmicos nas universidades [...] voltando-se antes para os objetivos que o acadêmico, enquanto cidadão, deseja alcançar através da pesquisa". (D'SOUZA, 2010, p. 158, grifo do autor). Neste caso, fomentar e/ou fortalecer ações transformadoras da realidade na qual está inserido o aluno, por meio da elevação da sua autoestima, alimentada pelo (re)conhecimento de mais um escritor filho da terra, e da sensibilização acerca da realidade do município onde vive (gérmem das ações transformadoras), constitui-se também propósito deste projeto.

A natureza e o alcance da transformação social, bem como o *tipo* de transformações sociais que a ação pode gerar, dependem da *natureza* da pesquisa, mas dependem igualmente das relações e das experiências sociais do pesquisador enquanto sujeito humano e da medida em que ele se identifica com o conhecimento. (D'SOUZA, 2010, p. 169)

O conhecimento com o qual nos identificamos nesta pesquisa é aquele capaz de suscitar posicionamentos acerca do meio em que se vive, capaz de fazer o aluno acreditar nas suas potencialidades e no seu papel transformador, enquanto cidadão, em situação real de constante interação com o meio do qual faz parte. Essa postura adotada esteve, certamente, desde o princípio, quando da escolha do escopo deste projeto de intervenção, perpassa as atividades propostas para a sua efetivação em sala de aula e culminará com os acréscimos de conhecimento que serão proporcionados não só aos participantes da pesquisa, mas também a todos aqueles que, subsequentemente, terão acesso a ela.

O produto final apresentado, juntamente com este relatório, é um caderno pedagógico onde consta o desenvolvimento da sequência didática trabalhada em sala de aula, assim como os resultados alcançados e os desafios superados. Ela foi estruturada a partir da sequência básica proposta por Cosson (2014), visando o letramento literário, dividida pelo autor em quatro momentos: motivação (ações que estimulam no aluno o desejo de ler o texto); introdução (estratégias para que a obra seja recebida positivamente); decifração (leitura do texto); e interpretação (construção de sentido a partir da compreensão das partes constitutivas do texto, assim como da análise dos elementos que o compõem). A sequência por nós elaborada está estruturada em torno desses momentos, porém, enriquecida com atividades e jogos que possibilitarão a leitura verbovisual do folheto selecionado de forma lúdica e dinâmica.

A inclusão da ludicidade tem por fim dinamizar as atividades, fugindo dos exercícios formais ou de repetição. Por isso, a inclusão de desenho, pintura, conversas informais e jogos na referida sequência. Ao vincular ensino e produtividade à seriedade, "a escola induziu o professor a abandonar a ludicidade". (PASSARELLI, 2012, p. 91). Perrotti (1995, p. 26-27) adverte, porém, que na realização do jogo, o próprio ato de brincar precisa ser visto como produtividade e relembra que jogar é um processo intrinsecamente educativo, "essencial enquanto forma de humanização".

Ao discorrer acerca do jogo *versus* seriedade, Huizinga (2005) esclarece que aquele é, comumente, pensado em oposição a esta e, por sua vez, a seriedade é posta como negação do jogo. Todavia, o jogo não se opõe diametralmente à seriedade, mas sim à realidade. Prova cabal disso é que se pode observar o quanto o jogo é considerado como uma atividade séria por seus participantes que não admitem interferências ou "intromissões" alheias que venham de encontro ao estabelecido para determinado jogo. Assim sendo, não só é improcedente o estabelecimento da antítese jogo-seriedade, como o jogo ainda suplanta a seriedade, haja vista admiti-la em seu interior. A seriedade é que, de maneira equivocada, procura negar o jogo, fazendo com que na escola, o conhecimento seja levado aos alunos como objeto rígido, "como algo cinzento, sisudo e sem vida [...] que não pode ser penetrado com os instrumentos da emoção, da sensibilidade, da imaginação, da invenção". (PERROTTI, 1995, p. 27). Vale, portanto, rever o conceito de jogo proposto por Huizinga:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si

mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana". (HUIZINGA, 2005, p. 33).

O filósofo caracteriza o jogo como uma atividade autônoma que atrai por se configurar como um ato livre, que leva o indivíduo da tensão ao êxtase, levando para um espaço e um tempo diferente da "vida quotidiana". Ele faz parte do complexo "jogo-festa-ritual", é capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total e possui regras próprias. Leva seus participantes a imaginar, inventar, chorar, sorrir, brincar, sentir. Consoante Huizinga (2005, p. 53), "em suas fases mais primitivas, a cultura possui um caráter lúdico, que ela se processa segundo formas e no ambiente do jogo". Segundo ele, a própria poesia é um jogo com palavras. Portanto, não é de maneira alguma um feito extraordinário associar poesia a jogo, como fez Paul Valéry.

Para além das acertadas e difundidas concepções de jogo feitas pela psicologia e pela fisiologia, é a concepção de jogo como fator cultural, conforme preceitua Huizinga que abraçaremos neste trabalho. Em toda parte ele se encontra e, na cultura, apresenta-se "como elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos". (HUIZINGA, 2005, p. 6).

É por considerar fundamentais, para a efetivação de uma aprendizagem prazerosa e significativa, todas as características constitutivas do jogo, anteriormente expostas, que para a execução prática deste projeto de intervenção, foi construída uma sequência didática, contendo uma série de atividades lúdicas confeccionados a partir do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos.

Essa obra narra a enigmática história de Dorotéia Carvalhal, uma mulher "fenomenal" que é caracterizada como "MULHER-MACHO SINSENHOR" (SANTOS, s.d., p. 16), que já se casou dezoito vezes e enviuvou em igual número, continua virgem e "louca p'ra casar" (E. 2). Ela é a personagem principal da narrativa composta por 79 estrofes, cada uma de sete versos de sete sílabas com rima ABCBDDDB, distribuídas em 16 páginas, tendo a, primeira, quatro estrofes e as demais, cinco. A sequência didática pensada para o estudo dessa obra segue adiante exposta.

SEQUÊNCIA BÁSICA

Objetivos

- Proceder à leitura verbo-visual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, propiciando o letramento literário;
- Realizar as atividades e os jogos que compõem a sequência didática, possibilitando o estabelecimento mais completo dos diversos sentidos existentes no texto.

Conteúdos

- Leitura verbo-visual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos;
- Estudo acerca do gênero cordel, do autor e da estrutura composicional do folheto.

Turma

- 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, composta por 38 alunos, turno vespertino.

Tempo estimado

- 15 aulas

Recursos materiais

- 35 folhetos de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, versão atual da Editora Luzeiro;
- 35 cópias da versão da capa original do referido folheto;
- 01 resma de papel sulfite, tamanho A4 ou ofício;
- Lápis de cor;
- Canetas hidrocor;
- Apontador para lápis;
- 03 potes de tinta guache (250g cada), cores primárias (vermelho, azul e amarelo), um de cada;
- Pincéis variados para pintura nº 4, 6, 8 e 10;

- Tesoura e cola;
- Régua;
- Grampeador;
- Grampos para grampeador;
- Barbante;
- 35 pregadores;
- 01 Mapa Mundi: divisão política (continentes, países, estados);
- 02 placas de isopor de 20 mm;
- 18 fichas quadradas, 2 X 2, numeradas de 1 a 18, confeccionadas com papel cartão;
- 06 folhas de papel A4, contendo as expressões: "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, gravura popular (xilogravura), reprodução gráfica colorida (uma expressão em cada).
- Fichas confeccionadas em papel A4, contendo os dez pontos de vista de análise da obra de arte propostos por Costella (2002);
- 04 folhas de papel chumbo ou bomba;
- 01 fita adesiva dupla face;
- 01 fita adesiva larga;
- Folhetos de cordel diversos;
- 18 cartas confeccionadas em papel couchê, medindo 10 X 15, contendo trechos pré-selecionados do folheto referentes ao local do casamento ou à caracterização dos maridos de Dorotéia (APÊNDICE B);
- Revistas para recorte e colagem;
- 01 *banner* com o texto "Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país", de Rodolfo Coelho Cavalcante;
- 01 *banner* sobre Valeriano Felix dos Santos;
- 10 envelopes do tamanho adequado para carta;
- 180 fichas retangulares, cada uma medindo o tamanho de uma folha de papel A4 dividida em oito partes;

- 35 cópias das atividades escritas para compreensão e interpretação do texto;
- 02 pincéis atômicos para quadro branco (um de cada cor);
- 02 pincéis atômicos permanentes (um de cada cor);
- 280 fichas retangulares, medindo 3 X 6 cada, confeccionadas em cartolina branca, arrumadas em grupos de oito;
- 09 recipientes identificados com os seguintes termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros” (um em cada). Estes podem ser confeccionados com material descartável (garrafa pet cortada ao meio) ou ainda podem ser reaproveitadas caixinhas de papelão ou copos de acrílico avulsos.
- 01 caixa de cliques médio.

Motivação (duas aulas)

1ª Etapa - Conversa informal

Conversar com os estudantes sobre o projeto a ser desenvolvido, cuja temática é a literatura de cordel, tendo como objetivo realizar a leitura verbovisual de um folheto, de modo que os alunos passem a (re)conhecer esse gênero tão marcante da cultura popular, nordestina, ainda não devidamente identificado ou reconhecido pela imensa maioria da turma, conforme diagnóstico feito. Enfatizar que o cordel escolhido para leitura foi escrito pelo poeta riachãoense Valeriano Felix dos Santos, inteiramente desconhecido pelos discentes. Dizer que a obra a ser lida e estudada encontra-se relacionada até em catálogos internacionais, mas ainda é desconhecida no meio educacional riachãoense, eles serão os primeiros a conhecê-la. Antes, porém, explicar a eles que será feita uma pequena exposição de alguns folhetos de cordel e de um *banner* contendo versos sobre cordel para que possam ter um contato inicial com o gênero. Orientar para que, ao folhear os livrinhos, observem a estrutura composicional (o número de páginas, de estrofes, de versos por estrofe, dentre outros aspectos); o modo de constituição das capas, se "sem capa" (folhetos que não tem imagens), desenho popular, cartão postal, fotografia, ou gravura popular (xilogravura) (MARANHÃO, 1981), ou reprodução gráfica colorida; verifiquem os dados indicativos da autoria (nome do autor explícito na capa ou acróstico, na última estrofe, com o sobrenome deste); o material utilizado para a confecção; os títulos, dentre outros aspectos estilísticos e composicionais.

Flexibilização: Caso não possa ser confeccionado o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio

de *slides*, caso a unidade de ensino disponha dos equipamentos necessários que possibilitem essa forma de veiculação.

2ª Etapa - Exposição de folhetos de cordel e do banner sobre cordel

Juntar algumas mesinhas no centro da sala de modo a formar uma grande mesa sobre a qual será feita a exposição de vários folhetos de cordel, para que os alunos possam manuseá-los, observando sua estrutura composicional. As outras carteiras devem ser arrumadas em semicírculo do lado oposto, deixando o espaço livre ao redor da mesa e do *banner* para o trânsito dos alunos. Conversar com eles, individualmente, enquanto folheiam os livretos, a fim de verificar as primeiras impressões que tiveram, especialmente em relação às imagens. Findo o prazo destinado à exposição, pedir aos alunos que retornem aos seus lugares. Expor o *banner* contendo o texto "Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país", de Rodolfo Coelho Cavalcante (ANEXO C). Ler, oralmente, o texto do *banner*, destacando as informações nele contidas acerca da definição do gênero cordel e suas características. A seguir, explicar a forma como os folhetos eram produzidos e vendidos antigamente e como é esse processo hoje. Enfatizar que, no cordel, a capa tem uma função chamativa, assim como, de modo particular, tem também essa função, o título nela exposto. Ela funcionava como "chamariz" porque estava diretamente relacionada com a história narrada ou com o fato sobre o qual se escreveu. Portanto, a imagem nela constante não é mera ilustração ou "enfeite", é parte constitutiva do gênero. A leitura do cordel começava por ela e, na maioria das vezes, era definidora da compra, ou não, do folheto, uma vez que quem o adquiria, geralmente, era uma pessoa que não dominava o código escrito, mas comprava o livreto para ser recitado por outra pessoa que sabia ler. No início do século XX, "a maioria da população nordestina [...] era constituída por analfabetos [...] que [...] escutava, em saraus e reuniões familiares a leitura de romances e poemas". (TERRA, 1983, p. 5). Ao fim da etapa, distribuir uma folha de papel para cada aluno, solicitando que escrevam qual informação, ou aprendizado, eles consideraram mais relevante nesta aula inicial.

Introdução (uma aula)

3ª Etapa - Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos de cordel

Colocar seis mesinhas, separadas, na frente do quadro e apor, uma a uma, as fichas indicativas dos tipos das capas do folheto popular: "sem capa", desenho popular, cartão

postal, fotografia, gravura popular (xilogravura), reprodução gráfica colorida, explicando sucintamente cada tipo. Solicitar aos alunos que peguem os folhetos expostos e redistribua-os nas mesas, separando-os devidamente, de acordo com os tipos de capas de cada livreto. Depois, expor, um a um, os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002), construindo cartazes no quadro, gradativamente, à medida que forem sendo apresentados os tópicos. A seguir, tomando os dois exemplares de cordel pré-selecionados (um mais antigo *O Cachorro dos Mortos*, de Leandro Gomes de Barros; e outro mais atual *A história de Bito: O Bode de Riachão*, de Zezé de Boquim) fazer uma leitura compartilhada do aspecto visual, da estrutura composicional e estilística do folheto, tomando como parâmetros os dez pontos de vista expostos. Estes pontos devem ser abordados, de forma adaptada, de modo a permitir uma leitura mais aprofundada das imagens existentes nas capas dos folhetos e do próprio folheto de um modo geral.

DEZ PONTOS DE VISTA PARA ANÁLISE DE UMA OBRA DE ARTE (COSTELLA, 2002)

1. Factual (identificação e descrição dos elementos que compõem a obra, isto é, daquilo que ela objetivamente mostra);
2. Expressional (observação das reações sentimentais provocadas pela obra: alegria, tristeza, amor, ódio, raiva, ira, angústia, paz, tranquilidade, dentre outros);
3. Técnico (análise da qualidade do material utilizado e da técnica empregada pelo artista);
4. Convencional (identificação do conteúdo simbólico atribuído à obra, ou seja, a interpretação que certos grupos sociais fazem de acordo com suas convenções sociais);
5. Estilístico (identificação da corrente artística à qual a obra está vinculada e do estilo individual do artista);
6. Atualizado (análise da forma como, ao ser deslocada no tempo e no espaço, a obra passa a ser vista de acordo com a ótica cultural do observador hoje);
7. Institucional (análise do valor atribuído a uma obra, de maneira formal, pelas instituições intermediadoras entre ela e o público, a exemplo do papel exercido pelo museu, pela universidade, por um veículo de comunicação etc., que pode

influenciar positiva ou negativamente no modo como a obra é vista ou recebida pelo público);

8. Comercial (observação do valor comercial da obra, ou seja, seu preço de venda);
9. Neofactual (análise das transformações físicas ocorridas na obra no transcorrer do tempo que alteraram sua apresentação visual hoje, tornando-a diferente do modo como foi originalmente criada pelo artista);
10. Estético (apreensão do conteúdo estético da obra; fruição estética forma de conhecimento que se faz por meio dos sentidos pela contemplação reiterada).

Decifração - Leitura da narrativa (três aulas)

4ª Etapa - Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal

Distribuir, para cada aluno, um exemplar da versão atual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, (sem a capa) e convidá-los para fazer uma leitura compartilhada da história, de modo a descobrir o que aconteceu, quem é essa mulher que se casou dezoito vezes, quem foram seus maridos e o que sucedeu com cada um deles. Explicar que a leitura, nesse primeiro momento, será feita pelo professor, oralmente, sem interrupção, da primeira até a décima terceira estrofe, e orientar os alunos para observarem, atentamente, durante a leitura, a caracterização de Dorotéia e o que ela faz.

5ª Etapa - Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros

Organizar a turma para dar continuidade à leitura. Perguntar quem gostaria de compartilhar da leitura da décima quarta estrofe até a vigésima nona, oralmente, para toda a turma. Organizar a sequência dos leitores dentre os alunos que se apresentarem. Após o término da leitura, recolher os exemplares.

Flexibilização: A leitura oral pode ser feita com os alunos em pé, na frente da turma, ou sentados, cada um em sua carteira. Se os alunos preferirem ler na frente, chamar todos para já se colocarem organizados, de modo que a leitura das estrofes possa ser feita de forma sequenciada, sem interrupções.

6ª Etapa - Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive"

Realizar a leitura oral da trigésima estrofe e instigar o interesse dos alunos em descobrir a causa da morte dos maridos de Dorotéia. Frisar que, apesar de já se saber que todos os maridos estão mortos, ainda não se sabe como eles morreram. Somente a partir desse momento, que pode ser considerada como a segunda parte da história, o narrador se propõe a contar como morreram os maridos da mulher. Recolher os exemplares distribuídos. Dizer que é hora, portanto, de desvendar o mistério. Para motivá-los a ler o restante da narrativa, de forma ainda mais interativa, participativa e dinâmica, fazer o terceiro intervalo e realizar o jogo "Brincando de detetive" apresentado a seguir, durante o qual será lido o restante da narrativa. Ele está estruturado de acordo com os três tópicos sugeridos por ROIPHE (2017) para que se possa tomar conhecimento do funcionamento de um jogo: (1) apresentação; (2) organização; (3) regras do jogo.

BRINCANDO DE DETETIVE

1. APRESENTAÇÃO

O jogo tem como objetivo levantar hipóteses acerca de como morreram os maridos da mulher, aguçando o interesse do aluno para ler a segunda parte da história.

2. ORGANIZAÇÃO

Os alunos deverão jogar em grupos de três ou quatro componentes. O professor deverá trazer dez envelopes, contendo dezoito fichas retangulares em cada, medindo cada uma o tamanho de uma folha de papel A4 dividida em oito partes. Cada grupo deverá receber um envelope e grafar nele, no lado externo, um nome de fantasia escolhido para a equipe. Será pedido que cada grupo liste dezoito causas prováveis para a morte dos maridos, escrevendo uma por ficha. As fichas preenchidas serão acondicionadas novamente dentro do envelope que deverão ser devolvidos ao professor que os guardará até o fim da leitura do folheto, ocasião na qual os redistribuirá aleatoriamente, assegurando apenas que cada grupo receba um envelope diferente daquele que escreveu.

3. REGRAS DO JOGO

Vencerá o jogo o grupo que tiver acertado o maior número de causas das mortes em relação ao que efetivamente aconteceu na história lida. Para isso é preciso que, efetivamente, cada grupo preencha as dezoito fichas recebidas, escrevendo em cada uma delas uma causa de morte diferente.

Todos os envelopes deverão ser devolvidos ao professor, assim que forem devidamente preenchidas as dezoito fichas.

Após o preenchimento das fichas, recolher os envelopes e redistribuir os exemplares dos folhetos. A leitura deverá ser retomada pelo professor, alternando com os alunos que também se dispuserem a ler, até o fim da história, quando o professor devolverá os envelopes para os grupos, assegurando que o grupo receba um envelope diferente daquele que o produziu. Essa troca favorecerá a leitura de outras hipóteses que não as produzidas pelo próprio grupo.

O grupo analisará as fichas recebidas e contará o número de hipóteses confirmadas de acordo com o ocorrido na história, registrando o total de acertos no lado externo do envelope, logo abaixo do nome da equipe. Um relator, escolhido pelo grupo, deverá partilhar com a turma o número de acertos da equipe analisada, lendo as respostas certas dadas pelo respectivo grupo. O jogo termina quando for verificado qual grupo marcou o maior número de pontos. Este será declarado o grupo vencedor. Caso a turma queira, e haja tempo disponível, poderão ser partilhadas também, oralmente, de forma sintética, as hipóteses não comprovadas.

Compreensão, interpretação e contextualização (total de nove aulas, conforme desdobramento apresentado nas etapas a seguir)

7ª Etapa- Confeção e exposição da capa dos folhetos (duas aulas)

Dizer aos alunos que agora que eles já sabem da relevância da imagem como parte estruturante do gênero cordel e da importância da capa para o folheto, chegou a hora de cada um confeccionar a capa do folheto que recebeu. Apresentar o material disponível e dizer que eles podem utilizar a técnica que desejar, de acordo com o interesse e as habilidades de cada um, podendo fazer desenho, pintura, recorte e colagem, dentre outros, inclusive mesclar técnicas. A título de sugestão, dizer aos alunos interessados pela xilogravura que a madeira pode ser substituída pelo isopor, material mais acessível no meio escolar. As capas elaboradas serão expostas, em sala, penduradas em um barbante. Esclarecer nesse momento o porquê do nome cordel. Explicar que alguns estudiosos associam a origem dos folhetos ao cordel português, outros o defendem como gênero tipicamente nordestino, forma como o concebemos neste estudo. Explicar que o cordel tradicional não era vendido nas feiras livres do nordeste brasileiro pendurados em barbante, mas sim expostos na própria mala dos vendedores viajantes ou dispostos no chão sobre um forro previamente estendido. Feita a

exposição, perguntar à turma, de um modo geral, qual o trecho retratado em cada capa; observar a leitura verbo-visual feita e as passagens mais recorrentes apresentadas.

Flexibilização: As capas poderão ser confeccionadas usando as mais diversas técnicas conhecidas pelos alunos, de acordo com as habilidades de cada um. Poderá ser feito desenho livre, usando apenas lápis grafite e/ou lápis de cor; pintura com guache; montagem usando recorte e colagem de gravuras; fotomontagens feitas com uso de dispositivos digitais acessíveis aos alunos em sala ou na própria escola (*notebook, tablets, smartphones, computador etc.*); isogravura (desenhos feitos em isopor e apostos sobre o papel em técnica similar à do carimbo); fotografia; dentre outras possibilidades apresentadas pelos alunos, discutidas previamente com o professor, considerando o material didático disponível na escola e/ou organizado pelos próprios alunos. A produção deverá ser feita em sala, de modo que o professor possa acompanhar o trabalho do aluno. Caso os alunos apresentem a necessidade de utilizar algum material não disponível no momento, a atividade pode ser organizada e sua execução ser combinada para o dia seguinte.

8ª Etapa - Leitura da versão atual da capa do folheto de cordel em estudo (uma aula)

Distribuir as capas da versão atual do folheto (destacadas anteriormente) uma para cada aluno. Pedir que a leiam silenciosamente, observando bem a imagem nela existente. Distribuir uma folha de papel ofício e solicitar que eles façam, por escrito, comentários acerca do que observaram, comparando com o modo como eles imaginaram e confeccionaram, aproveitando também para comentar acerca das dificuldades sentidas, ou não, no ato de produção das imagens. As folhas devem ser assinadas, por constituir-se em uma interpretação pessoal da leitura feita. Em seguida, solicitar que os alunos partilhem oralmente com a turma o que escreveram. O aluno pode optar entre apenas comentar acerca do que escreveu ou ler o texto escrito na íntegra. Recolher os textos para posterior verificação. Fazer a leitura visual da capa, conforme os pontos de vista elencados por Costella (2002), já apresentados anteriormente.

9ª Etapa - Realização do Jogo “dos oito” erros às avessas (uma aula)

Distribuir uma cópia da capa da versão original para cada aluno. Observar que, apesar das modificações feitas na versão atual da capa publicada pela Editora Luzeiro, alguns elementos, no geral, foram mantidos. Distribuir, para cada aluno, oito fichas retangulares, medindo 3 X 6, confeccionadas em cartolina branca. Solicitar que relacionem os **oito**

elementos, mantidos nas duas versões, que considerarem mais significativos para a narrativa, colocando o nome de cada elemento em uma ficha. Feita a atividade, com o objetivo de facilitar a contagem das fichas, o professor deve colocar, sobre uma mesa, os recipientes já devidamente identificados com os termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”. Em seguida, deve pedir aos alunos que depositem as fichas preenchidas nas vasilhas, separando-as em conformidade com os elementos citados. Concluída a distribuição, proceder a contagem das fichas, listando no quadro o nome dos oito elementos mais votados, começando pelo primeiro e assim sucessivamente. Fazer um breve comentário acerca do papel de cada um deles na narrativa, de forma a promover uma análise mais acurada dos principais elementos visuais presentes na capa.

10ª Etapa- Realização de atividades escritas (três aulas)

Distribuir uma cópia das atividades para cada aluno. Orientar para que resolvam individualmente, podendo discutir entre os colegas acerca das questões dadas, assim como esclarecer com o professor as dúvidas que surgirem durante sua execução. Ao término da resolução, o docente deverá proceder à correção coletiva das atividades, lendo em voz alta cada um dos enunciados e ouvindo as respostas dadas pelos alunos, comentando-as, de modo a enriquecer a partilha feita pelos discentes e aprofundar o estudo acerca dos elementos verbais e visuais estruturantes do folheto lido. A realização dessas visa produzir discussões sobre alguns aspectos não contemplados ou aprofundados nas outras etapas da sequência, a exemplo da versificação, de alguns elementos da narrativa (foco narrativo e desenlace) e de algumas questões contextuais (a religiosidade, o papel da mulher, a estigmatização social em relação à expressão “mulher-macho” e o uso do jornal como meio para procurar um marido). Objetiva-se também ampliar o conhecimento de mundo por meio da apreensão mais completa dos sentidos produzidos pelo texto aqui concebido em sua completude, constituído pelo cotexto (o linguístico) e pelo contexto (os aspectos sociais, históricos, políticos e culturais que o envolvem).

ATIVIDADES

1. O folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, é uma narrativa em verso composto por 79 estrofes classificadas como setilhas ou septilhas (estrofes de sete versos). E, no geral, as estrofes de um folheto mantêm a mesma estrutura em relação às rimas. Estas concorrem para a construção da musicalidade no

poema. Releia as estrofes a seguir e observe, dentre os esquemas de rimas dados, qual o utilizado pelo autor. Assinale-o.

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéa,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus revezes...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

Na verdade eu não sou feia,
Sou rica, dengosa e bela...
Todos olham para mim
Se vou até a janela...
Tenho os cabelos compridos,
Já tive tantos maridos
E continuo donzela!... (SANTOS, s.d., p. 10)

Ainda no mês passado,
Publicou um edital
“Viúva Paraibana,
Dorotéa Carvalhal,
... Quem desejar suicidar-se,
Basta com ela casar-se,
Tem de graça o funeral! ...” (SANTOS, s.d., p. 16)

a) A
B
A
B
C
D
C

b) A
A
B
B
C
D
C

c) A
B
C
B
D
D

d) A
B
C
B
D
D
C

2. Sabendo que no folheto de cordel a capa não é meramente uma ilustração, mas tem a clara função de deixar antever, visualmente, um importantíssimo aspecto da história contada no interior do folheto, de modo a estimular sua compra, destaque a estrofe que, em sua opinião, retrata mais significativamente o aspecto da narrativa apresentado na capa. Depois, justifique a resposta dada.

- a) Estrofe 14
- b) Estrofe 15
- c) Estrofe 18
- d) Estrofe 21
- e) Estrofe 22

Justificativa:

3. No começo da história é apresentada a perspectiva do poeta que se coloca como narrador. Destaque os versos onde ele demonstra isso claramente.

4. Em um texto narrativo tradicional, como o conto, a novela, o romance, a crônica, de acordo com o foco narrativo, isto é, o lugar de onde o narrador conta a história, ele pode ser classificado como narrador-personagem (conta e participa da história, narrando-a em 1ª pessoa), como narrador-observador (conta a história do lado de fora, na 3ª pessoa), ou como narrador-onisciente (conta a história em 3ª pessoa, mas, às vezes, faz umas intromissões narrando em 1ª pessoa). No folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* uma história é narrada. Tomando como parâmetro a classificação apresentada no enunciado desta questão, responda:

- a) Como é feita a narração, em 1ª ou 3ª pessoa? Comprove com elementos do texto.
- b) Qual o foco narrativo?
- c) Quais os efeitos de sentido gerados pelo modo como a história é contada?

5. O enredo, conjunto dos fatos ocorridos em uma história, tem como um de seus elementos fundamentais o conflito. Este pode ser constituído por qualquer componente da história (personagem, ambiente, fatos, emoções, ideias) que se opõem a outro gerando tensão, criando certa expectativa frente aos fatos narrados, chamando a atenção do leitor.

- a) No folheto lido, qual é o conflito?
- b) De alguma maneira este conflito é retratado visualmente? Sim ou não? Se sim, explique.

6. O desfecho ou desenlace é a conclusão da narração, onde o conflito é solucionado, ou seja, o “quebra cabeça” ou mistério desenvolvido na trama é explicado.

- a) Releia as estrofes finais do folheto e escreva aqui aquela na qual acontece o desenlace da história?
- b) Observe a imagem. Nela ocorre também o desenlace? Escreva aqui, resumidamente, o que você observou.

7. De acordo com o desfecho dado à história, o mistério em torno da personagem Dorotéia foi desvendado, e a causa da morte dos maridos dela também. Que elementos verbais e visuais do texto, porém, permitem afirmar que o problema vivenciado pela personagem não foi solucionado?
8. Na atual versão do folheto publicada pela Editora Luzeiro, uma das alterações verificadas na capa foi a troca do símbolo da cruz sobre os túmulos por outros símbolos variados. Em sua opinião, essa alteração possibilita perceber que mudanças ocorridas na sociedade brasileira, atualmente, em relação à religiosidade?
9. Dorotéia é uma personagem bastante caracterizada com predicativos, tradicionalmente, atribuídos aos homens. Destaque as atividades realizadas por ela que, em sua região, são ainda concebidas como próprias do gênero masculino.
10. Em sua opinião, as atividades destacadas são mesmo próprias só dos homens? Justifique sua resposta.
11. Destaque do texto as características normalmente atribuídas como sendo próprias das mulheres. Relacione-as aqui.
- a) Você concorda que essas características sejam somente femininas ou, atualmente, elas podem ser atribuídas também aos homens? Explique.
12. No texto, Dorotéia é caracterizada como “Mulher-Macho, sinsenhor!...” Na obra, essa expressão tem sentido positivo ou negativo? Justifique.
13. No meio em que você vive, chamar uma mulher de “mulher macho” tem conotação positiva ou negativa? Explique.
14. O jornal é um meio de comunicação social. De acordo com o texto lido, ele é um meio adequado para se divulgar que se está procurando um marido? Por quê?

11ª Etapa - Visualização do espaço na obra (uma aula)

Conversar com os alunos acerca do espaço na narrativa. Explicar que é o lugar onde se desenrola a ação e que ele pode ser físico, psicológico e social. O espaço físico pode ser interno ou fechado (casa, quarto, igreja, hospital etc.) ou externo ou aberto (praia, rua, praça,

quintal etc.); pode constituir apenas o cenário da ação ou ter também uma função importante para revelação do comportamento e do caráter. Neste caso, faz-se necessário identificá-lo mais detalhadamente: se abrange uma pequena ou grande extensão; se identifica geograficamente um determinado local, estado, região, país; se nacional ou internacional; se natural ou construído pelo homem; se rural ou urbano. Por sua vez, o espaço psicológico manifesta-se no interior da personagem, evocados pela memória, abarcando suas vivências, seus pensamentos e sentimentos. O espaço social é constituído principalmente por meio das personagens figurantes, representando as relações sociais, econômicas, políticas e culturais existentes na narrativa. O espaço pode ser descrito detalhadamente no corpo da narrativa ou aparecer apenas referências espaciais diluídas ao longo da narração. Se poucos forem os fatos, menor variedade haverá de espaço; pelo contrário, se a narrativa for cheia de acontecimentos, haverá maior diversidade de espaços. Dadas estas explicações, dizer que nesse folheto, de um modo especial, a apresentação do espaço físico feita, à medida que vão se apresentando os pretendentes de Dorotéia, parece conter uma mensagem implícita na obra, porém, bastante significativa. O modo como o espaço é apresentado na parte onde começam a aparecer os maridos (a partir da trigésima estrofe), de forma secundária, extremamente diluída, torna-se também como um mistério diante do leitor que precisa ir descobrindo cada lugar gradativamente, de modo a compreender melhor a ação narrativa (DIMAS, 1994). Explicar que Barthes (1990, p. 34), ao falar da função *relais*, encontrada sobretudo nas charges e nas histórias em quadrinhos, gêneros tradicionalmente classificados como verbo-visuais, alerta que, nesses gêneros, “a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história”. Dizer aos alunos que isso parece ser também o que ocorre no folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, também um gênero verbo-visual. Por isso, a relevância de observar visualmente, por meio do mapa, a construção do espaço feita na obra em estudo. Este, apesar de se encontrar substancialmente diluído, traz implícito em um “nível superior”, o da história, como alegou Barthes (1990), uma mensagem que precisa ser verbo-visualmente observada, para ser melhor e mais completamente assimilada. Depois dessa explicação, afixar no quadro o Mapa Mundi: divisão política (continentes, países, estados), lembrando aos alunos alguns conhecimentos prévios, geralmente, adquiridos nas aulas de geografia (Localização no mapa: hemisférios norte, sul, leste e oeste.); e nas aulas de história, os conceitos de “velho mundo” e “novo mundo”. Este, referindo-se ao continente americano onde está localizado o Brasil; aquele, ao continente europeu e as terras do Oriente. Feita essa breve explanação, pedir aos alunos que formem duplas. Distribuir entre elas, aleatoriamente, as cartas (APÊNDICE D) contendo trechos do texto verbal relativo aos maridos de Dorotéia.

Orientar para que identifiquem, por meio das pistas textuais presentes nos trechos escritos nas referidas cartas, o espaço de origem dos maridos de Dorotéa ou o local onde foram realizados os casamentos. A seguir, apresentar, uma a uma, as fichas numeradas de um a dezoito, representando a sequência de apresentação dos maridos na obra, solicitando que os alunos afixem no mapa as fichas referentes à localização encontrada, a começar pelo primeiro marido e assim por diante. Após serem colocadas todas as fichas, perguntar que outras leituras podem ainda ser feitas em relação aos maridos de Dorotéa, de acordo com a distribuição espacial observada. Espera-se que os alunos percebam que eles foram aparecendo, gradativamente, do local para o regional, deste para o nacional e daí para o global, ou seja, abrangendo todo o mundo, aqui representado, geograficamente, pelos quatro hemisférios (norte, sul, leste e oeste) e, historicamente, pelo Velho e pelo Novo Mundo (Europa e América respectivamente), em uma clara alusão à invencibilidade de Dorotéa Carvalhal, a "MULHER-MACHO, SINSENHOR!..." (E. 79). Caso os alunos apresentem dificuldade em realizar a leitura visual do mapa, auxiliá-los, de maneira que todos os espaços sejam localizados. Tecer os comentários finais.

Flexibilização: As atividades e jogos aqui propostos podem ser realizados com outros folhetos de cordel não apenas no nono ano como também em turmas de outros anos do ensino fundamental ou médio, desde que feitas as adaptações necessárias, tendo em vista as especificidades do folheto selecionado, da turma e do nível de aprendizagem dos alunos. Uma questão, todavia, não pode jamais ser descurada: a verbo-visualidade.

12ª Etapa - Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos (uma aula)

Encerrar a execução do projeto com a exposição do *banner* sobre Valeriano Felix dos Santos, realizando a leitura oral dos dados biobibliográficos nele apostos, de modo a apresentar, também verbo-visualmente, o poeta cordelista riachãoense para a turma. Expor algumas obras originais do autor, tecendo um breve comentário à respeito delas, convidando os alunos para que também comentem oralmente acerca do que aprenderam sobre o poeta cordelista de sua terra. Em seguida, fazer os comentários finais, solicitando que cada aluno elabore um comentário escrito acerca do que aprenderam sobre o gênero cordel a partir da realização do projeto, assim como sobre o autor Valeriano Felix dos Santos e a obra estudada, o folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*

Flexibilização: Caso não seja possível confeccionar o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio

de *slides*. Também poderá ser solicitada previamente uma pesquisa extraclasse sobre o autor, realizada em grupo ou individualmente, e os dados pesquisados serem partilhados nesta etapa a título de conclusão dos trabalhos realizados.

QUADRO 7 - SÍNTESE DAS ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Fases	Etapas	Síntese das Atividades	Nº de aulas
MOTIVAÇÃO	1 e 2	Contextualização da pesquisa; apresentação do gênero; significado da capa para o folheto de cordel; exposição do <i>banner</i> sobre cordel e dos folhetos de cordel.	2 (90 min)
INTRODUÇÃO	3	Explanação de conhecimento prévio necessário para uma leitura mais completa da imagem, assim como da história narrada.	1 (45 min)
DECIFRAÇÃO	4, 5 e 6	Decifração: leitura da narrativa e realização do jogo “Brincando de detetive”.	3 (135 min.)
COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	7	Produção de texto visual: confecção da capa do folheto lido.	2 (90 min.)
	8	Leitura da versão da capa atual do folheto de cordel em estudo	1 (45 min.)
	9	Realização do “Jogo dos oito erros às avessas” (Leitura e análise concomitante das duas versões da capa do folheto em estudo).	1 (45 min.)
	10	Realização de atividades escritas	3 (135 min)
	11	Visualização dos espaços na obra referentes ao lugar de origem dos maridos de Dorotéia ou ao local de realização dos casamentos.	1 (45 min.)
	12	Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos	1 (45 min.)

Para fins de avaliação das atividades desenvolvidas ao longo da sequência foram analisados se os objetivos propostos para cada uma delas foi atingido, como também foi feita uma análise geral utilizando dez dos parâmetros estabelecidos por Butt (2009) para a efetivação de aulas bem sucedidas, a saber: ter propósito definido; ser bem estruturada; ser flexível; ser bem servida de recursos; ser desafiadora; ser bem ritmada, dinâmica; envolver uma aprendizagem ativa; usar habilidades de raciocínio, iniciativa e imaginação; ser prazerosa, gratificante; e indicar continuidade e progressão. Cada atividade foi avaliada de 5 a 10 em cada um desses critérios, onde 5 significa “critério pouco contemplado” e 10 significa

“critério totalmente contemplado”. Também foi observada a participação da turma durante a aplicação da sequência e os comentários por eles produzidos. No fim, foram distribuídas as mesmas atividades do questionário sobre a temática específica utilizado antes da aplicação do projeto (fase diagnóstica) para serem respondidas novamente pelos alunos a fim de comparar os dados obtidos antes e depois da aplicação deste projeto de intervenção, de forma a detectar, de acordo com as respostas dadas, se houve ou não aprendizagem em relação ao ponto de partida.

Esperou-se, com a realização da sequência, que os alunos aprofundassem o estudo acerca do gênero cordel e passassem a conhecer um poeta de sua terra, cordelista, autor de diversos folhetos, conhecendo também sua obra mais importante; realizassem efetivamente a leitura de um folheto de cordel, compreendendo-o como gênero verbo-visual, passando a compreender a importância e a necessidade de se conjugar a leitura das linguagens verbal e visual para apreender de forma mais completa os diversos sentidos dos textos constituídos verbo-visualmente, assim como para manifestar/sugerir sentidos; e percebessem que, em um mundo onde a comunicação pela imagem é cada vez mais predominante, o texto não pode mais ser concebido apenas em termos de aparato verbal. Esperou-se também que os discentes percebessem que o folheto estudado traz em sua estrutura composicional os seguintes elementos: estrofe, verso, rima, ritmo, narrador, personagem, enredo, tempo, espaço, conflito, desfecho, dentre outros aspectos, devendo, portanto, ser compreendido como um gênero poético-visual-narrativo. A análise dos dados aposta na terceira parte deste relatório pesará até que ponto essas expectativas foram atendidas.

4 CAMINHOS TRILHADOS/FRUTOS COLHIDOS

Apesar da minha larga experiência de sala de aula, foi-me imensamente salutar, nos últimos dois anos, a oportunidade de cursar um Mestrado Profissional em Letras, área que resolvi abraçar há mais de vinte anos. Dentro deste, particularmente, a exigência da aplicação de um produto em uma turma do ensino fundamental fez-me voltar a vivenciar o fazer docente com a postura de pesquisadora. E pesquisando, de repente, relevantes constatações são feitas. E foi isso que aconteceu. Durante a aplicação da sequência didática na turma da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, no município de Riachão do Dantas, no Estado de Sergipe, constatei não só que os discentes aprenderam, mas, sobretudo, que o aluno, mesmo imerso na era digital, não deixou de gostar de ler o impresso e ainda se encanta, e muito, ao mergulhar nas páginas de um livro e desvendar os segredos nele guardados. Para tanto, deverá concorrer o trabalho docente, planejando e organizando aulas que, no final, deem ao próprio professor o prazer de confirmá-las como bem-sucedidas, porquanto, para isso formou-se educador. Aulas que o façam esquecer, mesmo que por um momento, as duras “pedras” encontradas “no meio do caminho” de tão árdua e, ainda, tão desvalorizada profissão. Aulas gratificantes, pois a maior alegria em ser professor é, por meio do ensinar, encontrar uma outra alegria: a de seus alunos ao aprender.

Dessa forma, a aplicação da sequência elaborada resultou em quinze prazerosas aulas desenvolvidas no período de 28/09/2017 a 09/11/2017. O intervalo de tempo poderia ser menor, não fossem as intercorrências vivenciadas às sextas-feiras, por conta dos feriados nas quintas ou por outros motivos escolares ou municipais impossíveis de se prever. Sobre o ocorrido em cada uma delas tentarei relatar a seguir, o mais fidedignamente possível, sendo traída, certamente, pela própria incapacidade humana de reter toda a verdade que acontece em nosso redor e nos faz deter, observar e reter apenas frações da realidade a nossa volta. Fato é que, da posição concreta na qual se encontra, o sujeito só poder vislumbrar e vivenciar partes, recortes do todo que compõe o mundo. Essa limitação humana corrobora a essencialidade da Literatura que dá abertura a um universo de possibilidades. “A arte me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas, e assim enriquecer a experiência de minha vida real”, afirma Bakhtin (2010, p. 73). Na perspectivação reside a função elevadora, construtora e edificante da arte: ela possibilita ao ser humano vivenciar o “não vivido” e alargar as perspectivas do horizonte vislumbrado, abrindo-se para o sujeito infinitas possibilidades que em sua vida material é impossível experienciar ou realizar.

Por mais que seja o pesquisador metuculoso, cuidadoso, não dá para perceber tudo, não dá para acompanhar, registrar, analisar e interpretar todos os gestos, olhares, conversas paralelas, suspiros, sussurros, ocorridos no tempo real ao nosso redor. E mesmo aqueles percebidos e registrados, certamente, concentram em si, muito mais do que aquilo que podemos captar, porque gerados no universo que é, particularmente, cada ser humano.

Ponderações feitas, tentarei relatar a seguir o ocorrido durante a execução das etapas que compõem a sequência básica desenvolvida neste projeto e proceder à análise das informações e dos elementos coletados. Para execução das doze etapas planejadas e expostas no final do capítulo anterior, foram formulados os planos de aula (APÊNDICE F), constando os objetivos específicos para cada atividade. De acordo com estes, foi medida a eficiência do trabalho desenvolvido. Intentando tornar mais prática a análise entre o planejado e o executado, assim como a verificação do alcance dos objetivos estabelecidos, será mencionado, antes de cada relato, o número das aulas e as etapas correspondentes, assim como serão transcritos os objetivos específicos estabelecidos nos respectivos planos.

Por razões éticas, os nomes dos alunos foram resguardados, sendo utilizado como código para cada um deles um número cardinal atrelado a uma letra maiúscula. Em virtude das perguntas e dos comentários escritos, revelando aspectos, muitas vezes até avaliativo, do trabalho realizado, os textos dos alunos foram transcritos, mantendo-se a grafia original.

Aulas nº 1 e 2 – 90 min.

Etapas 1 e 2 - Conversa informal/Exposição de folhetos de cordel e do *banner* sobre cordel

Objetivos específicos:

- Sensibilizar os alunos para a participação ativa durante todas as etapas da execução do projeto a ser desenvolvido, enfatizando sua importância e contribuição para o melhor conhecimento do meio em que vive;
- Manusear os folhetos de cordel, observando a estrutura composicional (capa, autoria, título, número de páginas, estrofes, versos, rimas, material utilizado para confecção, dentre outros aspectos);
- Definir o gênero cordel e identificar suas características.

Na primeira aula, com o objetivo de sensibilizar os alunos para a participação ativa durante todas as etapas do projeto, foi realizada uma conversa informal para apresentação deste. Expliquei que era um projeto vinculado ao Mestrado que estou cursando na

Universidade Federal de Sergipe. Foi posto o tema, o autor a ser estudado e a obra selecionada como objeto de estudo. Foi explicado o motivo da escolha do autor, por ser um filho da terra reconhecido fora do município, mas ainda desconhecido por sua gente, conforme constatado no diagnóstico sobre a temática, quando todos foram unânimes ao afirmar não terem ouvido falar de Valeriano Felix dos Santos. Também foi explicado o gênero a ser trabalhado: a literatura de cordel. E, inicialmente, foram expostos folhetos de cordel variados em uma grande mesa montada no centro da sala. Enquanto ia expondo os livros, fui tecendo breves comentários acerca da origem do folheto de cordel e da forma como o concebemos neste projeto: de origem nordestina, atrelada às cantorias de desafio. Dispostos todos os exemplares, os alunos foram convidados a manuseá-los. Eles aproximaram-se, começando a observá-los. Alguns, estabelecendo um primeiro contato com o gênero; outros, já tinham ouvido falar em cordel nos trabalhos realizados na semana do folclore nas séries anteriores. Poucos, porém, já tinham manuseado um folheto. Primeiro, os alunos ficaram em pé ao redor da mesa, folheando os livretos e devolvendo-os ao seu lugar de origem. Depois de algum tempo, porém, naturalmente, sem que ninguém sugerisse, os alunos foram escolhendo um dos folhetos e retornando aos seus lugares. Sentados, começaram a ler a história selecionada.



Fonte: Arquivo próprio

Devido ao grande interesse dos alunos em ler os folhetos escolhidos, a sala foi ficando em silêncio e eu evitei fazer a conversa individual com os alunos, como havia planejado. Apenas, já próximo ao término da aula, nos dez minutos finais, expliquei a forma

como esses folhetos eram produzidos e vendidos antigamente, e como o são hoje. Falei novamente da origem, dos primeiros autores e do público leitor. Nesse momento, foi enfatizada a importância da capa e do título para o folheto, pois, no início, o contexto era de um público onde pouquíssimas pessoas sabiam ler e os livretos eram adquiridos, normalmente, para serem lidos em rodas de leitura por quem dominava a tecnologia da escrita. Também foi destacado que muitos poetas cordelistas eram “semi-analfabetos” e que esta questão seria discutida quando da leitura do texto “Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país”, de Rodolfo Coelho Cavalcante, exposto no *banner* a ser trabalhado em seguida. Findo esse primeiro momento, os folhetos foram recolhidos e, como eles mostraram-se bastante interessados em lê-los durante a exposição, ocorreu-me a ideia de oferecer os livros para o aluno que quisesse tomar emprestado para ler em casa. Começou assim uma atividade enriquecedora que perpassou toda a aplicação da sequência.

Em consonância com Filipouski e Marchi (2009, p. 11), “considerando a leitura literária, leitores dão resposta a um texto recomendando-o a alguém”. Foi assim que alguns alunos, expressamente, emprestaram os folhetos de cordel para levar para seus familiares lerem: “Vou levar um para meu pai ler. Ele gosta de ler esses livrinhos”, disse o Aluno 14A, logo no primeiro dia, e escolheu o título “O cavalo que defecava dinheiro”. Posteriormente, a Aluna 1A escolheu logo cinco livretos dizendo: “Vou levar esses para minha mãe. Ela gosta muito.” E assim, vão se formando também alunos multiplicadores de leitores, pela consolidação do próprio hábito de ler nos dois níveis: na quantidade e na qualidade. A junção desses dois aspectos assegurará a exploração de diferentes formas de ver e pensar a realidade, promoverá uma intimidade maior e melhor com o texto, desenvolvendo as habilidades de compreender e interpretar uma obra da forma mais completa possível.

Na aula nº 2 foi exposto o *banner* com o texto “Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país”, de Rodolfo Coelho Cavalcante. Esta tinha como objetivo definir o gênero cordel e identificar suas características. Comecei a ler o texto, parando ao fim de alguns versos ou de algumas estrofes para explicar mais detalhadamente o que estava sendo lido.



Fonte: Arquivo próprio

Expus mais detalhadamente acerca da origem do cordel, um gênero genuinamente nordestino, conforme Abreu (1999); da mudança, por volta dos anos de 1970, da terminologia de “literatura de folhetos” para “literatura de cordel”, denominação utilizada em Portugal; e aproveitei para explicar a diferença entre a literatura de cordel feita no país lusitano e a que era produzida no sertão nordestino. Aquela, um gênero editorial, predominantemente em prosa, adaptação de clássicos da literatura para um modelo mais popular com o objetivo de facilitar o acesso ao povo, barateando o custo, facilitando a venda. Esta, um gênero literário, predominantemente em verso, oriundo das cantorias de viola, dos desafios orais travados pelos cantadores repentistas no interior do Nordeste brasileiro. (ABREU, 1999). Outras questões presentes no texto lido, como a constituição dos folhetos, suas características, a produção e a venda, o meio de circulação, a capa, o título e a autoria, também foram retomadas e aprofundadas. Os alunos ouviam tudo atentamente. No fim, visando sintetizar essas informações introdutórias e estabelecer um *feedback*, foi distribuída uma folha de papel sulfite A4 e eles foram orientados a fazer um comentário escrito sobre o que consideraram ser a informação ou o aprendizado mais relevante nesta aula inicial. Durante a escrita dos comentários, vários questionamentos foram formulados, por parte dos alunos, com o claro objetivo de confirmarem algumas informações ouvidas ou esclarecerem alguma dúvida surgida, antes de colocá-las no papel.

Perguntas feitas pelos alunos ao final da aula da fase da motivação.

Alunos 3B, 7A e 4B: Como é o nome do escritor daqui?

Pesquisadora: Valeriano Felix dos Santos.

Aluno 14A: Ele morava aqui?

Pesquisadora: Não. Ele foi embora ainda jovem.

Aluna 5B: Professora, se chama criador ou escritor de cordel?

Pesquisadora: É criador porque ele cria uma história e escritor também. Mas o termo usado nos folhetos era “autor”. Eles se denominavam autores, poetas, poetas cordelistas.

Aluna 5B: Ele ficou conhecido internacionalmente?

Pesquisadora: Sim, pois um dos seus folhetos, o que nós iremos trabalhar aqui com vocês – *A mulher que se casou dezoito vezes...* – está relacionado até em catálogos internacionais na internet.

Aluno 7A - Os escravos faziam os cordéis para ganhar dinheiro?

Pesquisadora: De acordo com o texto de Rodolfo Coelho Cavalcante que acabamos de ler no *banner*, sim.

Aluno 14A - O cordel tem mais de quinhentos anos e como eles escreviam?

Pesquisadora – Na época em que o folheto de cordel começou a ser escrito aqui no Brasil, no final do século XIX, já tinha imprensa e os primeiros folhetos, até mais da metade do século vinte, foram produzidos em tipografias.

Aluna 1A - Valeriano nasceu aqui em Riachão?

Pesquisadora - Sim. Ele nasceu na região de Palmares.

Aluna 5B - Ele nasceu não foi na Colônia Boqueirão, não?

Pesquisadora: Não. Lá é onde tem uma escola que foi criada na década de 80 e foi colocado o nome dele, em homenagem, pelo então prefeito José Lopes de Almeida.

Aluno 14A - Funciona ainda?

Pesquisadora: Sim. Eu até pensei, durante a organização deste projeto, fazermos uma excursão lá para expor sobre Valeriano, mas desisti por questões de segurança. Estava chovendo muito por aqui e as estradas ficam muito ruins.

Aluna 3B - Ele ainda é vivo?

Pesquisadora: Não. Ele já morreu.

Aluna 11B - Ele morreu com quantos anos?

Pesquisadora: Eu ainda não descobri isso, porque ainda não sei a data da morte dele. Mas pretendo descobrir até o encerramento do nosso projeto. Aí, eu digo.

Aluna 3B - A senhora tem alguma foto dele?

Pesquisadora: Sim, e no momento certo vocês conhecerão. Eu coloquei a foto dele no *banner* que vou apresentar a vocês no último dia do projeto quando faremos a exposição sobre ele.

Aluna 3B - Ele tem parentes aqui em Riachão?

Pesquisadora: Que eu saiba, não.

Ao final desses questionamentos, resolvi também aproveitar a oportunidade e fazer uma pergunta a eles a fim de verificar, de forma breve, se haviam compreendido as colocações feitas sobre a venda dos cordéis.

Pesquisadora: Vocês acham que eles liam o cordel para chamar a atenção? (referindo-me à forma como eram vendidos).

Aluno 14A – Não. Eles cantavam ou contavam uma parte da história parando numa parte bem interessante ou, então, as pessoas viam as capas, se interessavam e compravam e chamavam alguém que sabia ler e formavam rodas para ouvir a história.

Satisfeita com a resposta, não fiz mais perguntas. Todos silenciaram e começaram a escrever. Posteriormente, ao ler os comentários escritos, ficou confirmado que despertou a atenção dos alunos o conhecimento do autor Valeriano Felix dos Santos e o fato dos cordelistas serem “semi-analfabetos”, informação expostas no *banner* sobre o cordel. Alguns fizeram associação e pensaram ser Valeriano também analfabeto o que exigiu esclarecimento da nossa parte já no início da aula seguinte, pois, ao entrar no exército, Valeriano foi alfabetizado aos 20 anos, “vindo a concluir o ginásio que lhe conferiu o título de ‘Bacharel em Ciências e Letras’, de acordo com a legislação em vigor”. (SANTOS, s.d., p. 5). O local de nascimento de Valeriano também chamou a atenção dos alunos logo neste primeiro momento, atendendo a um dos objetivos deste projeto que é “(re)conhecer um ilustre escritor da sua terra, passando a valorizar mais o meio em que vive”.

O que eu achei interessante foi que além de Valeriano Felix dos Santos ser um cordelista ele também escrevia, jornalista no estado da Bahia. E eu tinha maior orgulho dele ser da terra que eu moro. Não posso deixar de falar que além de tudo isso quase ninguém dava valor para o que ele fazia. Os

escravos fazia cordel para vender para ganhar a sua liberdade numa praça com sua viola eles fazia suas rimas tão pequenas e bonitas e com muita sinceridade. (Aluno 7A).

Foi evidente a satisfação dos alunos ao tomar conhecimento de mais um ilustre autor de sua terra. Eles sentiram-se imensamente motivados a conhecer mais profundamente a história de Valeriano, um conterrâneo deles, escritor premiado tanto na esfera poética, quanto jornalística. Também foi notória a admiração diante das primeiras informações obtidas sobre os “autores-criadores” de cordel.

O *feedback* estabelecido por meio dos comentários escritos permitiu-me verificar também que outros aspectos comentados já nesta fase de motivação, a serem trabalhados mais profundamente durante a sequência, não passaram despercebidos: a importância do cordel; a forma de produção e venda; a composição dos folhetos (histórias inventadas, presença das rimas); a origem do cordel (nordestina, atrelada às cantorias de viola e antiga); e até o significado do termo cordel (barbante). Isso revela que tudo que foi exposto neste primeiro momento despertou o interesse dos alunos pelo projeto, como demonstrado pela atenção e pela participação percebidas em sala durante a explanação inicial e a exposição dos folhetos. Também os questionamentos e comentários formulados oralmente concorreram para confirmar terem as aulas motivacionais atingido plenamente os objetivos propostos. E, se ser “flexível”, “diferenciada” e “variada, contemplando diferentes estilos de aprendizagem”, “criadora de uma boa atmosfera de aprendizagem” são critérios, dentre outros citados por Butt (2009, p. 64), para análise de uma aula bem-sucedida, então, pode-se afirmar ter sido esta uma delas.

Eis alguns dos comentários escritos formulados ao final dessa fase:

O que eu achei mais interessante foi saber que o cordel foi escrito por um semi-analfabeto. E que é feito por povo do nordeste, são histórias inventadas. E eram vendidas eram vendidas nas feiras livres. Gostei também de saber que Valeriano Felix dos Santos grande cordelista conhecido no mundo todo nasceu em Palmares. (Aluna 1A).

O cordel foi muito importante ajudou muitos analfabetos a conseguir ler e ele não deveria ser esquecido. (Aluno 17A).

[...] eles fazem rimas e também desafiam os outros escritores a rimar. (Aluna 16 B).

O que eu achei mais importante é as histórias contadas por rimas. (Aluno 16A).

Achei interessante que na nossa cidade tinha um cordelista conhecido mundialmente. Também não sabia que ele já tinha um filme. (Aluno 2B).

A literatura de cordel é uma expressão de cultura popular. (Aluna 6A).

É importante também que as Histórias são inventadas pelos povos nordestinos. (Aluno 11A).

Em seguida, os comentários digitalizados dos alunos 14B e 8A respectivamente.

Achei interessante que Valeriano Felix dos Santos foi um grande escritor de Cordel Ricodossense que também era jornalista. Pessoas de outras países tinham para o Brasil conhece-lo. Os escritores gostam de dinheiro com vendas de cordéis e com seus dom de tocar viola. Nesse primeiro etapa do projeto achei magnífica a origem e a história de Valeriano Felix dos Santos uma história em que fala de Ricardo do Santo.

Tudo que eu aprendi foi muito importante, as histórias foram interessantes. Conheci também a história de Valeriano Felix dos Santos ele foi um autor de cordel que embelezou a todos, sua cidade natal foi Palmeiras. Hoje a aula foi boa pois foi um pouco diferente, houve histórias de cordel que fascinaram a gente.

Aula nº 3 – 45 min.

Etapa 3 - Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos de cordel

Objetivos específicos:

- Distinguir e classificar os tipos de capas dos folhetos de cordel;
- Reconhecer os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002);
- Identificar os aspectos constitutivos dos folhetos de cordel pré-selecionados.

A aula foi iniciada com um breve esclarecimento sobre o mal-entendido de ser Valeriano semi-analfabeto. Expliquei que ele foi alfabetizado no exército aos vinte anos e concluiu o antigo ginásio, recebendo o título de Bacharel em Ciências e Letras, conforme lei da época. Explicações dadas, eu fui arrumando as mesinhas, onde seriam distribuídos os folhetos, de acordo com o tipo de capa. Cada mesa foi devidamente identificada com um tipo de capa, em consonância com a classificação feita por Maranhão (1981): "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, gravura popular (xilogravura); e mais o tipo "reprodução gráfica" existente nos dias atuais. Após a explicação acerca dos tipos de capa, os alunos foram convidados a se levantarem e pegarem os folhetos, aleatoriamente, e colocarem nas mesas de acordo com cada tipo. Mesmo com a explicação dada, os alunos sentiram dificuldade em separar os livrinhos, principalmente em relação ao "desenho popular" e a "gravura popular (xilogravura)". Concluída a separação, observei a distribuição dos folhetos nas mesas e constatei a troca de alguns exemplares desses tipos. Entretanto, para que eles pudessem expressar oralmente a dúvida sentida, perguntei: "Quais os tipos de capa que vocês sentiram mais dificuldade de classificar?" Eles responderam: "O desenho e a gravura". Mais uma vez, expliquei a diferença entre as duas formas, dizendo que realmente, em alguns casos, são muito parecidas, mas o desenho consiste no risco sobre o papel ou outra matéria-prima, enquanto a arte de gravar requer que a madeira, no caso da xilogravura, seja escavada até que transpareça a imagem que se quer imprimir, a exemplo de como acontece com o carimbo. Tomei alguns exemplares e fui revendo com eles a classificação feita. Não obstante, muitas vezes, a "classificação" em educação, sobretudo na aula de português, ter um caráter pejorativo, neste caso particular, trata-se do conhecimento de técnicas específicas, de acordo com os elementos factuais que as obras oferecem graficamente. Trata-se, portanto, de parte de uma experiência plástica dos alunos.



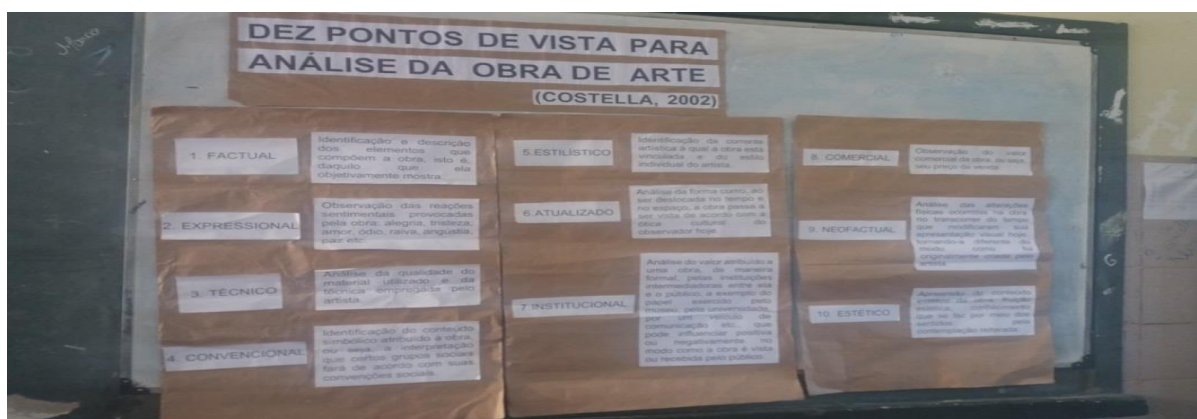
Fonte: Arquivo próprio



Fonte: Arquivo próprio

Em seguida, comecei a explanação dos dez pontos de vista para análise da obra de arte, conforme elencados por Costella (2002). Ao passo que ia expondo cada ponto, o cartaz

ia sendo construído. Essa forma de apresentação ajuda a prender mais a atenção do aluno durante a exposição, mediante a expectativa do que será afixado a seguir. Todavia, ao invés de exemplificar, usando os folhetos pré-selecionados, somente ao final da explanação, resolvi utilizá-los desde o início, de modo a explorar melhor cada ponto à medida que ia sendo exposto e dinamizar ainda mais a apresentação por meio do diálogo com os alunos.



Desse modo, após a explicação do primeiro ponto – o factual –, ao serem tomados os dois folhetos para exemplificar (Um mais antigo *O Cachorro dos Mortos*, de Leandro Gomes de Barros; e outro mais atual, *A história de Bito: O Bode de Riachão*, de Zezé de Boquim), os alunos foram questionados acerca do que observavam em relação a esse aspecto nos folhetos. A primeira observação feita foi em relação à imagem: “O cachorro chorando”, disse a Aluna 5B. Esse fato lembrou-me dos ensinamentos de Barthes (2015, p. 42) acerca do “*punctum*”: “Esse ‘detalhe’ é o *punctum* (o que me punge)”, diz o autor ao falar no elemento que o faz deter o olhar em uma fotografia, fazendo-a não ser mais uma qualquer.

Um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse de uma fulguração. Pela marca de *alguma coisa*, a foto não é mais *qualquer*. Esse *alguma coisa* deu um *estalo*, provocou em mim um pequeno abalo, um *satori*, a passagem de um vazio (pouco importa que o referente seja irrisório). (BARTHES, 2015, p. 46, grifos do autor).

De forma impactante, o que se destacou inicialmente foi a lágrima descendo pelo canto do olho do cachorro. Nesse momento, foi reforçada a importância da capa para o folheto de cordel, sua função chamativa, como também o fato de que a leitura começava justamente por ela. Na sequência da análise do factual (identificação e descrição dos elementos que compõem a obra, isto é, daquilo que ela objetivamente mostra) foi observado o tipo do papel (jornal para o folheto mais antigo e sulfite para o atual), o formato do livreto (do tamanho de uma folha de papel dobrada duas vezes). Por isso, os livrinhos tradicionais tinham sempre 4, 8, 16, 32, estendendo-se até 64 páginas, sendo denominados “folhetos” os menores de até 16

páginas, e romances, os de 32 e até 64 páginas, como exposto no tópico 1.6 do corpo deste trabalho, intitulado “Análise do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* .

Outro ponto analisado em relação aos dois folhetos tomados para exemplificação foi a técnica utilizada para confecção da capa: no primeiro, a “gravura popular”; e, no segundo, uma “fotografia”, conforme trabalhado anteriormente. O valor comercial também mereceu relevo dentro do estudo do gênero, pois, em sua imensa maioria, os poetas cordelistas eram pessoas oriundas das camadas populares que sobreviviam da venda dos folhetos. Muitos deles, além de produzirem artesanalmente os próprios folhetos, saíam a vendê-los nas feiras livres. Isso quando não vendiam seus direitos autorais a algum editor que os publicava, recolhendo o poeta apenas uma pequena parte dos folhetos para revenda como forma de obter algum ganho. Dada essa explicação, os alunos foram questionados acerca do valor de venda dos folhetos, se eles achavam que era “barato” ou “caro”. Eles responderam “barato”, pois é “popular”. Declarei que os primeiros folhetos que adquiri pela internet há cerca de um ano custaram R\$ 5,00 (cinco reais) cada. Atualmente já comprei por R\$ 7,00 (sete reais) cada.

Apesar do baixo custo aquisitivo do livrinho de cordel, em nenhum momento, durante a execução do projeto, esse aspecto foi, pelos alunos, associado à “literatura de pouco valor” ou “literatura pobre”. Eles compreenderam tratar-se das condições de produção e venda dos livros. Sem falar que a experiência com a leitura dos folhetos, especialmente, com o folheto selecionado como objeto de estudo, fez com que os discentes valorizassem o cordel pelo que ele possibilita de vivência de leituras diversas, salutareis e prazerosas, ou seja, pelo ponto de vista estético e não pelo comercial.

Relativo ao ponto de vista institucional, foi ratificado o fato de como, a partir dos anos 70, o cordel começou a ser alvo de estudo por parte de muitos pesquisadores de fora do país, o próprio Rodolfo Coelho Cavalcante, o autor do texto que foi apresentado no *banner*, tornou-se objeto de estudo de um pesquisador norte americano Mark Curran. Professores universitários do Brasil e do exterior também passaram a se interessar pela temática, a exemplo do meu orientador, o Professor Dr. Alberto Roiphe, e da pesquisadora Márcia Abreu em cujas pesquisas fundamentei meu trabalho. De certo modo, o interesse da Academia pelo cordel influencia no modo como a obra é vista ou recebida pelo público.

Aulas nº 4, 5 e 6 – 135 min.

Etapas: 4 - Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal;

5 - Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros;

6 – Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive".

Objetivos específicos:

- Ler da 1ª a 30ª estrofe do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos;
- Listar as causas prováveis da morte dos maridos de Dorotéia (levantamento de hipóteses);
- Ler da 31ª a 79ª estrofe do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos;
- Verificar quais hipóteses levantadas foram confirmadas e compartilhá-las com a turma.
- Tecer comentários acerca do folheto lido e compartilhá-los com a turma.

Ao entrar na sala, logo após cumprimentar os alunos, exclamei: “Até que enfim, chegou a hora de conhecermos a história da mulher que se casou ‘dezoito’ vezes! Vamos ler o folheto.” Expliquei que a leitura seria feita em três etapas. Na primeira, eu faria a leitura oral, da 1ª a 13ª estrofe e eles observariam as características da mulher, após o que faríamos uma pausa para os comentários sobre a personagem. Depois, em um segundo momento, a leitura seria feita por eles oralmente, entre os alunos que quisessem ler de livre e espontânea vontade. Só pedi que não deixassem um intervalo “grande” entre um leitor e outro para não se perder a sequência da história. Disse ainda que a terceira parte da leitura seria por meio de um jogo onde eles seriam “detetives”. Dada essa explicação prévia, comecei a distribuir os livrinhos, dizendo que as capas haviam sido retiradas estrategicamente para serem trabalhadas em outra ocasião. Uma postura adotada, desde o início da aplicação da sequência, foi sempre procurar contextualizar as atividades subsequentes, fazendo um *feedback* com as anteriores. Assim, quando da entrega do folheto para leitura sem a capa, perguntei: Da forma como está, como se chamaria este modelo de capa? A Aluna 3B respondeu prontamente: “Capa do tipo ‘sem capa’”. Em seguida, expliquei que eles confeccionariam uma capa para o folheto nas próximas aulas.

Quando entreguei os exemplares, a Aluna 13B perguntou se todos os livros de Valeriano tinham o Hino Nacional. Respondi que não. Expliquei ser esta uma versão atual da

Editora Luzeiro e que na versão original, disponível na internet, não tem o referido hino. Falei que, além desta, outras mudanças na forma foram realizadas pela editora, a exemplo do estilo da capa e da distribuição das estrofes no interior do folheto. Na versão original, cada página tinha cinco estrofes, com exceção da primeira que tinha quatro para deixar espaço para a repetição do título. Essa era a estrutura composicional do folheto tradicional que tem 16 páginas. Já a versão atual tem duas estrofes na primeira página e três nas demais, chegando a ter o livreto 33 páginas.

Após a distribuição, procedi à leitura, colocando-me em pé, na frente da sala, fazendo-me lembrar de um ensinamento de Silva (2009, p. 110) de que “o professor deve ser um leitor, não só um devorador de livros”, ou seja, além de nutrir o hábito de ler para si, deve ser também capaz de “ler com expressividade, partilhando sua experiência com [...] seus alunos”. A autora coloca ainda a leitura expressiva não como dom, mas como aprendizado, podendo, portanto, ser ensinada. Esse momento foi profundamente salutar, pois, mais que mera leitura, foi um verdadeiro convite para mergulhar na história. Os alunos, sentados em seus lugares, ouviram silenciosamente a leitura das treze estrofes. Não houve nenhuma interrupção. Ao final desse primeiro momento, conforme planejado, fiz algumas perguntas orais para verificar até onde eles haviam prestado atenção e compreendido essa parte da história lida:

1) Quantas alianças ela tinha?

Dezoito.

2) Onde?

Nos dedos.

3) Por que não estavam com os maridos?

Estavam todos mortos.

4) A mulher era como forte ou fraca? Bonita ou feia? Medrosa ou corajosa?

Forte, bonita e corajosa.

Os alunos não erraram em nenhuma resposta, confirmando a atenção demonstrada durante a leitura e a compreensão da primeira parte da história. Depois de estabelecido esse pequeno *feedback*, convidei-os para a leitura compartilhada entre eles, sentados mesmos. E assim foi dada sequência à aula. Da 14ª estrofe até a 29ª os alunos fizeram a leitura oral, de forma ritmada, como assevera Silva (2009), um por vez, sem interrupções, livre e

espontaneamente. Essa participação efetiva durante a leitura também foi observada pelos alunos nos comentários: “todo mundo ia lendo uma estrofe” (Aluno 14A).

Ao fim da 29ª estrofe, retomei, estrategicamente, a leitura do texto, lendo apenas a 30ª estrofe na qual o poeta versa que vai narrar como morreram os maridos. Li e interrompi a leitura. Criei o suspense, dizendo: “Agora vocês darão uma de detetive mesmo. Vamos realizar o jogo ‘Brincando de detetive’ durante o qual vocês farão a leitura da terceira parte. Antes, porém, vocês darão uma de detetive, levantando as hipóteses das causas das mortes dos maridos.” Um foi logo dizendo: “Acho que morreu castrado”; outro falou: “Acho que morreu quando ela se despia, porque não era mulher.” Enquanto assim falavam, fui recolhendo os livretos. Em seguida, foram explicadas as regras do jogo, como posto na sequência. Os alunos formaram as equipes e o jogo foi iniciado. Foi solicitado que cada grupo escolhesse um nome de fantasia e escrevesse do lado de fora do envelope. Os alunos começaram a discutir nos grupos, demonstrando estarem bastante envolvidos e interessados em levantar as hipóteses. Durante a realização da atividade, eles sorriam e teve até uma leve gargalhada. E assim seguiu-se durante todo o momento de levantamento das hipóteses. Um e outro sorriam, creio que, quando da colocação de uma hipótese mais diferente. Para estimulá-los ainda mais, disse: “Use bastante a imaginação e olhem que Valeriano foi bem criativo.” A aula fluiu muito leve e concentradamente. Os alunos mergulharam no jogo e se divertiram. No final, os comentários feitos por eles não desmentiram o observado: “Gostei mais da etapa em que nós tentamos descobrir que os maridos do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...* morreram. Porque essa etapa nós usamos muito nossa imaginação” (Aluna 4B); “A dos envelopes das causas da morte. Foi muito engraçada” (Aluno 11A). Confirmando o exposto por Passarelli (2012), a inclusão da ludicidade contribuiu para a aquisição do conhecimento de forma dinâmica e divertida o que em nada deve ser confundido com falta de seriedade (HUIZINGA, 2005).

Terminada essa etapa da brincadeira, comecei a recolher os envelopes, quando, infelizmente, o sinal tocou antecipado, ao que a Aluna 3B exclamou: “Agora que estava tão bom!” Falei que agora o suspense seria ainda maior. E o suspense foi mantido até a semana seguinte.

Na aula seguinte, deu-se sequência ao jogo com a leitura do que classificamos como a 2ª parte da história, aquela na qual o autor vai revelando a causa da morte de cada um dos maridos. Foi explicado que a leitura seria compartilhada com eles para sequência do jogo. Antes de começar a ler, perguntei: “Agora que já se sabe que todos os maridos morreram,

onde está o suspense?” A Aluna 5B respondeu prontamente: “Ah, mas ninguém sabe como!” Assim, o mistério continuava. Apesar de o autor revelar o conflito e sua causa, ainda não se sabia como, nem por que, os maridos morriam. Portanto, todos estavam muito curiosos em saber as causas das mortes. Esse fator garantiu a realização de uma leitura ritmada. Também assegurou a esta atividade – “A de encontrar os maridos” (Aluno 9A) – o primeiro lugar como aquela que contou com a maior participação por parte de todos. “A de citar as mortes dos maridos, porque foi uma atividade em que todos participaram e se divertiram” (Aluna 5A); “A parte de descobrir as mortes dos maridos, porque todos queriam saber o motivo” (Aluno 15B). Esses são exemplos dos comentários finais escritos pelos alunos quando interrogados acerca da atividade da qual mais participaram.

Os livretos recolhidos na aula anterior foram redistribuídos e a única ressalva feita antes de reiniciar a leitura foi pedir que eles não demorassem a dar sequência entre um e outro leitor para não parar no meio da história. Pelo clima da sala, essa ressalva teria sido totalmente dispensável, pois, quando o primeiro aluno começou a ler, já se ouviu “risos” gerais na parte da “diarreia” e a leitura seguiu, ininterruptamente, de forma altamente concentrada. Apenas nas estrofes 31, 32 e 33, as três primeiras a serem lidas, houve uma pequena pausa. Daí em diante, os alunos passaram a ler avidamente até o final, tomados pela curiosidade em saber como morreram os maridos. A única pausa ouvida era quando dois, e até três alunos começavam a ler igualmente a mesma estrofe, momento no qual o(s) outro(s) parava(m) e um deles continuava a leitura que fluía livremente. Esse fato demonstrou claramente o quanto eles estavam ansiosos para saberem as causas das mortes, confirmando o que diz Silva (2009, p. 49): “Se o texto literário bem realizado esconde mais do que mostra, desvendar o que está oculto – ler as entrelinhas – é o desafio maior e também o maior prazer que a leitura pode proporcionar.”

Algumas exclamações puderam ser ouvidas ao longo da leitura, a exemplo do ocorrido na estrofe 58, quando foi dito “Seu caso está consumado”, um grupo de alunas disse “Vive Maria!”; na estrofe 60, na parte do sapo também; e mais outra exclamação de surpresa e espanto – “Ave Maria!” – ao fim da estrofe 74, após ouvirem que o noivo “Tropeçou em qualquer coisa/ Botou as pernas pro ar” e Dorotéia “Viúva, sempre viúva” continuava “louca pra casar”. Em outro momento da história deu para ouvir um “Coitada!”, mostrando o envolvimento emocional dos alunos com a história. Principalmente na parte da diarreia, o Aluno 2A exclamou: “Como é que uma pessoa morre de ‘diarreia’?!” Esse mesmo aluno ao final da leitura disse: “Satanás!”, em relação à mulher. E ria bastante. Outros colegas sorriram

também. Sem dúvida, conforme dito pelo Aluno 16A, essa atividade “que colocava as mortes do marido [...] foi divertida”. Outras expressões também fluíram automaticamente. A Aluna 11B declarou: “Ela era muito azarada. Ela queria tanto se casar e toda vez o marido morria!” O Aluno 14A conjecturou: “Acho que o pai ciumento, amaldiçoou a filha, por isso, ela casava e não dava certo.” E a Aluna 13B proferiu: “Mortes engraçadas. Mortes estranhas...”

Em conformidade com Silva (2009), existem duas perspectivas de apreensão da realidade: a razão e a emoção. Entretanto, faz parte da tradição cultural supervalorizar a primeira em detrimento da segunda. E na escola, onde até o desempenho precisa ser traduzido em dados numéricos, esse é o cenário preponderante. Nela, a predominância da lógica não deixa muito espaço para a emoção ou para a subjetividade. “A literatura [...] constitui o último reduto onde a emoção tem seu lugar.” (SILVA, 2009, p. 110).

Terminada a leitura, deu-se sequência ao jogo com a análise das hipóteses. Os envelopes recolhidos na aula anterior foram redistribuídos aleatoriamente entre os grupos, confirmando apenas, no ato da entrega, se o envelope dado era o mesmo deles ou não, haja vista ser necessário assegurar que o grupo não ficasse com o envelope que preencheria. Os alunos fizeram a análise, separando as fichas em “confirmadas” e “não confirmadas”. Ficou estabelecido que cada grupo, inicialmente, leria as primeiras e, na sequência, as outras.

Durante a partilha, apareceram dúvidas em relação a alguns termos registrados como hipóteses pelas equipes e a palavra escrita no folheto como causa da morte, conforme mostra o quadro a seguir. Os alunos discutiram brevemente e deliberaram se as palavras seriam, ou não, aceitas como hipóteses confirmadas. Nessa fase foi salutar a releitura de partes do folheto, de modo a comprovar o que foi analisado pelos grupos e/ou avaliar o sentido do que estava sendo posto. A discussão possibilitou a compreensão semântica dos termos empregados no texto e a anuência, ou não, das expressões escritas pelos grupos como equivalentes, de acordo com o contexto linguístico.

QUADRO 8 - HIPÓTESES DISCUTIDAS PELA TURMA

Causas das mortes no folheto	Hipóteses	Resultado
“Tiro”	Assassinato; Homicídio culposo	Aceitas
“Diarreia”	Doença	Não aceita
“Mordida de sapo”	Veneno	Não aceita

Para análise do termo “Homicídio culposo”, fez-se necessária minha intervenção mediadora, pois alguns alunos estavam confundindo “culposo” com “doloso”. Expliquei a diferença técnica dos termos e a turma aceitou a expressão como certa, pois, durante a leitura do folheto, eles haviam concebido o tiro vindo de um canto como acidental e não como um crime premeditado, onde há intenção clara de matar (homicídio doloso).

Foi importantíssima a partilha das hipóteses não confirmadas logo após as confirmadas porque os alunos dos outros grupos puderam analisar a separação feita pela equipe responsável e discutir alguns conceitos, pesá-los, e avaliar se o parecer do grupo procedia, ou não, em relação à análise dos termos e do texto lido, produzindo alteração nos resultados finais. Exemplo disso também foi a hipótese “medo”, levantada por um dos grupos, cuja equipe avaliadora havia separado como hipótese não confirmada. Como nenhum grupo se opôs a essa avaliação, fez-se necessária nossa mediação, relendo a estrofe 58, onde essa causa aparece explicitamente. Os alunos puderam observá-la mais especificamente e confirmá-la. Constatou-se, pois, que em meio a tantas “*causas mortis*”, algumas tão engraçadas e excepcionais que chamaram mais à atenção (o caso da “diarreia”, da mordida de sapo), outras corriqueiras e de ocorrência tão atual que encontraram, de pronto, acomodação na memória dos alunos (o “tiro vindo de um canto”, o acidente de avião, a mordida de cobra), esta, a do medo, não sobressaiu durante a leitura geral do folheto e os alunos não se lembraram dela, nem mesmo ao ser levantada como hipótese.

Esse momento concorreu para aprimorar ainda mais a análise crítica feita pelos alunos e a exploração semântica dos conceitos discutidos. Alguns posicionamentos foram revistos, prevalecendo o senso da maioria. A atividade foi bastante enriquecedora, pois permitiu a releitura de partes da obra e a interpretação de alguns fatos bastante específicos. Os comentários escritos feitos pelos alunos ao término da leitura do folheto permitiram perceber que, além de compreender o texto lido, alguns alunos até se posicionaram criticamente:

a) Ao modo de narrar

[...] conta de uma maneira divertida por que fala sobre o modo que a história é contada e como aconteceu. (Aluna 6B).

b) À caracterização da personagem principal

[...] além de ser uma mulher linda, rica ela era muito azarada por que as 18 vezes que se casou, todos os maridos morreram e cada um de uma morte diferente. (Aluna 11B).

Dorotéa, mesmo depois de tantas mortes dos maridos, não teve medo de casar-se mais vezes. (Aluna 5A).

Dorotéa foi uma mulher legal que arrumava os maridos e ficava viúva de um jeito fenomenal. (Aluna 8A).

Nunca vir uma mulher que tem tanto azar no amor porque casar dezoito vezes e todos os dezoito maridos morrem. (Aluna 7B).

Dorotéa gostava bastante de alianças. (Aluno 11A).

c) Ao espaço na obra e ao conflito

Ela viaja de cidade em cidade e por onde passa morre um marido. (Aluno 2B).

Quem quisesse morrer era só casar com essa mulher que tinha o funeral de graça. (Aluna 4A).

A história foi bem interessante desde o começo até o final, além de ter sido muito engraçada. Pois jamais imaginaria que um homem morreria de uma queda no altar e a coitada da viúva nunca pode desfrutar de um de seus maridos. (Aluna 10A).

d) E, enfim, à história e ao autor

Eu achei essa história muito interessante e engraçada, principalmente o jeito que os maridos morreram. [...] E já percebi que “Valeriano Felix dos Santos” é um gênio do cordel brasileiro. (Aluno 14A).

A história da mulher que se casou dezoito vezes... é uma história muito linda mais um sentimento de tristeza. (Aluna 12B).

A história foi muito criativa pois as causas de morte foram muito bem pensadas ou seja elaboradas. (Aluna 12B).

Acerca da trama criada por Valeriano no folheto de cordel lido, além dos comentários altamente subjetivos feitos pelos alunos, resta apenas apresentar aqui, para reflexão daqueles que ainda olham para a literatura de cordel, por sua origem popular e nordestina, com um olhar estigmatizador, ou somente com uma perspectiva regional, folclórica ou até mesmo histórica, o que já é de uma riqueza imensurável, o testemunho de João Cabral de Melo Neto dado acerca dos cantadores de desafio do sertão, precursores dos autores de cordel: “Os cantadores de desafio do Sertão têm esquemas estróficos complicadíssimos e eu prefiro a simplicidade.” (João Cabral de Melo Neto, 2007, p. XXXI). Em suma, é isso que Valeriano faz: cria uma história cheia de mistério, que atrai a atenção do leitor do início ao fim, envolvendo as temáticas do amor e da morte. Esses “São temas de apelo permanente que mobilizam a imaginação de todas as pessoas.” (SILVA, 2009, p.120). Esse projeto veio

apenas possibilitar que os alunos riachãoenses, seus conterrâneos, não permanecessem mais desconhecendo tão bela história que já correu o mundo por meio das páginas impressas e agora também por meio digital, com o desejo expresso também de fortalecer a ideia de que o gênero cordel está para o trabalho com a leitura em sala de aula sim, e mais, com uma perspectiva verbo-visual. Cordel é literatura! É preciso tão somente que seja aberto o olhar para o letramento literário, mais que necessário, devido às atuais gerações. Vejamos o testemunho dos próprios alunos:

Participar desse projeto foi algo muito legal, desenvolvemos a importância da literatura e podemos reviver a cultura nordestina espero que aja mais projetos assim. (Aluna 12B).

Foi um projeto bem interessante onde aprendemos sobre cordel e estudamos um cordelista de nossa região que não era conhecido por nós jovens. (Aluna 5A).

Aulas nº 7 e 8 – 90 min.

Etapa 7- Confecção e exposição da capa dos folhetos

Objetivos específicos:

- Produzir uma capa para o folheto de cordel lido;
- Expor as capas produzidas.

Na aula nº 7, os alunos foram orientados acerca da confecção da capa do folheto lido. Antes, porém, foi dito a eles que o *banner* sobre cordel trabalhado na Etapa 2 seria exposto novamente, no corredor, pelo lado de fora da sala, para que os alunos que faltaram à aula naquele dia pudessem ler e compreender, conceitualmente, os termos trabalhados (a definição de cordel e suas características). Também foi feita uma breve retomada sobre “Os tipos de capa” e uma ressalva: apenas o tipo “sem capa” não poderia ser empregado nesta atividade de confecção da capa. Questionados sobre os tipos de capas que vimos, o Aluno 14A falou “desenho” e mais uma vez retomamos a diferença entre desenhar e gravar. Foram citados quatro tipos de gravura (zincogravura, xilogravura, linogravura e isogravura) e explicado que a única acessível no momento em sala, por questões, principalmente de segurança, seria a isogravura que tem como base o isopor. A xilogravura requer o uso de outros instrumentos não concebidos com didáticos, porque de uso mais “perigoso”, cortante. A Aluna 8A perguntou: “E se usar o isopor como vai cavar?” Respondi: “Com a ponta da tesourinha escolar e até da régua.” Também, antes de iniciado o processo de confecção das capas, foi lembrada a importância da capa para o cordel, cuja imagem não era um desenho qualquer

mais parte de um trecho representativo da história, e que ela tinha função chamativa. Questionados, oralmente, em relação ao porquê de a capa ser tão importante, o Aluno 14A respondeu: “Porque o analfabeto via a capa e comprava o folheto.” Interrogados também sobre que outra forma era usada para estimular a compra do folheto, o Aluno 14B disse: “Com a viola. A história era cantada.”

Foi lembrada a explicação dada acerca do público-leitor do cordel e o fato da leitura começar pela capa e o folheto ser comprado e levado para casa para ser lido por alguém que dominava a técnica de decodificação da escrita, ou seja, que sabia ler (decodificar). Ainda à título de *feedback*, aproveitei também para dizer que a autoria no cordel era sempre registrada. Se, por acaso, algum editor colocava na capa seu próprio nome, o autor registrava seu trabalho por meio de acróstico feito na última estrofe do folheto. Ressaltou-se que, no cordel, o processo primeiro era de criação da história e somente depois era produzida a capa que não deixa de ser, de certa forma, também uma interpretação da história lida. Por isso, seria aceita até a criação de desenho usando aplicativos no celular e também a reprodução gráfica colorida, mas não seria, evidentemente, aceita cópia de capas feitas pela internet, pois o trabalho, além de individual, era pessoal.

Dadas todas essas explicações que, na prática, não duraram mais que dez minutos, foi mostrado o material colocado à disposição em sala para utilizar na execução dessa atividade: papel sulfite A4, lápis de cor, caneta hidrocor, revistas para recorte, tesoura, cola, tinta guache, pincel, régua, dentre outros. Os discentes foram orientados a usarem a técnica (desenho, pintura, recorte, colagem etc.) que melhor se adaptasse a preferência e/ou habilidade de cada um. Também foi lembrado que, em um primeiro momento, eles poderiam fazer um esboço e depois fazer a versão definitiva. Cada aluno escolheu seu material e se debruçou na confecção das capas. Todos começaram a produzi-las hiperconcentrados. O silêncio reinava. A única fala ouvida, logo no início, foi a do Aluno 2B que comentou com o Aluno 14B: “Vou fazer dezoito homens caídos.”

Antes do término da aula, muitos alunos já tinham uma definição acerca do que fariam, iniciando, prontamente, seus trabalhos. A concentração foi total. O silêncio, geral. Próximo à conclusão da aula foi lembrado aos alunos que os folhetos de cordel expostos no primeiro dia continuavam à disposição para empréstimo para leitura extraclasse. Foi por essa ocasião que a Aluna 1A escolheu logo cinco, dizendo que a mãe gostava muito desses livros. Outros alunos vieram pegar também. Foi muito bom perceber que o projeto, além de propiciar a leitura de folhetos de cordel entre os próprios estudantes, estava promovendo a interação

entre as gerações (pais e filhos). Escola e família também estavam se reencontrando por meio do cordel. E mais, ver os alunos leitores exercendo o papel de multiplicadores de leitura. Findo o horário, o material distribuído foi recolhido e a produção ficou para ser concluída na aula seguinte.

Na aula nº 8, continuou-se a confecção das capas. A Aluna 3B me chamou e disse, mostrando-me o dedo, que não poderia fazer a atividade, pois estava com o polegar machucado, sem condições de pegar no lápis. Sugeri que ela tentasse mesclar desenho com colagem, de modo a diminuir o uso do lápis. Ela gostou da ideia e também passou a fazer a atividade. Nesse momento, aproveitei para compartilhar da sugestão com a turma toda, pois sei que nem todos têm preferência por desenhar, o que foi confirmado depois nos comentários finais feitos por alguns deles. Por isso mesmo, o material disponibilizado para a realização da atividade foi bastante diversificado, de modo a viabilizar o uso de diferentes técnicas, de acordo com as habilidades de cada um, conforme posto na aula anterior. Essa atividade durou cerca de 45 minutos, tempo no qual foi claramente perceptível o interesse, o empenho e a concentração de todos os alunos presentes. Ninguém se dispersou durante todo o tempo de realização da atividade de confecção das capas. Os questionamentos foram mínimos. Apenas três alunos me chamaram em suas carteiras e fizeram, individualmente, algumas perguntas ou colocações. Uma aluna, mostrando-me a capa pronta, perguntou-me se precisava colocar o título nessa capa. Disse-lhe que sim, pois, senão, como o leitor saberia qual era a obra. Aproveitei e lembrei também da necessidade do nome do autor. O Aluno 14A, que tinha decidido usar o isopor, gastou boa parte da aula recortando, gravando, pois o primeiro pedaço do isopor quebrou. No segundo, ele conseguiu concluir e me chamou, dizendo: “Pronto”. Visualizei o rosto de uma mulher na parte em relevo. Perguntei-lhe como faria agora? Ele me respondeu que passaria a tinta e depois colocaria o papel em cima para deixar a marca e ver como ficaria. Eu disse “certo” e ele foi pegar a tinta guache (única disponível). Ao tentar imprimir na folha, não gostou do resultado e resolveu fazer um desenho mesmo. Essa foi a explicação recebida quando ele veio me mostrar a capa pronta e questionei-o ao perceber que ele fizera um desenho e não a isogravura. Depois de atender a esse aluno, dirigi-me à carteira da Aluna 5B que me perguntou se precisava colocar o nome do aluno na capa. Respondi-lhe que nesse primeiro momento não, pois as capas deveriam ser expostas no barbante, para partilha, sem identificação, para que a obra de arte fosse apreciada livremente pelos colegas sem a preocupação inicial e comparativa “de quem fez o quê?” Mesmo assim, na hora da exposição deu para ouvir baixinho: “Esse só pode ser o de ‘fulano’. Aquele o de ‘cicrano’.”

Finda a produção, distendi o barbante, lembrando aos alunos que esse era o modo como os livros de cordel eram vendidos em Portugal e não no Brasil. Por isso, lá chamava “Literatura de cordel”, por serem dispostos à venda pendurados em um cordão (barbante). Aqui no Brasil, os folhetos eram colocados à venda nas feiras livres, espalhados no chão sobre um tecido ou expostos na própria mala dos viajantes. No entanto, o nome cordel foi aceito pelos autores a partir dos anos setenta e assim passou a ser chamada também no Brasil. As capas confeccionadas foram penduradas pelos alunos no barbante e presas com pregadores para facilitar a retirada depois. Durante a colocação dava para se ouvir um “zum” “zum” “zum” (pequenos comentários e risos) feitos pelos alunos sobre o que iam observando nas capas que estavam sendo expostas. Contudo, terminada a aula, ficaram os comentários gerais e o *feedback* para a aula seguinte.

De acordo com os comentários finais, oito alunos (cerca de 25%) consideraram a confecção da capa como a atividade mais difícil porque: “deu trabalho criar, pintar e desenhar” (Aluno 8B); “tinha várias ideias e não sabia desenhar” (Aluna 5A); “tinha que ser um desenho que representasse a história” (Aluna 6B). Apesar da dificuldade sentida, ficou evidenciado para os estudantes o significado da capa para o folheto de cordel. Esse também foi, para eles, um momento de superação e de aprendizagem diferenciada. “Nós aprendemos um modo de leitura diferente do tradicional e isso é muito interessante”, disse o Aluno 14A no comentário escrito referente à produção da capa.

Essa atividade foi destacada pelos alunos, nos comentários finais, como a segunda que eles mais gostaram: “O que eu mais gostei foi de fazer a capa ou seja o desenho, porque eu pude desenvolver e criar minha própria imagem do que eu ouvia da história” (Aluna 12B); “A parte de desenvolver as capas. Apesar de eu não saber desenhar achei bem interessante” (Aluna 10A); “Eu gostei mais da capa em que todos tinham que fazer uma capa para o cordel da mulher que se casou 18 vezes” (Aluno 2B). Ela só perdeu na preferência dos alunos para o fato de terem estudado sobre Valeriano que ocupou o 1º lugar: “Gostei mais de saber quem era Valeriano, de saber a origem dele. Porque é muito importante saber as pessoas mais importantes do nosso município” (Aluna 10B); “Eu gostei de termos estudado sobre Valeriano. Porque era um cordelista do nosso município e que poucos conheciam” (Aluna 5A).

Na aula seguinte, conforme combinado, os alunos fizeram os comentários acerca da produção das capas:

Eu achei legal porque com ele dá pra mostrar os detalhes da imagem [...] através do texto iremos criar imagem que o leitor fique curioso em ler. (Aluna 7B).

Eu achei muito bom produzir uma capa. Pois aprendi muita coisa, não foi difícil porque é uma história boa, só de falar o nome da história vem muita coisa na cabeça. (Aluna 4A).

Uma capa é importante para um livro quando ver a capa já dá para imaginar como ele será. (Aluno 16A).

Eu tive um pouco de dificuldade para fazer o cemitério, os túmulos, mas fiz e achei interessante, porque fiz os 18 túmulos, o cemitério, de acordo com a história. (Aluno 15B).

Foi uma atividade legal, foi fácil pois o título já retratava uma imagem na mente, “A mulher que se casou dezoito vezes ...” já vem, uma imagem na mente, daí quando se lê a história fica mais fácil pois já se dá pra imaginar muitas coisas. Foi importante pois eu aprendi a fazer a leitura da capa de alguma coisa, tipo: cordel, livros e etc. (Aluna 10B).

Foi uma atividade bem diferente, que a gente imaginou uma capa para aquele cordel e desenhou... bem divertido e superrelaxante de fazer. Os pequenos detalhes super lindos amei. (Aluna 11B).

[...] eu gostei bastante de fazer porque eu fiz como eu tinha imaginado, e também nós usamos nossa criatividade. (Aluna 9B).

Achei muito legal e importante, pois aprendemos a fazer leitura visual e descobrir qual mensagem a imagem está passando. (Aluna 6A).

A minha não foi muito bonita mais eu gostei. A dos meus colegas teve muitas lindas tipo a de [Aluna 5B]. Só não foi melhor a capa dela por que eu achei que não tinha muito a ver com o cordel de Valeriano. (Aluno 2B).

O trabalho foi perfeito, a minha capa foi bem criativa, acho que deveria ter mais aulas assim, aulas engraçadas, com tintas, revista etc. fazendo com que não só os alunos se divirtam mas também o professor. Tudo foi extraordinário, cada coisa no seu tempo e enfim, deu tudo certo. (Aluna 8A).

A preocupação com o entendimento evidenciou o aprendizado de que a capa para o folheto de cordel não é uma mera ilustração, mas uma parte da história, uma forma de interpretação: “Tive um pouco de dificuldade par fazer uma capa que também fizesse algum entendimento sobre o assunto empregado” (Aluna 6B); “aprendi que a capa também é o livro e que a capa pode contar o que tem nele. Não achei tão difícil fazer a capa porque com a explicação da professora ficou fácil fazer a capa para o livro” (Aluna 1A); “Eu achei muito interessante porque além de ela ser bem divertida ela mostrou para os outros alunos cada ponto de vista sobre a capa e a história do cordel com detalhes diferentes vistos por cada aluno presente” (Aluno 2A).

Eu achei bem legal e importante porque fazendo a capa eu percebi que não existe só uma leitura por texto para quem sabe ler e escrever, também existia leitura visual que todas as pessoas analfabetas podem ler a imagem e se encantar com o quanto rica de “tudo” é o cordel e também aprendi a repassar uma mensagem não só escrevendo mais se desenhando e além de você aprender a olhar pro mundo diferente. (Aluno 14A).

Eu achei muita criatividade da professora, porque em apenas uma imagem, já dá para “desfrutar” uma história ocorrida. Só tive dificuldade, porque meu dedo estava queimado, mas encontrei em uma revista uma mulher que apresentava uma vilã, coleí na capa, fiz as cruzes e ficou legal. (Aluna 3B).

Além de uma educação para uma leitura da imagem, a estratégia empregada, de entregar o livro sem a capa, foi bastante salutar e ajudou a superar desafios: “achei muito interessante porque a gente desenvolvemos brincadeiras e também fizemos para desenvolver atividades **e como o livro estava sem a capa resolvemos fazer**” (Aluna 17B, grifo nosso).

Diante do exposto, vale ainda destacar que, lembrando e contradizendo o poeta que diz “Oh! Que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida,/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais!” (ABREU, 2017, n. p.), a atividade de produção da capa fez usar a imaginação e até voltar à infância querida: “Nos fez lembrar quando eramos criança pois usamos muito a nossa imaginação” (Aluna 4B). Em consonância com o apregoado por Bakhtin (2010), Candido (2011), Silva (2009), além de tantos outros teóricos que fundamentaram este trabalho, foi claramente perceptível, na execução desta etapa, que aquilo que é impossível vivenciar pela realidade concreta, material (“voltar à infância querida”, por exemplo) torna-se possível pelo viés da arte.

Concebendo a leitura da capa e sua confecção também como uma interpretação do texto, observou-se que os alunos retrataram, livremente, o que foi por eles considerado mais representativo da história lida, conforme evidenciado durante o estudo sobre a capa do folheto de cordel, funcionando até como uma “primeira leitura”, nos termos de Cosson (2014). Nelas, alguns elementos da narrativa (o enredo, as personagens principal e secundária, o espaço físico e até psicológico, e o conflito) foram destacados, permitindo observar que houve compreensão desses aspectos quando da leitura verbal. Também se notou que os elementos mais característicos da história foram contemplados. Ficou evidente o destaque dado à cruz (presente em 27 trabalhos), à mulher (evidenciada em 22 capas), aos túmulos (18 trabalhos), à capela (05 capas), ao cemitério (06 vezes). A imagem do homem foi retratada três vezes. A flor no cemitério também aparece visualmente em duas capas e o buquê em outras duas. Na primeira, ele foi desenhado na mão de uma noiva que foi retratada na parte inferior da página, no centro, dividida entre o cemitério e a capela que se encontram retratados no plano superior,

aquele à esquerda e esta à direita. Na segunda, o buquê aparece desenhado sobre um túmulo. A imagem folclórica da morte aparece também em duas capas e apenas uma delas trouxe o desenho das dezoito alianças. Já o número dezoito, além de escrito no título, apareceu também representado na capa por meio de algarismos arábicos, **seis** vezes, sendo que destas, quatro foram no título substituindo a palavra escrita. A outra forma bastante significativa de representação do número dezoito foi por meio do desenho das dezoito cruzes específicas traçadas em treze capas. Bastante sugestiva foi a capa na qual o símbolo mesclado de uma cruz e uma vela encontra-se sustentado pelo casal de noivos à entrada de um cemitério. E o homem, como a temer, exclama: “Vixi!”

Essa expressão bastante característica do Nordeste, além de denotar o entendimento do espaço na obra e da caracterização de suas personagens, evidencia a identificação da linguagem mais associada ao folheto de cordel por causa de sua origem: a variante regional nordestina. No entanto, é preciso desmistificar a ideia de que em uma sala onde “houver alunos nordestinos tanto melhor” que a leitura oral dos folhetos de cordel seja feita por estes sob o argumento de que “o sotaque dará cor local à leitura” (SILVA, 2009, p. 122). Evidentemente, cada região tem seu sotaque, mas, comumente, não é dito nas aulas de Língua Portuguesa ou de Literatura que as obras de Érico Veríssimo, por exemplo, sejam lidas preferencialmente por alunos gaúchos, ou que as de Drummond sejam declamadas por mineiros ou por cariocas. Determinadas práticas podem acabar alimentando o preconceito que, diga-se de passagem, em se tratando do cordel já é bastante evidente em alguns meios.

Gilmar de Carvalho, no prefácio ao livro *Leandro Gomes de Barros: vida e obra*, de Arievaldo Vianna, lembra que foi grande o “barulho” quando a Universidade Federal do Ceará indicou *Cordéis e outros poemas*, de Patativa do Assaré para o vestibular de 2006. (VIANNA, 2014; ROZA, 2017). É preciso aqui lembrar também o ensinado por Roiphe (2011; 2013) quando, além de conceituar o folheto de cordel como um gênero nordestino, faz questão de explicitá-lo também como “brasileiro”. O uso do adjetivo pátrio em outro contexto até pareceria redundante, mas neste não é, pelo contrário, revela-se uma necessidade.

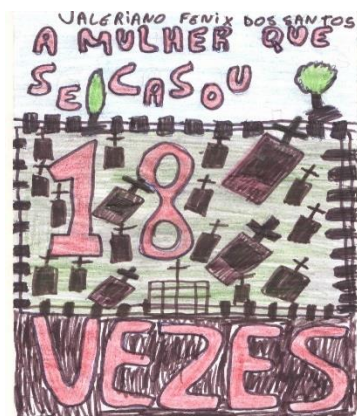
Diante de todo o exposto e da riqueza da produção feita pelos alunos, serão apresentadas a seguir algumas das capas confeccionadas, escolhidas de acordo com os elementos da narrativa ou os aspectos estruturantes do folheto que foram mais enfatizados por eles.

A ênfase na obra lida/a releitura dos elementos



A reescrita do título com o emprego de outros símbolos, da linguagem matemática (18x); a mescla da cruz com a vela, alegorias tradicionalmente atreladas à morte que vem diretamente representada pela imagem colocada ao lado esquerdo da porta de entrada do cemitério da V. (viúva). A posição da mulher à direita, em frente ao homem, em uma posição sugestiva, como se fosse ela que o estivesse pedindo em casamento, como ocorre na linguagem verbal, e isso já à entrada do cemitério.

Um destaque para o título e o número 18



O título distribuído ao longo de toda a capa, de cima para baixo, destacando o nº 18 que ocupa quase metade do cemitério, colocando em relevo maior ainda o termo “VEZES”, posto na parte inferior da capa, perpassando todo o espaço da calçada do cemitério.

A ênfase na emoção, no amor e na morte



As batidas de um coração e uns corações partidos, intercalando outros corações inteiros, alegoricamente, sugerem a união pelo amor e a separação causada pela morte, retratada até mesmo clinicamente.

A ênfase na cruz e no número dos maridos mortos



O desenho de uma única cruz onde se encontra escrito “Dezoito Mortos” no traço horizontal parece, por si, resumir tudo, toda dor, todo pranto, toda desventura vivida pela personagem principal da história: Dorotéia Carvalhal.

A súplica de Dorotéia ante a perda de tantos maridos



Uma mulher em meio a dezoito caixões com os braços elevados como a clamar desesperada diante da morte de todos os seus maridos.

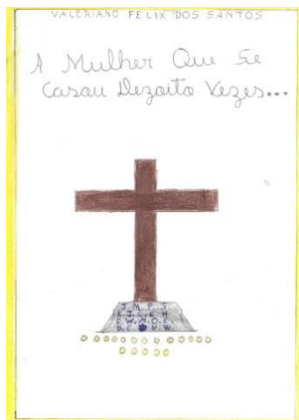
A vitalidade da mulher



Na parte superior da capa, uma imagem da mulher levantando halteres nas posições **a**, **b** e **c** com um destaque para o **5x**, como a representar a força, saúde e preparação dela. Logo abaixo, a expressão “caixões reservados” e as imagens de três retângulos dentro dos quais foram escritos os termos “Morte A”, “Morte B” e “Morte C” como em uma relação direta à preparação **a**, **b** e **c** da mulher retratada. Cabe também na leitura dessa capa um destaque para a palavra “vezes” presente no título original aqui representado alegoricamente na linguagem matemática, mostrando que o aluno se utiliza de outras linguagens para expressar sua concepção da superioridade da mulher no folheto lido. Observa-se, pois, que a imagem da mulher é retratada em três diferentes posições, sendo que, em cada uma delas, ela aparece cada vez mais forte. Essa

tripla demonstração de força ainda é quintuplicada o que corresponderá a quinze vezes (quase dezoito). Essa mulher representada pode ser equiparada, portanto, aos dezoito maridos mortos, ainda desafiando-os: “caixões reservados”.

Uma referência ao conjunto dos maridos mortos/destaque para as alianças



Uma enorme cruz colocada sobre uma lápide parece sumarizar o conjunto dos dezoito maridos mortos, aqui representados de duas formas: pelas letras maiúsculas inscritas na lápide, como que indicando a inicial do nome de cada marido; e as alianças deles, símbolo principal do compromisso firmado diante do altar, da qual elas foram o único elemento material, visível, que restou.

A imagem folclórica da morte



Imagem representando a morte com sua estrovena e dezessete cruzes, sendo que duas delas, especialmente, colocadas sobre dois túmulos, com a inscrição dos números 1 e 8 colocados, respectivamente, no meio de cada cruz, fechando, numericamente, o total de dezoito maridos mortos. E abaixo ainda a confirmação na linguagem verbal: “Dezoito mortos”. É o uso concomitante das duas linguagens: a verbal e a visual para assinalar um dos elementos mais característicos do folheto lido: o número de maridos mortos.

A sobreposição do cemitério em relação ao altar



Em toda a narrativa verbal, o espaço do cemitério parece sobrepor-se ao da igreja, pois é lá que tudo se encerra. Do lado esquerdo, a imagem de uma cruz, no plano de frente, perpassando a área do cemitério, parece suplantar a imagem da igreja mais ao fundo. Entre eles, a figura de uma noiva com um buquê na mão, pendendo para o lado do cemitério, chegando mesmo a tocá-lo com o cotovelo, como que encostada nele.

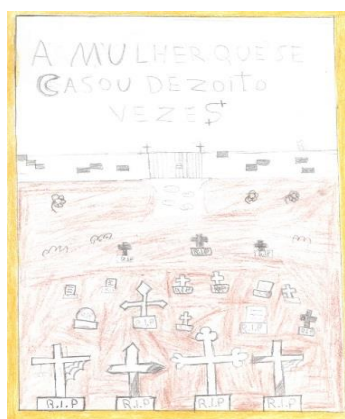
Destaque para a lágrima no rosto da mulher



O *punctum*, aquele elemento que se destaca em uma fotografia e atrai para si o olhar contemplativo do observador (BARTHES, 2015), foi nesta capa a lágrima da mulher. Esse trabalho fez lembrar outra lágrima, a do cachorro da capa do folheto *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros que foi o elemento destacado de pronto pela Aluna 5B no estudo realizado na 3ª Etapa sobre “Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos”. “Para perceber o *punctum*, nenhuma análise, portanto, me seria útil [...] basta que a imagem seja suficientemente grande, que eu não tenha de escrutá-la (isso não serviria para nada), que dada em plena página, eu a receba em pleno rosto.” (Barthes, 2015, p.42).

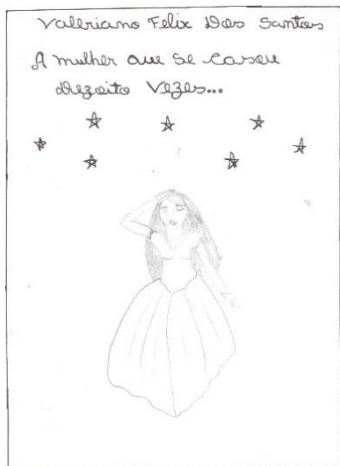
Nesta capa também foi destacada uma característica física da mulher: “Tem os cabelos compridos/ Ondulantes, aloirados,/ Pelos seus ombros caídos/ E docemente espalhados” (E. 5).

O cemitério



Nas grandes propriedades, antigamente, era comum o dono das terras mandar erigir uma capela para o padroeiro de sua devoção e também construir um cemitério particular. Assim o faz Dorotéia em sua propriedade. Nele, vai enterrando, um a um, os maridos mortos. Esse espaço passa a ser, na narrativa, o mais frequentado pela personagem principal que o visita diariamente para rezar por seus finados.

Destaque para a noiva



Na história narrada, tudo começa pelo sonho nutrido por Dorotéia de casar-se. E a mão sobre a cabeça parece dizer da aflição dela por encontrar um marido. Portanto, o autor dessa capa parece resumir tudo em torno desse ideal, desse grande desejo. Até as estrelas, elemento poético característico desse mundo de sonhos, foram retratadas, lembrando o poeta que diz:

Entre as estrelas trêmulas subia
[...]
Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas". (BILAC, 2017, n. p.)

Ênfase no enredo: a corte, o pedido de casamento e a morte.



No primeiro plano, a imagem de um homem de joelhos, em um destaque maior que o da mulher, como a pedi-la em casamento e no fundo um cemitério, cujo corredor central também pode ser confundido com o corredor de uma igreja, não fossem os túmulos colocados proporcionalmente de um lado e do outro. A um só tempo, a alegria e a tristeza parecem estar aqui retratadas.

O embate Igreja X Cemitério e o conflito Casamento X Morte



Aqui um casal de noivos de costas, em baixo, caminhando em direção à igreja e ao cemitério. A igreja colocada no plano superior direito e o cemitério no plano superior esquerdo parecem dizer para onde estão caminhando a mulher e o homem respectivamente: ela para o casamento; ele para a morte. E mais, só foram desenhados 17 túmulos no cemitério como a sugerir que o 18º será o que está caminhando agora ao lado dela para o altar. “Eu pensava que os maridos demoravam pra morrer, quando se casava com a mulher. Mas ele saía da Igreja pro cemitério” (Aluno 15B).

Esse conflito existente na obra, traduzido do verbal para o visual pelos alunos, lembra o que disse Bakhtin (2010, p. 96) sobre serem a vida e a morte os elementos mais importantes do enredo da literatura universal: “Em minha vida pessoas nascem, passam e morrem, e a vida-morte delas é frequentemente o acontecimento mais importante de minha vida, que lhe determina a existência.”

A ênfase na dor e na fortaleza de Dorotéia



Agora, não só uma lágrima, várias. Todavia, nem mesmo estas conseguem suplantar a paixão de Dorotéia, muito bem retratada no vermelho da sua boca. Afinal, ela é a mulher que já se casou dezoito vezes e em igual número enviuvou, mas continua “louca p’ra casar”. Portanto, a beleza e a persistência da personagem parecem ter sido aqui muitíssimo bem retratadas. “Ela tem um mistério, mas isso não impede de ser forte e querer outros maridos”, disse a Aluna 8A quando da atividade escrita realizada na Etapa 10.

O destaque para a alegria e o espaço nordestino



O encontro, a união e a felicidade estão alegoricamente representados pelas mãos unidas. A mulher caracterizada de “rainha” pelo detalhe da coroa. Dorotéia é rica, “fidalga” (E. 4). Ele, um sertanejo bem caracterizado com seu traje e, principalmente, pelo chapéu. O colorido da capa, o sol quente no alto e, ao fundo, o cenário típico da zona rural (a tradicional igrejinha, geralmente em torno da qual a povoação é formada, o banco da praça) representam nitidamente a região Nordeste, sua cultura, sua gente. É a apresentação do espaço onde se passam as ações na história lida.

Após essa diminuta análise das capas confeccionadas pelos alunos, poder-se-ia, por analogia, dizer da imagem pictórica o mesmo que Silva (2009, p.104) diz da imagem poética, elaboração mental, construída por meio das palavras, artisticamente, selecionadas pelo poeta: “Cada imagem é única, não admite sinônimos, não se esgota em explicações. O leitor nem precisa entendê-la para ser por ela atingido.”

O trabalho de confecção das capas oportunizou aos alunos, para além mesmo da leitura visual (propósito primeiro), superação, adaptação, exercício de criatividade, divertimento, análise crítica do seu próprio trabalho, do trabalho do colega e do fazer docente. E, como estabelece Butt (2009, p. 64-65) para a efetivação de aulas bem-sucedidas, ela foi: “flexível”; “diferenciada”; “bem servida de recursos”; “desafiadora”; “bem ritmada, dinâmica”; “criadora de uma boa atmosfera de aprendizagem”; “capaz de transmitir uma sensação de realização (tanto para o aprendiz quanto para o professor)”; “prazerosa e gratificante”; “avaliada, tanto pelo professor como pelos alunos”; e enfim, “capaz de ampliar ou alterar os modos de raciocinar dos alunos”.

Concluindo tudo que foi exposto referente a esta etapa, resta apenas frisar que, embora, no projeto, a atividade que caracterizaria a interpretação geral do folheto é a final, esta atividade e, na verdade, cada uma delas, vai de forma cumulativa, visando sempre à leitura, à compreensão e à interpretação do folheto estudado.

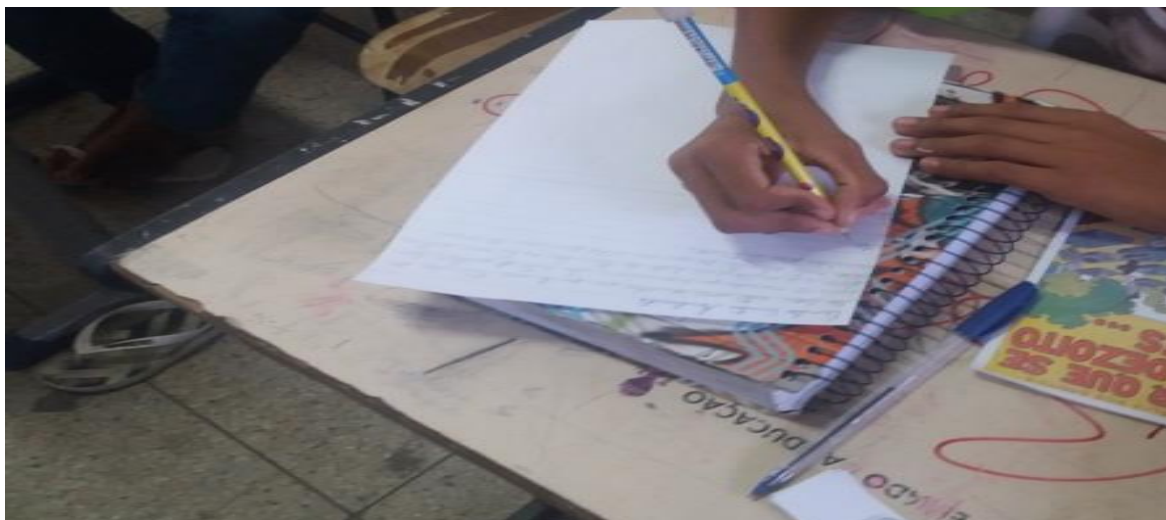
Aula nº 9 – 45 min.

Etapa 8 - Leitura da versão atual da capa do folheto de cordel em estudo

Objetivos específicos:

- Ler e interpretar a capa atual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos;
- Socializar os comentários produzidos.

Iniciei a aula fazendo meus comentários sobre as capas confeccionadas. Foi destacada a leitura feita pelos alunos acerca dos elementos mais significantes da história: a morte, a cruz, o cemitério, os túmulos, o número dezoito, a capela, a mulher, os maridos, o meio rural, o coração (representando tanto o amor quanto a morte clínica) e a paixão e a vontade “louca” de casar retratadas na boca vermelha presente em algumas capas. Fui tomando as capas, uma a uma, e fazendo um ligeiro comentário sobre o que me chamou mais atenção em cada uma delas. Disse que gostei muito e que as capas haviam ficado lindas. Em seguida, falei que naquela aula, até que enfim, eles iriam conhecer a capa da versão atual e teriam a oportunidade de verificar se era como eles pensavam e até comparar com a que eles tinham feito, sabendo, evidentemente, que cada um tem a sua visão. O objetivo era ler a imagem e verificar se tinha algum elemento novo no qual eles ainda não haviam pensado. Distribui as capas, anteriormente retiradas, solicitei que fizessem a leitura, observando bem os elementos presentes, e escrevessem na folha, distribuída em seguida, o que tinham observado. Aproveitei para dizer que, no verso desta mesma página, eles poderiam colocar seus comentários sobre a confecção das capas feitas na aula anterior. E foi iniciada a atividade. Nessa etapa, saltaram aos olhos dos alunos o buquê de flores “sobrando” nas mãos da mulher, as reticências e a cova aberta. Conforme os comentários feitos por eles, oralmente e por escrito, esses elementos sugeriam que a mulher já estava esperando outros maridos. Depois, duas grandes surpresas: A mulher que, na opinião de muitos deles, na imagem, parecia velha e feia, quando na narrativa dizia que ela era linda; e a cova aberta (E. 15), percebida somente por meio dessa leitura. Esse elemento, crucial no conflito, havia passado totalmente despercebido quando da leitura da história, tanto que, na confecção das capas, ela não apareceu em nenhum momento. A única alusão nesse sentido foi a expressão “caixões reservados” presente em uma delas. Isso corrobora o defendido neste projeto de que o folheto de cordel é um gênero verbovisual e somente a leitura concomitante da palavra e da imagem concorre para o completo estabelecimento dos sentidos do texto.



Fonte: Arquivo próprio

Eis alguns dos comentários concernentes a essa atividade reveladores da leitura visual e, principalmente, verbovisual, feita pelos alunos:

Na capa está uma mulher em frente aos túmulos dos seus 18 maridos que morreram, ela está de joelhos, com flores nas mãos, e ao lado dos túmulos está um outro, mas está aberto, porque eu acho que vai ter mais maridos pra enterrar. (Aluno 15B).

O cenário constrangedor de um cemitério com dezoito covas sendo decorado por uma mulher bem azarenta. A capa tem muito haver com a história em que estamos conhecendo e todos os túmulos tem uma cruz diferente. (Aluno 14B).

No meu ponto de vista, na capa todas as cruzes são de diferentes modelos, e na história todas as mortes foram por diferentes causas. Então, a capa ilustra as mortes dos maridos que foram citados na história [...] é praticamente o que eu imaginava que fosse, porém não pensei que cada túmulo seria de um diferente modelo. (Aluna 5ª).

Essa capa ficou bem colocada porque fala sobre as dezoito mortes e a mulher que lembra de leva flores para cada marido mais ela não deixou de tentar casar novamente. (Aluna 6B).

O que me chamou atenção foi o fato dela estar vestida de preto e também ela tirar uma rosa do buquê e deixa em cada túmulo, a roupa preta significa luto então isso foi algo muito bem elaborado e muito bem criativo. (Aluna 12B).

O que eu percebi foi que todas as covas tem cruzes diferentes, e as dezoito covas estão todas no mesmo cemitério. E que cada cova tem uma flor igual, e ainda tem outra cova que não está fechada por isso ainda vai ter um azarento que vai se casa com ela e vai morrer e que as flores que ela está na mão pode vim mais morto por aí. (Aluno 7ª).

Eu observei que nessa capa atual tem todos os 18 túmulos cheios de flores. Eu imaginava que fosse uma mulher mais nova. (Aluna 12ª).

A capa tem muito haver com a história, os 18 tumulos e as flores representam os casamentos. E ficava melhor se o nome dezoito fosse assim 18. (Aluno 11ª).

As observações feitas mostram que os alunos se posicionaram diante dessa atividade já com um olhar mais crítico perante a imagem, estabelecendo relações entre a caracterização da mulher (“bela”, “forte”), construída anteriormente a partir dos elementos verbais observados durante a leitura da narrativa, e o exposto factualmente na capa. Na visão deles, nesta, os traços constitutivos da mulher a fizeram parecer “velha” e “feia”: “pensei que ela era bonita mais pelo menos ela de costa bom tá parecendo uma velha mulher por que ela está vestida parecendo uma velha, o cabelo, o jeito dela nessa foto...” (Aluna 13B). É perceptível não somente nesse comentário, mas também em outros, e até em alguns que foram formulados oralmente por essa mesma aluna e por outros discentes, a contestação entre a descrição verbal feita da mulher e a representação pictórica constante na capa. E, conforme frisado, essa análise não foi feita diretamente pelos traços do rosto, porque ela está “de costa” (de perfil), mas pela leitura dos elementos que compuseram sua imagem, a exemplo do vestido, do jeito e do cabelo. Para a realização dessa leitura, certamente, concorreu o trabalho realizado na etapa três alusiva aos tipos de capa e à exposição sobre os dez pontos de vista para análise da obra de arte de acordo com Costella (2002), principalmente no que diz respeito ao aspecto factual que dispõe acerca da leitura dos elementos visíveis.

Aula nº 10 – 45 min.

Etapa 9 – Realização do “Jogo **dos oito** erros às avessas”

Objetivos específicos:

- Relacionar os “oito” elementos mantidos nas duas versões das capas do folheto;
- Realizar uma análise mais acurada dos principais elementos visuais presentes na capa.

A realização do Jogo dos oito erros às avessas permitiu, de modo ímpar, aos alunos a percepção das flores até então não enfatizadas. O destaque foi dado tanto para a flor sobre o túmulo quanto para o buquê, já observado na etapa anterior.

No início do jogo, após distribuir a capa (versão original), foi dada a informação do registro mais antigo (1972) disponível na Internet. Foram rememorados, nesse momento, dois dos dez pontos destacados por Costella (2002) para análise da obra de arte: o comercial e o

factual. Foi lembrado que, de acordo com os tipos de capa estudados na 3ª etapa, a versão atual é uma reprodução gráfica colorida e a original, um desenho.

Antes de começar o jogo, ao observarem as duas imagens, o Aluno 2B foi logo observando a mudança no modelo das cruzes, dizendo haver outros símbolos, como a representar que cada marido morreu de um jeito diferente. A Aluna 3B destacou que tinha até imagem de santo e o Aluno 8B destacou que a diversidade de cruzes representa as diferentes religiões. Neste momento, foi dito por mim um “muito bem observado” e foi explicado que, em uma das atividades subsequentes, essa questão da religiosidade seria objeto de maior discussão e análise. Em seguida, os alunos foram orientados a realizar o jogo conforme as orientações constantes na atividade, resumindo: observar os elementos que foram mantidos nas duas versões e listar os **oito** que considerassem mais significativos para a história. Frisei que, se foram mantidos na versão atual, apesar das alterações feitas, é porque foram considerados primordiais. Lembrei que, se no jogo dos “sete” erros são destacados os “erros”, no caso da mudança feita na capa não há erros, mas outra leitura feita pela Editora Luzeiro que até imprimiu o colorido, como forma de dar uma versão mais atual e chamativa à capa. Por isso, esse jogo se chama “Jogo dos oito erros às avessas” que quer dizer ao contrário, mostrando o que foi mantido. Enquanto eles procediam à leitura e à análise, distribui, para cada um, o bloquinho com as oito fichas retangulares, medindo 3 X 6, confeccionadas em cartolina branca, dizendo que eles deveriam escrever nelas o nome dos **oito** elementos, um em cada.

Os alunos fizeram o jogo em total silêncio, altamente concentrados, procedendo assim até a contagem e recontagem das fichas preenchidas. No fim, e somente no fim da execução da atividade, para não induzir a leitura, perfilei os recipientes sobre as mesinhas e solicitei que cada um viesse depositar neles as fichas, separando-as conforme a indicação de cada vasilhame, a saber: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”. Na hora da contagem, porém, ao contrário do planejado, ao invés de contar as fichas sozinha (o que demoraria), seria bem mais dinâmico se os alunos contassem. Pensei, pois, em dividi-los em grupos de 2 ou 3 componentes e dar um recipiente para cada equipe. Assim procedi e eles contaram as fichas. Solicitei que, ao contar, conferissem se os termos foram colocados corretamente dentro dos respectivos recipientes. Apenas o grupo que ficou com o vasilhame denominado “outros” redistribuiu seis fichas que foram colocadas nele por engano: três referentes à mulher; duas, às flores; e uma, ao túmulo. Desse modo, os dados numéricos desses elementos, que já haviam sido

apresentados pelos grupos responsáveis e já estavam escritos no quadro, tiveram que ser alterados. No caso do “túmulo”, a expressão não fora apenas colocada por engano. Estava escrito “carneiras” e, por isso, certamente, quem o fez não o depositara no recipiente por ter escrito uma palavra diferente. Na hora da análise, apresentou-se esse termo como sinônimo de túmulo e foi feita a retificação.



Fonte: Arquivo próprio



Fonte: Arquivo próprio

No quadro, foi listada a ordem dos **oito** primeiros elementos, de acordo com a quantidade de vezes que foram citados: a mulher (44 vezes); as flores (30 vezes); a cova aberta (26 vezes); os túmulos (25); o título (19); a cruz (18); e o cemitério, o autor e o buquê, que empataram com 14 cada. Além desses, os alunos citaram as reticências (07) e apenas uma ou duas vezes os sapatos, o jardim, as árvores, o mato, o cenário, os santos, o muro e o número 18.

A mulher foi citada 44 vezes, apesar da turma ter apenas 34 alunos, porque ela foi mencionada especificando diferentes traços de sua caracterização:

- Com o buquê nas mãos – 02;
- De luto – 02;
- Como viúva – 01;
- De joelhos ou ajoelhada – 20;
- A posição (sem especificar) – 05;
- Do lado oposto – 01;
- De costa esperando outro marido – 02;
- Feia, “meio acabada” – 02;
- A posição das mãos – 02;
- Só com o termo “mulher” sem especificar – 07

Essa pormenorização em torno da mulher deve-se, certamente, ao fato de ser ela a personagem principal da história em torno da qual todo conflito acontece. “O protagonista de

uma narrativa é aquele indivíduo ficcional que se apresenta ao leitor vivendo um conflito, o qual precisa a todo custo ser resolvido” (SILVA, 2009, p.36). Esse fator faz com que ela tenha um destaque especial ao longo de toda a história. Também nas perguntas orais, ao fim da quarta etapa, já haviam sido destacadas algumas de suas características, conforme descritas na linguagem verbal: “forte, bonita e corajosa”. Por isso, a surpresa de alguns alunos que não a acharam bela na imagem da capa.

O destaque especial nessa atividade, porém, foram as flores sobre o túmulo. Até então, elas haviam passado quase que totalmente despercebidas. Mesmo na confecção das capas, elas apareceram somente duas vezes. Observadas com mais atenção desde a atividade anterior, tornou-se, nesta, o elemento mais destacado depois da mulher. Isso possibilitou uma leitura e explicação ainda não feita e importante para o completo entendimento dos sentidos presentes no texto: o significado das flores que, de acordo com a narrativa, é um cravo roxo. Foi destacado que esta é uma flor que vai tanto ao casamento (usada na lapela ou bolso do paletó dos noivos), quanto ao cemitério (o cravo branco é conhecido popularmente como a “flor de defunto”). Além disso, essa leitura também reforçou a percepção da cova aberta, do buquê e das reticências como sinais de que outros maridos morreriam. A cruz, por sua vez, foi mencionada menos vezes, diferente do que aconteceu na produção da capa, talvez pela diversificação nos modelos presentes na versão atual em relação à versão original, o que suscitou outro questionamento: o da diversidade religiosa. Outra leitura foi assim possibilitada e não apenas o viés primeiro observado, como símbolo representativo da morte. Também a quantidade dos maridos mortos (18) nessa atividade não teve tamanha ênfase como na atividade de confecção das capas. Apenas um aluno a mencionou. Isso retrata não a ausência de importância, porque eles destacaram bem esse elemento na produção das capas, mas, talvez, certa anuência de que esse número, fazendo parte do título como um todo, não poderia ser alterado particularmente, a não ser trocando a palavra “dezoito” pelo algarismo “18” como já assinalado anteriormente. Assim sendo, ele não foi enfatizado, individualmente, como algo significativo que fora mantido.

Pode-se afirmar que, mais que atingir o objetivo proposto, a realização dessa atividade permitiu aos alunos enfatizarem outros elementos até então não destacados em relação à caracterização da mulher, assim como perceberem a flor sobre os túmulos e o buquê com a devida relevância.

Aulas nº 11, 12 e 13 – 135 min.

Etapas 10 – Realização de atividades escritas

Objetivos específicos:

- Compreender e interpretar o texto lido;
- Averiguar a adequação das respostas dadas.

A realização das atividades escritas teve como fim consolidar a discussão em torno de alguns pontos da narrativa não contemplados por meio dos jogos. No primeiro momento, as atividades foram distribuídas e os alunos convidados a esponde-las. Quando estava distribuindo-as, a Aluna 13^a, ao receber, disse-me sorridente, com uma expressão entusiasmada e feliz: “Professora, me disseram que a senhora comentou sobre a minha capa ontem.” Respondi que sim e que foi uma pena ela ter faltado à aula. Disse que a capa dela foi bem diferente, representando a morte clínica dos maridos. Ela sorriu. Isso mostra a importância de se comentar “positivamente” os trabalhos feitos pelos alunos. É preciso dar destaque à produção deles. O aluno se sente valorizado. Por isso, fiz questão de no início da aula seguinte à produção das capas, antes mesmo de falar da leitura que seria feita da capa atual, tecer um comentário, mesmo que breve, sobre cada capa produzida e sobre a leitura que fiz de alguns detalhes por eles destacados. Essa foi a aula que ela perdeu. Contudo, a atenção e a importância dada pelos presentes fizeram com que estes partilhassem dos comentários feitos com os colegas ausentes. Aproveitei também para falar sobre a leitura da capa atual realizada na aula que ela perdera.

Iniciada silenciosamente a leitura das atividades, o Aluno 2B manifestou dificuldade no entendimento de algumas questões. Diante disso, realizei a leitura oral do enunciado da primeira questão, retomando o conhecimento prévio sobre versificação, trabalhada em sala meses antes. Escrevendo na lousa o termo “sextilha”, disse ser esse o modelo de estrofe mais adotado no cordel, mas que o folheto de Valeriano, *A mulher que se casou dezoito vezes...* foi escrito com setilha ou septilha. Escrevi também essas expressões no quadro e expliquei o que significava (estrofe de sete versos). Disse que a questão pedia que eles identificassem o esquema de rimas. Lembrei a eles o conteúdo estudado no primeiro semestre, explicando que para cada rima se atribui uma letra para análise e que, para isso foram transcritas, no quesito, três estrofes do folheto lido, uma do início, outra do meio e outra do fim, de modo que eles pudessem analisar e observar a estrutura da rima adotada por Valeriano no folheto. Perguntei se haviam entendido, responderam que sim e eu passei a fazer com os alunos a leitura compartilhada da quarta questão sobre foco narrativo, que também necessitou de explicação mais detalhada, pois os alunos ficaram em dúvida sobre os tipos de narrador. A Aluna 5B disse que, no folheto, a narração era em primeira pessoa porque o autor começa com “Vou

contar uma história” (E. 1) e depois diz “Eu agora vou narrar” (E. 30). Foi esclarecido que, na primeira estrofe, o narrador faz a apresentação; e foi perguntado se, apesar de dizer “Eu”, ele participa da história como personagem, os alunos foram unânimes ao responderem “Não.” Reli o enunciado onde consta a diferença entre os tipos de narrador e expliquei mais uma vez. Os alunos compreenderam a questão de modo que, durante a correção, foi observado que todos disseram ser o foco narrativo em 3ª pessoa e o narrador-observador.

As demais questões não careceram de explicação, sendo os alunos orientados a lerem com atenção os enunciados e responderem as atividades. O Aluno 14ª alegou “preguiça de ler”, dizendo ainda estar cansado da resolução da Prova Brasil, que consumira uma tarde inteira e exigira, praticamente, três horas seguidas de leitura. Nessa ocasião, aproveitei para reforçar justamente a necessidade de ler para ir rompendo com essas dificuldades encontradas diante da leitura do texto verbal em seus processos de decodificação, compreensão e interpretação. E os alunos retomaram a resolução das atividades dadas, bastante concentrados, fazendo a releitura de trechos da obra, quando necessário, de modo que este, apesar do teor mais tradicional, também mostrou ser mais um momento significativo de estudo. A interação continuou sendo mantida por meio dos esclarecimentos feitos, individualmente, sempre que os alunos tinham alguma dúvida em relação a um quesito.

A aluna 13ª, que faltara à aula anterior sobre a “Leitura da capa atual”, ficou sem saber qual era a imagem a que se referiam algumas questões e me perguntou: “É a imagem da capa que eu fiz.” Respondi-lhe que não. É da capa do folheto, a versão atual. E lembrei-me de entregar-lhe tanto esta quanto a da versão original, trabalhada no “Jogo dos oito erros às avessas”. Também separei as do aluno 9ª. Como ele havia se ausentado da sala por um momento, foi o Aluno 14ª quem recebeu para colocar na carteira dele. Ao receber as capas ele disse: “Esse foi o melhor trabalho que a gente fez. Que teve mais interação. Fazer a capa. Depois esse jogo.” Ele se referiu ao “Jogo dos oito erros às avessas”, realizado na aula anterior, que possibilitou a leitura e análise das duas versões da capa. Nele, os alunos tiveram que selecionar, classificar e colocar em cada ficha o nome dos oito elementos que foram mantidos nas duas versões e que possibilitou, sobremaneira, a visualização das flores sobre o túmulo, assim como uma leitura mais detalhada acerca da mulher, personagem principal da história.

Depois de respondidas todas as questões, os alunos foram convidados a retomarem as atividades, juntamente com o folheto lido em mãos, para procederem à correção. Durante esta, alguns conceitos foram rediscutidos com o uso do quadro negro, a exemplo da estrutura da

estrofe (sextilha e setilha ou septilha) e do esquema da rima existentes nestes dois tipos. Isso, apesar de somente um aluno ter errado a questão. Referente à questão número dois, cujo destaque foi para a releitura de algumas estrofes em relação à imagem representada na capa, 80% dos alunos assinalaram a estrofe 14 como a mais representativa porque fala do cemitério “privado” com dezoito sepultados. Aqui, destacou-se mais uma vez a necessidade da leitura verbovisual para a resolução da atividade e a maioria dos alunos a realizaram efetiva e eficientemente. Para isso, certamente, concorreu a metodologia empregada na sequência, proporcionando ao aluno uma percepção mais acurada em termos de leitura da imagem e uma visão mais condizente em relação às linguagens verbal e visual como constitutivas do folheto de cordel.

Seguindo no processo de correção, foram enfatizados o foco narrativo, o conflito e o desfecho que puderam também ser mais explorados. Quanto ao fato do conflito estar retratado visualmente, a maioria respondeu que sim, explicando que ele está representado na capa nos túmulos com dezoito sepultados. Apenas quatro responderam não, mas não apresentaram justificativa. Os discentes foram questionados se na linguagem visual também aparece o desenlace e foram unânimes ao declararem que “não”. Questionados, em seguida, se o problema de Dorotéia foi solucionado, eles entenderam também que “não”. O Aluno 9^a justificou: “Ninguém quis arriscar.” E apresentaram três elementos para justificar que o problema de Dorotéia não estava solucionado: a cova aberta, o buquê de flores e as reticências. É salutar lembrar que somente a partir da leitura do visual é que esses elementos alcançaram relevo na percepção dos alunos. Eis a importância de a leitura do folheto de cordel ser realizada verbo-visualmente: ela concorre para uma completa percepção dos sentidos do texto.

A resposta dada à sétima questão também veio ratificar o colocado pela maioria na 6^a. Os alunos apresentaram, principalmente, a “cova aberta”, na linguagem visual, para afirmar que “o problema vivenciado pela personagem não foi solucionado” e os versos “Depois de ser operada/ [...] Talvez outra ponta reste” (E. 78), na linguagem verbal, como prova também para esse fato. Quanto aos efeitos de sentido que a maneira como a história é narrada provoca no leitor, os alunos responderam: curiosidade, tristeza, alegria, humor, comédia, pois a história é interessante e engraçada. Alguns aproveitaram para destacar o medo, a persistência e a ansiedade da mulher. Isso fez lembrar o ponto de vista expressional elencado por Costella (2002) que diz respeito às reações sentimentais provocadas pela obra.

A correção de toda a atividade seguiu, normalmente, de modo tradicional, com a leitura dos enunciados feita por mim e os alunos dando suas respostas. Esse momento permitiu observar duas situações: nas perguntas de caráter mais objetivo, onde uma resposta mais pontual, de acordo com o texto era esperada, só 5 ou 6 alunos arriscavam dizer o que responderam, evidentemente, com receio de sua resposta estar errada; nas questões de cunho mais subjetivo, onde o aluno era convidado a dar sua opinião, a partilha das respostas fluía de maneira mais espontânea, abrindo espaço até para discussão de ideias. Exemplo disso foram as questões nas quais as Alunas 8ª e 3B, seguidas de outras colegas, apresentaram a expressão “mulher macho” como “positiva” no texto, pois quer dizer: “mulher guerreira”, “mulher valente”, “Ela fez coisas que homem faz”, “Porque as atividades que ela fazia era própria dos homens”, “Ela não morreu e todos seus maridos morreram”. E, por outro lado, disseram que no meio em que vivem tem sentido pejorativo. Todavia, o aluno 14ª se posicionou afirmando o oposto e foi iniciada uma breve discussão após a qual ele compreendeu o sentido do que estava sendo colocado pelas colegas e disse que havia entendido o contrário.

A questão referente à mudança nos símbolos colocados sobre os túmulos não teve, na discussão verbal, o mesmo impacto quando da leitura das imagens no “Jogo dos oito erros às avessas”. O Aluno 1B, o mesmo que se colocou durante a realização do jogo mencionado, disse apenas: “Existem várias religiões e cada um segue a que quiser.” O Aluno 9ª colocou: “Sim. Tudo mudou daquele tempo pra cá, e isso inclui a religião das ‘pessoas’. E cada um deve escolher sua religião.” Dois alunos disseram que pode ter outros motivos. E o Aluno 2ª destacou a questão da atualidade, mas não especificou. Aproveitei o momento e apresentei o conceito de tolerância religiosa, afirmando que é preciso saber respeitar todas as religiões. E que aqui mesmo em nossa comunidade, apesar de pequena, existem cerca de cinco ou seis religiões diferentes e a cada dia tem aparecido outras novas.

No tocante à questão 14, da adequação ou não do jornal como meio para anunciar a procura de um marido, a maioria disse ser este suporte mais adequado para divulgar “trabalho, notícias, e não para procurar marido”. Dois destacaram que “relacionamento não está à venda para ser exposto” e que procurar marido é “coisa pessoal que não deve ser exposto para todas as pessoas”. Mas houve aqueles que disseram sim, alegando que “todos podem ver o jornal” e “a notícia se espalha rápido”. A Aluna 6B foi enfática: “Sim. Por que vai para vários lugares do mundo e quem tá vendo pode se interessar.” E o caso de Dorotéia era extraordinário, alegaram alguns: “Ela estava louca pra casar.”

A correção foi concluída e, próximo ao término da aula, quando comentei que faltava apenas a realização de mais um jogo e a exposição sobre Valeriano para concluir a aplicação do projeto, ouvi do Aluno 14^a a expressão: “Já?!”. Isso me deixou imensamente feliz, pois apesar de muita coisa já ter si produzida, dita e aprendida, os alunos estavam tão envolvidos que não sentiram o tempo passar. A meu ver, esse comentário também serviu para mostrar o que eu estava percebendo ao longo da realização das atividades: Que a sequência, apesar de contemplar doze etapas, distribuídas em quinze aulas, não estava sendo morosa por envolver atividades e jogos bastantes dinâmicos e interativos. Nesse momento, mais uma vez, a Aluna 3B me questionou: “A senhora não disse que falaria hoje a data que Valeriano morreu?” Respondi-lhe: “Sim. Mas deixei para falar tudo sobre ele na última aula, no dia da exposição, quando, além do *banner*, trarei também alguns livretos originais que encontrei lá em Palmares, povoado onde ele nasceu. E também lerei para vocês um artigo (ANEXO F) que escrevi para o *Jornal da Cidade*, de Aracaju, sobre Valeriano Felix dos Santos e a pesquisa que estou desenvolvendo. Este foi publicado no dia em que iniciamos o projeto, dia 28/09/2017.” Contudo, reforcei que, antes da exposição, haveria a realização de mais um jogo, pois havia um importante aspecto da obra lida que eles ainda não perceberam e que, “espero, a realização desse jogo permitirá ver”. Disse ainda: “Eu espero que vocês percebam. Melhor, tenho certeza que vocês perceberão. Vocês são muito inteligentes. Vocês já mostraram que são ótimos. Vamos aguardar.”

Aula nº 14 – 45 min.

Etapa 11 – Visualização do espaço na obra

Objetivo específico:

- Identificar os espaços existentes no folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, fazendo inferências acerca de sua constituição e de sua relevância na obra.

Quando o objetivo é apresentar algum aspecto novo de abordagem do texto lido, a leitura em pequenos grupos é bastante significativa. É o caso da leitura das cartas em dupla, ou trio, realizada nesta etapa para observação e análise das pistas textuais concernentes aos maridos de Dorotéia (personagens secundárias) e ao espaço expandido da obra.

A atividade foi realizada como planejado: o mapa foi afixado na parede; as duplas formadas, sendo que quatro alunas ficaram sozinhas; as cartas foram distribuídas; a atividade, explicada. Ao afixar o mapa, lembrei alguns conhecimentos prévios da área de geografia (os

pontos cardeais: Norte, Sul, Leste, Oeste; o Meridiano de Greenwich, dividindo a terra em dois hemisférios: Leste e Oeste; a Linha do Equador, fazendo a divisão Norte e Sul). Mesmo assim, alguns alunos sentiram muita dificuldade na hora de localizar os lugares de origem dos maridos de Dorotéia ou o local do casamento no mapa. A demonstração clara da falta de letramento em relação à leitura do mapa exigiu da minha parte uma mediação maior para ajudá-los a se orientar em relação à localização de alguns estados e países. Apesar de, nos comentários finais, a metade da turma afirmar não ter havido atividade difícil, além dos que falaram da dificuldade sentida na confecção das capas (08 alunos), três apresentaram esta atividade de visualização no mapa como a mais difícil, justamente pelo não domínio de alguns conhecimentos enciclopédicos geográficos ou pelo não entendimento das pistas textuais. O comentário final feito pelo Aluno 2A ratificou o que foi observado durante a execução da atividade. Ele escreveu: “foi meio complicado entender a parte de descobrir de que cidade cada marido veio”. No caso da não identificação o do local por causa do entendimento do trecho destacado nas cartas, principalmente, as primeiras, os alunos foram orientados a refazerem a leitura, associando o trecho verbal destacado ao contexto linguístico da história, de modo a fazer as devidas inferências. Eles assim procederam. As dificuldades iniciais, no entanto, não impediram a realização da tarefa, nem foi empecilho para a aprendizagem. Pelo contrário, me lembrou os ensinamentos de Vygotsky (2000) acerca da Zonas de Desenvolvimento Real e Imediato (ZDR e ZDI).

Esses conceitos vigotskianos suscitam a intersubjetividade, pois, nas situações de interação social, o indivíduo depara-se com o novo que lhe é apresentado. Em sala, o conhecimento, sempre crescente, é estimulado por meio das atividades sociais e de aprendizagem das quais os alunos participam no dia a dia. Estas funcionam como verdadeiros *inputs*, movimentando o conhecimento prévio, já internalizado pelos discentes, o qual constitui sua Zona de Desenvolvimento Real (ZDR). A construção do conhecimento, portanto, pressupõe o novo a partir do que o aluno já sabe e das relações estabelecidas entre os sujeitos. “[...] a criança é, em tese, instigada pelo adulto que lhe dá tal insumo externo, agindo sobre sua *zona de desenvolvimento imediato*, em um processo em que a aprendizagem move o desenvolvimento”. (VIGOTSKY apud CERRUTTI-RIZZATTI, 2009, p. 40-41, grifo do autor). O professor é, portanto, aquele que precisa estar capacitado para lidar com a Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI) do aprendiz. E é preciso também que a escola oportunize aos seus educandos insumos capazes de levá-los da ZDR para a ZDI de maneira que novas aprendizagens aconteçam.

Indispensáveis também foram as orientações apresentadas na discussão inicial deste estudo acerca da complexidade do ato de ler, pois, em conformidade com Gabriel (2006), na organização das atividades de leitura, o professor deve tentar prever as possíveis dificuldades que os alunos encontrarão diante do texto, de modo a criar estratégias, a fim de que os alunos possam superar os obstáculos e a compreensão do texto possa acontecer efetivamente. É por isso que, além de considerar o conhecimento prévio do aluno, o professor deve assegurar que este conheça os objetivos a serem alcançados por meio da leitura do texto apresentado, de maneira que possa participar ativamente do processo de aprendizagem, tendo em vista o letramento em suas múltiplas formas.

Foi com essa postura mediadora que as dificuldades previstas foram superadas, a aprendizagem efetivada e o objetivo de “Identificar os espaços existentes no folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, fazendo inferências acerca de sua constituição e de sua relevância na obra”, alcançado. E essa atividade ficou em segundo lugar em termos de participação na opinião dos alunos “por se tratar de uma aula dinâmica, diferenciada” (Aluno 9A). Ser “diferente” é um dos parâmetros também citados por Butt (2009) dentre aqueles que contribuem para uma aula bem sucedida. “Gostei muita da parte em [que] usamos o mapa para conhecer o lugar onde os maridos da mulher moravam” (Aluno 14B). Os alunos foram realmente instigados a “descobrir onde os maridos da mulher que se casou 18 vezes moravam” (Aluna 9B) e, a partir daí a “desvendar de onde era o décimo oitavo marido” (Aluna 10A). E esse foi, sem dúvida, o maior mistério de todos.



Não obstante as dificuldades iniciais, pouco a pouco, os espaços de origem dos maridos ou o local do casamento foram sendo localizados, conforme planejado. Primeiro, os maridos locais, cuja leitura das pistas textuais, ou melhor, a falta delas fez os alunos inferirem que eles só podiam ser do mesmo lugar que Dorotéia, portanto, da Paraíba. Depois, foi alcançada a percepção do espaço interestadual. De um modo especial, o retorno de Dorotéia, depois de ir a outros estados (“Ela vem da Paraíba”, E. 62) foi claramente percebido pelos alunos. A Aluna 13B, exclamou: “Ela já está é retornando.” Ela foi para o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo; depois, Rio de Janeiro e São Paulo novamente; e em seguida para Minas e Bahia. Toda a turma acompanhou atentamente esse roteiro à medida que cada estudante foi colocando o número do marido no local correspondente no mapa. Depois disso, os pretendentes já foram internacionais – um espanhol e um português – e a dificuldade para localizar os países aumentou. Mais uma vez, tive que auxiliá-los, traçando com o indicador um círculo imaginário no mapa em torno da Europa. Daí, eles localizaram os países. E a Aluna 11B, de um modo muito natural falou: “Ela não achou mais homem aqui, foi buscar fora.” Ao que o Aluno 9A retrucou: “Mas pode ser que eles é que vieram para o Brasil.” E nesse momento questionei: “Mas, se eles vieram para o Brasil como eles ficaram sabendo?” A Aluna 13B respondeu: “Porque a história dela já estava conhecida do mundo inteiro.” Perguntei: “Mas como?”. E o Aluno 14A sugeriu: “Pela família dela de Portugal.” Insisti: “Mas de que outra forma esses pretendentes teriam ficado sabendo?” Nessa hora, a questão do anúncio no jornal veio à tona. “Eles ficaram sabendo pelo jornal”, colocaram alguns. Aproveitei a oportunidade para interrogar novamente ser o jornal, ou não, o meio de comunicação adequado para Dorotéia colocar que estava querendo casar, e essa questão, já trabalhada na atividade escrita, foi brevemente retomada. Foi enfatizado que, como Dorotéia estava “desesperadamente atrás de um marido” (Aluno 9A) esse, sem dúvida, era um recurso que tornaria sua história conhecida no mundo inteiro. E, de fato, ainda nesta discussão, a Aluna 11B disse: “É porque aqui ela não achava mais ninguém. Tinha que vim de fora.” Restava apenas localizar o 18º marido e a aluna da dupla responsável disse não saber, pois não havia pista na carta, apenas uma interrogação. Eles me perguntaram quem era o 18º marido e eu falei que não diria. Eles teriam que descobrir. Entretanto, eles continuaram insistindo para que eu dissesse. Sugeri que retomassem a história para tentarem desvendar quem é e declarei, estrategicamente, a atividade como encerrada.

O objetivo proposto para esta etapa foi atingido: os alunos perceberam que os maridos de Dorotéia vieram até do exterior, porque a história dela chegou até lá. Todavia,

como as “reticências” de Valeriano, a interrogação em torno do 18º marido continuava e todos queriam saber quem era ele. Esse foi posto como o mistério final a ser desvelado na obra e, mais uma vez, foi dito que eles mesmos deveriam tentar solucioná-lo. Um aluno cogitou a não existência do 18º marido. “Mas tem, porque tem dezoito túmulos”, rebateram alguns. A Aluna 8A redarguiu: “Não houve o 18º marido, porque a cova era para a mulher. Ela que morreu depois.” “Mas não, tem dezoito túmulos”, reafirmaram outros. Ao que ratifiquei: “Eu mesma fiz questão de contar quando li o folheto e vi que tem dezoito túmulos.” Foi quando o Aluno 9A disse: “Sim, mas o autor pode ter errado.” Virei-me para ele. Até que, enfim, alguém desvendara o grande mistério. Perguntei: “Mas, como assim, o autor pode ter errado?” Ele respondeu: “Simples. Ele errou. Eu vejo toda hora isso acontecer, em filmes, livros... o autor diz que vai fazer uma coisa e acaba fazendo outra.” Não tinha mais o que questionar. Dei-me por satisfeita. Perguntei a ele se poderia ir à frente explicar isso aos seus colegas e ele disse que sim, com muita naturalidade, e foi. Todos ouviram atentamente a argumentação e deram-se também por satisfeitos: Simplesmente, não havia o 18º marido. E, se houve, dele somente duas pistas textuais foram dadas: uma verbal e outra visual. A primeira, um dado numérico: “dezoito”. A segunda, um túmulo. Como identificá-lo? Fecha-se a obra. As reticências, porém, continuam. E haja reticências! Ao todo, na versão original, Valeriano após 169 delas. Dado hiperbólico. Mas hiperbólica também é a ocorrência de uma mulher casar-se dezoito vezes. Tanto é que a simples menção do título chama a atenção de todos ávidos por saber: Como? Por quê? O que aconteceu com seus maridos?

Nos comentários finais, a observação da Aluna 8A parece condensar o que ocorreu por ocasião do encerramento dessa etapa e da leitura do folheto: o anseio por desvendar “O mistério de Dorotéia por se casar e os maridos morrerem. Porque foi complicado descobrir todos os mistérios” (Aluna 8A). E haja leitura para desenredar tantos enigmas! Mas os alunos leram e descobriram, porque compreenderam, interpretaram, contextualizaram. E o ato de ler, em sua totalidade, envolve todos esses processos. Conhecida a obra, vamos ao seu autor. Afinal, é preciso deslindar também a vida do riachãoense que com talento, poesia e imaginação criou a história *A mulher que se casou dezoito vezes...* .

Aula nº 15 – 45 min.

Etapa 12 - Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos

Objetivos específicos:

- Contextualizar o autor Valeriano Felix dos Santos e a obra estudada;
- Folhear e ler outras obras do autor.

No diagnóstico, quando perguntados “Para que serve o ato de ler?”, os alunos demonstraram não achar relevante o estudo acerca da vida dos autores.

QUADRO 9 - SÍNTESE DAS RESPOSTAS AO QUESTIONAMENTO “PARA QUE SERVE O ATO DE LER?”

Classificação	Alternativa	Totais de votos
1 ^a	“Aprender a ler cada vez mais”	28
2 ^a	“Compreender melhor o mundo em que vivemos”.	20
3 ^a	“Aprender sobre as características das obras, como ela é formada”.	14
4 ^a	“Aprender sobre a vida dos autores”.	06
5 ^a	“Conhecer a época em que viveram os escritores”.	04

Observa-se que, na visão da maioria dos alunos (mais de 80%), o primeiro grande fim da leitura é “aprender a ler cada vez mais”, ficando em segundo lugar a compreensão (60%) e em terceiro lugar o conhecimento da própria obra em si (40%) e, no fim, com cerca de apenas 10% o conhecimento sobre a vida do autor foi assinalado. Todavia, apesar desse posicionamento inicial, durante a execução do projeto, os alunos demonstraram mais de uma vez o interesse sobre Valeriano Felix dos Santos, evidentemente, por, além de ser seu conterrâneo, ter escrito uma história que eles gostaram muito de ler. Essa etapa tem, portanto, como objetivo principal tentar responder aos inúmeros questionamentos sobre Valeriano Felix dos Santos feitos principalmente na primeira etapa, mas perpassados ao longo da execução de todo o projeto. Vem também tentar transformar em “sim” o “não” que todos os alunos deram quando no diagnóstico foram perguntados se já ouviram falar de Valeriano Felix dos Santos.

Foi feita a exposição do *banner* e dos livros. Porém, ao invés de começar a leitura da biografia de Valeriano pelo exposto no *banner*, resolvi fazê-lo por meio do livro *De volta ao ninho antigo*, de sua própria autoria, forma de já apresentar também mais essa obra do autor à turma. Contudo, antes de iniciar a leitura, a Aluna 3B cobrou-me a data da morte dele. Disse-lhe que hoje ela saberia, porque eu já havia recebido a cópia da certidão de óbito do cartório (ANEXO E). Melhor ainda, ela mesma leria na própria certidão, se quisesse. Ela disse que queria. Orientei que, no momento oportuno, logo após a leitura da data de nascimento, ela deveria ler a data da morte, pois era assim que teria sido escrito no *banner* se, na ocasião, eu já tivesse esse dado. E assim foi feito. Ela leu e eu perguntei à turma com quantos anos

Valeriano morreu. Alguns tentaram fazer a conta de cabeça; outros, a exemplo do Aluno 9A tomou papel e caneta e começou a fazer a conta, depois de pedir para repetir a data. Conta feita, ele disse: Valeriano morreu com setenta anos. Ao que ratifiquei para os que ainda tinham dúvida: A conta é simples: De 26 para 96 dá 70. E continuei a falar de outros aspectos da vida do autor expostos no livro. Depois iniciei a leitura do artigo de minha autoria que fora publicado no *Jornal da Cidade* no dia 28 de setembro, como já havia dito a eles, mesmo dia em que iniciamos nosso projeto.

Iniciada a leitura do artigo, um aluno perguntou se tinha sido eu mesma que escrevi. Respondi que sim. Concluída a leitura, fiz a apresentação geral de algumas das suas obras originais que emprestei com pessoas de Palmares, local de origem de Valeriano e logo após convidei os alunos para levantarem e folhearem os exemplares. Assim foi feito. Depois os alunos foram convidados a tecerem, por escrito, seus comentários finais sobre o gênero cordel, respondendo a pergunta “O que é cordel?”, bem como a comentarem sobre o projeto como um todo, e mais, dizerem qual a atividade que mais gostaram, a que acharam mais difícil, a que permitiu participarem mais e a que consideraram menos importante. Todas, dizendo o porquê. Concluídas todas as atividades previstas, a aplicação do projeto foi declarada encerrada, ao que agradei e parabeneizei a participação dos discentes. O sinal tocou e fui recolher os livros para guardar. Mas, como nas reticências de Valeriano..., enquanto os outros alunos saíam, a Aluna 5A perguntou-me se podia levar para ler em casa a obra *De volta ao ninho antigo*. Disse: Claro que sim! Você me devolve na próxima aula. A coordenadora da escola, que nesse momento já estava na sala e se encontrava ao nosso lado, disse que, quando a aluna devolvesse, ela também queria ler. E, claro, nessa altura, ela já tinha lido *A mulher que se casou dezoito vezes...* .

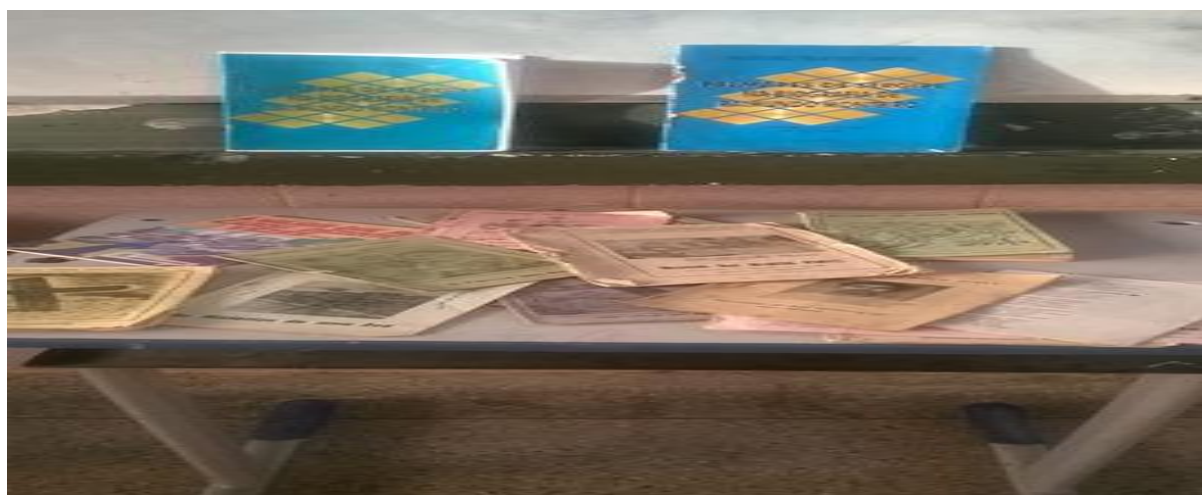
Talvez, o grande êxito de Valeriano na escrita do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* tenha sido, com maestria, conciliar muitíssimo bem as temáticas do amor e da morte: “os dois eixos principais em torno dos quais a maioria dos textos poéticos é construída”. (SILVA, 2009, p. 120). A leitura de sua obra, conforme disseram os alunos, desperta a curiosidade, suscita alegria e tristeza. Ao tempo que celebra a vida e o amor, apresenta também a dolorosa realidade da morte, da perda, da separação. Ele, de certa forma, no folheto lido, faz recordar a finitude de que é constituído todo ser humano e constatar “o empobrecimento do mundo da minha vida onde esse outro estava e agora não está” (BAKHTIN, 2010, p. 95). Como disse o Aluno 14A, “Valeriano é um verdadeiro gênio do cordel brasileiro e um professor para o mundo.”



Fonte: Arquivo próprio



Fonte: Arquivo próprio



Fonte: Arquivo próprio

4.1 PALAVRAS QUASE FINAIS: OS RESULTADOS

A eficiência das atividades desenvolvidas, em suma, de toda a sequência, foi mensurada conforme exposto na metodologia. No seu conjunto, ficou evidenciado que todas as atividades, cumulativamente, concorreram para a realização da leitura verbovisual do folheto estudado, propósito primeiro desta sequência básica. Vejamos a análise das atividades aplicadas de acordo com os parâmetros elencados por Butt (2009), lembrando que a pontuação variou de 5 a 10, onde 5 significa que o critério foi “pouco contemplado” na realização da atividade e 10 significa que o critério foi “totalmente contemplado”, como dito na metodologia.

QUADRO 10 - ANÁLISE GERAL DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS ESTABELECIDOS POR BUTT (2009)

Atividades / Critérios	1*	2*	3*	4*	5*	6*	7*	8*	9*	10*	11*
Ter propósito definido	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Ser bem estruturada	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
Ser flexível	10	10	5	10	10	10	5	10	5	10	10
Ser bem servida de recursos	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	8
Ser desafiadora	8	5	5	6	10	10	8	10	7	10	5
Ser bem ritmada, dinâmica	10	5	5	10	10	10	8	10	5	10	10
Envolver uma aprendizagem ativa	8	5	5	5	10	10	9	10	8	10	5
Usar habilidades de raciocínio, iniciativa e imaginação	5	5	5	6	10	10	8	8	5	10	6
Ser prazerosa, gratificante	8	6	5	10	10	10	8	10	5	7	10
Indicar continuidade e progressão	10	10	7	10	10	9	10	10	6	10	10
Total	89	76	67	87	100	99	86	98	71	97	84

LEGENDA:

- 1* Exposição de folhetos de Cordel
- 2* Leitura oral do *banner* sobre cordel pelo professor
- 3* Aula expositiva sobre Costella (2002)
- 4* Leitura oral do folheto pelo professor e alunos
- 5* Realização do jogo “Brincando de detetive”
- 6* Produção da capa do folheto lido
- 7* Leitura da capa versão atual
- 8* Realização do jogo dos oito erros às avessas
- 9* Realização das atividades escritas
- 10* Visualização no mapa do espaço
- 11* Exposição sobre Valeriano

No quadro apresentado, percebe-se que todas as atividades obtiveram a pontuação máxima dez nos critérios de “ter propósito definido” e “ser bem estruturada”. Em relação aos recursos, apenas a exposição sobre Valeriano não obteve dez, posto a dificuldade de conseguir mais informações sobre o autor, assim como mais folhetos originais, fato que requer um tempo maior que o destinado a um curso de Mestrado Profissional.

No geral, de acordo com o quadro dado, as atividades alcançaram a seguinte pontuação e classificação:

QUADRO 11 - PONTUAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA SEQUÊNCIA DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE BUTT (2009)

Atividades	Pontuação
Realização do jogo “Brincando de detetive”	100
Produção da capa do folheto lido	99
Realização do jogo dos oito erros às avessas	98
Visualização no mapa do espaço	97
Exposição de folhetos de cordel	89
Leitura oral do folheto pelo professor e alunos	87
Leitura da capa versão atual	86
Exposição sobre Valeriano	84
Leitura oral do <i>banner</i> sobre cordel pelo professor	76
Realização de atividades escritas	71
Aula expositiva sobre Costella (2002)	67

Percebe-se, portanto, que algumas atividades conseguiram contemplar uma pontuação maior no cômputo total dos critérios. Evidentemente, todas elas, de forma cumulativa, conforme frisado anteriormente, foram fundamentais para a consecução da sequência. Todavia, algumas se revelaram, na prática, mais significativas pela abrangência dos critérios que conseguiram eficazmente contemplar. Desse modo, na análise dos dados, elas adquiriram um destaque maior, até mesmo nos comentários feitos pelos alunos, como visto no relato feito.

4.1.1 Análise dos dados obtidos no teste de saída

Quando no diagnóstico inicial, os alunos foram questionados em relação ao fato de já terem lido algum folheto de cordel, dez disseram que sim e 23 responderam que não. Dos dez que afirmaram, dois, claramente, confundiram o cordel com a tradicional parlenda iniciada

com o verso “Hoje é domingo”, pois, consultados qual o cordel lido, responderam “O cachimbo” e, na questão 9, marcaram também esse texto como sendo a reprodução de uma página de um exemplar de literatura de cordel. Dessa forma, oito “sim” foram confirmados e dois podem ser traduzidos como “não”. Na reaplicação do questionário, após o término da sequência, todos foram unânimes ao responder que “já leu algum folheto de cordel”, evidentemente, *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos e alguns citaram também os seguintes exemplares emprestados durante a execução do projeto.

QUADRO 12 - RELAÇÃO DOS FOLHETOS DE CORDEL LIDOS PELOS ALUNOS DURANTE A EXECUÇÃO DO PROJETO

Aluno	Título
1B	<i>Professor sabe tudo e as respostas de João Grilo</i>
6A	<i>A menina feia</i>
5A	<i>A didática do cordel</i>
6B	<i>Lampião; A história de Bito: o bode de Riachão</i>
10A	<i>ABC dos namorados, do amor, do beijo, da dança</i>
2A	<i>As aventuras de Robin Hood</i>
9A	<i>Lampião: Herói ou Bandido</i>
14A	<i>O cavalo que defecava dinheiro</i>
12A	<i>Lampião e Maria Bonita</i>
9B	<i>O cavalo que defecava dinheiro</i>
11B	<i>O touro preto que engoliu o fazendeiro; A professora indecente e as respostas de João Grilo; O romance de Aroldo com a jovem Angelita</i>
17B	<i>Advinhas</i>
3B	<i>O diabo é bom de cama; O cavalo que defeca dinheiro</i>
2B	<i>Lampião, Corisco e Dodó</i>
14B	<i>João Grilo; Lampião</i>

Outros dez alunos destacaram já terem lido algum folheto de cordel, mas não lembram o título. Destes, três disseram ter lido em sala por ocasião da exposição dos folhetos.

Quanto à pergunta “Você já estudou sobre literatura de cordel em sua escola? Em que série?” Houve também unanimidade ao responderem “sim”. A referência maior foi o estudo feito agora na 8ª série (29 alunos). Dos demais, um disse ter estudado na 4ª série; outro na 5ª; dois não responderam; e um respondeu na 6ª e na 8ª. Esta foi a Aluna 8A que fez questão de explicar: “Na 6ª série estudei por alto, inclusive fiz um cordel, pois na época era um evento que teria na escola. Mas na verdade estudei mesmo na 8ª série.”

No teste de saída, todos identificaram, prontamente, a capa que tem a imagem de Lampião como sendo a que faz parte do cordel. No diagnóstico inicial, apesar de 28 alunos terem assinalaram a capa com o título “Lampião” como sendo a de cordel, algumas

justificativas dadas foram pouco precisas: “Porque Lampião tem várias rimas e poesias e fala sobre o sertão”; “Porque ele é um cangaceiro”; “Porque o livro de cordel fala muito da história de Lampião”; “Porque já li vários cordéis sobre ele e acho que os outros não são”; “Porque cordéis têm imagens de Lampião”; “Por causa da capa com nome Lampião que faz parte do cordel”; “Porque a imagem parece de conto de cordel”, dentre outras. Observa-se, na resposta dos alunos, a associação Lampião–sertão e também “Lampião–cordel”. Daí a associação “cordel–sertão” e, conseqüentemente, ao sertão de Lampião. Na ocasião, mesmo os alunos que não souberam justificar sua resposta (apenas 8), colocando um “não sei” ou, simplesmente, um “só chutei”, optaram por assinalar a imagem de Lampião, dentre as demais, sem terem uma justificativa para tal escolha.

Referente à questão sobre qual das páginas dadas representaria uma “página de cordel”, no teste de saída, apenas um assinalou a letra **d** (o poema “Infância”, de Drummond), dizendo ter achado o “mais adequado”; dois alunos assinalaram o item **a** (a parlenda “O cachimbo”), apresentando como justificativa o fato de ser bem conhecido e antigo; cinco assinaram a letra **b** (uma página contendo oito quadras populares diferentes) e disseram que assim marcaram pelo fato de serem inventadas e terem estrofes, versos e rimas. Observa-se, pois, que as justificativas apresentadas por esses alunos que escolheram as alternativas **a** ou **b**, apesar do não acerto na escolha, contêm traços característicos do cordel e coincidiram, em parte, com a explicação dada pelos 26 alunos que marcaram o item **c** (efetivamente uma página de cordel). Esta contém seis septilhas com o mesmo esquema de rimas estudado no folheto de Valeriano e explorado minuciosamente na primeira questão da atividade escrita. As justificativas formuladas pelos discentes contemplaram basicamente esse aprendizado.

No diagnóstico inicial, praticamente, a metade dos alunos (15) assinalaram, para identificação de uma página de cordel, a composta por quadrinhas populares, alegando a presença do “poema”, da “rima”; e só três marcaram o item **c**, contendo os versos em septilha, mesmo assim não souberam justificar. De acordo com a marcação correta feita pelos 26 alunos no teste de saída e com a precisão maior das justificativas dadas, pode-se perceber que esse aspecto formal do folheto de cordel, conforme explorado em sala, foi bem assimilado por mais de 75% dos alunos. Percebe-se, portanto, a compreensão da estrutura do folheto de cordel estudado e a ênfase na história, na setilha ou septilha e no esquema de rimas empregado pelo autor Valeriano.

Fazendo um quadro geral das respostas dadas à pergunta “O que é cordel?”, evidenciou-se que os alunos associaram muito devidamente o cordel às suas principais características.

QUADRO 13 - SÍNTESE DOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DO FOLHETO DE CORDEL, DE ACORDO COM AS RESPOSTAS DADAS AO QUESTIONAMENTO “O QUE É CORDEL?” NOS COMENTÁRIOS FINAIS

Aspectos/ Momento	Diagnóstico Inicial	Comentários Finais
Livrinho	14	11
Folheto	02	12
Histórias	10	15
Poemas Populares	01	08
Versos/Poemas	12	09
Estrofes	—	06
Rimas	06	16
Venda	02	08
Literatura	—	02
Cordelistas	—	02
Capa	01	03
Tradição, Arte, Folclore	—	01
Ilustração/Desenho	03	01
Corda/Barbante	—	06
Sextilhas	—	01
Septilhas	—	06
Nordeste/Sertão	06	02
Não sei dizer/Descrever	—	02
Analfabeto/Não saber ler	—	02

Notadamente, a primeira grande constatação observada entre a resposta inicial e final à pergunta “O que é cordel?” foi a evolução conceitual. No início é nítida a incerteza, os “achismos”, as suposições. Muitos se referiam as histórias associando-as diretamente a figura de Lampião. Outros afirmaram até se tratar de histórias em quadrinhos, contos, lendas etc. Não houve menção ao estilo das estrofes ou sequer mesmo a estrofes, apesar da associação feita a versos, poemas e rimas. Por outro lado, a leitura dos comentários finais, pós-aplicação do projeto, permitiu a verificação de uma maior precisão conceitual em relação ao gênero trabalhado. Termos como folheto, poemas populares, estrofes, rimas, sextilhas, septilhas, cordão, barbante, foram empregados com propriedade e convicção. Até as expressões “literatura de cordel”, “cordelistas” foram colocadas com consciência de significado.

Observa-se que, no diagnóstico de entrada, há um emprego desproporcional no uso das expressões “livrinho” e “folheto”. Depois da aplicação do projeto, com a familiaridade deste segundo termo, seu uso passou a se equiparar ao da primeira expressão. Percebe-se também que a concepção de folheto atrelada ao Nordeste e ao sertão foi mantida com uma abrangência maior não apenas associada a Lampião, mas também a “analfabetismo” e às “cantorias de gado”. Os alunos compreenderam o cordel como de origem nordestina, mas não só, eles perceberam sua riqueza como representação da nossa “tradição, arte, folclore”, apesar de não ter sido está a perspectiva adotada para estudo neste trabalho. Houve entendimento maior em relação ao contexto de produção (“cordelistas”, “capas”, “imagens”, “vendas”) e também em relação ao público leitor (“analfabetos”, “não sabe ler”). Faz-se necessário frisar que, apesar de estarmos trabalhando com o gênero, em nenhum momento foi dada uma definição conceitual sobre o que é cordel. Isso significa dizer que os alunos aprenderam com a prática e souberam eles mesmos elaborar seus conceitos. No final, não houve mais nenhuma colocação de niilismo conceitual, apenas dois afirmaram “não saber dizer” ou “descrever”. Tal afirmação parece revelar não a ignorância de conhecimento diante da matéria questionada, mas, ao que parece, a incapacidade de traduzir o que sabe em palavras. Essas expressões não guardam em si a mesma semântica do “Eu não sei de nada” e do “Nunca ouvi falar” escritos na fase anterior à aplicação do projeto. A transcrição de alguns comentários finais apostos a seguir corroborará para a verificação da evolução conceitual mencionada.

4.1.2 Comentários finais dos alunos sobre “O que é cordel?”

Ficou evidenciado que, ao longo da aplicação da sequência, em nenhum momento, apresentamos aos alunos um conceito formulado acerca do que é cordel. Nosso intuito era que eles lessem o folheto selecionado e, por meio da execução das atividades, pudessem compreender e interpretar adequadamente a história lida, e, em decorrência do letramento literário efetivado, eles passassem a conhecer o gênero cordel e o autor de sua terra Valeriano Felix dos Santos. Concluído o trabalho, solicitamos que, nos comentários finais, os alunos dissessem o que é cordel com o claro objetivo de compararmos as respostas dadas após a aplicação do projeto com as do diagnóstico inicial e termos uma visão do que foi devidamente apreendido por eles a esse respeito. A análise foi feita e apresentada anteriormente. Eis alguns dos conceitos formulados pelos alunos:

Cordel é um folheto pequeno que antigamente eram expostos nas ruas para as pessoas comprarem, mais antigamente quase todos os folhetos são vendidos ali num estender a quem quiser comprar o folheto do cordel na rua a pessoa que quiser comprar o folheto interessado com o cordel e comprá-lo ficava curioso para saber o final do história. O cordel também é pendurado num barbeiro para olhar os folhetos.

Cordel são folhetos com poemas. Os poemas do cordel são escritos em formas de rimas e em estrofes de sextilhas, que são estrofes de 7 versos.

Cordel é um tipo de livro escrito em versos e estrofes, geralmente sextilhas ou setilhas. Com rimas, e contando histórias fictícias ou verdadeiras.

Cordel é um livrinho de histórias rimadas que conta diversas histórias diferentes e que leva as pessoas para um mundo de fantasia de diversão de suspense e principalmente de curiosidade.

É um conjunto de estrofe com um esquema de rimas que pode ser sextilhas e etc, ele era vendido antigamente pendurado em cordão por isso o nome "Cordel" e sua capa contava a história também para aqueles que eram analfabetos.

Cordel são folhetos que tem poemas populares, os cordel são escritos em formas de rima, o cordel também pelo que se prende e divulgação das tradições, das artes, do folclore brasileiro.

4.1.3 O projeto na visão dos alunos

Dentre outras questões, nos comentários finais, também tivemos o interesse em saber se os alunos consideraram alguma atividade executada como menos importante. Essa também era uma forma de confirmar, ou não, o observado em sala acerca da participação e do empenho de todos eles durante a aplicação da sequência. Trinta, dos trinta e quatro alunos envolvidos no projeto, responderam “nenhuma”, pois “Todas foram importantes [...] pois cada um completou o outro” (Aluna 5B); “todas as partes são importantes no aprendizado do projeto” (Aluno 2A); “Porque com todas elas eu aprendi muita coisa” (Aluna 4A). Essas foram algumas das explicações dadas. Dos quatro restantes, dois responderam “fazer a capa”, apontando esta também como a atividade mais difícil no outro questionamento; uma aluna disse que foi a de apreciar as imagens; e outra não respondeu. Eis alguns comentários formulados pelos alunos:

[...] esse trabalho trouxe para nós um pouco da nossa cultura porque ninguém da sala em que estudo sabia quem era Valeriano Felix dos Santos e que ele já morou na nossa cidade e foi um grande cordelista [...] e patrono da academia de literatura de Sergipe. (Aluno 7A).

Eu aprendi muita coisa, esse projeto foi o melhor de todos os tempos porque falou sobre a nossa cultura em si e não de outra qualquer e deu um bom exemplo que é Valeriano Felix dos Santos. (Aluno 14A).

Eu achei muito educativo e divertido, pois descobri mais sobre o cordel e sobre a importância de cada história lida. (Aluno 2A).

Bom eu achei o projeto muito bom, porque falava sobre o cordel, eu já gostava de cordel e esse projeto me despertou ainda mais querer saber sobre cordel. (Aluna 9B).

O projeto foi muito importante porque fez abrir nossos olhos sobre o cordel que ele foi muito importante ajudou muitos analfabetos. (Aluno 11A).

Foi um ótimo trabalho por que a professora nos ensinou o que é cordel ela também nos apresentou um conterrâneo da nossa cidade que a maioria não conhecia e passamos a conhecer a história dele falamos muito sobre um cordel feito por ele que foi a mulher que se casou 18 vezes e também lemos muitos cordéis e aprendemos muito com esse projeto espero que outras pessoas tenham privilegio de conhecer e aprender o que nós aprendemos e também dar valor ao grande cordelista que tivemos em nosso município. (Aluno 2B).

O projeto foi muito interessante contando um histórico do cordelista Valeriano Felix dos Santos, com a ajuda da professora conseguimos estudar sobre os cordéis e um deles retrata sobre Valeriano um cordelista muito conhecido da cidade de Riachão do Santo, no decorrer desse projeto possuíamos a conhecer os alunos de Valeriano.

Achei essa experiência muito boa, muito interessante e cheia de aprendizados também. Eu também achei muito legal que a nossa professora Edleide tenha escolhido falar sobre Cordel, pois achei muito importante saber que um grande cordelista como "Valeriano" tenha surgido da nossa terra.

Eu gostei muito do projeto da professora, pois aprendi profundamente o que é cordel, e também sobre um cordelista com uma inteligência deslumbrante, gostei de ler os cordéis e chei engajado principalmente o "A mulher que se casou dez vezes..."

Eu aprendi muita coisa, esse projeto foi o melhor de todos os tempos porque falou sobre a nossa cultura em vez de não de outra qualquer e deu um bom exemplo que é Valeriano Felix dos Santos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinando, nunca se deixa de estudar. No entanto, havia em mim um ardoroso desejo de voltar à sala de aula como aluna, literalmente. Ansiava discutir com meus professores, debater questões. A oportunidade me foi dada. O presente, ofertado. Peguei-o. Todavia, esse foi como um daqueles presentes não muito fáceis de abrir, que, vez ou outra, faz com que o presenteado rasgue o papel, já sem o cuidado devido, ávido por saber o que guarda tão consistente invólucro. Mas, era preciso manter a disciplina, a firmeza, o foco, a fé, a luta, sob pena de cair por terra o presente ou o próprio presenteado. Fato é que, quase conclusos os “intermináveis” e incontáveis momentos de ansiedade, já dá para vislumbrar da planta, mais que a raiz, o broto. E, dos frutos colhidos, o relato feito, provido da devida análise e mensuração dos resultados, foi o mais espesso, como também o que mais exigiu horas e horas de um árduo trabalho de escrita e lapidação.

Certo é que a realização das atividades que compõem a sequência aqui exposta permitiu uma aprendizagem ativa por parte dos discentes envolvidos. Evidentemente, a mediação docente foi necessária, confirmando uma das bases sobre a qual se sustentou essa pesquisa, de que é na relação com o outro e com o meio que o sujeito aprende. Em algumas atividades, esse papel mediador foi apenas como propositor, como na apresentação do projeto como um todo, na realização das leituras, quer do texto narrativo, quer das capas, ou ainda na produção dos comentários escritos. Em outras, de expositor, como na apresentação dos tipos de capas e dos dez pontos para análise de uma obra de arte elencados por Costella. Algumas vezes como dinamizador do conhecimento. Assim o foi nas etapas que envolveram os jogos, a confecção das capas e a discussão no momento de correção das atividades escritas, principalmente em torno da questão da mulher no contexto linguístico e no meio social em que vivem os alunos hoje. Outras ocasiões requereram o papel mesmo de “reavivador” do conhecimento, retomando conceitos anteriormente trabalhados, mas pouco consolidados na prática pelos alunos, por isso, um tanto esquecidos. Isso ocorreu principalmente na etapa da visualização dos espaços no mapa. Em alguns momentos, foi o papel de consolidador do conhecimento adquirido que prevaleceu, como na produção dos comentários na etapa inicial, os alunos, de certo modo, em uma atitude própria de quem está aprendendo, queriam a confirmação docente acerca de algumas informações ouvidas. Em outras ocasiões, predominou o papel de avaliador e esse, sem dúvida, foi o que perpassou todo o projeto. Afinal, estávamos ali, antes de tudo, como pesquisadora. Contudo, para além mesmo desse

papel que, no geral, chamamos de mediador, por mais importante e crucial que seja, o que importou foi o fato de que os alunos aprenderam a fazer, fazendo: lendo, relendo, consultando, escrevendo, discutindo, pesquisando, analisando, avaliando, rindo, desenhando, recortando, colando e pintando. É isso que chamamos de aprendizagem ativa e que está na base de outro pilar sustentador desse projeto: o sujeito como um ser histórico, situado, portanto, ativo, de acordo com a concepção bakhtiniana. O sujeito como “senhor” dos seus atos para o qual não existe “álibi”, nem neutralidade absoluta; para o qual o nascer constitui a primeira ação existencial e somente a morte fecha o ciclo, tornando terminadas todas as suas ações.

A efetivação do projeto como um todo permitiu confirmar que o trabalho com o folheto de cordel, tendo como prerrogativa sua estrutura verbo-visual, requer sim diferentes formas de atividades de modo que as duas formas de linguagem – a visual e a verbal – constitutivas do gênero, sejam exploradas mais consistente e eficientemente. Além disso, o próprio estudo do cordel, pela riqueza e abrangência das perspectivas que possui (literária, linguística, pictórica, histórica, geográfica, social, cultural e folclórica) requer apresentação, explicação e discussão gradual dos elementos que o compõem. Isso sem falar na infinita diversidade temática das suas obras.

A aplicação da sequência mostrou ser ela não apenas viável, mas também efetiva para o estudo do cordel na perspectiva verbo-visual, pois permitiu aos alunos a realização da leitura, compreensão, interpretação do folheto selecionado – *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos –, e mais, a completa apreensão dos sentidos presentes no texto, desvelando o que estava nas linhas e nas entrelinhas. Não ficou mistério sem ser revelado. Só não foi possível aos alunos apontarem uma solução para o problema vivido pela personagem Dorotéia. Certamente, eles teriam gostado de fazê-lo, mas isso já envolveria outro projeto mais voltado para a produção textual. Fica aqui a dica.

E mais, a execução deste projeto permitiu o conhecimento do autor e algumas outras obras de sua autoria. Os alunos encantaram-se pelo seu conterrâneo de tal maneira que o projeto acabou e ainda tem um deles (a Aluna 5A) lendo uma de suas obras: *De volta ao ninho antigo*. Até a coordenadora da escola está no aguardo para ler, quando me for devolvido o exemplar pela aluna. E, evidentemente, ela já leu *A mulher que se casou dezoito vezes...* Pode-se dizer, com bastante propriedade, que parece ter Valeriano Felix dos Santos “voltado ao ninho”.

A sequência apresentada por meio desse projeto é flexível o bastante para permitir ser trabalhada em qualquer série não só do ensino fundamental, mas da educação básica como um todo, desde que se promovam as adaptações necessárias. Para isso concorrerá a criatividade, o discernimento e a postura ativa daqueles que, por ventura, e esperamos que muitos, queiram colocá-la em prática em suas salas de aulas. Isso acontecendo, esperamos que as expectativas sejam superadas, assim como foram as nossas. Que os docentes (re)descubram, assim como eu pude mais uma vez constatar, que quando uma aula é bem planejada, tudo concorrerá para que seja bem sucedida, até os imprevistos ocorridos e as improvisações feitas. E, principalmente, os resultados obtidos serão sempre surpreendentes, posto ser ilimitada a capacidade humana de criar e inesgotável o conhecimento, sobremaneira no campo das artes, no mundo das palavras.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alômia. **"Paraíba masculina"**: Honra e virilidade na Revolução de 1930. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

ABREU, Casimiro de. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2813/casimiro-de-abreu>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALMEIDA, Átila Augusto F.; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

ALVES, Roberta Monteiro. **A literatura de cordel em sala de aula**: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem e Ensino-UFS, São Cristóvão, 2010.

_____. Literatura de cordel: Por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju/Sergipe, v. 4, ano 2, p. 103-109, jul-dez de 2008.

ASSIS, Regiane Alves de; TENÓRIO, Carolina Martins; CALLEGARO, Tânia. Literatura de cordel como fonte de informação. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 3-21, jan. 2012. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola**: rediscutindo princípios e práticas. São Paulo: FTD, 2012.

BARROS, Leandro Gomes de. **O Cachorro dos Mortos**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDO, Gustavo. O conceito de Literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 135-169.

BILAC, Olavo. Meus oito anos. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2780/olavo-bilac>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BOQUIM, Zezé de. **A História de Bito: O bode de Riachão**. Riachuelo, 2010.

BORBA, Valquíria C. M.; PEREIRA, Monalisa R. A.; SANTOS, Adelino P. Leitura e escritura: processos cognitivos, aprendizagem e formação de professores. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 19-26, jan./jun. 2014.

BORBA, Valquíria C. M. Aquisição da linguagem, cognição, memória e aprendizagem. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 2, p. 267-290, jul./dez. 2015.

BORGES, José.J. **Borges**. São Paulo: Hedra, 2007.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998,

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. 562p.

BUTT, Graham. **O planejamento de aulas bem-sucedidas**. 2. ed. Tradução Adail Sobral e Anselmo Lima. São Paulo: Special Book Services Livraria e Editora, 2009.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo: USP, v. 14, n. 2, p. 247-263, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ (Org.). **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CARVALHO, Gilmar de. Dossiê: Vozes e Letras do Cordel. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, São Paulo, Ano V, n. 54, p. 43 - 63, Jan./2002

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CERRUTTI- RIZZATTI, Mary E. Apropriação sociocognitiva da escrita: uma discussão sobre a dimensão intrassubjetiva da linguagem. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 36-43, jul./ set. 2009.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTELLA, Antonio F. **Para apreciar a arte:** roteiro didático. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

CURRAN, Mark J. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

DEHAENE, Stanilas. **Os neurônios da leitura:** como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 19-42.

D'OLIVO, Fernanda M.; LAGAZZI, Suzy. No entremeio do funcionamento do discurso do cordel: o ritmo e a estereotipia. **Revista Língua e Literatura**, São Paulo: USP, n. 27, p. 209-225, 2001-03. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile/105460/104126>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

D'SOUZA, Radha. As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da "globalização". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 145-171.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EDUCASENSO. **Censo Escolar 2015.** Disponível em: <<http://matricula.educacenso.inep.gov.br/controller.php>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem:** temas e gêneros da literatura. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, Autores Associados, 1989.

GAIARSA, José Ângelo. **Tratado geral sobre a fofoca.** 10. ed. São Paulo: Summus, 1978.

GABRIEL, R.. A compreensão em leitura enquanto processo cognitivo. **Signo**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 31, p. 73-83, 2006. Edição especial.

GERHARDT, Ana F. L. M.; ALBUQUERQUE, Camila F.; SILVA, Igor de Silva. A Cognição situada e o conhecimento prévio em leitura e ensino. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 2, p. 74-91, 2009.

GLOBO. **PISA.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.gh.html>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

GONZAGA, Luiz. **Paraíba**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/paraiba.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GOULART, Cecília. **Alfabetização e Letramento**: os processos e o lugar da Literatura. In: PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy; PAULINO, graça; CORRÊA, Hercules, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

INEP. **Brasil no Pisa 2015**: Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. São Paulo: Fundação Santilana, 2016. Disponível em: download.inep.gov.br/acoes.../pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa. Acesso em: 14 jan. 2017.

_____. **IDEB**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006>. Acesso em: 26 nov. 2017.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995, pp. 15-61.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social. In: _____; PEREIRA, Aracy, E. (Org.). **O ensino da leitura e produção textual**: Alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999, p. 13-37.

LIMA, Elvira Souza. Neurociência e currículo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte/ MG, v. 18, n. 107, p. 44-49, set./out. 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Cleo. **Sol-d'Almas**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/public/Cleo-mACHADO>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MAXADO, Franklin. Maxado Nodestino e o cordel em Feira de Santana. **Légua e Meia**: Revista de Literatura e diversidade cultural, Bahia: UEFS, v. 4, n. 5, p. 231-254, 2005.

MARANHÃO, Liêdo. **O folheto popular**: Sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa e prosa**. 2. ed. SECCHIN, Antônio Carlos (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MENEZES, Aldair Smith. **O cordel de Coriolano: um narrador no sertão de os desvalidos**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

PERROTTI, Edmir. Elementos para o debate: a escola como oficina lúdica. In: **Anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem**, n. 1. São Paulo, Unicsul/SP, 1995, p. 26-30.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus: seleção poética**. 25. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão: Leitura verbovisual de folhetos de cordel**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. **Fuxico: o disse me disse na literatura de cordel**. Aracaju: Criação, 2016.

_____. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: _____. FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). **Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011, p. 113-135.

_____. O jogo na aula de literatura. In: _____ (Org.). **Literatura em jogo: proposições lúdicas para as aulas de português**. Aracaju: Criação, 2017, p. 11-24.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROZA, Edleide S. Formação docente, ensino da língua e variação linguística. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10; FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 11., 2017, Aracaju. **Anais 2017: "Educação, Base Nacional Comum Curricular e Formação do Professor"**, v. 10, n. 1. Aracaju: UNIT, 2017, n. p..

SANTOS, José Renilton Nascimento. **Riachão do Dantas: nossa terra, nossa história**. Pará de Minas, MG: VirtualBooks, Editora, 2014.

SANTOS, Valeriano Felix dos. **De volta ao ninho antigo**. Salvador: Tipografia São Judas Tadeu, s/d.

_____. **A mulher que se casou dezoito vezes...** Disponível em: <<https://issuu.com/acervocordeis/docs>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. **A mulher que se casou dezoito vezes...** São Paulo: Editora Luzeiro, s.d.

SEED (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/SE). **Referencial Curricular:** Rede Estadual de Ensino de Sergipe. SEED: Aracaju, 2013.

SGARIONI, Mariana. Ler é uma revolução cerebral. **Língua**, v. 8, n. 87, p.10-13, jan. 2013.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras:** impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda. Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: _____. **Letramento:** Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 61-125.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **Editora Luzeiro** - Um estudo de caso. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/raquel.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Org.). **Leitura literária na escola:** reflexões e propostas na perspectiva do letramento. São Paulo: Mercados de Letras, 2011.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **A literatura de folhetos nos fundos Villa-lobos.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros - USP, 1981.

_____. **Memória de lutas:** literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros:** vida e obra. Ceará: Edições Fundação Sintaf/RN: Queima-Bucha, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Mercado Aberto, 2000 [1978].

APÊNDICE A – CADERNO PEDAGÓGICO



EDLEIDE SANTOS ROZA

CADERNO PEDAGÓGICO

**CORDEL, LETRAMENTO LITERÁRIO: TEORIA E
PRÁTICA**

SÃO CRISTOVÃO/SE

2018

APRESENTAÇÃO

Este caderno é o produto final apresentado no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS), cursado no biênio de 2016 a 2018, pela Universidade Federal de Sergipe. Ele acompanhou o relatório final acerca dos trabalhos desenvolvidos na pesquisa “Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto”, realizada por mim, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno. A pesquisa aludida teve como objetivo realizar a leitura do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Félix dos Santos, propiciando o letramento literário aos alunos da 8ª série, da Escola do Ensino Fundamental Professor Luiz Antônio Barreto, situada no município de Riachão do Dantas, no estado de Sergipe.

Logo após esta apresentação, o título “Primeiras palavras” servirá para nortear acerca das concepções de leitura, letramento literário e gênero que alicerçaram a parte teórica deste trabalho. Em seguida, no tópico “O gênero cordel” discorrer-se-á, mesmo que brevemente, sobre o gênero delimitado neste estudo, de modo a contextualizar mais especificamente a perspectiva aqui adotada e os conteúdos discutidos em sala com os alunos. Após esta parte teórica, será apresentada a sequência didática aplicada e, ao fim, será feito um breve comentário sobre os resultados alcançados. Ao longo da apresentação das etapas, quando necessário, foram alocados alguns recortes denominados: “Dica”, para ampliação do olhar; “Aprofundando a teoria”, para alimentação da base teórica; e “Importante”, para destaque de algum aspecto da etapa que precisa ser visto de forma mais acurada pelo professor.

A efetivação do projeto na turma citada confirmou que o trabalho com o folheto de cordel, tendo como prerrogativa sua estrutura verbo-visual, requer sim a realização de diferentes atividades de modo que as duas formas de linguagem que o constitui – a visual e a verbal – sejam exploradas mais consistente e eficientemente. Além disso, mostrou ser a sequência didática elaborada não apenas viável, mas efetiva para o estudo do cordel na perspectiva da verbo-visualidade, pois permitiu aos alunos a realização da leitura, compreensão e interpretação do folheto selecionado, e uma completa apreensão dos sentidos presentes no texto. Também possibilitou o conhecimento do autor e de outras obras de sua autoria.

Espero que, sendo adotada por aqueles que tiverem oportunidade de conhecê-la, esta sequência produza belíssimos frutos, tão saborosos quanto os colhidos por esta colega que a planejou e aplicou, e, agora, a está compartilhando com cada um de vocês.

Um bom trabalho a todos!

PALAVRAS INICIAIS

Ler é uma atividade complexa que envolve vários domínios de processamento: lexical, sintático, semântico e integrativo. Não fosse assim, seria fácil para todas as crianças aprenderem a ler. Contudo, é o oposto que ocorre: "Todas as crianças, seja qual for a língua, encontram dificuldades no momento de aprender a ler." (DEHAENE, 2012, p. 16). Mais complicada, ainda, torna-se essa tarefa quando o objetivo é ultrapassar os limiares da decodificação e alcançar a compreensão e interpretação textual, porque "Leitura sem compreensão não é leitura." (SILVA, 2009, p. 31). A fim de alcançar tal intento não é apenas a quantidade de textos lidos que importa, mas, principalmente, a qualidade da leitura feita. As práticas de leitura na escola deverão contribuir para formar o leitor competente, capaz de realizar, por meio do ato de ler, um verdadeiro encontro e reencontro consigo mesmo, com o escritor, com o texto lido e com a comunidade que o envolve. A leitura é aqui concebida, portanto, como espaço interativo, realizado em práticas históricas, sociais e culturais, alicerçado nas ideias de gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana.

Dentre os inúmeros gêneros existentes para o trabalho com leitura na escola, o texto literário deve ter a primazia, pois, pelo fato de tocar a sensibilidade do leitor, é também capaz de colaborar para a consolidação de conhecimentos que cotidianamente lhe chegam pelos textos informativos. Além disso, ele traz em si a potencialidade de satisfazer as necessidades básicas do ser humano de interação, de humanização, uma vez que, como nenhum outro, possibilita experienciar a fruição e a "fluição"; a formação e a informação; e, paradoxalmente, vivenciar o "não vivido", fazendo, deparar-se com "a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros". (GOULART, 2007, p. 64). Embora não tenha utilidade prática, a literatura "toca dimensões humanas tão fundamentais quanto a cultura, a educação ou a comunicação". (JOUVE, 2012, p. 11). Portanto, ensiná-la está na esfera do hoje, do ontem e do vir a ser, mas que isso, da ampla e infinda possibilidade de ser.

Ao revelar o campo dos possíveis, o texto literário lembra que as coisas poderiam ser diferentes do que se nos apresenta a realidade, contribuindo para a organização e reorganização da experiência, e, assim sendo, participando da produção e reprodução do existente no mundo. "A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros." (JOUVE, 2012, p 165).

Logo, toma-se neste estudo a concepção de literatura como "perspectivação da verdade", também defendida por Bernardo (1999, p. 148). O fazer literário ou o encontro com o texto literário possibilita o encontro com o outro que não eu. Essa relação de alteridade, "eu-outro", instituída por meio do texto literário, possibilita ver a realidade por outros ângulos, sobre outras perspectivas. A criação, mesmo que fictícia, de "outros mundos" permite perceber que não temos em nós a verdade absoluta, nem podemos alcançar a realidade em seu todo. A literatura abre, portanto, um enorme leque de possibilidades ampliadoras dos limites da realidade na qual estamos historicamente situados.

A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros, (os personagens) e adquirir, ainda que momentaneamente, a perspectiva destes outros – para, adiante, termos uma chance de cumprir o primado categórico de todas as éticas, de tão difícil realização: ser o que se é. (BERNARDO, 1999, p. 147).

Essa concepção de Bernardo faz lembrar o testemunhado por Bakhtin (2010, p. 73): "A arte me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas, e assim enriquecer a experiência da minha vida real." Para isso, entretanto, a leitura de uma obra literária na escola não deve ser feita ao acaso, nem o texto lido simplesmente, como se ler por si somente assegurasse o letramento literário. A leitura do cotexto deve ser seguida pela leitura do contexto. "É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo." (COSSON, 2014, p. 30).

Segundo Barbosa e Rovai (2012), até a década de 1970, o ensino de Língua Portuguesa contemplava, lado a lado, o ensino da gramática e a leitura de textos literários, sobremaneira os clássicos. Todavia, como alerta Candido (2011, p. 177-178), "é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante". Isso até que, pelas lutas travadas, ela também passe a ocupar o lugar que lhe é devido não só pela força social manifestada, mas precipuamente, pelo reconhecimento do valor literário que possui.

O cordel foi um desses gêneros que durante vários anos ficou à margem do currículo escolar, nele sendo inserido de quando em vez apenas com um viés histórico ou folclórico. Entretanto, "Cordel é literatura!" e sob essa perspectiva precisa ser estudado e ganhar também destaque no meio escolar. Concebido aqui como "manifestação cultural, popular, nordestina e brasileira", exatamente como afirma Roiphe (2013, p. 19), é um gênero literário derivado dos cantadores de desafio do sertão nordestino que em nada pode ser

associado à simplicidade ou à pobreza de estilo ou de forma. Como testemunha João Cabral de Melo Neto (2007, p. XXXI): “Os cantadores de desafio do Sertão têm esquemas estróficos complicadíssimos e eu prefiro a simplicidade.”

Foi tão somente depois da publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 54) que o gênero cordel passou a ser incluído no rol dos “gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos”. Todavia, em alguns meios, ainda há muita resistência em reconhecê-lo como gênero literário digno de ser estudada “nas classes”. Não fosse assim, não teria havido tanto “barulho” quando a “Universidade Federal do Ceará indicou *Cordéis e outros poemas*, de Patativa do Assaré, para o vestibular de 2006” (VIANNA, 2014, p. 11). De certo modo, por sua origem popular e nordestina, esquecem-se alguns o quanto o cordel é representativo da cultura brasileira; e, por ser, geralmente, associado à tradição folclórica (fato que não incide em nenhum erro), se desvie tanto o olhar do seu caráter literário (não é prática incomum vê-lo sendo estudado nas escolas somente por ocasião da semana do folclore). No entanto, é preciso olhar para o cordel com uma perspectiva também literária, porque “Cordel é literatura!”, diga-se mais uma vez. E também é um gênero verbo-visual (ROIPHE, 2011; 2013). É, sobretudo, com essa perspectiva e com o afã de ampliar as experiências de leitura por meio dele realizadas que tomamos o cordel como objeto de estudo no projeto desenvolvido do qual derivou este caderno.

Apesar da força incontestável dos fundamentos até agora elencados para o trabalho com o gênero cordel na escola, não poderíamos deixar de sustentar nosso estudo também na premissa de que, por causa da sua transversalidade temática, o cordel permite uma leitura crítica da realidade onde vive o aluno.

O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades. (ALVES, 2008, p. 107-108).

Conhecer o meio em que vive e os aspectos culturais que compõem a história do lugar onde se nasce são elementos fundamentais para a construção da própria identidade, assim como para o exercício da cidadania. Ninguém vive isolado, a não ser em raríssimos casos, por razões específicas, extraordinárias. Os homens vivem em sociedade, mesmo que isso não signifique viver em comunhão. Paulo Freire (1989, p. 11-12) já enfatizava: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” Após cada nova leitura de textos, uma nova leitura de mundo acontece. Nisso consiste o processo letramento/alfabetização/letramento.

O GÊNERO CORDEL



“Compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” (ABREU, 1999, p. 136).

Foi da oralidade para a escrita, da viola para o folheto, do sertão para a cidade, do nordeste brasileiro para outras regiões do país, e do Brasil para o exterior que sucedeu a história dos folhetos populares, originada por Leandro Gomes de Barros no ano de 1893. A peleja própria do cordel, decorrente da sua origem atrelada às cantorias de desafio muito próprias do Nordeste brasileiro, perspectiva à qual está atrelada essa pesquisa, faz-se presente para além dos textos ficcionais. No plano histórico uma luta também se faz presente, tendo de um lado aqueles que associam a origem do cordel brasileiro à literatura de cordel portuguesa e, do outro, os que defendem ser este um gênero derivado do próprio desafio nordestino.

Abreu atribui a apregoada filiação dos folhetos nordestinos à literatura de cordel portuguesa a uma visão eurocêntrica. “Confunde-se poder político e econômico com capacidade criadora.” (ABREU, 1999, p. 127). Conforme a autora, o “imaginário das elites ocidentais constituiu o ‘mito do colonizador’ como ser culturalmente superior a quem cabe oferecer aos colonizados uma língua, uma religião, uma literatura, uma maneira de ver, pensar e organizar o mundo”. (ABREU, 1999, p. 125).

Conforme Abreu, os folhetos nordestinos possuem características bastante peculiares que corroboram na definição clara do que seja esta forma literária no Brasil, estabelecendo diferenças bastante significativas entre o aqui produzido e a literatura de cordel realizada em Portugal. Ela é enfática ao afirmar na conclusão dos seus trabalhos: “Compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos.” (ABREU, 1999, p. 136).

Entre o cordel português e os folhetos nordestinos existem diferenças fundamentais no que tange ao modo de produção, circulação e público. Terra (1983, p. 59), já havia assinalado a existência de uma "unidade subjacente [...] ao nível da temática, da estrutura narrativa, dos valores e do universo simbólico" o que foi confirmado por Abreu (1999) e constitui-se traço fundamental, distintivo, entre os folhetos produzidos no Nordeste do Brasil e o cordel produzido em Portugal.

Quanto à literatura produzida nas terras lusitanas, segundo a autora, é um modelo editorial que vivenciou seu apogeu do século XVI até o início do século XII e representou adaptações de textos de sucesso, de origens e gêneros variados, a uma linguagem e padronização mais popular. Não havia unicidade em sua constituição e se originou da própria escrita já existente (reescrita de obras de domínio público). Estes textos adaptados podiam ser em prosa ou verso e, normalmente, giravam em torno da vida de nobres e cavaleiros.

Já os folhetos produzidos no Nordeste brasileiro consolidaram-se a partir do final do século XIX para o início do século XX e se constitui um gênero efetivamente literário, com forma e normas próprias, originais, decorrentes da oralidade, das cantigas entoadas pelos cantadores nordestinos. Aqui existe uma unicidade na forma que é bastante clara e definida, ao contrário do que existiu em Portugal. Outro diferencial é que o meio de produção, venda e circulação dos livrinhos abrangia uma parcela significativa das camadas populares. Havia poetas proprietários que escreviam e vendiam a outros editores que também eram autores de folhetos que versavam sobre o cotidiano nordestino.

No começo, os textos escritos eram chamados apenas de folhetos ou literatura de folhetos, a expressão literatura de cordel nordestina passou a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970, partindo daí a ser utilizada também pelos poetas. Todavia, “Os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente ‘folhetos’.” (ABREU, 1999, p.17). Essa é, pois, a denominação também adotada nesta pesquisa ao abordar a produção feita no Nordeste brasileiro: “folheto”, seguida pela expressão “de cordel”, adotada pelos estudiosos a *posteriori*.

Diferente da chamada “literatura de cordel” portuguesa, uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população, a literatura de folhetos nordestina derivou das cantorias, espetáculos que compreendia a apresentação de poemas e desafios. “O estilo característico da literatura de

folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível.” (ABREU, 1999, p. 73-74).

Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX. A temática dos folhetos é, contudo, mais ampla. O poeta popular, além de detentor da tradição comum à literatura oral, qual o cantador, urde desafios e, da sua parte, tematiza o cotidiano. (TERRA, 1983, p. 17).

Os cantadores apresentavam-se em festejos privados ou públicos, onde fossem chamados. O desafio era o destaque e, segundo Abreu (1999, p. 84), inicialmente, os versos eram em quadra. “Essa talvez tenha sido a grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina, pois esse tipo de estrutura poética é a forma popular por excelência em Portugal.”

De acordo com Abreu (1999), é no final do século XIX que as cantorias nordestinas começam a ganhar a forma escrita sem, no entanto, perder os traços marcantes da oralidade. Segundo a autora, não há uma definição categórica acerca de quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. É do escrito do próprio poeta nordestino que ela abstrai essa conclusão:

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado
Escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado (BARROS apud ABREU, 1999, p. 91).

Na história da literatura de folhetos destacam-se como primeiros autores: Leandro Gomes de Barros, em 1893; Francisco das Chagas Batista, com publicações a partir de 1902; João Martins de Athayde, em 1908. Alguns anos se passaram, e na época em que o cordel já estava firmado e se fazia presente nas varandas das fazendas, nas feiras livres, assim como nas malas dos próprios autores/vendedores ou de outros revendedores, cruzando o Brasil de norte a sul, nos idos de 1926, nascia Valeriano Felix dos Santos, "autor de uma quantidade considerável de folhetos de cordel" (SANTOS, 2014, p. 106) que ao lado de tantos outros cordelistas sergipanos, nordestinos, brasileiros, vieram para confirmar o que disse Borges citando Franklin: "Muita gente vê o cordel caindo das pernas. Mas ele sempre supera as crises." (BORGES, 2007, p. 14).

Consoante Bakhtin (1997, p. 106): “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.” Ele também é concebido como manifestação cultural e, assim como a cultura é perpassada por transformações, como as formas discursivas também o são. É essa dinâmica que permite a renovação do gênero, pois ao tempo que vive o presente, recorda também o passado, projetando-se para o futuro pela atitude responsiva própria dos sujeitos envolvidos no discurso. Assim ocorreu com o cordel e, especialmente, neste trabalho, com o folheto de cordel *A mulher que casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, encantou a todos na sua época, encantou a todos também agora.

O FOLHETO DE CORDEL *A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES...*, DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS



Figura 2 - Capa original do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos. Desenho de Joselito Duque.

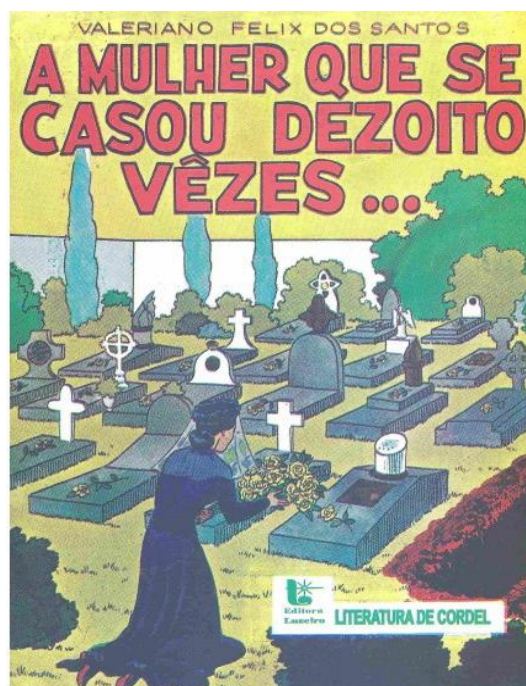


Figura 3 - Capa da versão atual do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, sem autoria, publicada pela Editora Luzero.

O cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, foi escolhido como texto-base do estudo que desenvolvi, por focar dois pontos centrais desta pesquisa: a possibilidade de leitura verbo-visual por ser “um gênero que se caracteriza pela

presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo-visual” (ROIPHE, 2011, p. 118); e a contribuição para a elevação da autoestima dos alunos, por (re)conhecerem um autor próprio da sua terra, sua obra, e saber que seu nome é reconhecido além-fronteiras. Seu estudo envolveu a realização de uma sequência didática que contemplou as etapas propostas por Cosson (2014) em sua sequência básica, a saber: motivação, introdução, decifração e interpretação. E foi além, contextualizando a vida do autor e outras obras de sua autoria, conforme apregoa Silva (2009, p. 119): “é preciso contextualizar no seu tempo e descobrir vínculos com o presente. Ou seja, fazer convergir o tempo do poeta com o tempo do aluno. Só assim o texto fará sentido para ele”.

A obra *A mulher que se casou dezoito vezes...*, tomada como exemplo de trabalho com os folhetos de cordel, cuja edição mais antiga, que se tem registro, consta do ano de 1972 (SANTOS, 2016), tem 79 estrofes, distribuídas em 16 páginas. Na primeira página, quatro estrofes, deixando espaço para a repetição do título; e, nas demais, cinco.

Os textos estão vinculados a uma certa quantidade de páginas (entre 8 e 64) [...] O número de páginas define, também, o conteúdo da publicação. Considera-se folheto a brochura de oito a dezesseis páginas, destinada a abrigar (pelejas e poemas jornalísticos), e romance a de 24 a 56 páginas, reservada às narrativas ficcionais. (ABREU, 1999, p. 113).

Na capa de 1972, em cima, a indicação: “Autor: VALERIANO FELIX DOS SANTOS”, todo em caixa alta, modo de destacar o nome do autor. O fato de este vir precedido da expressão “Autor” é outro dado relevante, posto que, desde o início da produção escrita dos folhetos de cordel, sempre houve uma preocupação com os direitos autorais. Isso porque muitos poetas viviam da venda de suas composições e eram responsáveis não só pela criação, edição, mas também pela venda dos poemas. Mesmo quando havia a figura do revendedor, este se subordinava ao autor, dele recebendo autorização e material para venda, recebendo por ela uma comissão. (ABREU, 1999).

Os poetas preocupavam-se com questões de direitos autorais e de propriedade dos textos [...] por isso imprimiam seus nomes na capa e na primeira página dos folhetos, estampavam seus retratos, utilizavam acrósticos nas estrofes finais. (ABREU, 1999, p. 98).

A elaboração do título também é digna de nota, pois, muitas vezes, o público decide comprar em função dele. Faz-se necessário que ele indique o tema exposto pelo folheto – uma

história de amor, de moralidade, um fato “jornalístico” etc. – não antecipando todo o desenvolvimento. Ademais, “um enunciado curto e com forte teor informativo é mais chamativo e de mais fácil compreensão”. (ABREU, 1999, p. 114).

No folheto de Valeriano, o título apresenta essas prerrogativas. Afinal, quem é essa mulher expressa nele que, inicialmente, já desperta a curiosidade do leitor? Na capa, sua imagem aparece na parte inferior, de frente para os túmulos e de costas para o leitor, escondendo sua fisionomia e, de certa forma, sua identidade, aguçando neste, ainda mais, o interesse em saber quem é ela e por que já enterrou dezoito maridos? O que ela tem? Por que nenhum deles sobreviveu depois do casamento?

A capa do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, é, portanto, constituída verbo-visualmente por uma riqueza de elementos bastante significativos para o entendimento geral da obra: o título, o cemitério, a mulher, os túmulos, as cruzes, a flor sobre os túmulos, o buquê, as reticências, a cova aberta. Toda ela é, indiscutivelmente, um belo convite ao leitor para adentrar na história e tentar compreender o mistério por trás de tantas mortes e tantos detalhes.

E em cada por do sol,
Vai a cada sepultura,
E lhe põe um cravo roxo,
Côr da sua desventura...
E pondo a mão sobre o peito,
Dirá: - Deus me dá um jeito,
De carpir tanta amargura... (SANTOS, s.d., p. 5)

Trata-se de uma narrativa em verso, contando a mirabolante história de Dorotéia Carvalhal, uma mulher que já se casou dezoito vezes, em igual número enviuvou e, o mais extraordinário ainda, continua virgem e "louca p'ra casar" (E. 2). O folheto, conforme já fora dito anteriormente, é composto por 79 estrofes, cada uma de sete versos de sete sílabas com rima ABCBDDDB. A personagem principal – Dorotéia – trata-se de uma mulher que se casou dezoito vezes e, como ela mesma manda publicar nos jornais, "Está louca p'ra casar!..." (E. 2).

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéia,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus reveses...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

O fato de mandar publicar nos jornais parece evidenciar ainda mais a ansiedade da mulher em casar-se novamente. E eis o grande conflito:

E naquele cemitério,
 Uma cova existe aberta,
 Pois quem casar-se com ela,
 Perde a cama e a coberta,
 Não comerá mais pirão,
 Pode levar o caixão,
 Que tem a morte por certa! ... (SANTOS, s.d., p. 4)

Assim sendo, no folheto de Valeriano Felix dos Santos, a curiosidade associa-se ao mistério da mulher que se casou dezoito vezes. Como e por que ela já se casou dezoito vezes? Onde estão seus maridos? O que aconteceu com eles? Mediante a leitura feita, porém, o enigma vai sendo revelado, "um a um", a partir da trigésima primeira estrofe, quando o poeta começa a narrar como a mulher "namorou-se" de seu primeiro marido, e segue prendendo o leitor até o final, quando toda trama parece ser desenrolada. "O seu mal é de nascença,/ Se aloja a sua doença,/ Na ponta do fígado branco⁷" (E. 76). Mas, mesmo assim, essa explicação ainda soa enigmática. Isso porque, na verdade, o mistério parece ser a grande tônica da obra. Ele perdura mesmo depois do fim da história narrada: "Uma cova existe aberta". As reticências apostas no título, o buquê na mão da mulher, também parecem sugerir que a história não acabou. Quem será a próxima vítima? Quem será o próximo marido a ser morto? E o mistério maior de todos: Quem foi o décimo oitavo marido, uma vez que, ao longo do desenrolar da trama, o poeta só revela dezessete? Essa é, extraordinariamente, uma obra genial, digna de um mestre do cordel.

Publicado na década de 70, quando há, no Brasil, uma retomada da produção de folhetos de cordel, incentivada pela procura dos leitores tradicionais e por agentes externos ao sistema anterior, como o governo, universidades e entusiastas, o folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, comparado às produções gráficas contemporâneas, é artesanal. A edição atual, cuja capa ganhou uma versão colorida, de modo a adequar-se o formato da história ao padrão dos novos tempos, é uma publicação da Editora Luzeiro. Certo é que a história criada pelo poeta riachãoense saiu do Nordeste brasileiro (sem nunca ter saído de fato), ganhou o mundo, levando parte do Nordeste com ele, assim como sua gente, suas crenças e seus costumes, e continua sendo editada até hoje. Independentemente da época de sua primeira publicação, como todo gênero, é sempre novo e

⁷Crendice popular atribui essa expressão às pessoas que casam várias vezes e sempre ficam viúvas, principalmente mulheres. "Em uma região de Minas Gerais, dizem que uma mulher de fígado branco, tradução da expressão "muié de figo branco" é uma mulher insaciável." Disponível em <https://br.answers.yahoo.com/question>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

velho; e, como todo clássico, é sempre atual, mesmo que não seja contemporâneo. E, muito disso, deve-se, certamente, a espetacular criação de uma personagem feminina – Dorotéia Carvalho – "Mulher-Macho, sinsenhor!..." (E. 8), em torno da qual toda uma história misteriosa é construída.

A obra de arte é um enigma. A vida é um enigma. Assim como enigmática é a história do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, cuja vida e obra também ainda jazia no anonimato em meio aos seus conterrâneos riachãoenses até a execução do projeto “Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto”.

Expostas as bases teóricas e, de forma diminuta, a análise feita do folheto, passemos agora a parte prática do trabalho: a sequência didática aplicada.

ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA TRABALHADA

FASES	ETAPAS	SÍNTESE DAS ATIVIDADES	Nº DE AULAS
MOTIVAÇÃO	1 e 2	Contextualização da pesquisa; apresentação do gênero; significado da capa para o folheto de cordel; exposição do <i>banner</i> sobre cordel e dos folhetos de cordel.	2
INTRODUÇÃO	3	Explanação de conhecimento prévio necessário para uma leitura mais completa da imagem, assim como da história narrada.	1
DECIFRAÇÃO	4, 5 e 6	Decifração: leitura da narrativa e realização do jogo “Brincando de detetive”.	3
COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	7	Confecção da capa do folheto lido.	2
	8	Leitura da versão da capa atual do folheto.	1
	9	Realização do “Jogo dos oito erros às avessas” (Leitura e análise concomitante das duas versões da capa do folheto em estudo).	1
	10	Realização de atividades escritas.	3
	11	Visualização dos espaços na obra referentes ao lugar de origem dos maridos de Dorotéia ou ao local de realização dos casamentos.	1
	12	Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos.	1

MOTIVAÇÃO (duas aulas)

1ª Etapa - Conversa informal

- ❖ Conversar com os estudantes sobre o projeto a ser desenvolvido, cuja temática é a literatura de cordel, tendo como objetivo realizar a leitura verbo-visual do folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, um poeta sergipano de bancada, natural do município de Riachão do Dantas, estado de Sergipe;
- ❖ Explicar que será feita uma pequena exposição de alguns folhetos de cordel e de um *banner* contendo versos sobre cordel para que possam ter um contato inicial com o gênero.



IMPORTANTE:

Orientar para que, ao folhear os livrinhos, observem a estrutura composicional (o número de páginas, de estrofes, de versos por estrofe, dentre outros aspectos); o modo de constituição das capas, se "sem capa" (folhetos que não tem imagens), desenho popular, cartão postal, fotografia, ou gravura popular (xilogravura) (MARANHÃO, 1981), ou reprodução gráfica colorida; verifiquem os dados indicativos da autoria (nome do autor explícito na capa ou acróstico, na última estrofe, com o sobrenome deste); o material utilizado para a confecção; os títulos, dentre outros aspectos estilísticos e composicionais.

APROFUNDANDO A TEORIA

No cordel, a capa tem uma função chamativa, assim como, de modo particular, tem também essa função, o título nela exposto. Ela funcionava como "chamariz" porque estava diretamente relacionada com a história narrada ou com o fato sobre o qual se escreveu. Portanto, a imagem nela constante não é mera ilustração ou "enfeite", é parte constitutiva do gênero. A leitura do cordel começava por ela e, na maioria das vezes, era definidora da compra, ou não, do folheto, uma vez que quem o adquiria, geralmente, era uma pessoa que não dominava o código escrito, mas comprava o livreto para ser recitado por outra pessoa que sabia ler. No início do século XX, "a maioria da população nordestina [...] era constituída por analfabetos [...] que [...] escutava, em saraus e reuniões familiares a leitura de romances e poemas". (TERRA, 1983, p. 5).

2ª Etapa - Exposição de folhetos de cordel e do banner sobre cordel

- ❖ Formar uma grande mesa sobre a qual será feita a exposição dos folhetos;
- ❖ Conversar com eles, individualmente, enquanto folheiam os livretos, a fim de verificar as primeiras impressões que tiveram, especialmente em relação às imagens;
- ❖ Expor o *banner* contendo o texto "Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país", de Rodolfo Coelho Cavalcante;
- ❖ Ler, oralmente, o texto do banner, destacando as informações nele contidas acerca da definição do gênero cordel e suas características, explicando a forma como os folhetos eram produzidos e vendidos antigamente e como é hoje.



Fonte: Arquivo próprio

DICA:

Caso não possa ser confeccionado o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio de slides, caso a unidade de ensino disponha dos equipamentos necessários que possibilitem essa forma de veiculação.

IMPORTANTE:

A leitura orientada e compartilhada pelo professor enriquece a compreensão do texto pelo aluno, pois por meio da experiência prévia de leitura da qual aquele é detentor, é possível mediar o estreitamento do contato com a obra, através de explicações de natureza cultural ou de ordem linguística. Desse modo por meio dos excertos críticos, literários e não literários, de livros, revistas ou jornais são ampliadas as reflexões a respeito do próprio texto, colaborando para o enriquecimento individual e o fortalecimento da competência leitora.

INTRODUÇÃO (uma aula)

3ª Etapa - Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos

- ❖ Colocar seis mesinhas, separadas, na frente do quadro e apor, uma a uma, as fichas indicativas dos tipos das capas do folheto popular: "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, gravura popular (xilogravura), reprodução gráfica colorida, explicando sucintamente cada tipo;
- ❖ Solicitar aos alunos que peguem os folhetos expostos e redistribua-os nas mesas, separando-os devidamente, de acordo com os tipos de capas de cada livreto;
- ❖ Expor, um a um, os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002), construindo cartazes no quadro, gradativamente, à medida que forem sendo apresentados os tópicos;
- ❖ Tomar um exemplar de cordel tradicional e outro mais atual para exemplificar os pontos expostos.



IMPORTANTE:

Não obstante, muitas vezes, a “classificação” em educação, sobretudo na aula de português, ter um caráter pejorativo, neste caso particular, trata-se do conhecimento de técnicas específicas, de acordo com os elementos factuais que as obras oferecem graficamente. Trata-se, portanto, de parte de uma experiência plástica dos alunos.

DEZ PONTOS DE VISTA PARA ANÁLISE DE UMA OBRA DE ARTE (COSTELLA, 2002)

1. Factual (identificação e descrição dos elementos que compõem a obra, isto é, daquilo que ela objetivamente mostra);
2. Expressional (observação das reações sentimentais provocadas pela obra: alegria, tristeza, amor, ódio, raiva, ira, angústia, paz, tranquilidade, dentre outros);
3. Técnico (análise da qualidade do material utilizado e da técnica empregada pelo artista);
4. Convencional (identificação do conteúdo simbólico atribuído à obra, ou seja, a interpretação que certos grupos sociais fazem de acordo com suas convenções sociais);
5. Estilístico (identificação da corrente artística à qual a obra está vinculada e do estilo individual do artista);
6. Atualizado (análise da forma como, ao ser deslocada no tempo e no espaço, a obra passa a ser vista de acordo com a ótica cultural do observador hoje);
7. Institucional (análise do valor atribuído a uma obra, de maneira formal, pelas instituições intermediadoras entre ela e o público, a exemplo do papel exercido pelo museu, pela universidade, por um veículo de comunicação etc., que pode influenciar positiva ou negativamente no modo como a obra é vista ou recebida pelo público);
8. Comercial (observação do valor comercial da obra, ou seja, seu preço de venda);
9. Neofactual (análise das transformações físicas ocorridas na obra no transcorrer do tempo que alteraram sua apresentação visual hoje, tornando-a diferente do modo como foi originalmente criada pelo artista);
10. Estético (apreensão do conteúdo estético da obra; fruição estética forma de conhecimento que se faz através dos sentidos pela contemplação reiterada).

DICA:

Dependendo do nível da turma e dos objetivos estabelecidos, esses pontos de vista poderão ser analisados de forma adaptada, destacando aqueles que forem de maior interesse para o aprendizado da turma. O cartaz pode ser previamente montado e já exposto integralmente para a turma, assim como podem também esses pontos serem apresentados por meio de *slides*.

DECIFRAÇÃO - LEITURA DA NARRATIVA (três aulas)

“Se o texto literário bem realizado esconde mais do que mostra, desvendar o que está oculto – ler as estrelinhas – é o desafio maior e também o maior prazer que a leitura pode proporcionar.”
(SILVA, 2009, p.49).



A leitura da narrativa deverá ser realizada dividida em três momentos:

- ✓ Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal (4ª Etapa);
- ✓ Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros (5ª Etapa);
- ✓ Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive" (6ª Etapa).

4ª Etapa - Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal

- ❖ Distribuir, para cada aluno, um exemplar da versão atual do folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, (sem a capa) e convidá-los para fazer uma leitura compartilhada da história e de modo a descobrir o que aconteceu nessa história, quem é essa mulher que se casou dezoito vezes, quem foram seus maridos e o que aconteceu com cada um deles;
- ❖ Ler oralmente, sem interrupção, da primeira até a décima terceira estrofe, e orientar os alunos para observarem, atentamente, durante a leitura, a caracterização de Dorotéia e o que ela faz.
- ❖ Realizar a primeira pausa e fazer perguntas orais sobre o trecho lido e a caracterização da personagem, de modo a verificar se os alunos compreenderam essa parte inicial da história.

DICA:

Exemplo de perguntas que podem ser feitas:
 Quantas alianças ela tinha?
 Onde?
 Por que não estavam com os maridos?
 Como é a mulher? Forte ou fraca?
 Bonita ou feia? Medrosa ou corajosa?

IMPORTANTE:

É imprescindível que o folheto seja distribuído sem a capa nesse momento para não direcionar na atividade de produção das capas que será feita posteriormente, pois esta deverá ser de livre confecção de acordo com a interpretação de cada um acerca da lida.

5ª Etapa - Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros

- ❖ Organizar a turma para dar continuidade à leitura;
- ❖ Perguntar quem gostaria de compartilhar da leitura da décima quarta estrofe até a vigésima nona, oralmente, para toda a turma;
- ❖ Organizar a sequência dos leitores dentre os alunos que se apresentarem.

DICA:

A leitura oral pode ser feita com os alunos em pé, na frente da turma, ou sentados, cada um em sua carteira. Se os alunos preferirem ler na frente, chamar todos para já se colocarem organizados, de modo que a leitura das estrofes possa ser feita de forma sequenciada, sem interrupções.

IMPORTANTE:

Após o término da leitura, recolher os exemplares para introduzir, na sequência, o jogo “Brincando de detetive”.

6ª Etapa - Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive"

- ❖ Realizar a leitura oral da trigésima estrofe e instigar o interesse dos alunos em descobrir a causa da morte dos maridos de Dorotéia;
- ❖ Frisar que, apesar de já se saber que todos os maridos estão mortos, ainda não se sabe como eles morreram. Somente a partir desse momento, que pode ser considerada como a segunda parte da história, o narrador se propõe a contar como morreram os maridos da mulher.
- ❖ Recolher os exemplares distribuídos, dizendo que é hora de desvendar o mistério;
- ❖ Realizar o jogo "Brincando de detetive".



BRINCANDO DE DETETIVE



1. APRESENTAÇÃO

O jogo tem como objetivo levantar hipóteses acerca de como morreram os maridos da mulher, aguçando o interesse do aluno para ler a segunda parte da história.

2. ORGANIZAÇÃO

Os alunos deverão jogar em grupos de três ou quatro componentes. O professor deverá trazer dez envelopes, contendo dezoito fichas retangulares em cada, medindo cada uma o tamanho de uma folha de papel A4 dividida em oito partes. Cada grupo deverá receber um envelope e grafar nele, no lado externo, um nome de fantasia escolhido para a equipe. Será pedido que cada grupo liste dezoito causas prováveis para a morte dos maridos, escrevendo uma por ficha. As fichas preenchidas serão acondicionadas novamente dentro do envelope que deverão ser devolvidos ao professor que os guardará até o fim da leitura do folheto, ocasião na qual os redistribuirá aleatoriamente, assegurando apenas que cada grupo receba um envelope diferente daquele que escreveu.

3. REGRAS DO JOGO

Vencerá o jogo o grupo que tiver acertado o maior número de causas das mortes em relação ao que efetivamente aconteceu na história lida. Para isso é preciso que, efetivamente, cada grupo preencha as dezoito fichas recebidas, escrevendo em cada uma delas uma causa de morte diferente.

Todos os envelopes deverão ser devolvidos ao professor, assim que forem devidamente preenchidas as dezoito fichas.

Após o preenchimento das fichas, recolher os envelopes e redistribuir os exemplares dos folhetos. A leitura deverá ser retomada pelo professor, alternando com os alunos que também se dispuserem a ler, até o fim da história, quando o professor devolverá os envelopes para os grupos, assegurando que o grupo receba um envelope diferente daquele que o produziu. Essa troca favorecerá a leitura de outras hipóteses que não as produzidas pelo próprio grupo.

O grupo analisará as fichas recebidas e contará o número de hipóteses confirmadas de acordo com o ocorrido na história, registrando o total de acertos no lado externo do envelope, logo abaixo do nome da equipe. Um relator, escolhido pelo grupo, deverá partilhar com a turma o número de acertos da equipe analisada, lendo as respostas certas dadas pelo

respectivo grupo. O jogo termina quando for verificado qual grupo marcou o maior número de pontos. Este será declarado o grupo vencedor. Caso a turma queira, e haja tempo disponível, poderão ser partilhadas também, oralmente, de forma sintética, as hipóteses não comprovadas.

APROFUNDANDO A TEORIA

A inclusão da ludicidade tem por fim dinamizar as atividades, fugindo dos exercícios formais ou de repetição. Por isso, a inclusão do desenho, pintura, conversas informais, jogos na referida sequência. Ao vincular ensino e produtividade à seriedade, "a escola induziu o professor a abandonar a ludicidade" (PASSARELLI, 2012, p. 91). Perrotti (1995, p. 26-27) adverte, porém, que na realização do jogo, o próprio ato de brincar precisa ser visto como produtividade e relembra que jogar é um processo intrinsecamente educativo, "essencial enquanto forma de humanização".

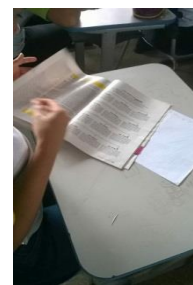
O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana". (HUIZINGA, 2005, p. 33)

[...] quando se concebe a possibilidade de professores e alunos partilharem conhecimentos em sala por meio de um jogo, surge a oportunidade de experimentação de conteúdos de uma maneira que os integra no espaço e no tempo da aula de forma organizada. E, o jogo, nesse caso, torna-se, em certa medida, o 'método', no sentido etimologicamente grego do termo, o 'caminho por meio do qual' os grupos permitem-se buscar o conhecimento com entusiasmo.

Tal entusiasmo, tanto de quem ensina, porque preparou o jogo, quanto de quem aprende, porque participará dele, se encaminha para experiências significativas, durante as situações de aula. (ROIPHE, 2017, p. 12)

COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO (total de nove aulas, conforme desdobramento apresentado nas etapas a seguir)

7ª Etapa- Confeção e exposição da capa dos folhetos (duas aulas)



- ❖ Dizer aos alunos que agora que eles já sabem da relevância da imagem como parte estruturante do gênero cordel e da importância da capa para o folheto, chegou a hora de cada um confeccionar a capa do folheto que recebeu;
- ❖ Apresentar o material disponível e dizer que eles podem utilizar a técnica que desejar, de acordo com o interesse e as habilidades de cada um, podendo fazer desenho, pintura, recorte e colagem, dentre outros, inclusive mesclar técnicas;
- ❖ Expor as capas, em sala, penduradas num barbante.
- ❖ Esclarecer, neste momento, o porquê do nome cordel.
- ❖ Explicar que o cordel tradicional não era vendido nas feiras livres do nordeste brasileiro pendurados em barbante, mas sim expostos na própria mala dos vendedores viajantes ou dispostos no chão sobre um forro previamente estendido.



APROFUNDANDO A TEORIA

A imagem colocada na capa do folheto de cordel não pode ser uma ilustração qualquer, mas sim uma coisa relacionada com o fato sobre o qual se escreveu (MARANHÃO, 1981), ela corrobora para a construção geral dos sentidos já suscitados pelo texto verbal.

DICA:

As capas poderão ser confeccionadas usando as mais diversas técnicas conhecidas pelos alunos, de acordo com as habilidades de cada um. Poderá ser feito desenho livre, usando apenas lápis grafite e/ou lápis de cor; pintura com guache; montagem usando recorte e colagem de gravuras; fotomontagens feitas com uso de dispositivos digitais acessíveis aos alunos em sala ou na própria escola (*notebook, tablets, smartphones*, computador etc.); isogravura (desenhos feitos em isopor e apostos sobre o papel em técnica similar a do carimbo); fotografia; dentre outras possibilidades apresentadas pelos alunos, discutidas previamente com o professor, considerando o material didático disponível na escola e/ou organizado pelos próprios alunos. A produção deverá ser feita em sala, de modo que o professor possa acompanhar o trabalho do aluno. Caso os alunos apresentem a necessidade de utilizar algum material não disponível no momento, a atividade pode ser organizada e sua execução ser combinada para o dia seguinte.

Dizer aos alunos interessados pela xilogravura que a madeira pode ser substituída pelo isopor, material mais acessível no meio escolar.

8ª Etapa - Leitura da versão atual da capa do folheto de cordel em estudo (uma aula)

- ❖ Distribuir as capas da versão atual do folheto (destacadas anteriormente) uma para cada aluno;
- ❖ Pedir que a leiam silenciosamente, observando bem a imagem nela existente;
- ❖ Distribuir uma folha de papel ofício e solicitar que eles façam, por escrito, comentários acerca do que observaram, comparando com o modo como eles imaginaram e confeccionaram, aproveitando também para comentar acerca das dificuldades sentidas, ou não, no ato de produção das imagens.
- ❖ Solicitar que os alunos partilhem oralmente com a turma o que escreveram.

DICA:

O aluno pode optar entre apenas comentar acerca do que escreveu ou ler o texto escrito na íntegra.

APROFUNDANDO A TEORIA

A imagem diz também do tema, o delimita, o questiona, o sugere, o expõe, precisando também ser concebida como texto pelos alunos, deixando de ser apenas "vista" e passando, portanto, a ser lida. A imagem também é texto. Ela pressupõe interação, atitude compartilhada entre enunciador e coenunciador, intersubjetividade. Nela há também, muitas vezes, intertextualidade. Sua leitura requer, portanto, análise, interpretação, inferências e interferências.

Num mundo onde a imagem está em todos os espaços, os reais e os virtuais, é preciso aprender a percebê-la, mais do que isso, lê-la. É preciso ler o texto em sua totalidade, verbal e visual, quando ele assim for configurado. A dicotomia entre essas duas linguagens, quando ambas encontram-se presentes na leitura, fere o texto, decepa-o. O texto visual requer um novo olhar, não dissociado do escrito, mas atrelado a ele como parte composicional do gênero em sua totalidade. Hodiernamente, verbal e visual têm se mesclado com a clara intenção de produzir, em conjunto, os vários sentidos presentes no texto.

9ª Etapa - Realização do Jogo “dos oito” erros às avessas (uma aula)

- ❖ Distribuir uma cópia da capa da versão original para cada aluno;
- ❖ Distribuir, para cada aluno, oito fichas retangulares, medindo 3 X 6, confeccionadas em cartolina branca;
- ❖ Solicitar que relacionem os oito elementos, mantidos nas duas versões, que considerarem mais significativos para a narrativa, colocando o nome de cada elemento numa ficha;
- ❖ Colocar, sobre uma mesa, os recipientes já devidamente identificados com os termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”;
- ❖ Pedir aos alunos que depositem as fichas preenchidas nas vasilhas, separando-as de acordo com os elementos citados;
- ❖ Proceder à contagem das fichas;
- ❖ Listar no quadro os oito elementos mais votados, a começar pelo que obteve a maior pontuação e, assim, sucessivamente.

IMPORTANTE:

Os recipientes devem ser perfilados sobre as mesas somente depois de concluída a atividade de preenchimento das fichas para não interferir na leitura feita pelos alunos, nem na análise.



DICA:

A contagem poderá ser feita pelos alunos em grupos de dois ou três, formados aleatoriamente pode ser feita pelo próprio professor que, em seguida, deverá listar no quadro o nome dos oito elementos mais votados, começando pelo primeiro e assim sucessivamente. Fazer um breve comentário acerca do papel de cada um deles na narrativa, de forma a promover uma análise mais acurada dos principais elementos visuais presentes na capa.

APROFUNDANDO A TEORIA

No cordel, a linguagem verbal e a visual estão imbricadas, sendo ambas constitutivas do gênero, assim sendo, deveriam ser sempre lidas simultaneamente. Elas formam um todo, coeso, onde perguntas e respostas se encontram e relações de sentido são estabelecidas.

10ª Etapa - Realização de atividades escritas (três aulas)

- ❖ Distribuir uma cópia das atividades escritas para cada aluno;
- ❖ Orientar para que resolvam individualmente;
- ❖ Proceder à correção coletiva das atividades, lendo em voz alta cada um dos enunciados e ouvindo as respostas dadas pelos alunos, comentando-as, de modo a enriquecer a partilha feita pelos discentes e aprofundar o estudo acerca dos elementos verbais e visuais estruturantes do folheto lido.

DICA:

Os alunos poderão discutir com os colegas acerca das questões dadas, assim como esclarecer com o professor as dúvidas que surgirem durante sua execução.

IMPORTANTE:

As atividades de que trata esta etapa estão colocadas em anexo no final deste caderno (Anexo 1).

11ª Etapa - Visualização do espaço na obra (uma aula)



DICA:

Lembrar alguns conhecimentos prévios, geralmente, adquiridos nas aulas de geografia (Localização no mapa: hemisférios norte, sul, leste e oeste.); e nas aulas de história, os conceitos de “velho mundo” e “novo mundo”.

APROFUNDANDO A TEORIA

O espaço físico pode ser interno ou fechado (casa, quarto, igreja, hospital etc.) ou externo ou aberto (praia, rua, praça, quintal etc.); pode constituir apenas o cenário da ação ou ter também uma função importante para revelação do comportamento e do caráter. Neste caso, faz-se necessário identificá-lo mais detalhadamente: se abrange uma pequena ou grande extensão; se identifica geograficamente um determinado local, estado, região, país; se nacional ou internacional; se natural ou construído pelo homem; se rural ou urbano. Por sua vez, o espaço psicológico manifesta-se no interior da personagem, evocados pela memória, abarcando suas vivências, seus pensamentos e sentimentos. O espaço social é constituído principalmente por meio das personagens figurantes, representando as relações sociais, econômicas, políticas e culturais existentes na narrativa. O espaço pode ser descrito detalhadamente no corpo da narrativa ou aparecer apenas referências espaciais diluídas ao longo da narração. Se poucos forem os fatos, menor variedade haverá de espaço; pelo contrário, se a narrativa for cheia de acontecimentos, haverá maior diversidade de espaços.

APROFUNDANDO A TEORIA

Barthes (1990, p. 34), ao falar da função *relais*, encontrada sobretudo nas charges e nas histórias em quadrinhos, gêneros tradicionalmente classificados como verbo-visuais, alerta que, nesses gêneros, “a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história”. Dizer aos alunos que isso parece ser também o que ocorre no folheto *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, também um gênero verbo-visual. Por isso, a relevância de observar visualmente, por meio do mapa, a construção do espaço feita na obra em estudo. Este, apesar de se encontrar substancialmente diluído, traz implícito num “nível superior”, o da história, como alegou Barthes (1990), uma mensagem que precisa ser verbo-visualmente observada, para ser melhor e mais completamente assimilada.

- ❖ Conversar com os alunos acerca do espaço na narrativa;
- ❖ Explicar que é o lugar onde se desenrola a ação e que ele pode ser físico, psicológico e social.
- ❖ Afixar no quadro o Mapa Mundi: divisão política (continentes, países, estados);
- ❖ Pedir aos alunos que formem duplas;
- ❖ Distribuir entre elas, aleatoriamente, as cartas contendo trechos do texto verbal relativo aos maridos de Dorotéia;
- ❖ Orientar para que identifiquem, por meio das pistas textuais presentes nos trechos escritos nas referidas cartas, o espaço de origem dos maridos de Dorotéia ou o local onde foram realizados os casamentos;
- ❖ Apresentar, uma a uma, as fichas numeradas de um a dezoito, representando a sequência de apresentação dos maridos na obra;
- ❖ Solicitar aos alunos que afixem no mapa as fichas referentes à localização encontrada, a começar pelo primeiro marido e assim por diante.

IMPORTANTE:

Após serem colocadas todas as fichas, perguntar que outras leituras podem ainda ser feita em relação aos maridos de Dorotéia, de acordo com a distribuição espacial observada. Espera-se que os alunos percebam que eles foram aparecendo, gradativamente, do local para o regional, deste para o nacional e daí para o global, ou seja, abrangendo todo o mundo, aqui representado, geograficamente, pelos quatro hemisférios (norte, sul, leste e oeste) e, historicamente, pelo Velho e pelo Novo Mundo (Europa e América respectivamente), numa clara alusão à invencibilidade de Dorotéia Carvalhal, a "MULHER-MACHO, SINSENHOR!..." (E. 79). Caso os alunos apresentem dificuldade em realizar a leitura visual do mapa, auxiliá-los, de maneira que todos os espaços sejam devidamente localizados.

IMPORTANTE:

As cartas de que tratam essa etapa encontram relacionadas ao final deste caderno (Anexo 2).

DICA:

As atividades e jogos aqui propostos podem ser realizados com outros folhetos de cordel não apenas no nono ano como também em turmas de outros anos do ensino fundamental ou médio, desde que feitas as adaptações necessárias, tendo em vista as especificidades do folheto selecionado, da turma e do nível de aprendizagem dos alunos. Uma questão, todavia, não pode jamais ser descurada: a verbovisualidade.

12ª Etapa - Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos (uma aula)

- ❖ Expor o *banner* sobre Valeriano Felix dos Santos;
- ❖ Realizar a leitura oral dos dados biobibliográficos nele apostos, de modo a apresentar, também verbo-visualmente, o poeta cordelista para a turma;

**DICA:**

Caso não seja possível confeccionar o *banner*, o texto pode ser exposto em cartazes feitos com cartolina dupla, papel bomba ou papel chumbo; ou apresentado por meio de slides. Também poderá ser solicitada previamente uma pesquisa extraclasse sobre o autor, realizada em grupo ou individualmente, e os dados pesquisados serem partilhados nesta etapa a título de conclusão dos trabalhos realizados.

VALERIANO FELIX DOS SANTOS

Natural do município de Riachão do Dantas, filho de Vicente Félix dos Santos e Maria Antônia de Jesus, Valeriano nasceu em 14 de abril de 1926 e faleceu em 24 de agosto de 1996, aos setenta anos, na cidade de Simões Filho, no Estado da Bahia, onde residiu a maior parte de sua vida. De acordo com Santos (2014, p. 106), além de cordelista, ele atuou também como jornalista e "galgou uma série de especializações no Exército, onde teve o primeiro contato com a educação. Foi funcionário público até sua aposentadoria, sem nunca abandonar a literatura de cordel". É de sua autoria a obra "Tia Policarpa", história baseada em fatos reais, ocorridos na região de Palmares, em Riachão do Dantas, estado de Sergipe. (SANTOS, 2014). Essa obra deu origem a série "O encontro de tia Policarpa com o seu destino" que foi exibida na semana de 10 a 14 de janeiro de 1983, no programa Caso Verdade, na Rede Globo. Valeriano é mencionado por diversos estudiosos da área e, no dossiê sobre cordel, Carvalho (2002) cita o nome dele dentre os poetas sergipanos, ao lado de Manuel D'Almeida Filho e João Firmino Cabral. Seu nome figura entre os expostos na galeria da biblioteca Clodomir Silva, em Aracaju, no Estado de Sergipe. E, no dia 19 de julho de 2017, quando da instalação da Academia Sergipana de Cordel – ASC, cujo patrono é João Firmino Cabral, o poeta cordelista Valeriano Felix dos Santos foi escolhido e homenageado como patrono da cadeira nº 34, ocupada pelo acadêmico cordelista Givaldo Costa Silva.

**IMPORTANTE:**

Caso possível, expor algumas obras originais do autor.



PALAVRAS FINAIS

A sequência apresentada por meio desse projeto é flexível o bastante para permitir ser trabalhada em qualquer série não só do ensino fundamental, mas da educação básica como um todo, desde que se promovam as adaptações necessárias. Para isso concorrerá a criatividade, o discernimento e a postura ativa daqueles que, por ventura, e esperamos que muitos, queiram colocá-la em prática em suas salas de aulas. Isso acontecendo, esperamos que as expectativas sejam superadas, assim como foram as nossas. Que os docentes (re)descubram, assim como eu pude mais uma vez constatar, que quando uma aula é bem planejada, tudo concorrerá para que seja bem sucedida, até os imprevistos ocorridos e as improvisações feitas. E, principalmente, os resultados obtidos serão sempre surpreendentes, haja vista ser ilimitada a capacidade humana de criar e inesgotável o conhecimento, sobremaneira no campo das artes, no mundo das palavras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: Por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju/Sergipe, v. 4, ano 2, p. 103-109, jul-dez de 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas**. São Paulo: FTD, 2012.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNARDO, Gustavo. O conceito de Literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 135-169.
- BORGES, José. **J. Borges**. São Paulo: Hedra, 2007.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998,
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTELLA, Antonio F. **Para apreciar a arte: roteiro didático**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- DEHAENE, Stanilas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, Autores Associados, 1989.
- GOULART, Cecília. **Alfabetização e Letramento: os processos e o lugar da Literatura**. In: PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy; PAULINO, graça; CORRÊA, Hercules, 2007.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MARANHÃO, Liêdo. **O folheto popular**: Sua capa e seus ilustradores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa e prosa**. 2. ed. SECCHIN, Antônio Carlos (Org.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

PERROTTI, Edmir. Elementos para o debate: a escola como oficina lúdica. In: **Anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem**, n. 1. São Paulo, Unicsul/SP, 1995, p. 26-30.

ROIPE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**: Leitura verbovisual de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: _____. FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). **Gêneros textuais**: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: Rovel, 2011, p. 113-135.

_____. O jogo na aula de literatura. In: _____. **Literatura em jogo**: proposições lúdicas para as aulas de português. Aracaju: Criação, 2017, p. 11- 24.

SANTOS, José Renilton Nascimento. **Riachão do Dantas**: nossa terra, nossa história. Pará de Minas, MG: VirtualBooks, Editora, 2014.

SANTOS, Valeriano F. **A mulher que se casou dezoito vezes...** Disponível em: <<https://issuu.com/acervocordeis/docs>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. **A mulher que se casou dezoito vezes...** São Paulo: Editora Luzero, s.d.

_____. **De volta ao ninho antigo**. Salvador: Tipografia São Judas Tadeu, s/d.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros**: vida e obra. Ceará: Edições Fundação Sintaf/RN: Queima-Bucha, 2014.

ANEXO 1

ATIVIDADES

1. O folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...*, de Valeriano Felix dos Santos, é uma narrativa em verso composto por 79 estrofes classificadas como setilhas ou septilhas (estrofes de sete versos). E, no geral, as estrofes de um folheto mantêm a mesma estrutura em relação às rimas. Estas concorrem para a construção da musicalidade no poema. Releia as estrofes a seguir e observe, dentre os esquemas de rimas dados, qual o utilizado pelo autor. Assinale-o.

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéia,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus reveses...
Casou-se dezoito vezes,
Está louca p'ra casar! ... (SANTOS, s.d., p. 1)

Na verdade eu não sou feia,
Sou rica, dengosa e bela...
Todos olham para mim
Se vou até a janela...
Tenho os cabelos compridos,
Já tive tantos maridos
E continuo donzela!... (SANTOS, s.d., p. 10)

Ainda no mês passado,
Publicou um edital
“Viúva Paraibana,
Dorotéia Carvalhal,
... Quem desejar suicidar-se,
Basta com ela casar-se,
Tem de graça o funeral! ...” (SANTOS, s.d., p. 16)

a) A	b) A	c) A	d) A
B	A	B	B
A	B	C	C
B	B	B	B
C	C	D	D
D	D	D	D
C	C	B	C

2. Sabendo que no folheto de cordel a capa não é meramente uma ilustração, mas tem a clara função de deixar antever, visualmente, um importantíssimo aspecto da história contada no interior do

folheto, de modo a estimular sua compra, destaque a estrofe que, em sua opinião, retrata mais significativamente o aspecto da narrativa apresentado na capa. Depois, justifique a resposta dada.

- a) Estrofe 14
- b) Estrofe 15
- c) Estrofe 18
- d) Estrofe 21
- e) Estrofe 22

Justificativa: _____

3. No começo da história é apresentada a perspectiva do poeta que se coloca como narrador. Destaque os versos onde ele demonstra isso claramente.

4. Num texto narrativo tradicional, como o conto, a novela, o romance, a crônica, de acordo com o foco narrativo, isto é, o lugar de onde o narrador conta a história, ele pode ser classificado como narrador-personagem (conta e participa da história, narrando-a em 1ª pessoa), como narrador-observador (conta a história do lado de fora, na 3ª pessoa), ou como narrador-onisciente (conta a história em 3ª pessoa, mas, às vezes, faz umas intromissões narrando em 1ª pessoa). No folheto de cordel *A mulher que se casou dezoito vezes...* uma história é narrada. Tomando como parâmetro a classificação apresentada no enunciado desta questão, responda:

- a) Como é feita a narração, em 1ª ou 3ª pessoa? Comprove com elementos do texto.
- b) Qual o foco narrativo?
- c) Quais os efeitos de sentido gerados pelo modo como a história é contada?

5. O enredo, conjunto dos fatos ocorridos em uma história, tem como um de seus elementos fundamentais o conflito. Este pode ser constituído por qualquer componente da história (personagem, ambiente, fatos, emoções, ideias) que se opõem a outro gerando tensão, criando certa expectativa frente aos fatos narrados, chamando a atenção do leitor.

- a) No folheto lido, qual é o conflito?
- b) De alguma maneira este conflito é retratado visualmente? Sim ou não? Se sim, explique.

6. O desfecho ou desenlace é a conclusão da narração, onde o conflito é solucionado, ou seja, o “quebra cabeça” ou mistério desenvolvido na trama é explicado.

- a) Releia as estrofes finais do folheto e escreva aqui aquela na qual acontece o desenlace da história?
- b) Observe a imagem. Nela ocorre também o desenlace? Escreva aqui, resumidamente, o que você observou.

7. De acordo com o desfecho dado à história, o mistério em torno da personagem Dorotéia foi desvendado, e a causa da morte dos maridos dela também. Que elementos verbais e visuais do texto, porém, permitem afirmar que o problema vivenciado pela personagem não foi solucionado?

8. Na atual versão do folheto publicada pela Editora Luzeiro, uma das alterações verificadas na capa foi a troca do símbolo da cruz sobre os túmulos por outros símbolos variados. Em sua opinião, essa alteração possibilita perceber que mudanças ocorridas na sociedade brasileira, atualmente, em relação à religiosidade?

9. Dorotéia é uma personagem bastante caracterizada com predicativos, tradicionalmente, atribuídos aos homens. Destaque as atividades realizadas por ela que, em sua região, são ainda concebidas como próprias do gênero masculino.

10. Em sua opinião, as atividades destacadas são mesmo próprias só dos homens? Justifique sua resposta.

11. Destaque do texto as características normalmente atribuídas como sendo próprias das mulheres. Relacione-as aqui.

a) Você concorda que essas características sejam somente femininas ou, atualmente, elas podem ser atribuídas também aos homens? Explique.

12. No texto, Dorotéia é caracterizada como “Mulher-Macho, sinsenhor!...” Na obra, essa expressão tem sentido positivo ou negativo? Justifique.

13. No meio em que você vive, chamar uma mulher de “mulher macho” tem conotação positiva ou negativa? Explique.

14. O jornal é um meio de comunicação social. De acordo com o texto lido, ele é um meio adequado para se divulgar que se está procurando um marido? Por quê?

ANEXO 2: CARTAS COM TRECHOS VERBAIS REFERENTES AOS MARIDOS**1º MARIDO**

Dorotéa namorou-se
De um rapaz muito moderno,
Seu coração palpitou
De ciúme quase eterno,
Vivendo aquela paixão
Se noivaram no verão
E casaram-se no inverno! ...

Tinha dezessete aninhos,
Ao ser levada ao altar ...
O seu primeiro marido,
Nunca aprendeu a montar,
E por maldição de falo,
Sofreu queda de cavalo,
Logo depois de casar! ...

2º MARIDO

Sem gozar lua de mel,
Ficou viúva na coitada...
Mas sendo muita bonita,
Foi por muitos cobiçada...
E quebrando a viuvez,
Já pela segunda vez,
Aos pés de Deus foi levada!...

Não gozou lua de mel,
Nesse novo casamento ...
Seu marido foi mordido
Por um bicho peçonhento ...
Com licença das palavras,
Uma cascavel das bravas,
Acertou no seu assento.

3º MARIDO

Outro otário se casou,
Com a viúva Dorotéa ...
Que fez ela não se sabe,
Nem se pode ter ideia ...
Na noite do casamento,
Foi terrível o seu tormento,
Pois morreu de diarreia! ...

4º MARIDO

E já pela quarta vez,
Encontrou com quem casar-se.
Todos lhe deram conselhos,
Que devia confessar-se!...
Para tirar o quebranto,
Procurasse um Pai de Santo,
Todo seu corpo fechasse!...

Este fez muita mandinga,
Tomou banho de sucena ...
Casou-se com Dorotéa
Sua morte causou pena! ...
Um tiro vindo de um canto,
Logo após o ato santo,
Deixou viúva a pequena! ...

5º MARIDO

Apareceu um mulato,
Que disse: Eu topo a parada
A moringa da viúva
Desta vez vai ser quebrada ...
Se ela for mula manhosa,
Eu farei mais carinhosa
Não tenho medo de nada! ...

Esse morreu engasgado,
Quase chupava um tutano ...
Dorotéia que cantava
A dedilhar seu piano! ...
Disse: Virgem Mãe Senhora,
Tenha pena de quem chora,
Dai-me outro esposo neste ano! ...

6º MARIDO

Um rapaz muito simpático,
Lhe disse: Topo o negócio,
Eu quero dos teus finados,
Ser o presidente sócio! ...
Se me dás cama e comida,
Caso contigo querida,
E gargalhou todo indócil! ...

E você é muito jovem
Tem na frente melhor sina (...)

...Eu me caso com você,
Disse o rapaz destemido!... (...)

De repente foi aberta
Uma porta de emergência ...
O noivo precipitou-se,
Em terrível contingência,
Como um pequeno brinquedo
Aterrou sobre Penedo,
No telhado de uma agência! ...

7º MARIDO

Um carioca porém,
Após ouvir sua história ...
- Se queres mesmo casar,
Sou da Favela da Glória
Eu aceito o casamento
Sem enfrentar sofrimento,
Nunca se conta vitória! ...

E casou-se Dorotéia
Com o rapaz, mas coitado
Quando saiu do casório
Já caminhou carregado
Disse o médico Macedo:
- O rapaz morreu de medo
Seu caso está consumado.

8º MARIDO

Um fazendeiro do Sul
Viúvo por muitas vezes,
Disse: - Dorotéia vamos
Topar os nossos revezes ...
E nossas melancolias,
Se noivaram com três dias,
Se casaram com dois meses! ...

Casou-se com Dorotéia
Porque de nada tinha medo ...
Não quis festa, não quis nada
Tudo se deu em segredo ...
Com três horas de casado,
Um sapo contaminado
Mordeu na ponta de um dedo ...

Foi levado ao sanatório,
E o médico atestou
...O senhor está danado,
Cão azedo lhe picou?
Naquele dia de chuva
A Dorotea viúva
P'ra São Paulo viajou!...

9º MARIDO

Desta vez foi um paulista
 Que disse: - Topo a danada! ...
 Ela vem da Paraíba
 Mas deve ser batizada! ...
 E se ela for um vampiro
 Eu nunca perdi um tiro
 Em cascavel assanhada! ...

E casou-se, coitadinho! ...
 Seu caso fez pena e dó! ...
 Nem bebeu um pouco d'água,
 Nem comeu do pandeló ...
 Quando o padre disse, amém,
 Virou os olhos também
 E fechou o paletó! ...

10º MARIDO

Apareceu um sujeito
 Chamado Sebastião ...
 Procurou a Dorotéia
 E falou sobre a questão ...
 Ela disse: - A sorte é tua!
 Só não sou mulher da rua,
 Só me caso com cristão! ...

Casou-se não sentiu nada,
 Até comeu e bebeu ...
 Quando os convivas se foram,
 Foi aí que aconteceu ...
 Escorregou numa escada,
 E nessa queda danada
 Não teve jeito, morreu! ...

11º MARIDO

Tornou casar-se em São Paulo,
 Com um moço solteirão ...
 Dorotéia disse logo:
 - Encomende o seu caixão! ...
 Sempre garanto o que digo,
 Que quem se casa comigo
 Morre até de congestão! ...

E casou-se, mas o jovem
 Sentiu no templo um calor
 E disse: - Senhora dona
 Chame a bomba ou o doutor
 Disse o padre zombeteiro:
 - Chama-me logo o coveiro
 Que a extrema-unção eu dou.

12º MARIDO

Casou-se em Belo Horizonte,
 Ficou viúva outra vez... (,,)

13° MARIDO

(...) Passando pela Bahia
 Casou-se também com três...
 Sem sorte, sem boa dita...
 Regressou tristonha, aflita
 Em perpetua viuvez!...

14° MARIDO

(...) Passando pela Bahia
 Casou-se também com três...
 Sem sorte, sem boa dita...
 Regressou tristonha, aflita
 Em perpetua viuvez!...

15° MARIDO

(...) Passando pela Bahia
 Casou-se também com três...
 Sem sorte, sem boa dita...
 Regressou tristonha, aflita
 Em perpetua viuvez!...

16° MARIDO

Chegando naquela terra
 Tão querida e adorada ...
 Procurou sua fazenda
 Aparelhou a estrada,
 Lhe surgiu um espanhol,
 Que caiu no seu anzol
 Como amoreira pescada ...

Se casando, logo após,
 Morreu repentinamente ...
 Deixou um bar muito grande,
 Uma fábrica de aguardente ...
 E dez milhões de cruzeiros
 Em três bancos brasileiros,
 Na sua conta corrente! ...

17º MARIDO

Um cidadão português,
Mandado de Portugal,
Veio cá para o Brasil,
Por razão nacional
E ao vê-la, disse: - Oh! uva
És tu que és a viúva
Dorotéa Carvalhal?

_Sou eu mesma cidadão,
A que me vem o senhor?
_ Eu venho de Portugal,
Direitinho ao teu amor! ...
És rica, não temo a morte.
Sou um velho ainda forte,
Que dou no batente, dou! ...

O coitado do portuga
Morreu aos pés do altar ...
Tropeçou em qualquer coisa,
Botou as pernas pro ar! ...
Viúva, sempre viúva
Dorotéa manda chuva
Sempre louca pra casar! ...

18º MARIDO

APÊNDICE B – QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DOS MARIDOS

MARIDO	NOME	ORIGEM E/OU LOCAL DO CASAMENTO	CARACTERIZAÇÃO	CAUSA DA MORTE
1º	?	? (Paraíba)	“Rapaz muito moderno” (E. 31))	Queda de cavalo (E. 32)
2º	?	? (Paraíba)	?	Mordida de cobra (E. 34)
3º	?	?(Paraíba)	?	Diarreia (E. 35)
4º	?	?(Paraíba)	?	Um tiro (E. 37)
5º	?	?(Paraíba)	“Um mulato” (E. 39)	“Engasgado” (E. 40)
6º	?	?(Paraíba)	“Rapaz muito simpático,” (E. 42) “...muito jovem” (E. 44) “destemido” (E. 49)	Caiu do avião (E. 54)
7º	?	“Um carioca da Favela da Glória” (E57, V1e4)	?	“de medo” (E. 58)
8º	?	“Um fazendeiro do Sul” (E59, V1)	“Viúvo por muitas vezes” (E. 59) “De nada tem medo” (E. 60)	“Mordida de sapo contaminado” (E. 60)
9º	?	“... um paulista” (E62, V1)	Bom atirador (“Eu nunca perdi um tiro” (E. 62))	"Repentinamente" (E. 63)
10º	“Sebastião” (E64, V2)	São Paulo	?	“Escorregou numa escada” (E. 65)
11º	?	São Paulo	“...um moço solteirão” (E. 66)	“Sentiu no templo um calor” (E. 67)
12º	?	Belo Horizonte	?	?
13º	?	Bahia	?	?
14º	?	Bahia	?	?
15º	?	Bahia	?	?
16º	?	“Espanhol” (E70, V5)	?	"Repentinamente" (E. 72)
17º	?	“Português” (E72, V1)	“...não temo a morte”; “velho” “forte” (E. 73)	"Tropeçou" (E. 74)
18º	?	?	?	?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS**QUESTIONÁRIO ACERCA DAS PRÁTICAS DE LEITURA DOS ALUNOS**

1. Você costuma ler regularmente?
☐ Sim ☐ Não
2. O que você lê com maior frequência? (Numere na ordem crescente, a partir de um, de acordo com o que você ler mais).
☐ Textos variados no WhatsApp
☐ Textos variados no Facebook
☐ Textos variados na internet de um modo geral
☐ Só os textos dos livros didáticos
☐ Romances
☐ Poemas
☐ Literatura de cordel
☐ Conto
☐ Crônica
☐ História em quadrinhos
☐ Jornais
☐ Revistas
3. Onde você costuma ler?
☐ Em casa
☐ Na escola
☐ Na biblioteca
4. No município onde você reside tem biblioteca municipal?
☐ Sim ☐ Não
5. Se sim, você costuma frequentá-la?
☐ De vez em quando
☐ Regularmente
☐ Raramente
☐ Só visitei uma vez
☐ Nunca fui lá
6. Sua escola tem biblioteca?
☐ Sim ☐ Não
7. Sua escola tem sala de leitura?
☐ Sim ☐ Não
8. Sua escola tem livros de literatura infanto-juvenil para empréstimo?
☐ Sim ☐ Não

Se sim, onde eles ficam?
9. Você costuma tomar obras emprestadas para ler?
☐ Sim ☐ Não

Se sim, de onde ou de quem?
☐ Da biblioteca Municipal
☐ Da biblioteca escolar
☐ Da sala de leitura
☐ De professores

() De colegas/amigos

10. Você tem livros de literatura infanto-juvenil em sua casa?

() Sim () Não

Se sim, cerca de quantos?

11. Se você respondeu sim à questão número 10, responda a está também:

Você já leu algum deles?

() Sim () Não

Se sim, cerca de quantos?

12. Na sua opinião, ler serve para quê? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

() Aprender sobre a vida dos autores

() Conhecer a época em que viveram os escritores

() Aprender a ler cada vez mais

() Aprender sobre as características das obras, como ela é formada

() Compreender melhor o mundo em que vivemos

() Outros? _____

QUESTIONÁRIO SOBRE A TEMÁTICA

I. SOBRE O AUTOR

1. Você já ouviu falar de Valeriano Felix dos Santos?

() Sim () Não

Se sim, responda as questões 2, 3 e 4. Se não, passe para a questão 5.

2. Quem é ele?

3. Qual o estado de origem dele?

4. Qual o município onde ele nasceu?

II. SOBRE O GÊNERO DE CORDEL

5. Você já leu algum folheto de cordel?

() Sim () Não

6. Se sim, quais?

7. Você já estudou sobre literatura de cordel em sua escola?

() Sim () Não

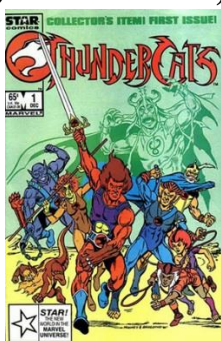
Se sim, em que série?

8. Assinale, dentre as capas a seguir, qual é a que faz parte do cordel?

a)



b)



c)



d)



9. Uma das páginas abaixo é reprodução de um exemplar de literatura de cordel. Assinale-a.

a)



**HOJE É DOMINGO,
PÉ DE CACHIMBO.
CACHIMBO É DE BARRO,
BATE NO JARRO.
O JARRO É DE OURO,
BATE NO TOURO.
O TOURO É VALENTE,
BATE NA GENTE.
A GENTE É FRACO,
CAI NO BURACO.
O BURACO É FUNDO,
ACABOU-SE O MUNDO.**

b)

LARANJEIRA PEQUENINA CARREGADINHA DE FLOR EU TAMBÉM SOU PEQUENINA CARREGADINHA DE AMOR FUI PEDIR A SÃO GONÇALO QUE ME FIZESSE CASAR DEZ NOIVAS APARECERAM NOVE DELAS FIZ VOLTAR. AÇUCENA DENTRO D'ÁGUA ATURA QUARENTA DIAS MEUS OLHOS FORA DOS TEUS NÃO ATURAM NEM UM DIA. LÁ EM CIMA DAQUELE MORO TEM UM PÉ DE ABRICÓ QUEM QUISE CASAR COMIGO VÁ PEDIR À MINHA VÓ.	EU QUERO BEM, MAS NÃO DIGO A QUEM É QUE EU QUERO BEM QUERO QUE SAIAM QUE EU QUERO MAS QUE NÃO SAIBAM A QUEM. QUANDO UM CEGO ANDAR SEGURA A MÃO DE UMA CRIANÇA JULGO VER UMA ESPERANÇA AMPARANDO A DESVENTURA AÇUCENA QUANDO NASCE ARREBENTA BEM NO PÉ. ARREBENTA SEJA A LÍNGUA DE QUEM FALAR DE MUIÉ. EU COLOQUEI MEU NOME NO TEU RELÓGIO QUERIDA FAÇA AGORA O QUE QUISE DAS HORAS DA MINHA VIDA.
---	---

c)

Pois é coisa corriqueira Tomar banhos demorados 10 minutos no chuveiro 100 litros lá são usados Se 1000 pessoas tomarem Seus banhos e demorarem 100 mil litros são gastados E não fiquem assustados Com o que agora vou dizer: O lixo que é jogado Sem a seleção fazer Trará contaminação E toda a população Do mundo vai perecer Pra viver com mais prazer Preservar o bem estar Deixe o carro na garagem E comece a caminhar Com essa simples ação Reduz a poluição E melhora nosso ar	E é sempre bom desligar As luzes quando sair De um comodo pra outro Assim vai contribuir Com a racionalização Pois combate o apagão E o gasto vai reduzir E não é muito pedir Para cada brasileiro Plantar uma arvorezinha No quintal ou no terreiro Essas pequenas ações Transformaram em milhões De árvores no mundo inteiro Aqui ou no estrangeiro Tenha sempre consciência Só consuma ou só compre O que tiver procedência Use papéis reciclados Assim serão desmatados Numa bem menor frequência
---	--

d)

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

10. Diga qual o motivo principal para justificar a escolha feita por você na questão anterior.

APÊNDICE D – CARTAS COM TRECHOS VERBAIS REFERENTES AOS MARIDOS

1º MARIDO

Dorotéa namorou-se
De um rapaz muito moderno,
Seu coração palpitou
De ciúme quase eterno,
Vivendo aquela paixão
Se noivaram no verão
E casaram-se no inverno! ...

Tinha dezessete aninhos,
Ao ser levada ao altar ...
O seu primeiro marido,
Nunca aprendeu a montar,
E por maldição de falo,
Sofreu queda de cavalo,
Logo depois de casar! ...

2º MARIDO

Sem gozar lua de mel,
Ficou viúva na coitada...
Mas sendo muita bonita,
Foi por muitos cobiçada...
E quebrando a viuvez,
Já pela segunda vez,
Aos pés de Deus foi levada!...

Não gozou lua de mel,
Nesse novo casamento ...
Seu marido foi mordido
Por um bicho peçonhento ...
Com licença das palavras,
Uma cascavel das bravas,
Acertou no seu assento.

3º MARIDO

Outro otário se casou,
Com a viúva Dorotéa ...
Que fez ela não se sabe,
Nem se pode ter ideia ...
Na noite do casamento,
Foi terrível o seu tormento,
Pois morreu de diarreia! ...

4º MARIDO

E já pela quarta vez,
Encontrou com quem casar-se.
Todos lhe deram conselhos,
Que devia confessar-se!...
Para tirar o quebranto,
Procurasse um Pai de Santo,
Todo seu corpo fechasse!...

Este fez muita mandinga,
Tomou banho de sucena ...
Casou-se com Dorotéa
Sua morte causou pena! ...
Um tiro vindo de um canto,
Logo após o ato santo,
Deixou viúva a pequena! ...

5º MARIDO

Apareceu um mulato,
Que disse: Eu topo a parada
A moringa da viúva
Desta vez vai ser quebrada ...
Se ela for mula manhosa,
Eu farei mais carinhosa
Não tenho medo de nada! ...

Esse morreu engasgado,
Quase chupava um tutano ...
Dorotéa que cantava
A dedilhar seu piano! ...
Disse: Virgem Mãe Senhora,
Tenha pena de quem chora,
Dai-me outro esposo neste ano! ...

6º MARIDO

Um rapaz muito simpático,
Lhe disse: Topo o negócio,
Eu quero dos teus finados,
Ser o presidente sócio! ...
Se me dás cama e comida,
Caso contigo querida,
E gargalhou todo indócil! ...

E você é muito jovem
Tem na frente melhor sina (...)

...Eu me caso com você,
Disse o rapaz destemido!... (...)

De repente foi aberta
Uma porta de emergência ...
O noivo precipitou-se,
Em terrível contingência,
Como um pequeno brinquedo
Aterrou sobre Penedo,
No telhado de uma agência! ...

8º MARIDO

Um fazendeiro do Sul
Viúvo por muitas vezes,
Disse: - Dorotéia vamos
Topar os nossos revezes ...
E nossas melancolias,
Se noivaram com três dias,
Se casaram com dois meses! ...

Casou-se com Dorotéia
Porque de nada tinha medo ...
Não quis festa, não quis nada
Tudo se deu em segredo ...
Com três horas de casado,
Um sapo contaminado
Mordeu na ponta de um dedo ...

Foi levado ao sanatório,
E o médico atestou
...O senhor está danado,
Cão azedo lhe picou?
Naquele dia de chuva
A Dorotéia viúva
P'ra São Paulo viajou!...

7º MARIDO

Um carioca porém,
Após ouvir sua história ...
- Se queres mesmo casar,
Sou da Favela da Glória
Eu aceito o casamento
Sem enfrentar sofrimento,
Nunca se conta vitória! ...

E casou-se Dorotéia
Com o rapaz, mas coitado
Quando saiu do casório
Já caminhou carregado
Disse o médico Macedo:
- O rapaz morreu de medo
Seu caso está consumado.

9º MARIDO

Desta vez foi um paulista
Que disse: - Topo a danada! ...
Ela vem da Paraíba
Mas deve ser batizada! ...
E se ela for um vampiro
Eu nunca perdi um tiro
Em cascavel assanhada! ...

E casou-se, coitadinho! ...
Seu caso fez pena e dó! ...
Nem bebeu um pouco d'água,
Nem comeu do pandeló ...
Quando o padre disse, amém,
Virou os olhos também
E fechou o paletó! ...

10º MARIDO

Apareceu um sujeito
Chamado Sebastião ...
Procurou a Dorotéia
E falou sobre a questão ...
Ela disse: - A sorte é tua!
Só não sou mulher da rua,
Só me caso com cristão! ...

Casou-se não sentiu nada,
Até comeu e bebeu ...
Quando os convivas se foram,
Foi aí que aconteceu ...
Escorregou numa escada,
E nessa queda danada
Não teve jeito, morreu! ...

11º MARIDO

Tornou casar-se em São Paulo,
Com um moço solteirão ...
Dorotéia disse logo:
- Encomende o seu caixão! ...
Sempre garanto o que digo,
Que quem se casa comigo
Morre até de congestão! ...

E casou-se, mas o jovem
Sentiu no templo um calor
E disse: - Senhora dona
Chame a bomba ou o doutor
Disse o padre zombeteiro:
- Chama-me logo o coveiro
Que a extrema-unção eu dou.

12º MARIDO

Casou-se em Belo Horizonte,
Ficou viúva outra vez... (,,)

13º MARIDO

(...)
Passando pela Bahia
Casou-se também com três...
Sem sorte, sem boa dita...
Regressou tristonha, aflita
Em perpetua viuvez!...

14º MARIDO

(...)
Passando pela Bahia
Casou-se também com três...
Sem sorte, sem boa dita...
Regressou tristonha, aflita
Em perpetua viuvez!...

15º MARIDO

(...)
Passando pela Bahia
Casou-se também com três...
Sem sorte, sem boa dita...
Regressou tristonha, aflita
Em perpetua viuvez!...

16º MARIDO

Chegando naquela terra
Tão querida e adorada ...
Procurou sua fazenda
Aparelhou a estrada,
Lhe surgiu um espanhol,
Que caiu no seu anzol
Como amoreira pescada ...

Se casando, logo após,
Morreu repentinamente ...
Deixou um bar muito grande,
Uma fábrica de aguardente ...
E dez milhões de cruzeiros
Em três bancos brasileiros,
Na sua conta corrente! ...

17º MARIDO

Um cidadão português,
Mandado de Portugal,
Veio cá para o Brasil,
Por razão nacional
E ao vê-la, disse: - Oh! uva
És tu que és a viúva
Dorotéia Carvalhal?

_Sou eu mesma cidadão,
A que me vem o senhor?
_ Eu venho de Portugal,
Direitinho ao teu amor! ...
És rica, não temo a morte.
Sou um velho ainda forte,
Que dou no batente, dou! ...

O coitado do portuga
Morreu aos pés do altar ...
Tropeçou em qualquer coisa,
Botou as pernas pro ar! ...
Viúva, sempre viúva
Dorotéia manda chuva
Sempre louca pra casar! ...

18º MARIDO

?

**APÊNDICE E – OUTROS TÍTULOS CITADOS NA OBRA *DE VOLTA AO NINHO ANTIGO* NÃO RELACIONADOS NA LISTAGEM ANTERIOR DA FUNDAÇÃO-
CASA DE RUI BARBOSA (RJ)**

1. 100 Trovas para os que sofrem
2. 100 Trovas de exaltação à criança
3. A Baixa dos Sapateiros
4. A bela derrubada
5. A mulher que gostava de tudo grande
6. A mulher que subiu no pau de sebo
7. A Veneranda Irmã Dulce
8. Centro Industrial de Aratu
9. Clériston Andrade
10. Eduardo Simões
11. Eu tive uma tia que virou caipora
12. Exaltação à Bahia
13. Fabrício papa-donzelas
14. Irmã Dulce e a Caridade
15. Lembranças do meu primeiro amor
16. Meu querido tio rico
17. O boi de Itaberaba
18. O bom Pastor
19. O dia que quebrei a cabaça
20. O filho que se apaixonou pela mãe
21. O lobisomem da aldeia
22. O vício abominável
23. Oração à minha terra
24. Oração ao Poeta dos Escravos
25. Os inseparáveis
26. Os mortos não estão mortos
27. Porto de Aratu
28. Salve o Exército Brasileiro
29. SOS Bahia
30. Sublime amor de mãe
31. Tio Correia
32. Uma estória de amor
33. Uma estória sertaneja
34. Venceslau do Simão Dias

Inéditos

1. As origens do Diabo (ensaio)
2. Cem Sonetos de amor
3. Contos e Lorotas do folclore sergipano
4. De volta ao ninho antigo (Poemas)
5. Geografia do Brasil (Cordel)
6. História do Brasil (Cordel)
7. O Quinto Evangelho (Poema bíblico)
8. Os poemas da minha vida
9. Pensamentos

APÊNDICE F – PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA Nº 1

Etapas: 1 - Conversa informal; e 2 - Exposição de folhetos de cordel

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
20 min.	Sensibilizar os alunos para a participação ativa durante todas as etapas da execução do projeto a ser desenvolvido, enfatizando sua importância e contribuição para o melhor conhecimento do meio em que vive.	Aplicação do projeto “Cordel, letramento literário e verbo-visualidade: três conceitos, um autor, uma história, um folheto”.	Conversa informal	Apresentar aos alunos o projeto a ser realizado (tema, autor, folheto de cordel a ser estudado, duração do projeto); Explicar o que motivou a escolha do objeto de estudo do projeto, apontando o desconhecimento do autor filho da terra; Informar que, inicialmente, serão expostos alguns folhetos de cordel variados para que possam manusear, estabelecendo um primeiro contato com o gênero.	—	Questionamentos orais feitos pelos alunos.
25 min.	Manusear os folhetos de cordel, observando a estrutura composicional (capa, autoria, título, número de páginas, estrofes, versos, rimas, material utilizado para confecção, dentre outros aspectos).	Gênero cordel (folhetos): constituição, folhetos, produção, vendas, circulação, capa, título, autoria.	Exposição dos folhetos.	Juntar algumas mesinhas no centro da sala, em duas fileiras de cinco; Conversar com os alunos, individualmente, enquanto folheiam os livretos, a fim de verificar as primeiras impressões que tiveram, especialmente em relação às imagens das capas; Explicar a forma como os folhetos eram produzidos e vendidos (até meados do século XX e hoje); Enfatizar que, no cordel, a capa tem uma função chamativa e o título também.	Folhetos de cordel variados	Observação do manuseio dos folhetos; questionamentos feitos pelos alunos.

PLANO DE AULA Nº 2

Etapa 2 - Exposição do *banner* sobre cordel

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
30 min.	Definir o gênero cordel e identificar suas características.	Gênero cordel: definição; características.	Leitura oral do texto pelo professor.	Expor o <i>banner</i> ; Ler o texto nele exposto, destacando a definição de cordel apresentada, assim como suas características.	<i>Banner</i> com o texto "Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país", de Rodolfo Coelho Cavalcante.	Observação da participação dos alunos.
15 min.	Sintetizar as informações introdutórias apresentadas acerca do gênero cordel e do autor Valeriano Felix dos Santos.	Gênero cordel: definição; características. Autor Valeriano Felix dos Santos.	Atividade individual: produção de comentário escrito	Distribuir uma folha de papel para cada aluno; Solicitar que escrevam a(s) informação(ões) ou aprendizado que consideram mais relevante nesta aula inicial, tecendo um breve comentário.	Folha de papel A4.	Análise dos comentários produzidos.

PLANO DE AULA Nº 3

Etapa 3 - Leitura da imagem e da estrutura composicional e estilística dos folhetos de cordel

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
10 min.	Distinguir e classificar os tipos de capas dos folhetos de cordel.	Folhetos de cordel: a capa.	Aula expositiva	Colocar algumas mesinhas na frente do quadro e identificá-las com as fichas: "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, gravura popular (xilogravura), reprodução gráfica colorida; Explicar, sucintamente, cada tipo; Solicitar aos alunos que distribuam os folhetos sobre as mesas, de acordo com o estilo das capas.	Folhetos de cordel; Fichas de papel A4, contendo as expressões "sem capa", desenho popular, cartão postal, fotografia, xilogravura, reprodução gráfica colorida.	Verificação da distribuição dos folhetos de acordo com o estilo das capas.
15 min.	Reconhecer os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002).	Estudo da imagem: Dez pontos de vista para análise de uma obra de arte (COSTELLA, 2002).	Aula expositiva	Expor, um a um, os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte, elencados por Costella (2002), construindo cartazes no quadro, gradativamente, à medida que forem sendo apresentados os tópicos.	Fichas confeccionadas em papel A4, contendo os dez pontos de vista de análise da obra de arte propostos por Costella (2002); 04 folhas de papel chumbo ou bomba; 01 fita adesiva dupla face	Perguntas orais feitas pelos alunos.
20 min.	Identificar os aspectos constitutivos dos folhetos de cordel pré-selecionados.	Folhetos de cordel: estrutura composicional; estilo.	Leitura compartilhada	Tomar um exemplar de cordel tradicional e outro mais atual (pré-selecionados) e fazer uma leitura compartilhada da estrutura composicional do folheto e do estilo, tomando como parâmetros os dez pontos de vista expostos; Solicitar aos alunos que tragam, para as próximas aulas, revistas para recorte.	Dois folhetos de cordel pré-selecionados (uma versão tradicional, outro mais atual): <i>O Cachorro dos Mortos</i> , de Leandro Gomes de Barros; e <i>A História de Bito: O Bode de Riachão</i> , de Zezé de Boquim. Cartazes construídos com os dez pontos de vista para análise de uma obra de arte (COSTELLA 2002).	Observações feitas pelos alunos.

PLANO DE AULA Nº 4

Etapas: 4 - Leitura oral pelo professor da primeira à décima terceira estrofe e observação da caracterização da personagem principal;

5 - Leitura oral pelos alunos da décima quarta estrofe até a vigésima nona, trecho onde o autor faz uma espécie de profecia dos fatos futuros;

6 - Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive".

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
10 min.	Ler da 1ª a 13ª estrofe do folheto <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Texto: <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, da 1ª a 13ª estrofe.	Leitura oral pelo professor	Distribuir um exemplar da versão atual do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, para cada aluno; Fazer a leitura oral da 1ª a 13ª estrofe; Orientar os alunos para que, durante o acompanhamento da leitura, observem a caracterização de Dorotéia (personagem principal) e o que ela faz.	Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Acompanhamento da leitura feita.
17 min.	Ler da 14ª até a 29ª estrofe do folheto <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Texto: <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, da 14ª a 29ª estrofe.	Leitura oral pelos alunos	Organizar a turma para dar continuidade à leitura; Perguntar quem gostaria de compartilhar da leitura da décima quarta estrofe até a vigésima nona, oralmente, para toda a turma; Organizar a sequência dos leitores dentre os alunos que se apresentarem.	Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Participação dos alunos na leitura

3 min.	Ler a 30ª estrofe do folheto <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Texto: <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, 30ª estrofe.	Leitura oral, pelo professor, da 30ª estrofe.	Retomar a leitura do folheto, lendo apenas a trigésima estrofe, tecendo comentários a respeito; Recolher os exemplares do folheto; Preparar os alunos para a realização do jogo “Brincando de detetive”.	Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Acompanhamento da estrofe lida.
15 min.	Listar as causas prováveis da morte dos maridos de Dorotéa (levantamento de hipóteses).	Regras e organização do jogo “Brincando de detetive”.	Realização do jogo “Brincando de detetive”: Trabalho em grupo.	Realizar o jogo "Brincando de detetive": pedir que os alunos se organizem em grupos de três ou quatro componentes, formando dez grupos ao todo; Distribuir, para cada grupo, um envelope, contendo dezoito fichas retangulares; Solicitar que escrevam, no lado externo, um nome de fantasia escolhido para a equipe; Orientar que cada grupo liste dezoito causas prováveis das mortes dos maridos de Dorotéa, escrevendo uma em cada ficha e, depois, coloquem as fichas preenchidas dentro do envelope; Recolher os envelopes e guardá-los até o fim da leitura do folheto.	10 envelopes contendo 18 fichas retangulares em cada.	Verificação do preenchimento do envelope e das fichas.

PLANO DE AULA Nº 5 E 6

Etapa 6 (continuação) - Leitura do restante da narrativa por meio do jogo "Brincando de detetive".

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
30 min.	Ler da 31ª a 79ª estrofe do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Texto: <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, da 31ª a 79ª estrofe.	Continuação do jogo “Brincando de detetive”: Leitura compartilhada, professor/alunos	Redistribuir os exemplares do folheto de cordel e continuar a realização do jogo "Brincando de detetive" com a leitura compartilhada das estrofes restantes; Pedir que, concluída a leitura, cada aluno faça por escrito um breve comentário acerca da história lida; Orientar para que assinem abaixo dos comentários feitos, colocando seu nome na folha.	Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos; Papel A4.	Participação na leitura compartilhada. Análise dos comentários escritos.
15 min	Compartilhar os comentários feitos acerca do folheto lido.	Texto completo do folheto de cordel em estudo.	Plenária	Solicitar que os alunos façam, oralmente, comentários acerca do que escreveram, compartilhando as opiniões dadas acerca da história lida.	Comentários escritos feitos.	Participação dos alunos na partilha.
45 min	Verificar quais hipóteses levantadas foram confirmadas e compartilhá-las com a turma.	Hipóteses levantadas pelos alunos acerca da morte dos maridos de Dorotéia.	Continuação do jogo “Brincando de detetive”: Trabalho em grupo.	Redistribuir os envelopes, aleatoriamente, assegurando que cada grupo receba um envelope diferente daquele que escreveu; Orientar que cada grupo abra o envelope recebido e analise as hipóteses escritas nas fichas, verificando quais foram confirmadas, de acordo com o ocorrido na história; Pedir que registrem o total de acertos no lado externo do envelope, logo abaixo do nome da equipe; Solicitar que a equipe escolha um relator para partilhar com a turma o número de acertos da equipe analisada, lendo primeiro as respostas certas dadas pelo respectivo grupo e a seguir as hipóteses consideradas não comprovadas, para conhecimento da turma; Recolher os envelopes e declarar vencedora a equipe que tiver o maior número de hipóteses confirmadas.	Envelopes entregues pelos alunos com as fichas preenchidas. Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Observação do trabalho realizado pelos grupos; partilha das hipóteses.

PLANO DE AULA Nº 7 E 8

Etapa 7- Confecção e exposição da capa dos folhetos

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
70 min.	Produzir uma capa para o folheto de cordel lido.	A capa do folheto de cordel	Trabalho individual: Produção da capa do folheto de cordel.	Dizer aos alunos que agora que eles já sabem da relevância da imagem como parte estruturante do gênero cordel e da importância da capa para o folheto de cordel, chegou a hora de eles confeccionarem a capa do folheto que recebeu; Apresentar o material disponível e dizer que cada um pode utilizar a técnica que desejar (desenho, pintura, recorte e colagem, e inclusive mesclar técnicas). A título de sugestão, dizer aos alunos interessados pela xilogravura que a madeira pode ser substituída pelo isopor, material mais acessível no meio escolar;	Papel A4; Lápis de cor; Apontador; Tinta guache; Pinceis para guache; Régua; Grampeador; Revistas; Tesoura; Cola; Folha de isopor 20mm; Papel A4.	Verificação das capas produzidas.
20 min.	Expor as cópias produzidas.	Origem da denominação “Literatura de Cordel”	Exposição das capas	Distender o barbante na sala, tecendo comentários acerca do porquê do designativo “cordel”; Explicar que o cordel tradicional não era vendido nas feiras livres do nordeste brasileiro pendurados em barbante, mas sim expostos na própria mala dos vendedores viajantes ou dispostos no chão sobre um forro previamente estendido; Solicitar que os alunos pendurem, no barbante, as capas produzidas; Perguntar à turma, de um modo geral, quais os trechos retratados nas capas.	Capas produzidas; Barbante; Pregadores.	Análise das capas produzidas; Observação da leitura verbo-visual feita; Verificação das passagens mais recorrentes representadas.

PLANO DE AULA Nº 9

Etapa 8 - Leitura da versão atual da capa do folheto de cordel em estudo

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
20 min.	Ler e interpretar a capa atual do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos.	Leitura da imagem.	Leitura silenciosa / produção de texto.	Dar para cada aluno uma capa da versão atual do folheto em estudo; Pedir que a leiam silenciosamente, observando bem a imagem nela existente; Distribuir uma folha de papel ofício para cada aluno; Solicitar que eles façam, por escrito, comentários acerca do que observaram, comparando com o modo como imaginaram, aproveitando também para comentar acerca das dificuldades sentidas no ato de produção das capas; Orientar para que assinem abaixo dos comentários feitos.	Capas (versão atual) do folheto de cordel destacadas anteriormente.	Análise dos comentários escritos.
25 min.	Socializar os comentários produzidos.	Leitura da imagem.	Plenária	Solicitar que os alunos formem um círculo e partilhem, oralmente, com a turma o que escreveram, lendo ou somente comentando o que escreveu; Recolher os textos para posterior verificação; Tecer comentários acerca da capa lida;	Comentários escritos produzidos pelos alunos; Capas (versão atual) do folheto de cordel destacadas anteriormente.	Observação da partilha dos comentários produzidos.

PLANO DE AULA Nº 10

Etapa 9 - Realização do Jogo “dos oito” erros às avessas

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
45 min.	Relacionar os “oito” elementos mantidos nas duas versões das capas do folheto; Realizar uma análise mais acurada dos principais elementos visuais presentes na capa.	Leitura da imagem	Realização do jogo dos “oito erros às avessas”: Leitura verbo-visual dos elementos presentes nas duas versões das capas do folheto.	Distribuir uma cópia da capa da versão original para cada aluno; Observar que, apesar das modificações feitas na versão atual da capa publicada pela Editora Luzeiro, alguns elementos, no geral, foram mantidos; Distribuir, para cada aluno, oito fichas retangulares, medindo 3 X 6, confeccionadas em cartolina branca; Solicitar que relacionem os oito elementos, mantidos nas duas versões, que considerarem mais significativos para a narrativa, colocando o nome de cada elemento em uma ficha; Colocar, sobre uma mesa, os recipientes já devidamente identificados com os termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”; Pedir aos alunos que depositem as fichas preenchidas nas vasilhas, separando-as de acordo com os elementos citados; Procederem a contagem das fichas; Relacionar no quadro os oito elementos mais votados, a começar pelo mais votado, e assim sucessivamente; Fazer um breve comentário acerca do papel de cada um deles na narrativa.	Capas do folheto de cordel (versão original e versão atual); 280 fichas retangulares 3 x 6, confeccionadas com cartolinas branca; Pincel atômico para quadro branco; 09 recipientes identificados com os termos ou expressões: “título”, “nome do autor”, “cemitério”, “túmulos”, “mulher”, “cova aberta”, “cruz”, “flor sobre os túmulos”, “outros”.	Verificação dos elementos mais relacionados.

PLANO DE AULA Nº 11, 12 E 13

Etapa 10 - Realização de atividades escritas

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
90 min.	Compreender e interpretar o texto lido.	Estrutura composicional do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos: estrofe e rima; Elementos da narrativa (foco narrativo, enredo, conflito, desfecho, personagem); Leitura verbo-visual; O texto e seu suporte.	Realização de atividades escritas	Distribuir uma cópia das atividades escritas para cada aluno; Orientar para que resolvam, individualmente, as atividades dadas, podendo discutir entre os colegas acerca das questões, assim como esclarecer com o professor as dúvidas que surgirem durante sua execução.	35 cópias das atividades escritas; Exemplares do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos (versão atual).	Observação dos alunos durante a realização das atividades/perguntas orais feitas pelos alunos.
45 min.	Averiguar a adequação das respostas dadas.	Estrutura composicional do folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos: estrofe e rima; Elementos da narrativa (foco narrativo, enredo, conflito, desfecho, personagem); Leitura verbo-visual; O texto e seu suporte.	Verificação das atividades escritas	Ler, oralmente, uma a uma, as questões, ouvindo as respostas apresentadas pelos alunos, de modo a proceder à correção das atividades; Comentar as respostas dadas, quando necessário, de forma a enriquecer a partilha feita.	Respostas dadas nas atividades escritas.	Verificação da adequação e coerência das respostas dadas.

PLANO DE AULA Nº 14

Etapa 11 – Visualização do espaço na obra

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AValiação
45 min.	Identificar os espaços existentes no folheto de cordel <i>A mulher que se casou dezoito vezes...</i> , de Valeriano Felix dos Santos, fazendo inferências acerca de sua constituição e de sua relevância na obra.	Espaço na narrativa	Trabalho coletivo	Conversar com os alunos acerca do espaço na narrativa; Explicar que é o lugar onde se desenrola a ação e que ele pode ser físico, psicológico e social; Tecer comentários acerca da apresentação do espaço no folheto lido; Afixar no quadro o Mapa Mundi e distribuir entre os alunos, aleatoriamente, as cartas contendo trechos do texto verbal relativo aos maridos de Dorotéia; Orientar para que identifiquem por meio das pistas textuais presentes nos trechos escritos nas referidas cartas, o espaço de origem dos maridos ou o local onde foram realizados os casamentos; Apresentar, uma a uma, as fichas numeradas de um a dezoito, representando a sequência de apresentação dos maridos na obra; Solicitar que os alunos afixem no mapa as fichas referentes à localização encontrada, a começar pelo primeiro e assim por diante; Perguntar aos alunos que outras possíveis leituras podem ainda ser feitas em relação aos maridos de Dorotéia, de acordo com a distribuição espacial observada; Tecer os comentários finais.	Mapa Mundi; Fichas numeradas de 1 a 18; Cartas contendo trechos do folheto lido que tratam dos maridos de Dorotéia; Folha de isopor (20 mm); Fita adesiva.	Participação dos alunos; análise das observações feitas.

PLANO DE AULA Nº 15

Etapa 12 - Exposição sobre Valeriano Felix dos Santos

DURAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
25 min.	Contextualizar o autor Valeriano Felix dos Santos e a obra estudada; Folhear e ler outras obras do autor.	Valeriano Felix dos Santos: vida e obra.	Leitura oral feita pelo professor	Expor o <i>banner</i> sobre Valeriano Felix dos Santos, realizando a leitura dos dados biobibliográficos nele apostos, de modo a apresentar, também verbo-visualmente, o poeta cordelista riachãoense para a turma; Expor outras obras do autor, tecendo um breve comentário à respeito de algumas delas.	<i>Banner</i> de Valeriano Felix dos Santos; Folhetos de cordel de Valeriano Felix dos Santos; Obras originais do autor.	Observação dos comentários orais feitos pelos alunos.
20 min.	Sintetizar os conhecimentos adquiridos com a realização do projeto.	Conteúdos estudados ao longo do projeto.	Atividade individual: produção de comentário escrito.	Solicitar que cada aluno teça seus comentários, por escrito, acerca do que aprenderam sobre o gênero cordel a partir da realização do projeto, assim como sobre o autor Valeriano Felix dos Santos e a obra estudada; e também falem sobre a importância do projeto executado e suas etapas.	Folha de papel A4, contendo os tópicos a comentar.	Análise dos comentários escritos feitos pelos alunos.

**ANEXO A – RELAÇÃO DAS OBRAS DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS
ENCONTRADAS NA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO-CASA DE RUI BARBOSA (RJ)**

**RELAÇÃO DOS CORDÊIS ENCONTRADOS NA BIBLIOTECA
DA FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (RJ)**

1. Brasília cidade moça e linda canção de amor
2. A Cabeça
3. A cidade do Salvador em seu 430º aniversário
4. A criança que morreu sorrindo
5. A estória de Diva
6. A fábula das rãs
7. A falsa devota
8. A filha do pastor
9. A gruta malassombrada
10. A menina feia
11. A mulher que comia cobras
12. A mulher que fez justiça com as próprias mãos
13. A mulher que pariu de outra
14. A mulher que se apaixonou por um cavalo
15. A mulher que se casou dezoito vezes
16. A procissão
17. A ressurreição do homem
18. A sabedoria aplicada
19. A volta de Lampeão
20. As blasfêmias de um herege
21. As crianças e o ninho
22. Ave Bahia
23. Carta aberta ao presidente Collor
24. Castro Alves e os jovens dos nossos dias
25. Castro Alves em prosa e versos
26. Como morreu Judas Iscariotes
27. Conselho aos solteiros
28. Conselhos sobre como libertar-se da embriaguez
29. Conselhos sobre como viver intensamente a vida
30. Conselhos sobre o amor
31. Duelos de deboches
32. Era amor, o amor existe
33. Eu agradeço a meu Deus
34. Exaltação ao livro e a leitura
35. Festas Cívicas da Bahia
36. Independência ou morte
37. Jorge Amado em Cordel
38. Luís Tarquínio e a Justiça Social
39. Mãe Minininha da Bahia
40. Maria Santíssima
41. Metáforas cívicas
42. Mensagens de otimismo
43. Nós saímos do sufoco pela raça de Sarney
44. O anjo rebelde

45. O aprendiz de feiticeiro
46. O baile dos demônios
47. O berro da meia noite
48. O carioca que costurou a esposa
49. O casamento proibido
50. O Cristo de Dali
51. O exato sentido da vida
52. O machão da Paraíba
53. O marido fujão
54. O menino do bosque
55. O mundo também é uma bola
56. O preguiçoso
57. O sesquicentenário de nascimento e centenário da morte de Tobias Barreto (1839-1889)
58. O vendedor de indulgências
59. Os fetos assassinos
60. Os inseparáveis
61. Pistoleiros do nordeste
62. Romeu e Julieta
63. Simões Filho: um mestre do nosso tempo
64. Simões Filho dá boas vindas a seu novo prefeito
65. Somos brasileiros livres cheios de fé no Brasil
66. Tancredo Neves um novo presidente
67. Tia Policarpa
68. Trovas sentimentais
69. Último Capricho
70. Um baiano chamado Rui Barbosa
71. Um poema para Salvador
72. Um sergipano na Baixa dos Sapateiros
73. Uma cruz no deserto
74. Uma lição de amor
75. Uma noite de lambada no inferno
76. Uma rosa para minha cadela
77. Uma vergonha nacional
78. Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo
79. Zé da lenha
80. Zumbi dos Palmares

**ANEXO B – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DE PEÇA TEATRAL BASEADA NO
FOLHETO DE CORDEL A MULHER QUE SE CASOU DEZOITO VEZES..., DE
VALERIANO FELIX DOS SANTOS**



ANEXO C - EXCERTO DO TEXTO DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE SOBRE CORDEL

ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL E A SUA EXPRESSÃO DE CULTURA NAS LETRAS DE NOSSO PAÍS
(Rodolfo Coelho Cavalcante)

Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel-literatura
É a real expressão
Como fonte de cultura
Ou melhor poesia pura
Dos poetas do sertão.

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou em verso
Por ser a mais preferida,
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida.

Era em pequeno volume
A edição publicada,
Tamanho 15 por 12
Pra melhor ser consultada,
Isso no século XIII
Depois de noventa e oito
Foi aos poucos desprezada.

No Brasil é diferente
O cordel-literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificado em sextilhas
Ou senão em setilhas
Com a métrica mais pura.

Nesse estilo o vate escreve
Em forma de narração
Fatos, romances, histórias
De realismo, ficção;
Não vale cordel, em prosa,
E em décima na glosa
Se verseja no sertão.

Pode o mote ser glosado
Em sete sílabas também
Isso depende do ouvinte
O mote rimado bem,
Sem a métrica perfeita
A glosa será mal feita
Que não agrada a ninguém.

Os primeiros repentistas
Residiam no Teixeira
Cidade da Paraíba
Como Inácio Catingueira

Hogolino e outros mais
Nossos primeiros jograis
Na viola tinideira.

[...]
No começo a poesia
Popular hoje cordel
Era em quadras, realmente,
Que usava o menestrel,
Mas Silvino Piruá
Um novo sistema dá
De maneira mais fiel.

[...]
No início os cantadores
Cantavam com seu pandeiro
Com triângulo, com rabeca
No Nordeste brasileiro,
As fazendas se alegravam
E os ouvintes deliravam
Nos salões ou no terreiro.

Os coronéis das fazendas
Conv davam moradores
Pra assistirem as pelepas
Dos famosos cantadores
Eram os grandes desafios
Dos repentistas bravios
Dos versos mais multicores.

Naquele tempo os poetas
Não usavam profissão
Embora fossem pagos
No calor da discussão,
O dinheiro que ganhavam
Sua alforria compravam
Saindo da escravidão.

Acontece que os vates
Conhecidos de BANCADA
Que não eram repentistas
Escreviam bem rimadas
As disputas que assistiam
E o seu folheto vendiam
Cuj a obra era aceita da.

Essa poesia era
Como folheto vendida
Daí passavam escrever
O cotidiano da vida,
Os casos da região
Ou história de valentão

Que não era acontecida.

De tudo que acontecia
No país ia escrevendo...
Padre Cícero, Lampião,
Ia o povo tudo lendo.
Criou hábito no povo
De ler um folheto novo
Para a notícia ir sabendo.

O chamado trovador
Ou poeta popular
Era semi-analfabeto
Porém sabia rimar,
Seus folhetos escrevia
E os sertanejos os liam
Por ser o seu linguajar.

[...]
Como MOBREAL, no Nordeste,
Muito alfabetizou
Nesses mesmos trovadores
A gramática melhorou,
Havia vates letrados
No Nordeste consagrados
Isso a história registrou.

Leandro Gomes de Barros
Famoso Chagas Batista,
José Camelo de Melo
E um outro cordelista
João Athayde – editor
Foi quem deram mais valor
À classe de repentista.
[...]

Nas famosas faculdades
Da Itália e Grã-Bretanha,
Japão, Estados Unidos,
França, Portugal, Espanha,
Se formam hoje doutores
Nos versos dos trovadores
Como dá-se na Alemanha.

Cadeira para cordel
Hoje é uma realidade,
Por exemplo hoje em São Paulo
Em qualquer u'a faculdade
Tem muita gente estudando
Muitos jovens pesquisando
Como especialidade.

[...]

**ANEXO D – VERSÃO ORIGINAL DO FOLHETO A MULHER QUE SE CASOU
DEZOITO VEZES..., DE VALERIANO FELIX DOS SANTOS**



A MULHER QUE SE CASOU

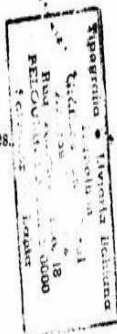
DEZOITO VEZES...

Vou contar uma história,
Certamente interessante;
Se verdadeira, não sei,
Quem me contou não garante,
Mas vale apenas escutá-la,
E enquanto vou narrá-la,
Você pode rir bastante!...

Ora, pois, uma mulher,
De beleza singular,
Que se chama Dorotéia,
Nos jornais fez publicar
Que segundo seus reveses,
Casou-se dezoito vezes,
Está louca pra casar!...

Nascida na Paraíba,
Terra de mil tradições,
Cujas glórias do passado,
Enternecem corações,
Dorotéia Carvalhal,
Também tem em Portugal,
Herança de alguns milhões!...

Esta tão bela viúva,
É mulher fenomenal...
Inteligente e fidalga,
Até fez curso normal,
Toca zabumba e piano,
Trompete, bombo, soprano,
Acordeon, birimbául...



-- 3 --

O seu nome é tão comprido,
Que decliná-lo faz mal!...
Mas em toda Paraíba,
Dão-lhe firma oficial,
Sobre-nomes dos maridos,
Tristemente falecidos,
Coisas muito natural!...

Usa dezoito alianças
Nos dedos de suas mãos,
Já visitou Portugal,
Onde tem pais e irmãos,
Tem roçados de mandioca,
Terra café, faz pipoca,
Ferra bois, castra barrões!...

Anda de noite sózinha,
Montada no seu cavalo...
Quando vem de vaquejadas,
Ou então brigas de galo.
Na Paraíba de então,
Nunca encontrou valentão
Que pisasse no seu calo!...

É viúva, sim senhor,
Respeitada, garantida...
Mete a cabeça no mundo,
Sem receios, destemida,
Quando quer tomar pileque,
Nunca encontrou um moleque
Pra mecher com sua vida!...

Fez uma linda capela,
Na sua propriedade...
Pra rezar pra seus finados,
Quando lhe chega a saudade!...
Dorotéia é caso sério,
Também fez um cemitério,
Com dezoito sepultados!...

-- 2 --

Tem os cabelos compridos,
Ondulantes, alofrados,
Pelos seus ombros caídos,
E docemente espalhados,
A pele fina e cheirosa,
A voz suave e dengosa,
Os quadris arredondados.

Muito lindas suas mãos,
E seus olhos muito lindos,
O seu coração esconde
Desejos, os mais infundos...
Apesar de tantos anos,
E de tantos desenganos,
Seus dias não estão findos!...

Goza de plena saúde,
É forte como um gigante,
E antes do sol nascer,
Já tomou banho na fonte,
No seu curral tira leite,
Na sua fabrica de azeite,
Já trabalhou o bastante!...

Lança bói, mata cavalo,
Derruba touro "Pereira",
Mulher-Macho, sinsenhor!...
Usa punhal e peixeira,
Luta box e joga bola,
Numa briga mata, esfolia,
Sabe jogar capoeira!...

Nas terras da Paraíba,
Tem varias propriedades,
Tem pensões nos Institutos,
Vasta roda de amizades,
Frequenta cabeleleiros,
Pedicure e massageiro
E altas sociedades!...

-- 4 --

E naquele cemiterio,
Uma cova existe aberta,
Pois quem casar-se com ela,
Perde a cama e a coberta,
Não comerá mais pirão,
Pode levar o caixão
Que tem a morte por certa!...

Casar-se-á, toda vida,
Logo após o casamento,
Começa correr suor,
E ferver o pensamento,
Quando a noiva se despir,
Tentará correr, fugir
Mais ligeiro do que o vento!...

Ao encontro lhe virão,
Fantasmas de todo jeito,
O coração pulará
Danado dentro do peito...
E pensando ser feitico,
Será levado ao hospício,
O crime será perfeito!...

Depois de morto o caixão,
Será levado em cortejo,
Dorotéia desolada
Cumprindo mais um desejo,
Tendo na mão um rosário,
Na boca daquele hotário,
Então deitará um beijo!...

Levará para a capela,
E mandará dizer missa!...
Chorará fingidamente,
Clamando aos céus por justiça,
Tantos maridos valentes,
Motoristas competentes,
Seu carro não desenguiça!...

- 5 -

Depois do sepultamento,
Dorotéa desolada,
Irá tocar seu piano,
Já por outro apaixonada,
E cantando uma canção,
Dirá: — Tenho o coração
E a alma arretalhada!...

Quando for pela manhã
Ela irá ao cemitério!...
E em cada sepultura,
Há de rezar um mistério,
E uma Salve-Rainha!...
E dirá: — Que sorte a minha.
Casamento é caso sério!...

Mas em cada sepultura,
Há de deitar uma flor,
Dizendo, — Durma feliz,
Ó meu décimo oitavo amor!...
Que a terra te seja leve,
E outro irá muito breve,
Aliviar tua dor!...

E em cada pôr de sol,
Vai a cada sepultura,
E lhe põe um cravo roxo,
Cór da sua desventura...
E pondo a mão sobre o peito,
Dirá: — Deus me dá o jeito,
De carpir tanta amargura...

Na capela Dorotéa,
Fará sua devoção!
Diante da sua Santa,
Virgem da recordação,
E dirá a meia voz:
Estou virgem como vós,
Como dóe meu coração!...

- 7 -

Eu agora vou narrar
Como morreu seus maridos,
Guardados por muitos médicos,
Por polícia guardados,
São fatos que metem medo,
Os "Porquês" deste segredo,
São todos desconhecidos!...

Dorotéa namorou-se
De rapaz muito moderno,
Seu coração palpitou
De ciúme quase eterno,
Vivendo aquela paixão
Se noivaram no verão
E casaram-se no inverno!...

Tinha dezessete aninhos,
Ao ser levada ao altar...
O seu primeiro marido,
Nunca aprendeu a montar,
E por maldição de falo,
Sofreu queda de cavalo,
Logo depois de casar!...

Sem gozar lua de mel,
Ficou viúva a coitada...
Mas sendo muito bonita,
Foi por muitos cobiçada...
E quebrando a viuvez,
Já pela segunda vez,
Aos pés de Deus foi levada!...

Não gozou lua de mel,
Neste novo casamento...
Seu marido foi mordido
Por um bicho peçonhento...
Com licença das palavras,
Uma cascavel das bravas,
Acertou no seu assento,

- 6 -

Tendo feito a penitência,
Naquela igreja sózinha
Irá ver como se vão
As coisas pela cozinha,
Dirá se quer no almoço,
Caldo fino ou caldo grosso,
Carne de bode ou galinha!...

E montando seu cavalo,
Ligeiro que nem um raio,
Vai correr sua fazenda,
Na serra do Papagaio...
Dá ordens pelos roçados,
Que quer ver todos plantados,
Antes das chuvas de maio!...

E antes do meio dia,
Voltará para o almoço...
Bebe um copo de cachaça,
Vai tomar banho num poço.
E dirá — Sem ter marido,
Dar-se um duro de cupido
Esta vida é mesmo um osso!...

E depois buscando a cama,
Descansa um pouco a cismar...
— Neste mundo há tantos homens,
Mas nenhum quer se casar!...
Tanta riqueza perdida,
Que será de minha vida,
Quem me deu tanto penar?

Se levanta soluçando,
E se senta no piano...
Corre os dedos nos teclados,
E toca um triste "baiano"...
Tanto toca como chora,
Dizendo: — Virgem Senhora,
Dá-me um marido este ano!...

- 8 -

Outro botário se casou,
Co'a viúva Dorotéa...
Que fez ela não se sabe,
Nem se pôde ter idéia...
Na noite do casamento,
Foi terrível o seu tormento,
Pois morreu de diarreia!...

E já pela quarta vez,
Encontrou com quem casar-se...
Todos lhe deram conselhos,
Que devia confessar-se!...
Para tirar o quebranto,
Procurasse um Pai de Santo,
Todo seu corpo fechasse!...

Este fez muita mandinga,
Tomou banho de suena...
Casou-se com Dorotéa
Sua morte causou pena!...
Um tiro vindo de um canto,
Logo após o ato santo,
Deixou viúva a pequena!...

Dorotéa já andava
Por tudo desenludida...
Tinha consigo um asar,
Doença desconhecida!...
Apesar de ser tão bela,
Continuava donzela,
Sem ninguém em sua vida!...

Apareceu um mulato,
Que disse: — Eu topo a parada!...
A moringa da viúva
Desta vez vai ser quebrada...
Se ela for mula manhosa,
Eu farei mais carinhosa,
Não tenho medo de nada!...

-- 9 --

Este morreu engasgado,
Quando chupava um tutano...
Dorotéa que cantava
A dedilhar seu piano!...
Disse: -- Virgem Mãe Senhora,
Tenha pena de quem chora,
Dai-me outro esposo neste ano!...

Soluçando inconsolável,
Disse consigo: -- Eu não acho
Um homem que seja homem,
Um cabra que seja macho,
Escuto roncicar trovão,
Chove tanto no sertão,
Vive seco o meu riacho!...

Um rapaz muito simpático,
Lhe disse: -- tópo o negócio,
Eu quero dos teus finados,
Ser o presidente sócio!...
Se me das cumã e comida,
Caso contigo querida,
E gargalhou todo endócio!...

Dorotéa disse: -- Filho,
Já nasci assim sem sorte...
Os maridos com quem caso,
Vindos do Sul ou do Norte,
Oh que destino cruel,
Antes da lua de mel,
São ceifados pela morte!...

E você é muito jovem,
Tem na frente melhor sina...
Já não quero ser chamada
D'uma mulher assassina!...
Eu nasci para sofrer
Não quero contra-dizer
Determinação divina!...

-- 11 --

Este foi o casamento
Mais festivo do lugar,
Foi um corre corre doido,
Por terra, por água e ar!...
Dorotéa Carvalhal
Mandou vir de Portugal
Um padre p'ra lhe casar!...

E depois do casamento
Um avião foi fretado,
O noivo por cem soldados
Estava, pois, vigiado,
P'ra evitar incidentes,
Por doutores competentes,
Tinha sido examinado!...

E deixaram João Pessoa,
Com alegres despedidas...
Mil beijos e mil abraços,
Com discursos, com bebidas...
Com vivas, arroz e flores...
E raríssimos dulçores,
Que enternecem muitas vidas!...

Quando o avião voava
Sob os céus das Alagôas,
Deixando pra trás o mar,
Com seus barcos e canôas...
Dorotéa Carvalhal,
Recordando Portugal,
Murmurava algumas lóas!...

De repente foi aberta
Uma porta de emergência...
O noivo precipitou-se,
Em terrível contigência,
Como um pequeno brinquedo
Aterrou sobre Penedo,
No telhado de uma agência!...

-- 10 --

Se tem coragem querido,
Irei contigo ao altar...
Dou-te logo dez milhões,
P'ra depressa te arrumar;
Serei bondosa e fiel,
A nossa lua de mel,
Na China iremos gozar!...

Conhecerás Nova Yorque,
Te levarei a Paris,
Porque contigo eu farei,
O que com outros não fiz!...
Se tiveres melhor sorte,
E escapares da morte,
Te juro, serás feliz!...

E daremos volta ao mundo,
Indo a Madri e Japão...
Quero que me dê um filho,
Batizarei por João!...
E voltando a Paraíba,
Viveremos longa vida,
Tu aceitas minha mão?

Na verdade eu não sou feia,
Sou rica, dengosa e bela...
Todos olham para mim
Se vou até à janela...
Tenho os cabelos compridos,
Já tive tantos maridos
E continuo donzela!...

--- Eu me caso com você,
Disse o rapaz destemido!...
Nem que morra logo após,
Engasgado ou entupido,
Está selado o assunto,
Me considero defunto,
Mas hei de ser seu marido!...

-- 12 --

Dorotéa deu um grito,
Quando o noivo escapoliu:
--- Aero-moça, socorro
O meu esposo fugiu!...
(E com grave palidez)
--- Estou viúva outra vez,
Oh, coitado, onde caiu?

Ao chegar ao Galeão,
Foi procurar um hotel...
Seu destino era terrível,
A sua sorte cruel!...
Ela mesma desgraçada,
Tantas vezes foi casada,
Sem gozar lua de mel!...

Um carioca porém,
Após ouvir sua história...
--- Se queres mesmo casar,
Sou da Favela da Glória
Eu aceito o casamento,
Sem enfrentar sofrimento,
Nunca se conta vitória!

E casou-se Dorotéa
Com o rapaz, mas coitado...
Quando saiu do casório,
Já caminhou carregado...
Disse o medico Macedo...
--- O rapaz morreu de medo,
Seu caso está consumado!...

Um fazendeiro do Sul
Viúvo por muitas vezes,
Disse: -- Dorotéa vamos
Topar os nossos revezes...
E nossas melancolias,
Se noivaram com três dias,
Se casaram com dois meses!...

-- 13 --

Casou-se com Dorotéa
Porque de nada tem medo...
Não quis festa, não quis nada
Tudo se deu em segredo...
Com três horas de casado,
Um sape contaminado
Mordeu na ponta de nm dêdo...

Foi Levado ao sanatório,
E o médico atestou
--- O senhor está danado,
Cão azêdo lhe picou?
Naquele dia de chuva
A Dorotéa viuva
Pra São Paulo viajou!...

Desta vez foi um paulista
Que disse: -- tópo a danada!...
Ela vem da Paraíba
Mas deve ser batizada!...
E se ela for um vampiro
Eu nunca perdi um tiro
Em cascavel assanhada!...

E casou-se, coitadinho!...
Seu caso fez pena e dó!...
Nem bebeu um pouco d'água,
Nem comeu do pandelô...
Quando o padre disse, amem,
Virou os olhos também
E fechou o paletó!...

Apareceu um sujeito
Chamado Sebastião...
Procurou a Dorotéa
E falou sobre a questão...
Ela disse: a sorte é tua!
Só não sou mulher da rua,
Só me caso com cristão!...

-- 15 --

Chegando naquela terra,
Tão querida e adorada...
Procurou sua fazenda,
Aparelhou a estrada,
Lhe surgiu um espanhol,
Que caiu no seu anzol,
Como amoreira pescada...

Se casando, logo após,
Morreu repentinamente...
Deixou um bar muito grande,
Uma fabrica de agua ardente...
E dez milhões de cruzeiros
Em três bancos brasileiros,
Na sua conta corrente!...

Um cidadão português,
Mandado de Portugal,
Veio cá para o Brasil,
Por razão nacional
E ao vê-la, disse: -- Oh! úva
És tu que és a viuva
Dorotéa Carvalho?

--- Sou eu mesma cidadão,
A que me vem o senhor?
--- Eu venho de Portugal,
Direitinho ao teu amor!...
És rica, não temo a morte,
Sou um velho ainda forte,
Que dou no batente, dou!...

O coitado do portuga
Morreu aos pés do altar...
Troupeçou em qualquer coisa,
Botou as pernas p'ro ar!...
Viuva, sempre viuva,
Dorotéa manda chuva
Sempre louca p'ra casar!...

-- 14 --

Casou-se não sentiu nada,
Até comeu e bebeu...
Quando os convivas se foram,
Foi aí que aconteceu...
Escorregou numa escada,
E nesta queda danada,
Não teve jeito, morreu!...

Tornou casar-se em S. Paulo,
Com um moço solteiro...
Dorotéa disse logo:
Encomende o seu caixão!...
Sempre garanto o que digo,
Que quem se casa comigo
Morre até de congestão!...

E casou-se, mas o jovem
Sentiu no templo um calor
E disse: -- Senhora dona,
Chame a bomba ou o doutor!...
Disse o padre zombateiro:
--- Chama-me logo o coveiro,
Que a extremunção eu dou!...

Viuva, sempre viuva
Dorotéa foi a Minas...
Encantadora e faceira,
As suas mãos muito finas,
Sem maldizer sua sorte,
Ela diz que qualquer morte
São contingências divinas!...

Casou-se em Belo Horizonte,
Ficou viuva outra vez...
Passando pela Bahia
Casou-se também com três...
Sem sorte, sem boa dita...
Regressou tristonha, aflita
Em perpetua viuvez!...

-- 16 --

Ainda no mês passado,
Publicou um Edital
"Viuva Paraibana,
Dorotéa Carvalho,
--- Quem desejar suicidar-se,
Basta com ela casar-se.
Tem de graça o funeral!..."

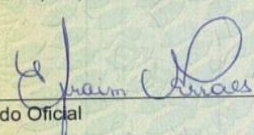
Um doutor vindo da França,
Foi decidido, foi franco...
--- Quem casar-se co'a senhora...
Vai direto p'ro barranco!...
O seu mal é de nascença,
Se aloja a sua doença,
Na ponta do figado branco!...

Melindrosa operação,
Deve ser feita em Paris...
Custa dois bilhões de francos,
Sob os calculos que fiz!...
Vai me ser um trabalhão,
Por que tal operação
É feita pelo nariz!...

Depois de ser operada,
Deve então fazer um teste...
Porque depois de cortar,
Talvez, outra ponta reste...
Dorotéa está tristonha,
A sua luta é medonha,
P'ra casar vai ser a peste!...

Ninguém mais quer se arriscar,
Nem por dinheiro ou amor!...
Ela é linda como um cravo,
Cheirosa como uma flor!...
Mas, sendo Paraibana,
Deve ser, ninguém se engana:
MULHER-MACHO SINSENHOR!...

ANEXO E – CERTIDÃO DE ÓBITO

					
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS					
CERTIDÃO DE ÓBITO					
NOME VALERIANO FELIX DOS SANTOS					
MATRÍCULA 009365 01 55 1996 4 00016 045 0008666 79					
SEXO	COR	ESTADO CIVIL E IDADE			
MASCULINO		VIÚVO, 70 Anos			
NATURALIDADE	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO			ELEITOR	
RIACHÃO DE DANTAS-SE	CPF 006.818.225-20			NÃO	
FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA					
MÃE: MARIA ANTONIA DE JESUS					
RESIDÊNCIA: RUA PERES, S/N, BURI, CAMAÇARI-BA					
DATA E HORA DE FALECIMENTO					
VINTE E QUATRO DE AGOSTO DE UM MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SEIS ÀS 05h00min				DIA	MÊS
				24	08
ANO					
1996					
LOCAL DE FALECIMENTO					
MATERNIDADE NOÊMIA MEIRELES RAMOS, SIMÕES FILHO / BA					
CAUSA DA MORTE					
PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA					
SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO			DECLARANTE		
CEMITÉRIO DE PALMARES-SE			JURACI DO CARMO NASCIMENTO, EST. CIVIL: DESQUITADO(A), ADM. DE EMPRESAS.		
NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO					
Dr(a). JOSELICE GOMES F. DE MENEZES CRM: 2746					
OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES					
Data do registro: 24 de Agosto de 1996. O falecido(a) deixou bens: IGNORADO. 2ª VIA					
NOME DO OFÍCIO: CARTÓRIO DE RCPN DE SIMÕES FILHO					
O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. SIMÕES FILHO, BA, 19 de Outubro de 2017.					
OFICIAL(A):	GRACE MARIA AGUIAR OLIVEIRA				
MUNICÍPIO:	SIMÕES FILHO-BA				
ENDEREÇO:	RUA JOSÉ LAURENTINO BATISTA, Nº 305, LOTEAMENTO ENCANTO DAS ÁRVORES, CENTRO, CEP: 43700-000 , Tel.: (71)3027-1099				
					
			Assinatura do Oficial		
CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS - SIMÕES FILHO - BA Efraim Santos Ribeiro Arraes Substituto					

BRP 000710265 DA

ANEXO F – ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL DA CIDADE

EDLEIDE SANTOS ROZA
PROFESSORA E ALUNA DE MESTRADO DA UFS

Valeriano Felix dos Santos, as marcas de um poeta riachãoense

Recentemente, a comunidade sergipana foi agraciada com a instalação da Academia Sergipana de Cordel (ASC) que tem como patrono João Firmino Cabral. A cerimônia ocorreu no Museu da Gente Sergipana (Aracaju/SE) na noite do dia 19 de julho passado. As trinta e sete cadeiras que compõem a referida Academia foram honrosamente ocupadas por nobres cordelistas sergipanos. E em meio aos nomes dos imortais patronos das cadeiras, a exemplo de Luiz Antônio Barreto, Luiz da Câmara Cascudo, Manoel D' Almeida Filho, Rodolfo Coelho Cavalcante, Sílvia Romero, Ariano Suassuna, Leandro Gomes de Barros, dentre outros, não faltou o de Valeriano Felix dos Santos, patrono da cadeira 34. Mas, quem é ele?

Poeta cordelista e também jornalista, Valeriano Felix dos Santos é natural do município de Riachão do Dantas, nasceu em 14 de abril de 1926, filho de Vicente Félix dos Santos e Maria Antônia de Jesus. Dentre seus folhetos de cordel, o de maior destaque é A mulher que se casou dezoito vezes..., que é publicado atualmente pela Editora Luzeiro. Essa obra constitui o objeto de estudo da pesquisa que estou desenvolvendo pela Universidade Federal de Sergipe, como aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProLetras), sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe.

Instigou-me o anseio por estudar a vida e obra de Valeriano, justamente, o quase total desconhecimento desse autor em meio aos seus conterrâneos riachãoenses. Mesmo sendo citado por Gilmar de Carvalho, no Dossiê: Vozes e Letras do Cordel, publicado em 2002 pela CULT: Revista Brasileira de Literatura, dentre os três poetas sergipanos de destaque, ao lado de Manoel D' Almeida Filho e João Firmino Cabral; e também por Atila Almeida e José Alves Sobrinho, no Dicionário Biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada, editado em 1978, Valeriano Felix dos Santos ainda é pouco conhecido por sua gente. Talvez, deva-se isso, em parte, ao fato de ele ter se radicado na cidade de Simões Filho, no estado da Bahia, ainda jovem.

Todavia, mesmo residindo no estado baiano, Valeriano nunca se desvinculou de suas origens, nem foi esquecido pelos estudiosos sergipanos. Um quadro com seu retrato encontra-se exposto na Galeria do Cordel da Biblioteca Clodomir Silva, a primeira cordelteca do Brasil, situada em Aracaju. E seu nome também compõe o acervo da Fundação-Casa de Rui Barbosa. Nele consta a relação das mais de setenta obras publicadas pelo autor.

O professor José Renilton Nascimento Santos também cita Valeriano em seu livro Riachão do Dantas: nossa terra, nossa história dentre os ilustres filhos da terra. O historiador destaca, em seus escritos, o Caso Verdade "O encontro de Tia Policarpa com o seu destino", veiculado pela Rede Globo de Televisão, na semana de 10 a 14 de janeiro de 1983, de autoria do jornalista riachãoense. Uma história baseada em fatos reais ocorridos na região de Palmares, localidade de origem de Valeriano.

Além desse texto de destaque nacional, como jornalista, Valeriano Felix dos Santos fundou, em 1956, o jornal O Carteiro que circulou entre os funcionários dos Correios da Bahia por mais de trinta anos. A frutuosa produção literária rendeu ao escritor riachãoense diversos prêmios literários na Bahia, em Brasília e na Paraíba, onde participou do 1º Congresso Nacional dos Poetas e Escritores da Literatura de Cordel em 1955. Valeriano publicou mais de 70 folhetos! Sua obra foi incluída em diversos livros e revistas no Brasil, na França e em Portugal.

Eu, que tive a honra de conhecer esse ilustre escritor riachãoense, pessoalmente, ainda na década de oitenta, apresentada que fui a ele pelo então prefeito o Sr. José Lopes de Almeida, não podia deixar que seu nome continuasse a jazer no anonimato em meio ao povo da minha também terra de origem: Riachão do Dantas. Caso Valeriano fosse mais conhecido, certamente, seu nome figuraria no tão bem organizado desfile cívico realizado pela Escola Estadual Lourival Fontes, no último dia 10,

cujas bandas marciais da própria escola arrancou aplausos na avenida. A unidade de ensino apresentou o projeto de leitura, intitulado "Projeto de incentivo à leitura e à escrita: Uma viagem ao mundo da leitura através dos gêneros textuais", que vem desenvolvendo com os alunos do Ensino Fundamental.

O nome de Valeriano Felix dos Santos precisa, portanto, tornar-se conhecido de sua gente, para, com muita justiça, ter relevância dentro do seu município de origem e passar a figurar em meio a tantos outros nomes de ilustres escritores filhos da terra como Francisco Dantas, Ibarê Dantas, João Oliva, Terezinha Oliva, Arivaldo Fontes, Lourival Fontes, José Renilton Nascimento Santos, Jeferson Cruz, Expedito Souza, Padre Isaías. Alguns que produziram obras literárias; outros, livros de cunho científico. Não é sem razão que o município de Riachão do Dantas é conhecido como "Celeiro de intelectuais".

A título de exortação, resta apenas lembrar que a memória de um povo é o alimento de sua história. E um povo sem história não sabe, literalmente, de onde veio, tornando-se mais difícil ainda saber para onde vai. Se as obras de Valeriano ultrapassaram as fronteiras municipais, estaduais e nacionais, resta apenas agora que seu nome comece a transpor também as portas das nossas salas de aulas, ser ouvido, citado e estudado por nossos alunos, de modo a se tornar conhecido das atuais gerações, sob pena de deixarmos ruir a nossa história. E quem sabe até um projeto de leitura, desenvolvido pelo próprio município de Riachão do Dantas, não possa patrocinar a reprodução das obras dos escritores riachãoenses e fazê-las, de um modo geral, tornarem-se mais conhecidas da nossa população, especialmente dos nossos docentes e discentes, incrementando a nossa educação e a nossa cultura, valorizando a voz daqueles que, por meio de seus escritos, são genuinamente divulgadores dos nossos saberes, dos nossos valores e dos nossos costumes.